

consumidos
david
cronenberg

ALEAGUARA



consumidos
david
cronenberg

ALFAGUARA





ALFAGUARA



David Cronenberg

Consumidos

Tradução
Cássio de Arantes Leite

© 2014, David Cronenberg
Todos os direitos reservados

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Consumed

Capa
Mateus Valadares

Imagem de capa
Kurt Paris / Getty Images

Revisão
Rita Godoy
Tamara Sender
Fatima Fadel

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C957c

Cronenberg, David
Consumidos [recurso eletrônico] / David Cronenberg ; tradução Cássio de Arantes Leite. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital
Tradução de: *Consumed*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
257p. ISBN 978-85-7962-342-4 (recurso eletrônico)
1. Ficção canadense. I. Leite, Cássio Arantes. II. Título.

14-14514 CDD: 819.13
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

Para Carolyn

Naomi estava na tela. Ou, mais exatamente, estava no apartamento dentro da janela do QuickTime na tela, o apartamento pequeno, descuidado, acadêmico de Célestine e Aristide Arosteguy. Ela estava lá, diante deles, que sentavam lado a lado num velho sofá — cor de vinho? o forro de veludo cotelê? —, conversando com um entrevistador fora da câmera. E, com os fones de plástico branco nos ouvidos, estava acusticamente na casa dos Arosteguy, também. Ela sentia a profundidade da sala e a tridimensionalidade das cabeças do casal, cabeças sagazes com rostos sensuais, um casal que combinava, como irmão e irmã. Podia sentir o cheiro dos livros que abarrotavam as prateleiras às suas costas, o vigoroso calor intelectual que emanava dos dois. Tudo dentro do enquadramento tinha foco — o vídeo fazia isso, aqueles pequenos sensores CCD ou CMOS; a natureza do meio, pensou Naomi —, e assim a percepção de profundidade da sala, dos livros, dos rostos era realçada.

Célestine falava, um Gauloise aceso na mão. Suas unhas estavam pintadas de vermelho-arroxeadado — ou o esmalte seria preto? (a tela tinha uma tendência ao magenta) —, e seu cabelo estava preso no alto, num coque habilmente bagunçado, com cachos encaracolados soltos descendo em torno da garganta. “Bom, é, quando você não deseja mais nada, você está morto. Até mesmo desejo por um produto, um bem de consumo, é melhor do que não desejar nada. O desejo por uma câmera, por exemplo, mesmo se for vagabunda, sem qualidade, é suficiente para manter a morte a distância.” Um sorriso maldoso, os lábios dando uma tragada no cigarro. “Se o desejo é real, claro.” A fumaça exalada num gesto felino, e uma leve risada.

Uma mulher de sessenta e dois anos de idade, Célestine, mas a versão intelectual europeia dos sessenta e dois, não a versão shopping center do Meio-Oeste americano. Naomi ficou admirada com o sex appeal da mulher, sua aura de estilo e teatralidade, como suas joias cinéticas e sua postura atrevida naquele sofá pareciam se amalgamar numa coisa só. Nunca a ouvira falar antes — somente agora algumas entrevistas começavam a vir à tona na internet, e apenas, é claro, por causa do crime. A voz de Célestine era rouca e sensual, seu

inglês, confiante e divertido, e letalmente preciso. A mulher morta deixava Naomi intimidada.

Célestine virou languidamente na direção de Aristide. A fumaça saía por sua boca e seu nariz e flutuava para ele, como um evanescente bastão sendo passado adiante. Ele respirou para falar, inalando a fumaça, dando continuidade ao pensamento dela. “Mesmo que você nunca consiga o que deseja, ou, tendo conseguido, nunca use. Contanto que deseje. Podemos ver isso nos bebês muito novos. O desejo deles é feroz.” Enquanto dizia essas palavras, começou a passar a mão na gravata, enfiada num elegante suéter de caxemira com gola em V. Era como se estivesse acariciando um dos bebês ferozes, e o gesto pareceu explicar o sorriso que se formou em seu rosto.

Célestine observou-o por um momento, esperou que as carícias terminassem, antes de voltar a se virar para o entrevistador invisível. “É por isso que dizemos que a única literatura autêntica dos tempos modernos é o manual do usuário.” Esticando-se adiante em direção à lente, revelando o decote voluptuosamente sardento, Célestine buscou alguma coisa fora do quadro, então voltou a afundar no sofá com um livrinho branco e grosso na mão que segurava o cigarro. Folheou as páginas, o rosto muito próximo ao texto, como se fosse míope — ou estava cheirando o papel, a tinta? —, até que encontrou a página que queria e começou a ler. “Flash automático sem redução de olho vermelho. Ajuste nesse modo para tirar fotos sem pessoas, ou se quiser fotografar imediatamente sem a função de olho vermelho.” Deu sua risada encorpada, rouca, e repetiu, dessa vez ainda mais teatral: “Ajuste nesse modo para tirar fotos *sem pessoas*.” Uma sacudida de cabeça, os olhos agora fechados para sentir plenamente a riqueza das palavras. “Que escritor do século passado produziu uma passagem mais provocativa e pertinente do que essa?”

A janela contendo os Arosteguy voltou a encolher no tamanho de uma unha e se tornou o canto inferior esquerdo de uma janela recém-aberta. Os agora minúsculos Arosteguy continuavam muito relaxados e falantes, um pegando a conversa do outro como experientes jogadores de handebol, mas Naomi não estava mais escutando o que diziam. Em vez disso, eram as palavras do apresentador bastante sério do noticiário na janela principal que ela ouvia. “Foi neste exato apartamento de Célestine e Aristide Arosteguy, um apartamento que fica perto da famosa Sorbonne, da Universidade de Paris, que os restos terrivelmente trucidados de uma mulher foram encontrados, mulher

mais tarde identificada como Célestine Arosteguy.” Na janela pequena, a câmera se aproximou de Aristide, que falava com ar afável. “Seu marido, o renomado filósofo e escritor francês Aristide Arosteguy, não foi encontrado para prestar depoimento.” Num corte brutal, Aristide desaparecia, para ser substituído por imagens feitas com uma câmera de mão, recebendo fria iluminação frontal, na cozinha do apartamento minúsculo, aparentemente à noite. Elas logo se ampliaram para o tamanho máximo e a janela com o apresentador recuou para o canto superior direito.

Os policiais da perícia, usando luvas cirúrgicas pretas, pegavam sacos plásticos congelados de uma geladeira, fotografavam panelas e frigideiras sujas sobre o fogão, separavam pratos e talheres. O apresentador em miniatura continuou: “Fontes que desejam permanecer no anonimato nos informaram que há evidência sugerindo que partes do corpo de Célestine Arosteguy foram cozidas em seu próprio forno e depois comidas.”

Corta para a imagem aberta de um imponente edifício municipal com o letreiro “PRÉFECTURE DE POLICE, PARIS”. “O comissário de polícia, Auguste Vernier, deu a seguinte declaração sobre a possível fuga de Arosteguy do país.” Corta para uma entrevista com o estranhamente delicado comissário de polícia, de óculos, no que parecia ser um grande corredor apinhado de jornalistas. Sua voz francesa, emocionalmente intrincada e intensa, sumiu rápido para ser substituída por uma voz americana, grave, menos envolvida: “O senhor Arosteguy é um tesouro nacional. Assim como fora madame Célestine Moreau. Eram um ideal francês, os dois, o casal filósofo. A morte dela é um desastre para o país.” Corta brevemente para a inserção de uma multidão barulhenta de jornalistas gritando perguntas, uma confusão de câmeras e gravadores, então de volta ao chefe de polícia. “Aristide Arosteguy saiu do país para uma série de conferências na Ásia três dias antes de serem encontrados os restos de sua esposa. Não temos nenhum motivo particular no momento para considerá-lo suspeito do crime, mas naturalmente queremos lhe fazer algumas perguntas. É verdade que não sabemos exatamente seu paradeiro. Estamos à sua procura.”

A campanha estridente da esteira tirou Naomi da Préfecture de Police e a devolveu à área de retirada de bagagens do Aeroporto Charles de Gaulle. Quando a esteira rolante entrou em movimento, a multidão de passageiros à espera avançou. Alguém bateu no laptop de Naomi, fazendo-o escorregar por suas pernas e tirando os fones de seus ouvidos. Ela havia sentado na beirada da esteira e pagara o preço. Agora conseguia salvar seu adorado MacBook Air

erguendo os dois pés no calcanhar e segurando o laptop com a ponta dos tênis. A notícia sobre os Arosteguy continuava imperturbada em sua janela, mas Naomi fechou o Mac e deixou os Arosteguy em paz, por ora.

O iPhone de Nathan tocou e pelo toque ele sabia que era Naomi, o trinado de uma rã arborícola africana que ela achara particularmente erótico e lhe enviara por e-mail. Ele estava agachado no chão de um corredor de concreto úmido, sujo de cascalho, nos fundos da Clínica Molnár, vasculhando a mala de equipamento fotográfico à sua frente. Procurava algo que desconfiava que Naomi tirara dali, então fazia todo o sentido que ligasse para ele agora, o radar extrassensorial dela operando a seu modo bizarro costumeiro. Continuou a vasculhar com uma das mãos, apertando o botão do celular com a outra. “Naomi, oi. Onde você está?”

“Em Paris, finalmente. Estou num táxi, indo para o Crillon. Onde você está?”

“Num corredor sujo na Clínica Molnár em Budapeste e revirando minha mala para achar a lente macro 105mm que eu comprei em Frankfurt, no aeroporto.”

Uma pausa mínima, que, Nathan sabia, não tinha a ver com a possível culpa de Naomi referente à lente, mas antes com o fato de que estava enviando mensagens de texto para alguém em seu BlackBerry ao mesmo tempo em que conversava com ele. “Hum... você não vai encontrar na sua mala porque ela está na minha câmera. Eu peguei emprestada em Milão, lembra? Você tinha certeza de que não ia precisar.”

Nathan respirou fundo e amaldiçoou o momento em que convencera Naomi a trocar sua Canon por uma Nikon, assim os dois podiam usar os mesmos acessórios e equipamentos; a paixão por marcas era a cola emocional dos casais nerds convictos. Que equívoco. Ele parou de procurar na mala. “É. Foi o que eu pensei. Minha esperança era ter sido só uma alucinação, todo esse negócio de emprestar. Eu vivo sonhando que estou dando minhas coisas pra você.”

Naomi bufou com desprezo. “É isso mesmo que vai atrapalhar você? De repente descobriu que precisava de uma macro?”

“Eu vou filmar uma cirurgia daqui a pouco. Nunca imaginei que iam me deixar entrar, mas ficaram numa felicidade louca de me ter documentando

tudo. Eu queria a macro para minha câmera reserva. Tenho certeza de que vai ter uns ótimos troços médicos húngaros esquisitos para fazer grandes closes. Talvez não para a matéria em si, mas como referência. Pros nossos arquivos.”

Pausa multitarefa, uma interrupção aleatória no ritmo da conversa que deixava Nathan maluco. Mas era Naomi, então você engolia. “Desculpa. Como a gente ia saber?”

“Deixa pra lá. Tenho certeza de que a sua necessidade é maior do que a minha.”

“Minha necessidade é sempre maior do que a sua. Sou uma pessoa muito necessitada. Eu queria a macro para fazer uns retratos. Marquei encontros clandestinos com uns caras da polícia francesa. Quero pegar cada poro do rosto deles.”

Nathan recostou desanimado contra a parede úmida do corredor. Então estava limitado ao zoom 24–70mm em sua câmera principal, a D3. Até onde aquela coisa conseguia focalizar de perto? Provavelmente, ia ser boa o bastante. E ele podia recortar os arquivos de imagem da D3 se precisasse mesmo de aproximação. A vida com Naomi ensinava a pessoa a ser despachada. “Ei, amorzinho, estou na verdade surpreso por você querer sujar as mãos com humanos de verdade. O que aconteceu com suas fontes que só surfam na rede? O que aconteceu com o conforto do jornalismo virtual, quando você nunca precisava tirar o pijama? Você não precisava estar em Paris. Podia estar em qualquer lugar.”

“Se eu pudesse estar em qualquer lugar, seria em Paris.”

“Ei, e você disse o Crillon? Está hospedada lá ou se encontrando com alguém por lá?”

“As duas coisas.”

“Não é supercaro?”

“Tenho um contato secreto. Não vai me custar *un seul sou*.”

Nathan imediatamente acionou seus supressores de ciúme internos, à velha e familiar maneira. Não que os contatos secretos de Naomi fossem sempre homens, mas eram todos questionáveis de um modo ameaçador, perigoso. Se você quisesse rastreá-la tecendo constantemente seus meandros pela rede social, teria de lhe aplicar um programa de fractais particularmente sofisticado, mapeando cada minuto de seu dia.

“Bom, acho que isso é uma boa coisa”, disse ele, com uma falta de entusiasmo destinada a deixá-la precavida.

“É, é ótima”, disse Naomi, sem notar.

Uma porta de metal corrugado no fim do corredor se abriu e a silhueta iluminada por trás de um homem vestido para uma operação acenou para Nathan. “Venha se vestir agora, rapaz. O doutor Molnár está esperando.”

Nathan balançou a cabeça e ergueu a mão, dizendo que já ia. O homem por sua vez gesticulou de novo com a sua, num sinal de que se apressasse, e desapareceu, fechando a porta atrás de si.

“Ok, bom, o câncer me chama. Preciso ir. Dois segundos ou menos para me contar seu lance.”

Outra irritante pausa de multitarefa — ou será que ela estava apenas ordenando os pensamentos? — e então Naomi disse: “Crime saboroso com filósofos franceses envolvendo assassinato sexual, homicídio ou suicídio, canibalismo e por aí vai. E o seu?”

“Ainda o controverso tratamento húngaro de câncer de mama por implante de semente radioativa. Eu te adoro.”

“Je t’adore aussi. Me liga. Tchau.”

“Tchau.” Nathan desligou o celular e ficou de cabeça baixa. Apenas me tranquem para sempre neste corredor úmido e nunca mais me procurem. Era isso aí. Sempre havia esse momento de feroz resistência interna, esse medo de levar a coisa até o fim, o ressentimento porque uma atitude precisava ser tomada, porque o risco e o fracasso tinham de ser confrontados. Mas o câncer chamava, e seu desejo era uma ordem.

Em seu pequeno mas suntuoso quarto no sótão do Hôtel de Crillon, Naomi descansava numa ornamentada espreguiçadeira junto a uma estreita porta dupla que dava na varanda do tamanho de um capacho. Dessa varanda, ela já fotografara o pátio, com sua intrincada teia de arames para repelir pombos, acima, prestando atenção particular aos detalhes da deterioração, *comme d’habitude*. Por mais luxuoso que fosse o hotel em Paris, você podia contar com a ação do tempo para se surpreender com as maravilhosas texturas. Agora, tendo já montado seu habitual ninho de BlackBerry, câmeras, iPad, cartões de memória compactos e SD, lentes, caixas de lenço, bolsas, canetas esferográficas e marcadoras de texto, estojo de maquiagem (mínimo), taças e copos exibindo

vestígios de café e vários sucos, carregadores de todos os formatos e tamanhos, dois laptops, um robusto gravador de áudio digital Nagra Kudelski, em alumínio escovado, cadernetas, calendários e revistas, tudo isso armazenado em sua grande bolsa de lona e na mochila, Naomi revia as fotos mais recentes usando o Adobe Lightroom, enquanto assistia a um novo vídeo sobre os Arosteguy que acabara de aparecer no YouTube. E em outra janela na tela, perto de uma foto da moldura apodrecida da janela do hotel, com seu toldo de listras verdes e brancas desbotado, listrado ainda com riscas de ferrugem da delicada estrutura de metal, havia outra imagem intrigante: um panorama em 360 graus do apartamento dos Arosteguy, que Naomi controlava distraidamente com o *touch pad* do laptop, aproximando e rolando, essencialmente andando pelo lar caótico e atulhado dos dois acadêmicos.

Havia o sofá mostrado no vídeo anterior, agora estampado por blocos de luz solar que entravam por três janelas pequenas através das quais Naomi achou que podia ver um pedaço da Sorbonne, do outro lado da rua. Atrás do sofá ficavam as estantes abarrotadas, mas com um giro de noventa graus viam-se mais estantes, e pilhas de papéis, cartas, revistas, documentos, cobrindo cada peça de mobília ou superfície, incluindo a pia da cozinha e o chão. Naomi sorriu para a ausência de eletrônicos modernos: havia um gravador cassete, por incrível que pareça; uma pequena tevê 4:3 (seria possível que fosse em preto e branco?); e um telefone com fio. Ela achou isso divertido, porque parecia simplesmente perfeito para um casal de filósofos franceses na moda, que estavam mais para Sartre e Beauvoir do que para Bernard-Henri Lévy e Arielle Dombasle. Os Arosteguy pareciam pertencer no máximo à década de 1950. (Ela podia ver Simone Signoret, com sua sensualidade carregada, fazendo o papel de Célestine num filme, mas apenas se ela conseguisse projetar o intelecto de Beauvoir; não tinha certeza ainda sobre quem faria Aristide.) Fuçar suas vidas era fuçar o passado, e era aí que Naomi queria ir. Não estava à procura de um espelho, não dessa vez.

Um parágrafo abaixo, a janela panorâmica confirmava que esse era de fato o apartamento anterior ao crime, registrado por um aluno de Aristide com algum conhecimento de web e tecnologia — obviamente utilizando Panorama Tools e uma lente olho de peixe, notou Naomi — como parte de uma tese de mestrado ligando a filosofia do Consumista Evolucionário dos Arosteguy ao estilo de vida — relativamente — ascético do casal. O autor do parágrafo

observou secamente que o insatisfeito orientando, Hervé Blomqvist, no fim das contas não obtivera o título. Naomi encontrara um fórum na internet conduzido por alunos de Célestine que tinha aquele tom anos 60 de um filme francês da Nouvelle Vague. Blomqvist era um participante habitual que se posicionava como o clássico *enfant terrible*, lembrando o ator Jean-Pierre Léaud. Ele insinuava que na graduação tivera um caso significativo tanto com Aristide como com Célestine e que foi mais tarde punido por se atrever a usar seu lugar na vida privada dos Arosteguy para apresentar o que admitia ser “uma tese pateticamente ruim e chupada”. Naomi mandou um e-mail para si mesma como lembrete para entrar em contato com Blomqvist, técnica mnemônica que parecia ser a única a funcionar. Tudo mais se perdia na confusão do Grande Ninho, como Nathan chamava a atmosfera de caos que a cercava.

A terceira janela na tela de Naomi era uma entrevista gravada na esquisita cozinha de porão do casal que era responsável pela manutenção diária de todo o bloco de apartamentos dos Arosteguy. A sala era dominada por um imenso cilindro de concreto, sugerindo que metade da estrutura de uma escada caracol externa invadia seu espaço. Era contra essa coluna de reboco verde-claro que uma francesa robusta e atarracada e seu marido, um homem tímido, de bigode, falavam com um entrevistador, fora da câmera. O som da voz surpreendentemente jovial da mulher logo era diminuído na mixagem para permitir que a locução de uma tradutora se sobrepusesse a ela. A voz da tradutora, mais madura, mais matronal, parecia combinar melhor com o rosto da mulher.

“Nunca”, dizia a tradutora. “Ninguém podia ficar entre aqueles dois. Claro, os dois tiveram muitos casos. Eles vinham aqui, os meninos e as meninas, no apartamento logo acima de nós. Às vezes a gente podia escutá-los às nossas costas, rindo na escada, descendo enquanto Mauricio e eu tomávamos café da manhã na cozinha. Ele é meu marido.” Um sorriso tímido. “Ele é mexicano.”

Com um constrangimento encantador, animado, Mauricio acenou diretamente para a câmera. “Olá, olá”, disse em inglês.

A mulher — apenas agora, numa desajeitada sincronização, identificada como “madame Tretikov, manutenção” pela legenda escrita numa fonte grossa — continuou. “Eles dormiam aqui. Moravam aqui. Às vezes realmente os amantes deles eram alunos. Mas nem sempre.” Ela deu de ombros. “Para os

alunos, era uma questão de política e filosofia, como sempre. As duas coisas juntas. Eles estavam de acordo com isso. Os Arosteguy explicaram para mim e Mauricio, e parecia muito correto, muito tranquilo.”

Naomi maximizou a janela do vídeo. Com a tela cheia, podia se sentir dentro daquela cozinha, parada ao lado da câmera, olhando para o casal, o fogão esmaltado e lascado, os armários de aglomerado inchados com a umidade, panos de prato secando nas gavetas de talheres abertas. Ela podia sentir o cheiro de gordura, o ambiente abafado sob a escada.

Como que em resposta à imagem recém-ampliada, o cameraman deu um lento zoom no rosto da mulher, impelido pela umidade que começava a brotar em seus olhos, como um tubarão farejando sangue. A mulher fez por merecer o close, mordendo o lábio, tremendo, as lágrimas escorrendo. Misericordiosamente, a tradução não tentou imitar o tremor na voz dela.

“Eles eram tão brilhantes, tão interessantes”, disse madame Tretikov. “Não existia o menor ciúme, nenhuma raiva entre os dois. Eram unha e carne. Ela estava doente, sabia? Era terminal. Dava para perceber nos olhos dela. Provavelmente um tumor no cérebro. Estava sempre muito concentrada, o tempo todo. Sempre escrevendo, escrevendo. Acho que foi uma eutanásia. Ela pediu e ele a matou. E depois, é claro, ele a comeu.” Com essas palavras, a mulher respirou fundo, fazendo uma pausa, limpou os olhos com o pano de prato puído que havia segurado durante toda a entrevista, e então sorriu. O efeito foi alarmante para Naomi, que imediatamente começou a analisá-lo na janela de e-mail que deixara aberta no canto da tela. “Ele não podia simplesmente tê-la deixado lá em cima”, continuou. Seu sorriso era beatífico; tinha uma revelação a fazer. “Ele quis levar junto com ele o máximo dela que conseguisse. Então a comeu, e depois fugiu com ela dentro dele.”

Os óculos médicos de proteção estavam atrapalhando. Nathan mal conseguia enxergar pelo visor de sua velha Nikon D3, com as lentes plásticas se projetando muito adiante do olho, os óculos saindo do lugar e escapando de seu nariz quando pressionava a câmera perto do rosto, e o elástico puxando seu cabelo e amassando sua máscara cirúrgica de papel, cor de azul-bebê. “Tudo mudou depois da aids”, o dr. Molnár acabara de lhe explicar. “Depois dela, o sangue ficou mais perigoso que merda. Percebemos que não podíamos deixar entrar nos olhos, nos ductos lacrimais. Então a gente põe óculos de esqui na

sala de cirurgia e sai deslizando” — nisso fez ligeiros movimentos com o quadril e os braços — “pelas rampas nos corpos dos pacientes”. Agora o dr. Molnár se curvava para mais perto do gravador de voz Nagra SD pendurado no pescoço de Nathan, em seu estojo de couro de correias pretas, estilo *bondage*, e sussurrava no microfone cardioide estéreo parecido com um crustáceo: “Não seja tímido, Nathan. Todo mundo sabe como sou vaidoso. Chegue mais perto. Encha seu enquadramento. Essa é a regra número um para um fotógrafo, não é? Encher o enquadramento?”

“É o que dizem”, disse Nathan.

“Claro, você escreveu para mim dizendo que era um jornalista médico que foi forçado pela ‘onda cada vez maior da tecnologia de mídia’ a se tornar também fotógrafo, produtor de vídeo e técnico de som, então pode ser que esteja meio sobrecarregado. Eu oriento você.”

Naomi, totalmente por conta própria, também comprara um desses gravadores, o dela um modelo ML, agora fora de linha (ela ia querer morrer quando descobrisse isso), no Aeroporto Schiphol de Amsterdã. Lojas eletrônicas em aeroportos haviam se tornado o passeio predileto de ambos, embora na maioria das vezes não estivessem num deles ao mesmo tempo. Chegou a um ponto em que podiam captar vestígios um do outro entre as caixas de adaptadores de tomada e cartões de memória microSD. Eles trocavam dicas sobre o sempre cambiante mercado de lentes e câmeras compactas no Ferihegy, no Schiphol, no Da Vinci. E deixavam listas de compras um para o outro em e-mails e mensagens de texto, mencionando preços melhores que tinham visto ou conseguido.

“O que eu gostaria mesmo é de tirar esses óculos, doutor Molnár. Eles não foram projetados para fotojornalistas.”

“Me chame de Zoltán, por favor, Nathan. E é claro que você pode tirar os óculos. Você tem esse tijolo enorme de câmera aí na sua frente para te proteger, de qualquer jeito.” O dr. Molnár riu — uma risada mais para encatarrada, doente, pensou Nathan — e deu a volta para o outro lado da mesa de operações, passando pela série de janelas abertas, protegidas com telas, pelas quais entravam o zumbido surdo como que de inseto da rua abaixo e retalhos de luz matinal, banhando as paredes de azulejo sujas e dilapidadas da sala.

Nathan tirou algumas fotos do dr. Molnár dançando pela sala, e a boa linguagem corporal do médico transmitia seu prazer em ser fotografado.

“Estranho ver janelas abertas numa sala de cirurgia”, Nathan não pôde deixar de observar.

“Ah, bom, nossa infraestrutura aqui no hospital está meio precária, sabe, então o ar-condicionado não está funcionando. Felizmente a gente tem a opção da janela. O prédio é muito antigo.” O médico assumiu sua posição junto à mesa de operações, flanqueado por dois assistentes homens, e passou os braços sobre a mesa como se invocasse espíritos. “Mas, como você pode ver, o equipamento em si é uma maravilha. De primeira linha, coisa de ponta.” Pegando a deixa, Nathan começou a tirar fotos detalhadas do equipamento, gradualmente indo parar no rosto da própria paciente, oculto atrás de uma moldura coberta com tecido cirúrgico, também azul-bebê, que separava sua cabeça do resto do corpo. A cabeça autônoma parecia mais estar cochilando do que anestesiada, e era muito bonita. Cabelo preto curto, malares eslavos, boca ampla e um queixo delicadamente pontudo com covinha. Por ora, Nathan resistia em tirar sua fotografia.

“Percebi que pelo jeito você não precisa trocar de lente. O último fotojornalista que veio aqui tinha um cinto cheio delas. Deu um belo show, pondo e tirando aquelas lentes da câmera.”

“Você é muito observador”, disse Nathan. Era óbvio que nenhum elogio bastava para o dr. Molnár, o que provocou em Nathan uma satisfação perversa em encontrar jeitos oblíquos de fazer isso. “Às vezes eu realmente carrego uma segunda câmera com lente de macrofotografia. Mas esses zooms modernos na verdade ultrapassaram grande parte das antigas lentes em qualidade, mesmo as melhores. Você estuda fotografia?”

O dr. Molnár sorriu atrás da máscara. “Tenho sociedade num pequeno restaurante em um hotel no centro de Peste. Você precisa aparecer por lá. Vai ser meu convidado especial. As paredes estão forradas com minhas fotos de nus. Mas eu não usaria essa coisa”, disse, apontando o fórceps de formato estranho para a Nikon. “Sou um homem exclusivamente analógico. Meu negócio é máquina com filme, e ponto final. É lenta, é grande, é desajeitada, e os detalhes que você vê são perfeitos. Dá para lamber a foto. Sentir o gosto.” A máscara do médico inchou com os movimentos que sua língua estava fazendo para ilustrar sua relação com a fotografia. Ele já deixara claro em suas primeiras conversas com Nathan que era a sensualidade da cirurgia que inicialmente o atraía para a prática médica; a sensualidade era o princípio orientador de todos

os aspectos de sua vida. Estava fazendo tudo a seu alcance para que Nathan não se esquecesse disso.

E agora, numa transição muito suave — que Nathan considerou particularmente húngara —, o dr. Molnár disse: “Já conheceu nossa paciente, Nathan? Ela é da Eslovênia. *Une belle Slave*.” Molnár espiou por cima da barreira de tecido e se dirigiu à cabeça separada com uma vivacidade no tom de voz que o desarmou. “Dunja? Já foi apresentada ao Nathan? Você assinou um formulário de permissão para ele, e agora ele está aqui com a gente, na sala de operações. Por que não dá um oi?”

No início, Nathan achou que fosse só uma provocação do bom doutor; Molnár enfatizara o elemento brincalhão em sua abordagem única da cirurgia, e bater papo com uma paciente inconsciente certamente podia ser qualificado como molnáresco. Mas, para sua surpresa, os olhos de Dunja se abriram hesitantemente, ela começou a mexer a língua e os lábios, como se estivesse com sede, inspirou de leve, quase um bocejo.

“Ah, aí está você”, disse Molnár. “Minha preciosa. Oi, querida.” Nathan recuou um passo em suas escorregadias botas de papel, a fim de não atrapalhar a estranha interação íntima entre paciente e médico. Será que ela e seu cirurgião estavam tendo um caso? Aquilo podia realmente ser descrito como o procedimento húngaro normal numa sala de operações? Molnár levou a ponta dos dedos na luva de látex à sua boca sob a máscara, depois pressionou o beijo filtrado nos lábios de Dunja. Ela deu uma risadinha, depois fechou os olhos sonhadoramente, e então voltou. “Converse com o Nathan”, disse Molnár, recuando com uma mesura. Ele tinha um trabalho a fazer.

Dunja focou o rosto de Nathan com esforço, um processo tão eletromecânico que parecia fotográfico. E então disse: “Ah, sim, pode tirar fotos de mim nessa situação. É cruel, mas quero que faça isso. Zoltán é muito mau. Um médico mau. Ele veio me entrevistar e passamos um bom tempo na minha cidade, que é” — outra risadinha drogada — “em algum lugar na Eslovênia. Não consigo lembrar”.

“Ljubljana”, exclamou Molnár do pé da mesa, onde separava instrumentos com seus colegas.

“Obrigada, doutor mau. Sabe, é sua culpa eu não conseguir me lembrar de nada. Você adora me drogar.”

Nathan começou a fotografar o rosto de Dunja. Ela virou para a câmera como um girassol. Ele se arrependeu de ter decidido não usar uma câmera de vídeo em seus trabalhos, uma recusa exigente que tinha a ver com sua preocupação quanto ao armazenamento da mídia, aos periféricos e outras esotéricas considerações nerds. Claro, se pudesse ter se dado ao luxo de comprar a nova D4s, que também gravava vídeos bastante decentes... mas ele não conseguia acompanhar o inexorável fluxo de lava quente da tecnologia, mesmo que quisesse desesperadamente. Naomi não tinha esses pudores. Precaução definitivamente não era com ela. Já havia comprado uma nova camcorder chinesa genérica de alta definição no Heathrow e baixara um obscuro programa de edição asiático para operar seus arquivos complicados. Mesmo se tivesse tido de filmar com seu BlackBerry, ela teria captado, em toda a sua rústica granulação, o estranho gracejo que acabara de presenciar. Ah, bom. Ele estava com o gravador de voz ligado e podia anexar um arquivo de som a cada fotografia usando o microfone da câmera, se a coisa chegasse a tanto.

“Nathan? Achei você lindo”, disse Dunja, pouco antes de mergulhar de volta na inconsciência.

Nathan começou a se agachar para bater uma foto em ângulo baixo de 24mm com o rosto de Dunja em primeiro plano e seu anestesista — um homem forte, cabeludo, calado — mais atrás. “Nathan, esquece o rosto. São os seios que você quer ver. Vem aqui ficar do meu lado.” Nathan bateu sua foto, então se levantou e foi se juntar ao dr. Molnár, que puxou o tecido cirúrgico — laranja, por algum motivo —, cobrindo o peito de Dunja. Seus seios pareciam enormes, azulados, surreais à luz fria vinda do aglomerado de luminárias que pairava acima da mesa. Capturar o efeito dessa luz era o preciso motivo para Nathan raramente usar o flash, que sufocaria a luz ambiente. Cada seio tinha uma dúzia de finíssimos tubos de plástico transparente correndo para eles, dando a aparência de um guarda-chuva que fora virado do avesso por um forte vendaval. “Tire umas fotos disso, seria melhor. Se ficarem boas, vou imprimir e pendurar no meu restaurante.”

“Você tem fotos médicas penduradas no seu restaurante?”

“Não, não. As suas iam ser as primeiras. Acha que vai estragar o apetite dos fregueses?”

“O meu ia estragar, pode ter certeza.”

O dr. Molnár explodiu numa risada. A máscara cirúrgica murchou e inchou com a força pneumática de sua hilaridade. Ele dobrou o corpo de tanto rir. Nathan achou que a máscara fosse perder a costura. Olhou para os outros na sala. Um deles piscou e deu de ombros. Era só o velho dr. Molnár. Não esquentava. Molnár se endireitou e recobrou o controle com algum esforço. “Você fica chocado? A gente brinca bastante por aqui. Descontra o ambiente na sala de cirurgia. E estou fazendo sala para você, afinal.”

“Sei”, disse Nathan, “como avisou que faria”. Ajustou a câmera diante do rosto, lamentando a ausência da lente macro. Chegaria tão perto quanto o foco permitisse e recortaria a foto mais tarde. Quando a pessoa se aproximava, os seios se tornavam perfeitos animais, possivelmente marinhos, ligados, talvez, a tubos de autoalimentação. Nathan começou a pensar que vapores anestésicos fluíam pela sala, afetando a percepção. Afastou a ideia. “Está querendo me deixar chocado, doutor Molnár?”, disse, movendo-se suavemente sobre os seios multipenetrados da mulher, passando o dedo sobre o obturador com delicadeza. Seu nariz estava esmagado, como sempre, contra a tela de LCD na parte posterior da câmera — usava a vista esquerda, a mais forte — e falava pelo canto direito da boca, do modo como fumantes desviam os lábios do interlocutor quando estão soprando fumaça. “Tenho a sensação de que é isso.”

“Só estou querendo ser divertido”, disse Molnár, pegando um pequeno recipiente de aço inoxidável. Mexeu ali dentro com o dedo indicador, como um minerador com sua bateia. “Para o seu grande artigo na *New Yorker*. Sempre quis ser o tema de um artigo na seção ‘Anais de medicina’. É bom para os negócios, bom para minha vaidade.”

Ainda clicando, Nathan riu. “A *New Yorker* é sonhar alto demais. Estou fazendo isso por minha conta, para tentar vender depois.”

“Boa expressão, ‘sonhar alto’, mas a gente precisa sonhar. Eu por exemplo sonho com a *New Yorker*.”

“Francamente, eu tenho o mesmo sonho. Infelizmente, minhas credenciais não dão pra tanto. Nunca terminei a faculdade de medicina.”

Molnár parou de prospectar e ergueu o rosto para a lente de Nathan. “Bom, nem eu. Isso não impediu uma ilustre carreira. Tenho certeza de que não vai impedir a sua, também.” Nathan não pôde deixar de olhar para Dunja para ver se havia escutado. Sua cabeça balançava sonhadoramente de um lado para o outro e sua boca transitava por vários tipos de sorriso, mas seus olhos

estavam fechados. Ela estava em algum outro lugar. Molnár percebeu na mesma hora. “Ela sabe tudo sobre mim. Aprendi minha medicina durante uma era turbulenta no Leste Europeu. As coisas eram... regularmente irregulares naquela época. Os norte-americanos nunca entenderam. Quer ver isso? Daria uma bela foto.”

Molnár estendeu o recipiente, de modo que Nathan pôde ver as dezenas de cilindros de metal ali dentro. Ele o balançou para a frente e para trás e os cilindros brilharam e rolaram com estardalhaço. Era uma bela foto — para a macro 105 que estava com Naomi. Nathan acionou o zoom para 70mm, depois voltou para o 24mm, mais amplo, sabendo que de um jeito ou de outro não conseguiria se aproximar o suficiente para fazer um retrato ideal do que quer que estivesse vendo. Se Nathan mantinha o enquadramento amplo, porém, as mãos de Molnár na foto ficavam interessantes, sobretudo quando o médico empurrava os cilindros com o dedo. Perceptivelmente nodosos e artríticos mesmo sob as luvas, os nós e as juntas grotescamente inchados de seus dedos pareciam duendes usando roupas de látex transparente. (Havia vapores anestésicos na sala?) Sim, as mãos realmente eram o tema da foto agora. Quão sutis durante uma operação podiam ser essas mãos prejudicadas? Nathan se perguntou se não haveria uma loja da Nikon perto do hotel. Provavelmente seria uma facada, mas quando voltaria a encontrar Naomi? Ele precisava dessa macro. Viu-se cada vez mais atraído para o nível macroscópico da prática médica, embora não tivesse certeza do que poderia fazer com isso. Havia dezenas de especialistas médicos na área, com um material desinteressante, feio, só para o gasto. Não eram artistas. Mas e Nathan, era? “É bonito, mas o que é isso, Zoltán?”

“Estou me preparando para realizar uma lumpectomia. A paciente tem vários tumores discretos nas mamas, mas não são muito agressivos, e assim, fincando a bandeira rosa da preservação dos seios, vou remover só os tumores, desse modo poupando os órgãos. Então, vou injetar cento e vinte pellets radioativos, que são isótopos de iodo radioativo — iodo-125 —, encapsulados nessas sementes de titânio, em cada mama, cercando os tumores que estão crescendo ali dentro.” Molnár fez um gesto abrangente para as máquinas e os monitores em volta da mesa. “Esse é nosso sistema de orientação de ultrassom tridimensional. A gente precisa localizar cada nódulo com precisão de centésimos de milímetro dentro de um espaço interno caótico. A sensação é de que estou pilotando um avião só com o radar para me guiar.”

Nathan se ajeitou atrás de Molnár. Encontrou um ângulo ótimo que incluía as mãos de Molnár, o recipiente metálico brilhante em primeiro plano e os seios de Dunja, no centro de uma teia de aranha, ao fundo. A luz sobre a mesa, combinada à primorosa sensibilidade à luz baixa da D3, proporcionava-lhe profundidade de campo suficiente para que pudesse manter apenas o primeiro plano e os seios em foco. Conforme clicava, o obturador constituído de compósito de Kevlar e fibra de carbono detonando ecos nas paredes azulejadas da sala, Molnár exclamou para que todos escutassem: “Foi bom você não ter usado filme para fotografar, isso eu tenho que admitir. Os seios logo vão ficar radioativos e o resultado é que seu filme teria sido todo velado!”

Naomi achou que acabaria encontrando Hervé Blomqvist numa modesta brasserie em algum lugar perto da Sorbonne, algo apropriado para um filme de Truffaut, um lugar com mesinhas de tampo de mármore e condizente com a imagem de *enfant terrible* que Blomqvist lhe passara nas várias vezes em que se manifestara na internet. Mas em lugar disso ela se viu sentada no L'Obélisque, um dos restaurantes do Crillon, o único lugar em que o rapaz aceitou se encontrar com ela ao saber que estava hospedada no hotel. Felizmente, ele não parecia saber a respeito do outro restaurante ali, o Les Ambassadeurs, que costumava servir de salão de baile para os duques de Crillon e era ainda mais caro. O L'Obélisque era descrito como um bistrô informal nos folhetos do hotel, mas para Naomi seus painéis de madeira e garçons de terno preto com alfinetes de ouro do Crillon — o C maiúsculo em art nouveau, encimado por uma coroa — eram intimidadores e um pouco estressantes, no que tocava ao guarda-roupa. Ela desenrolara seu vestidinho genérico preto de algodão para emergências e requisitara os sapatos de salto plataforma, que não ficavam presos nas pedras de pavimentação e grades de ferro europeias como os saltos agulha. E agora estava ali sentada, ruminando sua raiva.

Um pouco mais cedo nesse dia, estivera na formal entrada ornamentada do hotel, recostada contra o que achou ser um gabinete verde de fiação elétrica, diante da embaixada americana, que ficava do outro lado da rua, digitando alucinadamente mensagens de texto para Blomqvist com respeito ao encontro iminente, quando sentiu um cutucão no ombro. Ao virar, deparou-se com um policial francês portando uma submetralhadora. Ele deixara seu posto em um canto da embaixada e atravessara a rua estreita para se aproximar dela por trás, e agora estava ali parado, junto à calçada, hostil e incongruente em seus óculos de sol e uniforme azul-escuro, equipado com um colete à prova de balas e armadura de lagosta, cobrindo seus ombros, pernas e pés. Contra sua clavícula havia duas algemas de lacre plástico preto, presas em abas na ombreira, prontas para serem utilizadas a qualquer momento. Só o que estava faltando era um capacete, mas em vez disso ele usava um quepe militar. “O que a senhorita está fazendo aí parada, brincando com seu celular?”, perguntou. Era muito novo e

muito bonito, e sorriu, mas não amistosamente. Um emblema branco e vermelho em forma de escudo no seu peito dizia “Police Nationale, CRS”. A especialidade deles era controle de distúrbios civis, Naomi sabia, mas a rua, que dava na Place de la Concorde, estava absolutamente calma, e pela praça caminhava uma multidão de turistas. Havia até um grupo cômico de americanos se equilibrando desajeitadamente em Segways, escutando as instruções de seu líder de passeio nos veículos de duas rodas dotados de giroscópios antes de se enfiarem pelo trânsito enlouquecido.

“Estou esperando um amigo”, disse Naomi, seu francês mais hesitante do que estaria dali a uma semana. “Estou hospedada no hotel, o Crillon, bem aqui”, acrescentou, sem muita convicção, com um gesto às suas costas, e então ficou imediatamente furiosa consigo mesma por ir se abrindo assim a troco de nada.

Ele afastou a mão de sua armadura e fez um movimento ligeiro, enxotando-a como se fosse uma criança. “Espere pelo seu amigo ali, do outro lado da entrada do hotel. Longe desse gabinete de controle.”

Naomi percebia agora que estivera recostada contra a caixa de controle de um enorme cilindro de aço que brotava do asfalto com o uso de um cartão eletrônico, bloqueando todo o tráfego vindo pela rua lateral entre o hotel e a embaixada. O complexo de edifícios da embaixada americana, cercado de barreiras de metal e pequenos postes de concreto estreitamente espaçados e encimados por um arremate oval de latão, era como um vespeiro. Agite-o por sua própria conta e risco. Numa vingança silenciosa, Naomi pegara suas teleobjetivas e batera inúmeras fotos das janelas da embaixada de uma janela no corredor de seu andar, no Crillon. A maioria delas eram opacas, mas lhe ocorreu com um arrepio que em instantes alguém poderia derrubar a porta de sua água-furtada a pontapés para efetuar uma prisão brutal, inclusive com o uso daquelas algemas plásticas, e mostrar que não estava para brincadeira, e quem sabe um capuz na cabeça. O incidente por algum motivo a tirara do sério, mas será que tinha a ver com a presença americana na França, um sentimento geral de injúria contra autoridade, policiais sexy ou simplesmente fantasias de sadomasoquismo com vítimas e humilhações? Ficou determinada a pesquisar um artigo sobre o erotismo das Compagnies Républicaines de Sécurité. Havia uma importante revista gay baseada em Paris que teria adorado publicar uma coisa dessas — se já não o tivessem feito.

O clone de Jean-Pierre Léaud se aproximou de sua mesa e sentou. Sorriu e — é claro — alisou uma mecha rebelde do cabelo liso castanho-escuro. Para o choque dela, estava usando um terno slim com gravata skinny. E camisa branca. E carregava uma conservadora valise castanho-escuro, que pôs com cuidado no chão, apoiando na perna da mesa. Observou-a detidamente por um momento, depois esticou o braço através da mesa, trançando destramente entre os copos de água vermelhos e amarelos e as velas para apertar sua mão. Ela não ficou surpresa com o cumprimento hesitante, intelectual. “Olá”, disse ele. “Você é Naomi Seberg — é um bom nome para uma estrela de cinema. Tenho certeza de que deduziu que sou Hervé Blomqvist.” Havia combinado, na troca de mensagens que se seguiu após seu primeiro e relativamente público contato no fórum de Célestine A., que falariam inglês. Ele precisava praticar, disse, e não queria conversar em francês.

“Não precisei deduzir”, disse Naomi, “porque vi vídeos seus. Na verdade, você me mandou dois”.

Ele recolheu a mão, destrançando-a cuidadosamente. Franziu a testa numa intensidade fingida e fez beicinho com os lábios. Sabia trabalhar seu charme. “Sempre tive a ilusão de que eu era impossível de ser capturado em vídeo. Minha essência, quero dizer.” Ele lhe pareceu tão jovem, mesmo ela sendo apenas seis anos mais velha que seus vinte e cinco. Tivera uma passagem precoce pela academia francesa, mas, como tantas vezes é o caso, a maturidade em outras questões não acompanhara; mais provavelmente, fora sacrificada. Tudo isso do fórum, entregue por amigos bem-intencionados mas críticos e para qualquer troll que pudesse estar interessado em saber. Como Naomi.

“Acho que você tem razão sobre sua essência”, disse Naomi. “Não entendo nada disso. Mas seu rosto... Ele eu reconheço. O que não reconheço é o terno e a gravata. Você aparece sempre de jeans e camiseta na internet. Se vestiu assim por minha causa?”

“Nunca passei nem pela porta do Crillon. Fiquei com medo de ser descoberto e jogado na rua. Peguei o terno emprestado com meu irmão. Ele é advogado. É meio incomum um jornalista se hospedar no Crillon, não é?”

“Seria incomum um jornalista *pagar* pela estada no Crillon, isso mesmo.”

“Você não paga?”

“Com dinheiro não.”

“Com sexo?”

Naomi riu. Era sua melhor risada, aquela que sempre esperava que saísse quando risse. Rouca e genuinamente alegre, e foi assim porque Hervé ficou tão esperançoso, como um menino. “Não, não com sexo. Com fotografia.”

“Ah, claro. Fotografia.” Hervé pressionou os dedos em suas têmporas e fechou os olhos. “É café, isso que você está tomando?”, perguntou.

“É. Espresso duplo. Quer um?”

“Eu só queria tomar um gole do seu, se não se incomoda. Preciso de um pouco, mas não muito.” Abriu bem os olhos e sorriu. “Um comecinho de enxaqueca.” Pronunciou a palavra à inglesa, *mi-graine*, e não *mai-graine*, como diria um americano.

Ela deu de ombros e empurrou a xícara sobre a mesa. “Sirva-se.”

Ele pegou a xícara e inalou o vapor de forma ostensiva. “Humm. É perigoso. Eu fico hiperdemais.” Agora não pronunciava com sotaque inglês nem americano, mas à francesa mesmo, *hi-pér*, só que Naomi em hipótese alguma pretendia comentar a respeito, ainda que na troca de mensagens de texto ele tivesse expressado entusiasmo por “correções linguísticas impiedosas”. Deu um gole com sensualidade exagerada, seus lábios e sua língua fazendo hora extra, fitando-a bem dentro dos olhos quando o fez. Naomi fechou os olhos e abanou a cabeça. Sentia-se como sua mãe. Quando voltou a olhar para ele, esboçou uma expressão severa, de acabar com qualquer flerte. Tirou o gravador da bolsa, ligou e o pôs sobre a mesa.

“Hervé”, disse, “estou gravando você agora, como combinamos, e minha primeira pergunta é a seguinte: Você era assim com Célestine Arosteguy?”.

Ele ficou paralisado por um instante, então pousou a xícara. “Era assim? Eu era simplesmente eu mesmo, como sempre sou. Não entendo o que você quer dizer.”

“Está bancando o sedutor comigo. Você seduziu sua professora ou foi ela que seduziu você?”

“Entendi”, disse. “Você quer fazer o papel de Célestine comigo. Você se identifica com ela.”

“Não, não estou fazendo nada disso. Quero saber como era com eles, com os Arosteguy. De alguém inteirado. De você.”

“Era muito sexo, com eles, mas era mais do que sexo. Mas você só está interessada no sexo, não é? Quer um pouco de sensacionalismo na conversa. Quer atacar os dois, não quer?”

“Por que você acha isso?” Naomi ficou genuinamente confusa, e Hervé percebeu. “A gente já tratou desse assunto na internet. Achei que você tinha entendido.”

“Eu entendi”, disse Hervé. “Mas não acreditei em você. Como você foi *sympa*, como gostava deles, como a filosofia e o casamento deles foram tão inspiradores.”

“Então por que está aqui, bebendo meu espresso?”

Ele deu de ombros compactamente, à gaulesa. “Eu queria ver como era um quarto no Hôtel de Crillon.”

Acabaram pedindo serviço de quarto. Enquanto esperavam, Hervé concordou em posar para algumas fotos, sentando na espreguiçadeira, junto às portas do balcão abertas, enquanto Naomi se agachava com a câmera, indo de um lado para o outro, tentando encontrar o ângulo revelador. Ela estava usando a Nikon D300s, prima da D3 de Nathan. Era mais compacta e leve, e Naomi prezava os movimentos desimpedidos e a mobilidade acima de tudo. A luz desmaiada era suave, dispersada pela rede contra pombos e rebatida do pátio, e trazia à tona a feminilidade do rosto do rapaz. Seu desempenho diante das lentes era profissional, como Naomi esperava que seria, dada a autopromoção que fazia nos fóruns dos Arosteguy, envolvendo uma infinidade de vídeos e fotos documentando os diversos humores e rumações de Hervé Blomqvist. Sua abordagem geral era acanhada/misteriosa, e Naomi sabia exatamente como usar a luz natural e os ângulos de que dispunha, a testa, as sobrancelhas escuras e cheias, os olhos castanhos líquidos no rosto fino, para destacar isso.

“Então, Naomi, para que você vai usar essas fotos minhas?” Falava entre um clique e outro, calculando o ritmo para não ser pego em um movimento de boca pouco gracioso. “Está planejando fazer um livro de fotos dos Arosteguy? Quem sabe um *coffee table book*?”

“Eu não sei o que estou fazendo, Hervé. Você tem alguma sugestão?”

“Eu tenho uma sugestão. Acho que você vai ficar com medo dela.”

Naomi parou e descansou a câmera nos joelhos. Sentia-se estranha no vestido, mas pelo menos estava descalça, agora. Ergueu o rosto para encarar Hervé, que sorriu para ela com um olhar benigno, desfocado, como um padre. Irritante.

“Fala”, disse Naomi. “Vamos escutar.”

Hervé se levantou e começou a desfazer a gravata. “Sugiro um livro mostrando todos os casos que os Arosteguy já tiveram, começando por mim. E todo mundo tirando foto nu. E as pessoas vão contar como foi a experiência de trepar com eles. E falar sobre a influência que Célestine e Aristide tiveram na vida deles.”

Naomi sentou no chão, recostada contra o pé da cama. “Você está tirando a roupa?”, perguntou.

“Estou”, disse Hervé.

“Quer que eu tire suas fotos nu?”

“Isso.”

“Eu não vou transar com você. Sério. Não vou.”

Hervé tirara a gravata, o paletó e a camisa, e estava ocupado no cinto, um troço chamativo em padrão de jacaré, com uma fivela de dois pinos e duas fileiras de furos que pareciam estar lhe dando um trabalhão. Seu peito era magro e sem pelos, como Naomi achava que seria. Todos aqueles filmes da Nouvelle Vague. “Se você transar comigo, vou mostrar um negócio especial que Célestine gostava muito. É diferente, o que ela gostava.”

Naomi ergueu a câmera e começou a clicar casualmente.

“Ah, gostei da sua câmera”, disse Hervé. “Parece fibra de carbono. É fibra de carbono?”

“Não. É de magnésio.” Parou de clicar, pesou a Nikon, equilibrou-a numa das mãos, depois na outra. “Mas tenho um pressentimento de que fibra de carbono vai ser a próxima. Seria legal se fosse ainda mais leve que essa.” Então de volta para seu olho, clicando outra vez. “E quanto ao Aristide? Tinha alguma coisa especial que ele gostava?”

Hervé finalmente conseguiu abrir o cinto e baixar a calça. Estava usando uma cueca fio dental Calvin Klein, preta. Ela havia esperado algo mais exótico. “Tinha, claro”, ele disse, liberando as pernas. “Vai ser um pouquinho mais difícil, mas dá para mostrar também.”

Dunja repousava num leito reclinado a quarenta e cinco graus na sala de recuperação da Clínica Molnár, no subsolo. Havia uma dúzia de leitos, uns esqueletos primitivos, assustadores, mas ela e Nathan eram os únicos ali. Ele sentava numa cadeira bamba de plástico, ao lado da cama, a câmera no colo, o gravador de voz ainda pendurado na correia acrílica em torno do pescoço, a

pequena luz rubi avermelhando o lençol de Dunja, tão escuro era o ambiente. Dunja continuava sonolenta, mas Nathan suspeitava que fosse mais exaustão emocional do que o efeito da anestesia local. Ela acenou com o queixo em sua direção. “Eu não esperava a câmera. Na sala de operação. Achei que você só ia fazer anotações numa caderneta, como um jornalista de verdade.”

“A gente é fotojornalista, hoje em dia. Não é mais suficiente só escrever. A gente precisa levar imagens, som, vídeo. Espero que você não se importe.”

Dunja se esticou, e foi de certo modo voluptuoso, a despeito do deprimente camisolão hospitalar puído e do *shunt* em seu braço. “Não me importo. Logo, logo, é só isso que vai restar, então quanto mais, melhor. Alguma coisa para lembrarem de mim.”

“Por que diz isso? Não confia no doutor Molnár?”

Dunja riu. “Dá só uma olhada nesse lugar. Essa é minha estratégia de último recurso. Ninguém mais no mundo faria essa operação em mim. Só o doutor Molnár foi arrogante o bastante. E pode me citar.”

“Eu *vou* citar.”

“E você? Ficou tão impressionado com o doutor Molnár que veio de Nova York para escrever sobre ele?”

Foi a vez de Nathan dar risada. “Eu o vi num documentário sobre transplantes de órgão ilegais. Ele foi muito desafiador e cativante. Vim conversar com ele sobre o comércio de órgãos internacional e daí descobri que estava realizando uma cirurgia mamária. Ainda não tenho muita certeza sobre o que trata o artigo que estou escrevendo, mas isso não é tão incomum para mim.” Ergueu a câmera. “Posso bater uma foto?”

“Por que não? Espalha essas imagens de mim pela internet para o universo, onde eu vou continuar minha existência fora do corpo.”

Nathan verificou a luz medindo pelo visor, depois regulou o ISO da câmera para seu máximo de 25.600. (A nova D4s, aquela que ele não tinha, podia fotografar num ISO surreal de 409.600 — ela podia enxergar no escuro —, mas isso era impensável.) As fotos ficariam com excesso de ruído e extremamente granulosas e borradas, mas teriam uma qualidade pictórica, pontilhista, talvez, ou impressionista. A câmera de algum modo parecia ainda mais sensual, mais como um instrumento, naquele cenário. Ele começou a clicar.

Dunja suspirou. “Claro, por toda a eternidade, não vou ter minha melhor aparência. Tem alguma pose que gostaria que eu fizesse? Não sou tímida.”

Nathan pensou no que Naomi diria sobre isso. Ela era uma fotógrafa de moda até o último fio de cabelo, talvez até mesmo uma fotógrafa de celebridades — uma paparazza? — e não se acanharia em dirigir um tema tão aquiescente quanto Dunja. “Na verdade não quero que você pose. Estamos fingindo que você não sabe que estou aqui.” Nathan se levantou e a contornou, clicando com a lente muito aberta, com pouca profundidade de campo, as imagens flutuantes de seu rosto ficando cravadas em seu cérebro. Os olhos dela tinham uma escuridão cremosa, e ela parecia capaz de olhar na lente sem de fato notá-la. Impressionante.

Nathan parou e foi até a mala de equipamento. Vasculhou-a atrás de seu flash. “Só por precaução, vou tirar algumas com um pouco de flash de rebatimento. Não tem muita luz aqui.” Encaixou o pé do flash no suporte e o travou. “A gente pode só continuar a fazer o que você estava fazendo.” Puxou o pequeno cartão plástico de rebatimento para luz no olho e começou a clicar.

“Ah, mas agora, com esses flashes, eu me sinto uma estrela de cinema”, disse. “E quero que veja minha melhor parte.” Abriu o camisolão e exibiu os seios, com hematomas e pontilhados de minúsculos nódulos vermelhos, inchados. Nathan parou de bater fotos na mesma hora. “Qual o problema?”, ela disse. “Feio demais? Muito horrível?”

“Não, pelo contrário. É, hum, sexy demais. De uma maneira fetichista. Ou sei lá. Talvez muito Helmut Newton. Acho que eu não saberia como usar, sabe, para um artigo médico.”

“Então fica com algumas para você”, disse Dunja. “Assim vai lembrar de mim de um jeito mais agradável, depois.” Ela lhe dirigiu o sorriso mais afetuoso e então lágrimas começaram a escorrer por seus olhos. Ela não as limpou. “E essa câmera funciona debaixo d’água?”

Dunja jogou água em Nathan, mirando a câmera, mas errando, molhando os joelhos de sua calça jeans. De algum modo, ainda conseguia parecer voluptuosa em seu maiô de algodão cinza, da clínica, em parte porque era fino e sem forma predefinida, colado ao corpo. Uma touca de banho de borracha, branca, medicinal, ocultava completamente seu cabelo. “Eu tinha certeza de que não iam deixar você tirar fotos aqui dentro”, riu. “E você está de jeans!”

Nathan se agachava junto a uma fonte de cabeça de leão estilizada que babava a água rica em minerais na piscina. Ele se levantou e a seguiu, clicando cautelosamente conforme ela vadeava pela beirada, na parte rasa. “Pedi para o doutor Molnár mexer uns pauzinhos. Conseguir entrar aqui de jeans foi a parte mais difícil, pelo jeito. Mas e você? Todas as outras aqui estão usando aquelas toucas de chuveiro azuis, de plástico. Você também não está vestida como devia.”

“A mulher do vestiário é bem rígida, mas também é metade eslovena, da cidade do meu pai, Jesenice. Eu expliquei para ela que precisava de uma touca especial para a água não entrar nos meu ouvidos. Fiz ela chorar. Acho que está apaixonada por mim, agora.”

Estavam na piscina principal coberta do Hotel Gellért, às margens montanhosas do Danúbio, em Buda. O ambiente era vasto, mais para um opulento salão de baile art nouveau do que para uma piscina, e bordejado por uma série de colunas de mármore trançadas e intrincadamente trabalhadas, arcadas e balcões ornamentados, com samambaias em vasos se projetando da espaçosa galeria superior. A tênue luz matinal filtrava através do vidro amarelo do teto em arco.

“E esse maiô? Também é seu?”, perguntou Nathan.

“Você não gostou? Eles alugam aqui. Acho que o design é stalinista.”

Em algum lugar no fundo do piso de mosaico da piscina, motores foram acionados e a piscina toda se tornou uma imensa jacuzzi, borbulhante e sulfurosa. Dunja mergulhou na água agitada e desapareceu, deixando Nathan à espera na beira da piscina, seguindo-a com os olhos entre as demais nadadoras, que iam e voltavam com braçadas vagarosas e regulares ou se agarravam a algum dos inúmeros jatos pulsantes no chão da piscina. Ele desviou das colunas e das cadeiras de plástico com espaldar em leque distribuídas aleatoriamente ao longo da arcada. Quando ela voltou à superfície, rindo, o maiô como uma segunda pele sexy-adstringente do comunismo, começou a clicar outra vez, o obturador matraqueando como uma submetralhadora, ignorando as expressões preocupadas das nadadoras que passavam sob linha de fogo. Sem deixar em nenhum momento de posar para a câmera, Dunja saiu da piscina e sentou numa das cadeiras — *sua* cadeira, evidentemente, porque enrolou em torno do corpo a toalha que estava pendurada nela. Nathan puxou outra e sentou perto.

“Então você está mesmo hospedada aqui, neste hotel?”

“Parte do pacote da Clínica Molnár”, disse ela. “Incluindo passagens na classe executiva da Malév. Um voo direto de minha cidade natal, nas florestas profundas da Eslovênia. Onde você está hospedado?”

“No Holiday Inn. Minha conta de despesas é limitada.”

“E está gostando?”

“Bom”, disse Nathan, “dá para estacionar um ônibus lá dentro. É ótimo, se você tiver um ônibus”.

Dunja tirou a touca de banho da cabeça. Deixou que caísse sobre seu colo como se fosse uma água-viva e penteou os cabelos pretos curtíssimos com os dedos. “Você devia mesmo ficar aqui. Que tal pelo menos conhecer meu quarto? Para o seu artigo? E é claro que você vai poder tirar fotos. É bem... proto-húngaro.”

“Não vai experimentar os banhos termais? Dizem que é muito curativo.”

“Ah, já fiz isso, quando vim para cá. Mas não acho que ia me fazer muito bem, no momento. Além do mais, o doutor Molnár me proibiu. Acho que esses pellets vão começar a pular dos meus seios como cravos espremidos se me puserem em banho-maria. Ele vai me ver de novo amanhã. Não tenho a menor intenção de deixá-lo aborrecido. Nem vou contar que andei nadando.”

A suíte de Dunja foi uma decepção. Era grande e insipidamente confortável, com uma bela vista parcial da historicamente estratégica colina Gellért e da Cidadela de pedra sinistra e esparramada em seu topo, mas Nathan havia esperado por algo mais exótico do que simplesmente a familiaridade burguesa. Havia, ele se deu conta, esperado pela suntuosidade da piscina e das termas convertida numa suíte de hotel.

Mas Dunja não foi uma decepção. Estava usando um roupão com padrão de waffle, olhando-se no espelho acima da escrivaninha. O roupão estava aberto e ela segurava os seios, um em cada mão, apalpando-os com destreza, clinicamente, sem sensualidade. Nathan sentou na cama e bateu fotos de sua imagem no espelho.

“Então? Meus seios agora são oficialmente radioativos. Estou proibida de abraçar mulheres grávidas por pelo menos três meses. O que acha disso? Jornalisticamente falando.”

“Não sei. Você pode abraçar homens não grávidos?” Ainda clicando. Os claquês da câmera haviam se tornado parte integrante da troca de réplicas engraçadinhas deles, Nathan pressionando o botão do obturador como uma exclamação, como um rufar de tambor, como uma interrogação.

Dunja virou para ele, o roupão ainda inteiramente aberto, as mãos ainda segurando os seios. “Nathan, sou uma mulher muito doente. Isso te excita?”

Ainda clicando. “Bom, já contei para você, sou um ex-aluno de medicina. Agora sou jornalista médico. Então, sim, acho que a doença me excita, de certo modo.”

Ela se aproximou e delicadamente tirou a câmera de suas mãos, pondo-a às suas costas, na escrivaninha. “E quanto à morte? Eu podia estar morrendo. Isso te excita?” Ela tomou as mãos dele nas suas e as levou aos seios. “Doem um pouco, sabe? Afinal, foram penetrados por duzentos e quarenta pellets de titânio. Como asteroides e uma chuva de poeira cósmica. Olha. Olha só essas marcas de agulha. Sou como uma espécie de viciada estranha, com fissura por titânio.” Ela riu. “Não seja tímido. Dá uma sensação mais agradável, quando aperta.” Ele pressionou seus seios hesitantemente e a beijou.

Após um instante, ela afastou a boca. “Descobri que a maioria dos homens sente repulsa de doença, principalmente quando começa a ficar visível.” Ela segurou suas mãos outra vez e as levou à sua virilha. “Está sentindo esses nódulos linfáticos, como são grandes? Minha forma está mudando. Está na verdade começando a se tornar uma forma não humana. Eu tinha um namorado em Ljubljana, sabe, durante oito anos. Quando ele sentiu isso aqui, falou que morria de medo, suas palavras exatas — bom, o equivalente em esloveno. Daí ele percebeu esses aqui.” Ela tirou as mãos dele dali e as levou a sua garganta, em seguida as pôs sob o maxilar. “Está sentindo esses? São duros, não são?”

“São”, disse Nathan. “Eu notei quando você estava nadando.”

“Eles estragam o desenho do meu queixo, não estragam? Costumava ser muito forte, muito elegante. Agora está cheio de calombos e eu pareço um sapo velho. Não, pior, porque não são nem simétricos. Um sapo velho e torto. E assim meu namorado me trocou por uma turista alemã para quem ele estava mostrando a cidade. Ele trabalhava de guia todo verão. Agora está morando com ela em Düsseldorf. Eles fazem caminhadas. Marike é uma mulher muito saudável. Ele me mandou um livro de poesia de Heinrich Heine, que nasceu lá. Diz que seu alemão está ficando muito bom e que espera que eu esteja

conseguindo um bom tratamento médico. É muito atencioso da parte dele, não acha?”

Nathan desceu as mãos pela garganta dela e a beijou com ardor. Mais uma vez, ela o afastou, agora rindo. “Talvez você não seja normal. Ou será que isso é parte de sua pesquisa? Você sempre faz sexo com o tema de suas matérias?”

“Você não é meu tema. O doutor Molnár é meu tema, e não vou fazer sexo com *ele*.”

“Talvez você possa perguntar para ele outra vez por que tenho esses nódulos linfáticos inchados. Ele me diz que é o câncer, mas que ninguém sabe realmente o que causa o inchaço. Acho que ele está sendo evasivo. Acho que eu tenho câncer em toda parte, não só nos seios. Olha só esses.” Ela se livrou das mãos dele, deixou o roupão cair e ergueu os braços. “Está vendo esses aqui? Perto das minhas axilas? São enormes, quase como dois outros seios.” Abaixou os braços e deu de ombros. “Mas talvez quatro seios pareça bonito para você, será?”

Dunja virou e foi para a cama. “Se fizer amor comigo, quem vai tirar fotos?” Deitou-se langorosamente, a cabeça apoiada na mão.

“Sempre se pode dar um jeito, se é o que você realmente quer. Tem um disparador automático na câmera.” Ao lado da escrivaninha ficava um grande armário que servia para apoiar a tevê no alto, flanqueada por miniaturas de colunas gregas de madeira, com caneluras, apresentando a tela como se fosse um oráculo. Abaixo disso havia um par de portas, que Nathan abria agora para revelar o arranhado minibar refrigerado; ali dentro havia uma bandeja de madeira com petiscos variados. Nathan tirou a bandeja e começou a vasculhar o conteúdo caoticamente espalhado. Pegou uma caixa de papelão com listras vermelhas e a virou, procurando um rótulo. “Mas conseguir os melhores ângulos pornô ia ser complicado. A gente teria que pedir ajuda para alguém do hotel. Ou talvez descobrir o que o médico está fazendo agora. Ele parece entender de fotografar nus.”

“O que você está procurando?”, ela perguntou.

“Acho que eles têm um negócio aqui chamado Pleasure Pak. Tem vários tipos de gel, camisinha, essas coisas.”

Dunja sentou na cama. “Nathan, esquece isso, por favor. Já tive tecnologia suficiente enfiada no meu corpo.” Ela falou com suavidade.

“Sério? Mas você não...”

“Eu não nada. Nos dois últimos anos fui irradiada da cabeça aos pés, por dentro e por fora. Nada aqui dentro sobreviveu. Pode acreditar em mim. E, além do mais, não tenho muito futuro com que me preocupar, então, se você tem gonorreia, ou qualquer coisa pior, não estou muito preocupada.”

Hervé sentava de pernas cruzadas na espreguiçadeira com o velho MacBook Pro de Naomi no colo. Estava vestindo sua camisa branca, a gravata afrouxada e a cueca Calvin Klein. Na cama, Naomi usou seu BlackBerry para enviar um e-mail para uma certa dra. Phan Trinh, médica pessoal de Célestine, cujo endereço acabara de lhe ser passado por Hervé. O rapaz estava se revelando bem mais útil do que teria imaginado. Ela começava a suspeitar que fosse algum tipo de agente da polícia disfarçado na Sorbonne, passando informações sobre os Arosteguy, que eram, além de tudo o mais, ativistas políticos de oposição. “Cara dra. Trinh”, digitou. “Gostaria de saber se a senhora concorda em conversar comigo em sigilo sobre a condição médica de Célestine Arosteguy. Creio que o excesso de rumores destrutivos tendeu a prejudicar a reputação dessa mulher admirável, e eu, como mulher...”

Hervé se levantou abruptamente da espreguiçadeira e começou a abanar a virilha com uma cópia de *Les Inrockuptibles*, uma divertida e anárquica revista francesa de cinema e cultura que trouxera consigo na valise de seu irmão. Ele tinha muito orgulho de uma curta resenha de filme que escrevera para a revista, sua primeira a ser publicada, e a lera em voz alta, muito lentamente, para Naomi, se deleitando com cada passagem deliciosa de sua própria insolência. “Merda. Alguma coisa no seu computador acaba de tentar agarrar minhas bolas.”

Sem tirar o rosto da tela, ela — mãe Naomi — disse: “Eu falei para você não sentar desse jeito. Sempre sinto um campo magnético quente e esquisito fazendo cócega quando estou com ele no meu colo e o hard drive está a mil por hora, e olha que eu não tenho bolas. Se você achava que sua Peyronie era ruim, espera só até ter um câncer no testículo.”

“Se foi bom o bastante para Lance Armstrong, é bom para mim. Um monte de gente na França acredita que o tratamento do câncer transformou ele num supercorredor monstruoso de ficção científica, mesmo antes das drogas normais do esporte.”

“Se você diz...” Tudo que Naomi podia fazer era abanar a cabeça. Lance e ciclismo haviam tido grande destaque na tentativa fracassada de Hervé em seduzi-la. Como ela veria, sua arma sexual secreta era a doença de Peyronie, que ele acreditava ter adquirido pedalando sua Colnago de fibra de carbono por toda a árdua rota do Tour de France, dois verões antes. E de fato, para um sujeito magrelo, ele tinha músculos do quadríceps impressionantes; eram tão fora de proporção em relação ao resto do corpo que pareciam implantes, ou talvez uma imagem embelezada por CGI. Foram um choque agradável para Naomi quando as calças dele desceram, mas na verdade não uma novidade suficiente para levá-la para a cama. Tampouco seu pênis relativamente bizarro.

Hervé já pesquisara sobre seu problema, sabia ao menos chamá-lo pelo nome — François de Lapeyronie fora cirurgião do rei Luís XV (que ligação!) —, mas Naomi descobriu que ele sofria de memória seletiva e sua perspicácia era mais do tipo romântica do que médica. Ela fez sua própria pesquisa rápida na web, que revelou que a doença de Peyronie envolvia o misterioso crescimento de uma placa fibrosa dura e sem elasticidade em um dos lados do pênis, logo abaixo da pele, levando o órgão a ficar alarmantemente curvado, quando ereto. A versão particular do problema no caso de Hervé levava seu pênis comprido, fino, não circuncidado, a fazer uma curva de quase noventa graus, dois terços acima da raiz, a cabeça desse modo apontando para o quadril direito. Seria um tecido fibroso causado por trauma? A ideia de um pênis com cicatriz, adquirida nas guerras do sexo, tinha lá seu charme grosseiro. Já uma enfermidade autoimune... Não muito atraente.

Na avaliação de Hervé, era uma coisa do ciclismo. Ele pedira para usar o laptop dela porque queria lhe mostrar sua bike, cujas fotos estavam postadas em um de seus muitos websites. Ainda nu, virou a tela para ela, mostrando a foto afetuosa de uma bicicleta de corrida com pintura elaborada, pendurada em ganchos revestidos de borracha chumbados na parede da sala, em seu apartamento. “Essa é a máquina que fez isso. É tão linda, difícil acreditar que faria uma coisa dessas comigo.” Deu closes nos detalhes. “Está vendo esse trevo de três folhas, tipo um símbolo de paus do baralho? É a logo da Colnago. O selim não é original. Eu mandei pôr. É de fibra de carbono, também. Maltrata um pouco a gente, mas é incrivelmente leve. Sou viciado em fibra de carbono.”

Ele descrevera a evolução de sua atitude em relação ao novo órgão sexual, cuja forma alterada aparentemente surgira de uma hora para outra certa manhã, sem nenhum aviso prévio, quando estava tomando um banho e tendo

pensamentos eróticos. No início, é claro, ficou apavorado. Sua vida sexual obviamente chegara ao fim, ele seria ridicularizado. “Eu vivia recebendo esses spams no e-mail, sobre aumentar o pênis, deixar mais duro, mais grosso. Eu costumava dar risada. Daí de repente me peguei com esperança de ver um sobre endireitar. Eu teria ficado tentado, nem que tivesse que mandar meu pau por FedEx para a Nigéria.” Essa foi a primeira risada que arrancara intencionalmente de Naomi.

Passara à abstinência, dessa manhã em diante, com vergonha não só de seu instrumento torto, mas também do constrangimento burguês que o acometeu. Até a masturbação se tornara uma coisa horrível. Foram os Arosteguy que o salvaram do desespero sexual, embora fosse um efeito colateral advindo do trabalho deles com seu — mais perigoso — desespero filosófico. Às vezes, os Arosteguy davam alguma palestra juntos, normalmente no modesto Amphithéâtre Turgot, com seu piso fortemente inclinado e mesas simples de madeira. Mas ocasionalmente eles se exibiam no magnífico Grande Amphithéâtre, de luz natural, suas centenas de cadeiras e bancos forrados de baeta verde lotados e fervilhando de estudantes, e foi numa dessas ocasiões que Hervé concebeu pela primeira vez a ideia de atacar seu novo problema por meio de um tratado filosófico concernente ao corpo como bem de consumo, conceito central ao pensamento político dos Arosteguy.

Inevitavelmente, sua aproximação do casal ao final da palestra levou a um convite para uma orientação particular no apartamento deles, algo pelo qual eram deliciosamente notórios. Ficaram empolgados de verdade com o uso que o rapaz queria fazer da própria realidade para pular nas ondas poderosas da especulação arosteguyana. Ficaram empolgados também com o sexo, que Célestine chamou de seu “pênis de morcego”, embora uma posterior pesquisa na internet feita por Hervé não resultasse em nenhuma validação do apelido carinhoso. As imagens encontradas por ele revelaram que morcegos, principalmente os frutívoros, também chamados de raposas-voadoras, tinham órgãos muito humanóides, longos, retos, que deixavam o dele no chinelo, com sua intimidadora simetria. Os morcegos também eram capazes de lambe a própria glândula para manter a higiene quando ficavam pendurados de cabeça para baixo, e pareciam extrair grande prazer disso, ainda por cima. Esse primeiro encontro sexual, que anunciou a poderosa presença de Hervé na vida dos Arosteguy, foi esboçado em algum detalhe na página de Facebook do rapaz, mas o componente quiroptérico fora extirpado.

Hervé agora ajoelhava no chão diante da espreguiçadeira, o laptop maligno a uma distância segura, na sua frente. “Ok, Naomi. Agora eu tenho uma coisa maravilhosa para você.”

Naomi estava terminando seu pedido à dra. Trinh, cuja fotografia acabara de encontrar. Uma foto de consultório posada, do tipo concebido para vender a competência calorosa de uma clínica médica particular, apresentava uma perfeita vietnamita pequena e bem-apeçoada num elegante terno sob medida, sorrindo, na tela do celular de Naomi. “E o que seria, Hervé?”

Hervé rolou de lado no tapete, de modo que pudesse se espreguiçar com despreocupação estudada, cinematográfica, contra a soleira da porta-balcão. “Acabei de contar tudo sobre você para Aristide Arosteguy. Ele quer encontrar você em Tóquio.”

Havia diversos ônibus de turistas, imensos e vazios, no estacionamento do Holiday Inn. Nathan passou por eles desajeitadamente, as malas de equipamento nos ombros, iPhone na mão, tendo acabado de descer do transporte do hotel. Naomi lhe enviara uma mensagem de texto para ligar para ela o mais rápido possível, mas por algum motivo o sinal no micro-ônibus estava muito fraco. Ele discara seu número no segundo em que pôs o pé para fora. “Como é o seu hotel maravilhoso e caro?”

“Adequado. E o seu?”, disse Naomi.

“Estou olhando para ele enquanto a gente conversa. Vamos dizer apenas... funcional. Mais adequado.”

“Mais?”

“É. Porque eu sei que o seu é bom demais para uma jornalista.”

“Lá vem você com essa porcaria de recalque de garota rica outra vez. E, falando em garota, como ela era? Sua paciente?”

“Linda. Linda de verdade.”

“Linda de um jeito condenado?”

“De um jeito eslávico.”

“Isso soa perigoso”, disse Naomi. Falava sério.

“E ela era *mesmo* perigosa. Radioativa, literalmente. A sedução do decaimento. E que tal Arosteguy? Eu o vi numas entrevistas. Bastante devastador. Um arraso, daquele irritante jeito intelectual francês.”

“Eu conto para você quando encontrar o homem. Pelo jeito ninguém sabe onde ele está, incluindo o chefe de polícia.” Por alguma razão, Naomi queria esconder seu novo contato para chegar a Arosteguy, mesmo sendo esse o motivo de ter ligado para Nathan. Seria por causa daquele comentário sobre a beleza eslávica? “Mas acho que Célestine é mesmo nossa capa de setembro. Ela está até mais sedutora. Linda, mas morta, é sempre um tiro certo.” E *tiros certos* era uma das coisas que tanto apreciavam na principal revista de Naomi, *Notorious*, cujo editor, Bob Barberien, era, ele sim, notório por esporros bêbados na redação que de algum modo resultavam em matérias sensacionalistas que você não conseguia deixar de ler; geralmente envolvendo atos homicidas inimagináveis. A *Notorious* imitava uma revista escandalosa da década de 1950, *Confidential*, em seu layout de capa austeramente agressivo e até na tipografia retrô. Naomi adorava a inconsequência da revista e sua ingenuidade irônica; provocava o mesmo nela.

“É, e será que ele vai mesmo ter alguma coisa interessante para dizer? ‘Eu matei minha mulher e depois comi.’ Para onde você vai a partir daí?”

“Parece que ninguém quer que seja verdade”, disse Naomi. “Tem uma atmosfera esquisita de proteção nacional envolvendo aqueles dois. É só negação, até mesmo da polícia. Pelo que consigo perceber por aqui, é possível que um dos alunos com quem eles tinham caso tenha matado ela por ciúme.” Ocorreu-lhe que Hervé pudesse saber alguma coisa a respeito disso. Ou talvez fosse ele mesmo o assassino.

“E estudantes são conhecidos por comer mal. Estou entrando no elevador agora. O sinal vai cair, daqui a pouco eu ligo.” Seu quarto ficava no terceiro, e último, andar e o sinal caiu de fato; ele esperou até chegar ao quarto para voltar a ligar. “Então imagino que as únicas fotos que você tirou com minha lente macro são imagens da tela do seu laptop.”

“Muito engraçado. E você? Não vai me mandar as fotos da sua linda paciente condenada?”

Apenas a pausa mais ligeira de Nathan, mas Naomi ficou sentida. “Só fiz algumas durante a operação. Mas basicamente ela não me deixou. Estava se sentindo doente e feia.”

“Isso nunca impediu você antes”, disse Naomi, sondando.

“Impediu dessa vez. Ela me impediu.”

Uma longa pausa de Naomi antes que dissesse: “Não vejo a hora da gente se encontrar. Amsterdã ou Frankfurt?”

“Precisa ser Amsterdã. Minha conexão pra Nova York já foi paga. Chego dia 14. Está bom para você?”

“Catorze está bom. Tchau, amor.”

“Tchau, amor.”

Nathan desligou o celular com o polegar. Essa era a vida com Naomi — descorporificada. Nathan se deu conta de que quase não tinha consciência de ter chegado ao seu quarto, a não ser pela interrupção do elevador. Nenhum cheiro, imagem ou som. Ele estivera dentro de seu celular, Naomi uma voz em seu cérebro. No laptop, passou as fotos que tirara de Dunja — a cirurgia, o spa, o sexo que fizeram no quarto de hotel dela. Não o incomodava que as fotos o excitassem de um modo estranhamente objetivo, como se tivesse topado com um punhado de fotos picantes de celebridade que ainda não houvessem entrado em circulação. Nathan era um conhecedor da própria sexualidade, e suas idas e vindas eram algo que achava engraçado, que lhe davam prazer. E, por falar em fotos, Dunja de fato parecia linda, mas condenada, e curiosamente, mais do que nunca, nas fotos que tirara mais tarde, no restaurante de Molnár, na margem Peste do rio. Era uma perversão da parte dela, ele pensara, querer ir a um restaurante cujo dono era seu oncologista, onde fotos de seus pacientes nus cobriam as paredes, e quando ela mesma se achava no meio de um tratamento intensivo para câncer. E pior, o próprio dr. Molnár ameaçara recebê-los por lá, dar-lhes sua atenção e apresentá-los, em excruciantes detalhes, a cada prato, que lhes serviria pessoalmente; talvez, insinuara, com uma piscadela maldosa, ficaria esperando junto à mesa do canto particularmente reservada a eles até que cada um tivesse aberto a boca e, com cuidado e sensibilidade apurados, provado a comida.

Molnár não estava lá quando chegaram. O maître não conseguira a mesa do canto para eles e não recebera instruções de lhes dar um tratamento especial, tampouco de fazer a reserva, na verdade. Foi um alívio — até serem forçados a ir para outro restaurante teria sido melhor —, mas havia uma mesa, ou pelo menos duas cadeiras lado a lado, ao longo de uma fileira de pequenas mesas quadradas muito próximas. Dunja e Nathan ficaram do lado de cá, de frente para um espelho emoldurado e uma dupla de fregueses solitários que não prestavam a menor atenção um ao outro. O espelho possibilitava que comessem, conversassem e observassem as reações recíprocas, como se fossem

personagens em um charmoso filme tcheco dos anos 60. A loteria das cadeiras também os absolvía de qualquer necessidade de estudar as fotografias deploráveis e escandalosas de Molnár — a visão da parede oposta ficava bloqueada por um grosso pilar de alvenaria —, que eram todas retratos de pacientes mostrados nas mais vulneráveis, quando não drogadas, circunstâncias, em geral com um olho clinicamente lascivo para a nudez, tanto emocional como física. Nathan teve de mostrar com relutância o cartão do dr. Molnár para o maître, de modo a ter permissão de usar sua câmera no restaurante deprimente, que se chamava, inexplicavelmente, La Bretonne. Suas primeiras tentativas de documentar a arte do bom doutor foram interrompidas por dois garçons e um ajudante de cozinha, certos, sem dúvida, de que as fotografias eram um rico tesouro correndo perigo de ser ilicitamente copiadas e divulgadas. Ao enquadrar as fotos de Molnár em seu visor, Nathan ficou perturbado de se pegar reagindo a elas com tristeza profunda e desesperada. Uma ou duas das fotos que batera de Dunja poderiam perfeitamente figurar entre as daquelas mulheres — sempre mulheres —, penduradas na parede de madeira escura grosseiramente desbastada, e o punham num desconfortável pé de igualdade com o dr. Molnár. As grandes reproduções em preto e branco, Nathan teve de admitir, eram belíssimas; a granulação fina do filme de médio formato, com seu contraste profundo e sombras sutis transmitidos pela prata coloidal em papel artesanal de algodão, produzia um surpreendente efeito hiper-realista.

Nathan deixou o fundo do restaurante e voltou para perto de Dunja. Ela segurava uma taça de vinho tinto em suas lindas mãos de unhas compridas — a mão dela era maior do que a sua, ele notara; sentiu a estranheza quando ficaram de mãos dadas. Na mesma hora ele manuseou a Nikon em sua correia e bateu algumas fotos, os estalos do obturador facilmente engolidos pelo ruidoso murmúrio e estrépito de talheres. Mas Dunja pestanejou com raiva em sua direção, o que o deixou surpreso. Devidamente punido, sentou a seu lado e guardou a câmera na bolsa, que enfiou entre os pés, no chão, sem confiar no agitado vaivém de fregueses e garçons às suas costas. E seriam essas fotos, tiradas unicamente à luz das velas na mesa e da cálida incandescência das arandelas na parede diante dela, que revelariam uma dor e um desespero que Nathan não vira nas fotos tiradas em circunstâncias tão mais vulneráveis. Ela iria morrer em breve; sabia disso de uma maneira profunda e no momento essa consciência tornara a ser inflamada pela câmera e queimava em sua mente.

“Nathan”, disse, “essa vai ser a primeira vez que você terá feito amor com uma mulher morta?”.

Nathan começou a mexer em sua taça, que ainda não tocara. “Está falando de você?”, disse, dando um gole. O vinho era muito rústico. Nada bom. “Você não está morta. Posso confirmar isso pessoalmente.”

“Não, mas quero dizer, depois que eu morrer você vai ter a lembrança de ter feito sexo com uma mulher que agora está morta.” Deu um sorriso perigosamente inocente. “Vai ser a primeira vez para você?”

“A não ser por minha mãe, vai. Ela morreu quando eu tinha catorze anos.”

“Um tipo diferente de sexo, então. O tipo freudiano. Não conta.” Ela fez uma pausa. Ele bebericou novamente para preencher o vazio — com nervosismo, ficou surpreso de perceber. Uma vertigem esquisita. “Quando eu estava esperando você no meu quarto”, ela disse, “fiquei assistindo a um programa de natureza. Um cervo novo escorregou num barranco de neve muito fundo e não conseguiu mais sair. Um urso encontrou o coitadinho e o atacou por trás. O cervo tentou olhar em volta. Os olhos arregalados e excitados. O urso segurou o focinho dele com a boca. Foi tão sexual. Sexo por trás. O urso estava apaixonado pelo cervo, era óbvio. Ele rasgou a garganta dele e depois lambeu o cervo moribundo com um carinho apaixonado. Pensei em nós dois”.

A dra. Trinh não parava de virar japonesa. Era culpa de Hervé, claro. A possibilidade de encontrar Aristide Arosteguy em Tóquio tinha enorme densidade gravitacional, o suficiente para distorcer o espaço-tempo em cada nuance do dia de Naomi. E ali, no consultório perfeitamente elegante da medicamento chique rue Jacob, no Sixième, essa dobra espaçotemporal se manifestava numa sutil transformação dos delicados traços vietnamitas e do inglês com sotaque complicado da médica nas feições mais grosseiras e na dicção de colegial japonesa de Yukie Oshima, velha amiga de Naomi em Tóquio. Naomi já calculara que Yukie teria de ser uma aliada crucial em qualquer iniciativa Tóquio/Arosteguy que pudesse empreender e estava achando difícil não pensar na dra. Trinh ali em Paris se transformando constantemente em, bom, Yukie. Mas a dra. Trinh não estava do seu lado.

“Por favor, guarde a câmera”, disse, quando Naomi ajeitou a Nikon em seu colo. “Me arrependo de cada momento em que deixei que gravassem o que

eu dizia ou que me fotografassem. Só estou conversando com você para remediar o prejuízo que foi aquela débil mental que cuidava da casa deles falando sobre Célestine Arosteguy. Provavelmente vou me arrepender disso aqui também.”

Naomi acariciou a câmera suavemente, como que demonstrando seu caráter inofensivo inerente. “É na verdade só uma prova de que a gente conversou de fato. Você ficaria surpresa com a quantidade de entrevistas que são simplesmente colagens de coisas encontradas na internet e apresentadas como se fossem um tête-à-tête.” Naomi imaginou Nathan rindo e abanando a cabeça por cima do ombro dela ao escutar isso. De algum modo, Naomi era de uma geração diferente da de Nathan, mais nova que a dele, apesar de terem a mesma idade. Nathan parecia ter absorvido seu senso de ética jornalística a partir de filmes antigos sobre repórteres de jornal. Para Naomi, essa era de informações sampleadas e mixadas era uma forma absolutamente válida de jornalismo, que em nada nublavam eticamente seu horizonte freeware. A pessoa deixar de ser fotografada diariamente, até por si mesma, não ser registrada em gravações ou vídeo e dispersada nos vendavais turbulentos da internet era flertar com a não existência. Ela sabia que estava sendo desonesta com a dra. Trinh ao falar com ela sobre prova, mas o único efeito que esse fato teve sobre Naomi foi fazê-la se sentir mais inteiramente profissional. Era assim que a internet funcionava, e isso era libertador.

A dra. Trinh era mais difícil do que aparentava. “Mesmo fotografias e gravações podem ser facilmente adulteradas hoje em dia, então o que você está dizendo não faz sentido aqui no meu consultório. Guarde sua câmera e seu gravador, essa coisinha pendurada aí no seu pescoço, que eu vejo anunciada em tudo quanto é revista chique de moda, ou pode sair agora mesmo.” Seu rosto e tom de voz foram absolutamente neutros quando disse isso, e Naomi sentiu que seu rosto começou a ficar vermelho, sua pele acusando que fora profunda e instantaneamente intimidada antes que seu cérebro ou seu amor-próprio percebessem.

“Bem, extraoficialmente sem dúvida é um jeito de fazer isso, se é o que vai deixá-la mais à vontade”, disse Naomi, tirando seu quase nunca utilizado microgravador Olympus, preto brilhante como um piano minúsculo e reservado a gravações clandestinas, e guardando-o junto com a câmera em sua mala de equipamento, com a maior indiferença que foi capaz de demonstrar. Ela odiava sua própria volubilidade, o ciclo fácil entre confiança maníaca e

insegurança oprimida, desesperançada. Talvez os remédios ajudassem. Provavelmente não. Naomi sentiu um súbito impulso suicida de perguntar à médica se já tivera algum paciente bipolar, mas a dra. Trinh não fora feita para ser inatamente solícita, ao menos, não com Naomi.

“Não tem nada em relação a essa situação ou a você que me deixe à vontade. Vamos falar sobre aquela faxineira, madame Tretikov, a russa.”

“Certo, certo. A mulher da manutenção... ela parecia ter certeza de que Célestine Arosteguy tinha câncer cerebral.” E agora Naomi podia deixar de mexer na mala de equipamento e voltar ao ringue, mas delicadamente. “Bem, dra. Trinh — espero estar pronunciando corretamente —, dra. Trinh, a senhora não é especialista em câncer, nem oncologista, por acaso, é?”

A médica suspirou profundamente. “Que broche é esse que você está usando? Para que ele serve?”

Naomi ficou completamente confusa. Broche? Ah, sim. “Este broche?” Solto o broche de ouro do Crillon que lhe fora dado por seu contato no hotel e o jogou sobre a capa de couro do bloco de anotações na mesa da médica. “É o símbolo do Hôtel de Crillon. Estou hospedada lá. A gente prende com esse ímã grande e redondo aí. Está vendo? São muito amáveis naquele hotel. Nem um pouco esnobes.” A dra. Trinh o pegou e examinou com estranha intensidade. A paranoia da médica começava de repente a deixar Naomi empolgada, sentindo-se mais à vontade do que insultada, ajudando o ciclo a se acalmar. Significava que a médica tinha algo a esconder, ou pelo menos proteger. “Você... a senhora estava achando que podia ser um microfone?”

A dra. Trinh jogou o broche de volta sobre o bloco e imediatamente esqueceu que existia. “Não tinha nada errado com Célestine Arosteguy, em termos médicos. Nada além das queixas normais de uma mulher na idade dela. Eu era sua médica particular. Era eu que a mandava procurar especialistas quando precisava de um. Uma coisa como câncer... Eu teria ficado sabendo.”

Naomi queria desesperadamente tirar seu bloco de anotações da bolsa, um caderninho vertical com espiral no alto e capa dura decorada com uma colagem de páginas de jornal, intitulado “Reporter’s Notebook/Bloc de Journaliste” — naturalmente, presente de Nathan —, mas podia perceber a fragilidade latente de sua situação, e não ousou. “O que a senhora considera queixas normais de uma mulher na idade dela?”

A dra. Trinh até sorriu, embora parecesse haver alguma dor envolvida no ato. “Por que não dá uma olhada sobre menopausa na internet? Aí a sua

pergunta vai ser respondida.”

Uma pequena explosão interna ocorreu no cérebro de Naomi, desencadeada pela inesperada justaposição mental de “menopausa” e “crime”, duas coisas que nunca ligara remotamente antes. Precisava memorizar essa minúscula epifania de algum modo, e pesquisar as realidades mais duras da menopausa e da condição feminina, algo que nunca pensara em fazer antes. Ela gerou um marcador em sua mente, algo que aflorasse no momento em que a idade de Célestine fosse mencionada. “Na sua opinião, por que a senhoria dos Arosteguy iria pensar que Célestine tinha um tumor no cérebro? Não é uma coisa estranha para uma pessoa comum simplesmente inventar?”

“Você chegou a conhecer essa mulher, a tal da Tretikov?”

“Vi uma entrevista com ela.”

“Ah, claro.” A dra. Trinh se levantou, passando as mãos minúsculas na frente da roupa, como se madame Tretikov a tivesse coberto de farelos de pão. “Sim, ela é uma pessoa comum que inconscientemente usou o poder da internet para criar uma nova realidade com respeito à madame Arosteguy. E isso arrumou para mim e meus colegas de profissão uma bela dor de cabeça, posso garantir.” Uma bufada de escárnio. “Ela é o tipo da velha supersticiosa que acredita que pensar demais, ou então ter certo pensamento, pode dar câncer no cérebro. E quero que você corrija isso. Foi por isso que concordei em conversar com você.” Tendo dito o que precisava, aquela estatueta de mulher voltou a sentar e reassumiu exatamente a posição de antes. “A mídia passou a nos acusar de negligência no modo como tratamos uma mulher que era considerada um tesouro nacional. Estão falando de diagnóstico errado, negligência, de uma pressão política que teria nos forçado a ignorar sua condição terminal e assim por diante.”

“E nada disso é verdade?”

“Nem uma vírgula.”

“E Célestine não contou para o marido que tinha câncer no cérebro, e não pediu a ele para matá-la?”

Nisso, a dra. Trinh deu um sorriso triste, e pareceu a Naomi que era um sorriso genuíno finalmente, um que iluminou os olhos da médica e alterou sua respiração, evocando a presença terrena de Célestine Arosteguy em seu consultório meticuloso, controlado. “Célestine vivia dizendo que estava condenada e que tinha uma doença fatal. Dizia isso para os alunos dela, para mim, para todo mundo. Não era uma queixa, sabe? Era quase uma promessa.

Mas também, qualquer um que lesse seus escritos mais a fundo perceberia que não falava em termos médicos.”

O sorriso continuava quando a dra. Trinh baixou o rosto para as mãos de boneca, perdida em lembranças secretas da condenada e feminina Célestine, e Naomi se pegou desejando destruí-las, puni-la por isso. Em particular, Naomi estava irritada consigo mesma por não ter lido sequer um resumo da obra dos Arosteguy e não podia portanto criticar a médica por essa evasiva. As armas necessárias, contudo, estavam bem à mão. “E ela teria pedido a qualquer um para matá-la e pronto?” Ocorreu a Naomi que muito recentemente recorrera à expressão “é de matar” numa conversa com Nathan em que ele mais uma vez se queixara da falta de sua lente macro para retrato — a lente em sua câmera nesse exato instante, guardada na bolsa a seus pés —, mas duvidava que seria parte do léxico de Célestine.

“Claro que não.”

“Mas alguém a matou. Quem a senhora acha que foi?”

“Não faço ideia. Ela tinha muitos amigos.”

“Isso me surpreende. Acha que foi morta por um amigo?”

“Ela conhecia muita gente.”

“A senhora acha que não foi um estranho que a matou.”

“Não tenho a menor ideia sobre isso.”

“Ela teria lhe contado, sua médica pessoal, que sofria de uma doença terminal, e a senhora achou que estivesse sendo filosófica? Não a levou a sério?”

A dra. Trinh estivera conversando com suas mãos, mas agora erguia os olhos para Naomi, buscando, enquanto falava, sinais verificáveis da estupidez da jovem, sua profunda ignorância americana. “Era uma afirmação existencial”, disse a dra. Trinh, “sobre a sentença de morte sob a qual todos vivemos. Ela gostava de Schopenhauer, o que a levava às vezes a uma espécie de fatalismo romântico. Tentei fazê-la reler Heidegger, não tão diferente, de certa forma, do modo alemão, mas pelo menos era uma mudança daquele gosto asiático doentio por desespero cósmico”. Como que conjurado do éter pela última frase, um minúsculo crucifixo de prata pendendo de um bracelete em torno do pulso esquerdo da médica captou a crua luz do dia rebatida sobre a escrivaninha de um espelho no canto e foi captada pelo olho de Naomi. Sua amiga japonesa, Yukie, também era cristã, uma anomalia que por algum motivo era uma decepção para Naomi. Xintoísmo, confucionismo, taoismo, budismo, talvez. Tão mais interessantes. Que braceletes eles usariam, nesse

caso? A dra. Trinh continuou: “Mas ela não conseguiu ir além da política do homem, suas ligações nazistas, o antissemitismo. A gente discordava nesse ponto, que a política de uma pessoa pudesse anular o valor de sua filosofia. Ela não conseguia ver como uma separação dessas era possível. Uma atitude perfeitamente francesa, claro.”

Naomi fitou os olhos da médica, e seu sorriso ensimesmado com um sorriso seu próprio, mas sem a menor confiança de que podia disfarçar a evidência de sua espiral descendente imediata, ocasionada pelo intenso arrependimento de que iniciara uma conversa com outro ser humano, em carne e osso. Se estivesse diante de seu laptop, poderia ter pesquisado aqueles dois alemães, ter uma ideia do que tratavam, mas num contexto estritamente oral não fazia ideia sequer de como soletrar seus nomes, muito menos responder de forma inteligente à dra. Trinh. Uma coisa era brincar com Hervé, por mais brilhante que pudesse ser. Era Nathan que desfrutava de uma educação clássica, ou fosse lá como você chamava isso. Era ele o leitor de livros. Onde ele estava? Naomi lutava para manter a cabeça acima da linha-d'água com essa médica. Uma briga de rua era a única saída.

“Alguém fez uma autópsia no cérebro de Célestine para ver se ela tinha um tumor?”

“Baseado no diagnóstico de uma faxineira? Duvido.”

“A senhora está ciente do boletim de ocorrência dizendo que a cabeça decepada de Célestine foi aberta e que seu cérebro foi tirado por quem a matou? Por que acha que alguém faria uma coisa dessas?”

Um sorriso continuava brincando no rosto da dra. Trinh, mas não era mais o mesmo sorriso. Tornara-se um sorriso que dizia: “Eu percebi que você era minha inimiga assim que entrou aqui, e agora aí está a prova; fico feliz de ver como eu tinha razão.” A dra. Trinh se levantou e com uma força especial limpou mais alguns farelos da frente de sua roupa, dessa vez farelos muito sujos, gordurosos, feios, que haviam sido espalhados pela própria Naomi. O pequeno crucifixo de prata — o Vietnã fora convertido por missionários católicos franceses? — balançou na ponta de sua corrente como um homem recém-enforcado. E nem assim Naomi conseguiu se segurar. “Doutora Trinh, extraoficialmente, Célestine pediu à senhora para matá-la e depois comê-la? Talvez como uma espécie de sacramento feminino, por compaixão?”

A dra. Trinh saiu de trás da mesa pela primeira vez e foi até a porta. Abriu-a para Naomi sem dizer uma palavra. Naomi notou os sapatos da médica.

Eram saltos agulha com a correia no tornozelo parecendo um artigo de sadomasoquismo, muito severos na costura e no formato, mas chocantemente coloridos — vermelho, amarelo, azul, verde, preto —, como periquitos australianos raros. Ao sair do consultório, Naomi não pôde deixar de pensar que os sapatos da dra. Trinh eram de algum modo significativos.

O dr. Molnár mexera os pauzinhos para conseguir para ele a classe executiva de elite — o Duna Club Lounge! — em seu voo das linhas aéreas Malév para Amsterdã. Mesmo assim, Nathan se pegou perambulando com impaciência pela arquitetura genérica de aço e vidro do Terminal 2A no Ferihegy Airport. Ao contrário de Naomi, que se enterraria imediatamente em seu laptop no instante em que chegasse, Nathan considerava o tempo ocioso no aeroporto uma oportunidade para observação de pessoas; mas nesse dia, um dia de verão frio, chuvoso, cuja atmosfera deprimente parecia ter penetrado no aeroporto, a única pessoa que Nathan estava observando era Dunja, que passava continuamente numa tela em sua mente. Puxando sua mala de equipamento atrás de si como uma pequena charrete vermelha, Nathan a escutava dizendo as coisas terríveis, ultrajantes, em que ela dizia que não conseguia deixar de pensar, mas que nunca tivera ninguém para quem dizê-las até conhecer Nathan.

“O que vou fazer quando você me largar? Quem vai me querer?”

“Eu não sou tão especial. Se *eu* quero você... Você é linda. Vai ter quantos namorados quiser.”

“Tantas mulheres têm câncer hoje em dia. Você acha que uma nova estética pode surgir? Beleza cancerígena? Quer dizer, se um dia existiu a heroína chique, a estética do vício em drogas e do flerte com a morte? Será que mulheres sem câncer vão pedir para seus cirurgiões plásticos implantarem nódulos falsos debaixo do queixo e em volta do pescoço? Debaixo do braço? Na virilha? É tão sexy essa plenitude. E funciona tão bem como técnica antienvelhecimento, preencher aquele pescoço frouxo de peru. Quem não ia querer? E as joias, os pellets de titânio perfurando os seios. Tão sadomasoquista.” Dunja não parava de falar na cabeça de Nathan enquanto ele prosseguia com um diálogo interior paralelo com ela sobre saúde e evolução, sobre a teoria de que conceitos de beleza não eram apenas conceitos, mas percepções de indicadores de potencial reprodutivo e portanto de juventude, sobre genes egoístas usando nossos corpos como veículos apenas para se perpetuar, sobre como talvez nossos genes de câncer podiam começar também

a defender sua própria lógica em nome da imortalidade reprodutiva, e assim poriam pressão imensa na aceitação cultural de conceitos tabu anteriores de beleza, conceitos que costumavam indicar doença e proximidade da morte, mas agora hipnotizavam, seduziam e imitavam a juventude, a perfeição e a saúde, e assim sua pequena fantasia de uma cultura se formando em torno de sua própria situação aflitiva podia teoricamente... Não foi uma conversa que tiveram de fato, mas, se ele fosse Naomi, provavelmente estaria mandando mensagens de texto, e-mails ou mensagens instantâneas para Dunja nesse minuto, usando aquele fluxo de semiconsciência naomiesco que chovia sobre ele com tanta frequência nos quatro anos em que estiveram juntos.

Naomi nunca deixava ninguém em paz e usava aquela mistura única, potente, de tecnologia e bruxaria para esse fim, ao passo que Nathan ficava perfeitamente confortável em se desconectar, em remover você de sua lista de Amigos e deixá-lo vagando pelo éter do ciberespaço. Naomi achava que Nathan era cruel com seus amigos; Nathan achava Naomi compulsivamente, obsessivamente, possessiva. Mas e Dunja, o que era? A despeito do sexo e da intimidade, era o tema de um artigo, e as pessoas retratadas muitas vezes tentavam criar um vínculo com ele, às vezes se apegando com desespero doentio, pegajoso, àquele momento especial de suas vidas; não conseguiam aceitar que terminara, que o artigo sobre sua condição médica enigmática, provocativa, fora publicado, e que Nathan estava agora permanentemente fora de suas vidas. Os temas de Naomi em geral acabavam atrás das grades ou executados, e isso limitava eficientemente o refluxo, como Nathan dizia. Claro, Dunja certamente estaria morta dentro de poucos meses, e isso também seria bastante eficiente em limitar o refluxo.

A última conversa entre eles tivera lugar na horrível sala de recuperação da Clínica Molnár, depois de seus seios terem sido devidamente cortados e diversos pequenos tumores removidos sob a dura luz cirúrgica azulada que transformou sua carne em silicone e seu sangue numa pasta cor-de-rosa. Ele sentou na mesma cadeira de plástico, embora dessa vez ela estivesse na cama junto da porta e houvesse mais três outros pacientes se mexendo e gemendo dentro da sala.

“Você gostou de ver?”, ela perguntou. “Foi mais fácil, sabendo que eu tinha um público apreciando.”

“Molnár parecia confiante no sucesso. Dessa parte eu gostei”, disse Nathan.

Dunja riu. “Molnár só está se referindo à mecânica da remoção do tumor. O sucesso para ele é isso. Ele sabe que eu não vou durar muito, mas não considera realmente que isso seja problema dele.”

“Ia doer se você fosse mais positiva?”

“Ai, Nathan. Dói quando você fica sentimental e lugar-comum. Por que faz isso?”

“Não foi por querer.”

“Você conseguiu boas fotos? Estavam chocantes? Será que Molnár vai pendurar na parede para excitar os fregueses comendo gulache? O que você acha que eles vão pensar quando olharem para aquele prato com carne picada e molho? Vão ficar com água na boca ou outra coisa?”

“Certo, certo”, disse Nathan, ainda irritado, incapaz de sorrir. Se, por outro lado, ela se recuperasse, sobre o que iriam conversar? Seu sonho de voltar para a faculdade de arquitetura na Universidade de Ljubljana e construir casas de luxo nas margens do Sava com seu pai? Que tal isso, em termos de sentimental e lugar-comum? “Consegui umas fotos muito boas da sua cirurgia. Não tenho certeza se você vai gostar, mas posso mandar por e-mail, se quiser.”

Dunja segurou suas mãos e o puxou na direção da cama. Ele tentou arrastar a cadeira junto, mas era frágil demais, dobrou e entortou sob seu corpo até escorregar de seu traseiro; ele ficou meio agachado, numa postura de jóquei. Ela riu outra vez, ele deu um passo e se acomodou sobre o leito, a grade de metal abaixada machucava suas coxas, por mais que tentasse achar uma posição confortável. “Você ficou com tesão quando Zoltán cortou meus seios? Eu quase consegui convencê-lo a me aplicar só anestesia local, mas ele amarelou.” Nathan adorava o uso esporádico que Dunja fazia da gíria drogas & rock’n’roll dos anos 60 — *copped out*, foi como ela disse — e queria perguntar exatamente com quem aprendera inglês, mas o momento apropriado nunca aparecia.

“Dunja, eu não sou sádico. Não sou tarado por bondage nem nada disso. Fiquei super pra baixo vendo você naquela situação.” Dunja ficou quieta, imóvel. O que ele acabara de dizer, sua expressão de normalidade sexual, não era o que ela queria escutar; ele sabia que tomaria isso como rejeição. Ele falou de modo muito delicado, esquiando num gelo perigosamente fino. “Quando você se recuperar dessa, quando tiver sarado completamente, vai continuar sendo incrivelmente atraente para mim. Quero dizer que sua doença e o tratamento não são o que tornam você sexy e linda.”

As mãos grandes e elegantes de Dunja cobriram as de Nathan, apertaram-nas suavemente e as puxaram, sacudindo-as em câmera lenta, como que tentando discutir com ele por intermédio delas, na esperança de que argumentos tácitos viajassem por seus braços e chegassem ao seu coração. “Nathan, ai, Nathan. Você é mesmo um doce, um amor. Mas tenho marcadores nos meus genes dizendo que meu câncer estava destinado a fazer metástase; e ele fez, está por toda parte no meu corpo, nos meus nódulos linfáticos, você sentiu e acariciou, e sabe que é verdade. Não vou escapar dessa, não mesmo.”

“Mas Molnár me disse...”

“Molnár é um homem muito esquisito, excêntrico. Ele é um cirurgião, um mecânico. Não quer saber de coisas que não pode atacar com maquinário. Fiquei totalmente surpresa quando acordei e descobri que meus peitos continuavam ali. Eu tinha certeza de que ele ia ficar tão empolgado que acabaria cortando tudo. Fiquei quase decepcionada de ver meus seios, e ainda por cima parecendo só um pouco maltratados. Ele me indicou outra clínica, agora em Luxemburgo. Parece muito paliativa para mim, igual a Molnár, mas tenho um marcador no meu cérebro significando que estou destinada a ir para lá também, deixar que façam coisas comigo até eu estar morta.”

Nathan teve de se controlar para continuar fitando seus olhos indagativos; sentiu-se nesse momento muito emotivo e lugar-comum, e portanto ficou mudo. Ele podia realmente dizer alguma coisa sobre conceitos clássicos de arte, e portanto beleza, baseados em harmonia, por oposição a teorias modernas, revolução pós-industrial, pós-psicanálise, fundamentadas em doença e disfunção? Poderia argumentar a favor do novo eu enfermo dela como a forma mais vanguardista de beleza feminina? Não ousava, mas ela, sim.

“Enquanto eu ainda estiver viva, não terá me sobrado nada como arma de sedução, a não ser o cheiro da morte. Esse vai ser meu perfume letal. E quero ser o que seduziu você, entende? Porque esse é o meu futuro e não quero vivê-lo sozinha. Então pode acontecer de eu ligar para pedir conselhos sobre meu próximo namorado. Pode ser que eu queira que você o encoraje a ir fundo comigo e não ter medo. Ou quem sabe eu ligue uma noite e peça para você entrar no avião e vir ao meu encontro onde eu estiver, depois me estrangular enquanto me come por trás. Por que não? Por que desperdiçar a circunstância?” Dunja parou, seus olhos em nenhum momento deixaram de fazer aquela busca desesperada pelo olhar dele. Deu um sorriso bizarramente

bondoso, amoroso. “Você viria até mim, Nathan? Você viria até mim, se eu ligasse?”

Nathan se dirigiu às portas de vidro deslizantes do Malév Duna Club Lounge. Quando entrou, lembrou-se mais uma vez de Naomi dizendo: “Ai, é de matar”, quando ele se queixou de alguma coisa, no celular. Aproximando-se do balcão de check-in, pensou na ideia de estrangular Naomi enquanto a comia por trás. As mãos dela estavam amarradas às costas com o cinto atalhado do roupão do hotel. Suas mãos eram poderosas em volta do longo pescoço dela. O rosto se contorcia numa belíssima expressão de êxtase, a boca aberta, os olhos aterrorizados, e o Nathan da fantasia sabia que esse era o fim do sexo, que não poderia mais haver sexo depois desse sexo. No balcão, uma matrona extremamente sem graça e excessivamente uniformizada — o enjoativo lenço vermelho estampado com pequenas asas estilizadas e multicoloridas — explicou para Nathan por que o cartão xerocado de sócio e outros documentos obscuros que Molnár lhe dera não eram válidos, e que desse modo ela tinha de lhe negar a entrada na terra prometida do Duna Club Lounge. Quando se afastava do saguão especial, a mala de rodinha atrás, e ia em direção ao seu portão de embarque, Nathan não conseguiu deixar de se maravilhar com a molnáresca perfeição daquilo tudo.

O Charles de Gaulle passava por extensa reforma. Depois de caminhar por léguas de esteiras rolantes inativas, Naomi teve de carregar sua mala por dois lanços de escada — o pequeno elevador de vidro era *absolument* para o uso de pessoas com deficiência — até uma plataforma com uma porção de cadeiras de cafeteria (mas nenhuma mesa) aleatoriamente espalhadas, servidas por uma máquina de bebidas imensa, solitária, torta, depois por mais uma escada que a levou a uma densa aglomeração de passageiros entorpecidos esperando em um corredor sem lugar para sentar a uma certa distância de um portão sem lugar para sentar. O horror da visão foi exacerbado pela quase impossibilidade de pegar seu laptop e abri-lo sem acertar a cabeça de alguém. Naomi tirou o BlackBerry Q10 do bolso lateral da mala. Ela o preferia ao iPhone de Nathan em qualquer contexto texto-intensivo, como aqueles em que em geral se via envolvida; precisava de botões reais, físicos (é impossível digitar num iPhone se você tem unhas dignas do nome), e andava apavorada com o possível colapso

iminente do império BlackBerry. Essa era a vida sempre por um fio do consumidor ardoroso de tecnologia.

Enquanto ligava o Q10, lembrou com uma pontada aguda de adrenalina que deixara o broche do Crillon na mesa da dra. Trinh, tão agitada ficara ao sair do consultório. Isso era particularmente irritante porque todo um dia e meio em Paris depois disso fora estragado — um estranho gosto metálico em sua boca e uma distorção geral das cores, como uma aura de enxaqueca — pelo fiasco com a dra. Trinh. Não apenas não conseguira nada útil com a médica de Célestine, como também inesperadamente topara com os limites de seu intelecto, ou pelo menos de sua instrução, e sentia-se machucada pela colisão.

Ou ela estava se subestimando? O broche do Crillon, por exemplo. Podia imaginar a dra. Trinh pegando-o em cima de sua mesa, decorada com antigas pinças cirúrgicas norte-vietnamitas de prata, e enviando para análise em seu laboratório de contraespionagem favorito. Mas era uma desculpa perfeita para um posterior contato com a médica, se Naomi conseguisse conceber uma tática mais eficiente para lidar com ela. Podia mandar Hervé pegá-lo, instruído com inocentes perguntas de *enfant terrible* que, vindas dele, a médica sentiria segurança de responder. Até que ponto podia confiar em Hervé para ser seu colaborador? Como que em resposta a essa pergunta, seu Q10 começou a piscar a luz de aviso de e-mail. Era o próprio.

“Você não conseguiu uma matéria muito boa com a doutora Trinh”, escreveu. “Ela me contatou bem rápido e me informou que eu deveria manter distância de você porque você obviamente queria prejudicar a memória de nossa querida Célestine. Disse também que achou que você não era muito inteligente, ou talvez fosse apenas por ser americana, ela não tem certeza, e que usou táticas de choque que a lembraram das polícias militares americanas no Vietnã. Perguntei a ela se posaria nua para mim, para meu livro, aquele de cuja ideia você gostou. Ela disse que a cultura dela a proíbe de fazer isso. Tivemos uma agradável discussão sobre assimilação cultural e a sensualidade do Oriente. Acho que ela não vai colaborar.”

Os polegares de Naomi começaram a voar. “Fico muito decepcionada de saber sobre a reação da médica comigo. Ela falou mesmo sobre a Guerra do Vietnã?”

“Há, há, peguei você. Não, eu inventei. Mas ela disse que não confiava em você e que você deixou de propósito um broche ou qualquer coisa no escritório

dela como uma espécie de marcador simbólico da sua presença. Sabe do que ela está falando?”

“Você realmente perguntou se ela posaria nua para o seu livro?”

“Perguntei. É tudo verdade.”

“Isso quer dizer que ela era amante de Célestine?”

“Era. Uma vez eu estive na cama com as duas. Um dia eu conto sobre isso. Foi interessante. Fiquei pensando em Karl Marx.”

“Existia alguém na vida de casado dos Arosteguy com quem eles não...”

O corredor, que era forrado de vidro, ficara insuportavelmente quente quando o sol começou a bater, e o constante acotovelamento irritado de passageiros através da multidão que esperava para tentar chegar até sua bagagem ou algum outro voo alcançava o nível da hostilidade generalizada. Alguém tropeçou na mala de Naomi e lhe deu uma ombrada tão forte que ela pôde sentir a densidade de osso e músculo do agressor — pareceu intencional, um castigo, e Naomi ficou perplexa —, levando-a a apertar sem querer o botão de ENVIAR em seu aparelho. Agora outras pessoas começavam a se enfiar para passar no vão que Naomi deixara ao dar um passo adiante com o empurrão, e ela foi separada de sua mala de equipamento. Girou no lugar de modo a confrontar a onda de pessoas e deu um jeito de voltar até a mala. Virada nessa direção, avistou a loja de uma cadeia de eletrônicos do aeroporto e, com a mala a salvo na mão, marchou em direção ao oásis do quiosque.

No canto do quarto, entre o minibar e o móvel da tevê, estavam dois conjuntos de bagagem ainda por abrir: duas malas de equipamento fotográfico, duas mochilas, duas pequenas malas pretas Cruisair Spinner de quatro rodas da Samsonite, com acabamento em imitação de fibra de carbono (Naomi e Nathan sonhavam com Rimowa Topas, as malas sexy alemãs de alumínio canelado, mas essas por enquanto não eram para seus bicos). Não era tanto que tivessem o mesmo gosto na questão do equipamento, mas antes que colaboravam em seu consumismo mútuo; era uma dialética consumista que levava ao mesmo bem. Isso é o que ela estava pensando na parte livre de sua mente enquanto chupava o pau de Nathan — tão deliciosamente, tediosamente, não muito curvado, não um órgão mutante, de modo algum, mas um clássico e moderno pênis circuncidado — no quarto 511 do hotel Hilton Amsterdam Airport Schiphol. E ela ficou surpresa em se pegar

pensando em termos marxistas, pois até aquele momento no quiosque de eletrônicos, onde encontrara três livros dos Arosteguy — edições americanas vagabundas e produzidas às pressas para pegar carona no embalo do escândalo canibalesco-filosófico —, mal ouvira falar em Karl Marx ou *Das Kapital*. E contudo aqueles livros, pequenos, com tipologia grande e convidativa, tão fáceis de ler, como manuais do proprietário para partes ainda não descobertas do cérebro, fizeram-na sentir como se tivesse nascido uma economista marxista. Não que o marxismo fosse o assunto dos livros, mas o léxico marxista de algum modo sustentava o entendimento evidentemente profundo que os Arosteguy tinham do consumismo contemporâneo — e da própria Naomi, como veio a descobrir.

A falta de um voo direto disponível, que teria sido um curto trajeto de pouco mais de uma hora de Paris a Amsterdã, significou uma provação de sete horas envolvendo a parada em Frankfurt. Mas o tempo evaporou de uma maneira esquisita, porque em vez de vagar pelas lojas com produtos high-tech-aleatórios naquele aço inoxidável de cozinha comercial do aeroporto, passatempo entremeado com intensas sondagens dos melhores pontos para wi-fi, Naomi se viu acomodada numa espreguiçadeira perto de seu portão, imersa no profundo mar interior dos Arosteguy — um mar quente, nutrindo um recife de coral habitado pelas criaturas mais bizarras e envolventes —, continuando um mergulho que começara no voo de Paris. No ponto em que subira à tona para respirar, estava transformada numa arosteguyana trêmula e tontamente apaixonada.

E agora aqueles três livros — *Dinheiro de ficção científica*, *Consumismo apocalíptico: manual do usuário* e *Mão de obra ensanguentada: Marx e o horror* — estavam inocentemente sobre a mesa brilhante junto à janela quando Nathan inesperadamente, e de certo modo antidesportivamente, gozava na boca de Naomi, fleumático e amargo. Foram seus seios que provocaram isso, ou, antes, todos os quatro seios — dois de Naomi, dois de Dunja, sobrepostos entre si, a imagem fermentada no cérebro de Nathan e transferida num download por seu pênis para a boca quente, distraída, de Naomi. Ou assim pareceu a Nathan, absorvendo o jet lag e a distração de Naomi como se fossem dele, e confundindo os seios dela, que balançavam lindamente conforme o chupava, com os seios maiores, mutilados, de Dunja, e até certo ponto acrescentando as inchadas glândulas sob a axila de Dunja — seis seios? — ao

mix. Ele estava com os braços atrás da cabeça e nem tocara nos seios de Naomi. Foi a distância que tornou possíveis as alucinógenas camadas de seios e impediu seu costumeiro controle do gozo. Ou será que nem tentara exercer esse controle? Seria ele como um cachorrinho punindo sua dona por demorar demais para chegar em casa e deixá-lo trancado na cozinha? Naomi nunca engolia, a menos que estivesse muito bêbada. Naturalmente, racionalizava isso. Era mais pornográfico apenas deixar que o esperma pingasse de sua boca, deixar que formasse uma ponte perolada entre o pênis e os pelos pubianos. Ela fazia isso agora, não exatamente chocada, mas talvez perplexa por ele ter traído a rotina dos dois, que era decidirem antes que sua boca o chupasse se isso era uma preliminar ou se seria tudo, por enquanto. Naomi não gostava de surpresas sexuais. Estava sempre disposta a brincar, mas queria estrutura.

E assim foi uma surpresa para Nathan, então, que Naomi, distraidamente limpando os lábios com o dorso da mão, dissesse: “O que você acha de Marx e o crime, Than?” Nenhuma reprimenda sexual, e a reversão ao infantilizado-diminutivo que usava para ele, Than, sugerindo um estado de espírito assexuado, de criança chupando o dedo.

“Bom, não tenho certeza, Omi. É um assunto e tanto, eu acho. Você andou mergulhando fundo nisso? Marx? É sua primeira vez, não é?”

Naomi rolou de costas, achatada pela enormidade. O teto era um redemoinho de reboco manchado. Combinava com seu estado mental. “Andei mergulhando fundo nos Arosteguy.”

“Eles são marxistas?”

“Andei lendo os livros deles. Percebi que não tenho cultura. É intimidador e deprimente. Dói minha cabeça. Preciso da internet para ler os livros. E é revigorante. Não tenho certeza do que eles são. Eram. Ela está bem morta. E desmembrada.” Naomi cruzou os braços sobre os olhos, evitando o teto opressivo. “Omi, Than.” Nathan começou a superficial limpeza de seu pênis com um canto menos visível dos lençóis, hábito que Naomi se forçara a decidir que era encantador. Seria isso uma declaração passiva-agressiva? Ele deixava de fazer isso quando ela engolia? Ela não conseguiu se lembrar.

“Esses somos nós”, ele disse. “Omi Than. Parece nome de ginecologista vietnamita.”

Naomi sacudiu a cabeça sob os braços. “Muito estranho você dizer isso. Muito estranho.”

“Por que...”

“Porque tem *mesmo* uma ginecologista vietnamita na minha vida. Ou quase.” Naomi descruzou os braços do rosto e rolou de lado para encarar Nathan, os lábios ainda pegajosos. “A médica de Célestine. A doutora Phan Trinh. Ela definitivamente tinha um conhecimento íntimo da vagina de sua paciente.”

“E uma marxista? Uma criminosa?”

“A doutora Trinh? Não, eu estava pensando em Aristide quando falei isso.”

“Um marxista e criminoso?”

Naomi saiu rolando de seu lado da cama e se acorcorou junto à mala. Deixou pingar algumas gotas de fluido lento e viscoso no carpete enquanto abria o zíper e vasculhava o conteúdo. “Eu estava pensando mais um marxista e, *logo*, um criminoso. Quer dizer, o jeito que ele — eles — escrevia me deixou louca, me fez sentir inteligente e profunda, e você sabe como isso é sedutor para mim, você mesmo usou para me levar para a cama da primeira vez.” E agora ela subia de volta na cama, um iPhone 5s branco e prata em sua mão. “Deixa eu tirar uma foto sua limpando o pau.”

Nathan olhou para ela sem acreditar. “Você tem uma mala cheia do equipamento mais high-tech que juntou no mundo todo e quer registrar minha masculinidade com um celular? E desde quando você tem um iPhone?”

“Desde o Charles de Gaulle. É um desdobramento natural do meu desejo por descorporificação, tão bem documentado por você. Quero me livrar da mala de rodinha e viajar só com isso, essa ferramenta. Ele faz vídeo em HD também. E você pode editar no seu celular, enquanto está no avião. Foco no *touch*. Flash duplo de LED. Sensor de digital. Macro grande. Olha.” E ela se abaixou a centímetros da cabeça de seu pau e começou a clicar, o aparelho fazendo um som de obturador absolutamente delicioso, lembrando Nathan da ave-lira australiana, que reproduz os sons de obturador dos paparazzi da selva para seduzir uma parceira. Ou seria uma coisa mais sinistra? Seria o iPhone um organismo proteico e maligno, um celular-tronco, zombando daqueles que tinham câmeras com obturadores físicos, reais, cujo som não era possível desligar? Prometendo substituir todos os demais dispositivos do planeta com seu eu mutável — controles de garagem, temporizadores de painel solar, controles remotos de tevê, chaves de carro, afinadores de guitarra, aparelhos GPS, fotômetros, réguas de nível, o que mais? “E agora *mit Blitzlicht*.” Os LEDs instalados no fundo de vidro do celular revelaram a ponta de seu pau

com 5.400 graus Kelvin de luz do dia azul e fria. Ele achou que dava para senti-lo. Ela levou o celular para perto do rosto. “Dá para ver como o flash se autorregula para a macro. A exposição perfeita, combinando com a temperatura da cor ambiente, sem estourar seu pau.” Virou o visor de volta para seu rosto, e, em seguida, impelida por sua intensidade implacável, beijou a imagem. Seus lábios deixaram marcas de sêmen na tela. O cúmulo do fetichismo de bem de consumo.

Nathan rolou sobre ela e olhou a foto por cima de seu ombro. Pensou por uma fração de segundo naquela foto dos lagartos em Galápagos se acasalando numa pedra banhada pelo sol. Naomi foi e voltou rolando as imagens com o dedo indicador, a unha estranhamente sem bater no visor, selecionando de uma variedade com e sem flash, macro e micro, uma dezena delas em chocante rapidez, alguns enquadramentos *mit* escroto, também.

“Isso está me deixando bem nervoso, Omi. Nervosismo do tipo existencialista.”

Ela começou a editar as fotos em um gracioso aplicativo retrô, fazendo seu pau parecer que tinha sido fotografado com uma Instamatic, nos anos 60, e depois com uma Polaroid, nos 80. “Você fala difícil, Nathan. Mas o que quer dizer? Está tudo ótimo. Vou devolver pra você sua preciosa macro adorada. Não vou precisar mais.”

“Essas são as palavras mais assustadoras que já ouvi você pronunciar.” Ele enterrou a cabeça em sua nuca sob os cabelos, se escondendo de um jeito patético e desesperado. Falou de dentro da pungente curvatura de seu pescoço. “Vou querer de volta meu precioso pau adorado. Você não vai precisar mais dele.”

Naomi jogou seu celular num travesseiro e girou o corpo sob ele até ficarem de barriga um para o outro. Ele pensou por uma fração de segundo naqueles filmes franceses dos anos 50 com jovens em Saint-Tropez transando na praia. “Você está muito ansioso. Não precisa ficar ansioso.”

“Agora há pouco, você falou uma coisa em alemão. Desde quando?”

“Os Arosteguy. Andei lendo.”

“Por que não francês?”

“Marx era alemão. *Das Kapital*. Eles citam. Eles traduzem.”

“Marx falava em *Blitzlicht*? Ele entendia de foto com flash?”

“Ele jogava em todas as posições. Um pensador lateral.”

“Marx, então. O cara que forçou seu cara francês a matar e comer a esposa.”

“Forçou talvez não. Induziu. Inspirou. Essa é a leitura que eu faço.”

“Esse é outro negócio. Você não lê. Não livros.” Naomi tentou se desvencilhar, mas ele largou todo o peso do corpo em cima dela e ficou tão pesado quanto uma iguana. Ela tinha de respirar quando ele respirava. “Cadê seu BlackBerry?”

“Estou sufocando.”

“Eu também. Cadê?”

Naomi segurou o cabelo dele, puxou sua cabeça para trás e ele saiu. “Porque — e eu vou responder antes que você me pergunte —, porque você largou seu fiel BlackBerry, seu velho amigo e amante, aquele que não tinha problema de usar com unha comprida, você o abandonou, agora que tem um novo brinquedo exótico pra se divertir.” Nathan agarrou a mão esquerda de Naomi e a forçou a abrir os dedos, sentindo as pontas de suas unhas. “É, pode crer, e você cortou as unhas pela primeira vez desde que a gente se conhece, e não venha me dizer que é por causa do *Último tango em Schiphol*. O motivo é o sexo touchscreen no iPhone.” Ele largou sua mão e ela a ocultou de modo protetor sob o quadril. “E eu sei que estava falando sério sobre a síndrome de abstinência de Nikon, também. A Nikon, esse era nosso lance consumista provocador, nada de Sony ou Canon, nossa insígnia de profissionalismo, nosso *sex tech* a dois. Então agora você está nessa de modismo de iPhone e todo esse negócio descolado de rolagem de obturador e Jello-cam de oito megapixels e flash sem rebatimento. E você vai me largar, vai viajar pra Tóquio e ter um caso com o tal do filósofo greco-francês, que depois vai matar você e comer seus peitos. E fotografar seu cadáver com seu iPhone.”

“Isso foi realmente uma coisa horrível de dizer, toda essa merda. Uau.” Naomi o chutou com os dois pés de uma vez, como um gato de costas. “Essa foi provavelmente a coisa mais maldosa que você já fez comigo.” Ela pulou da cama, pegou o iPhone no travesseiro e começou a deletar as fotos do pau de Nathan, uma por uma, com violentos movimentos de unha dirigidos ao ícone da lixeira, enquanto cantarolava: “Pênis do Nathan: deletar, deletar, deletar...”

Mas é claro que um pênis não é tão fácil de deletar, e não demorou muito para que Nathan estivesse alegremente dentro de Naomi. Nathan achara graça da

primeira vez que notara — no que mais tarde pensou como “sexo temático”. Foi atordoante e onírico, como uma sala de sexo em Las Vegas (ou pelo menos como ele imaginava essa coisa quimérica), e lhe viera depois de assistir ao *Grande motim*, com Marlon Brando, e sua parceira sexual era Sheila Dahms, que era escura de olhos e cabelos na medida certa para figurar na sala de sexo recreativo de temática taitiana, os tambores, as ondas, as coxas cobertas de capim e os peitos almiscarados. Ele se sentia debaixo d’água com ela, estava muito quente e úmido, e havia uma brisa, os tambores, o primeiro suspiro do Oriente em seu traseiro nu... E na sequência, depois que ela ficara de pé e fora ao banheiro para um xixi e uma ducha higiênica, como faziam na época, voltou luminosa e disse: por um segundo ali achei que você fosse Brando, e você ainda estava usando aqueles culotes brancos e sapatos de fivelas, e a gente estava debaixo d’água. Nunca era desse jeito com Naomi. Ela não parecia fazer sexo temático, nunca. Admitia sexo distraído, pensando em discussões que tivera com sua mãe ou sua irmã, até mesmo avançando num crescendo de raiva e intensidade ao ponto do orgasmo. Nathan não conseguia imaginar que uma coisa dessas pudesse ser verdade, mas ela jurava que era. Será que estaria encobrindo sua própria versão de sexo temático? Talvez fosse sexo fantasia/celebridade e estivesse trepando com algum roqueiro prepubescente, macho ou fêmea, e não quisesse dar o braço a torcer. De vez em quando ela entrava no jogo e tentava descobrir seu tema do momento, mas na maior parte das vezes ele parou de mencionar, guardando para si, mantendo em segredo, do jeito como ela achava que algumas coisas suas eram particulares demais, embora ele odiasse isso, quisesse violentar cada parte sua, manchá-las com coisas sujas e torná-las uma parte também dele. E dessa vez, é claro, já que o tema era Dunja, Dunja e cirurgia e mutilação sexual, ele não ia brincar de sexo temático, sobretudo porque o jogo de duplê o deixara de fato perturbado, tão específico fora. Ele se tornou o cirurgião húngaro, inserindo os pellets radioativos com a boca nos peitos de Naomi, segurando-os entre os dentes e os empurrando carinhosamente com o nariz para dentro da carne. E então eles se tornaram os seios de Dunja, e Naomi se tornou um amálgama de Naomi e Dunja e alguma outra pessoa — seria Sheila, estaria ela fazendo sua tentativa de volta do passado distante? —, e ele se tornou Arosteguy, aterrorizando a si próprio, sua concepção do homem filtrada por Naomi, internet e aquelas fotos que encontrara com o *safe search* desligado, fotos que você não ia achar nada

bonito ver, porque colavam no lado de dentro do seu crânio. E aquele site poundofflesh.com, dedicado ao ato de comer seios. Nathan/Arosteguy comeu seus seios direto do tórax, arrancou-os com os dentes, e então gozou outra vez com tamanha voluptuosidade que ficou aterrorizado.

Naomi o empurrou. “Que porra foi essa? Você me mordeu!” Ela levou a mão ao seio esquerdo, procurando marcas do lado inferior. “Caralho, não acredito.”

“Não era eu. Era Arosteguy.” Naomi deu de ombros, repudiando. “Sexo temático. Sei que você acha que não existe.”

“Não existe pra mim. Não tenho fantasias sexuais.”

“Sexo temático não é exatamente uma fantasia...”

Logo Nathan tinha a D300s dela em suas mãos e estava batendo uma série de fotos posadas. Ela continuava nua, mas ele embrulhara os lençóis na altura de seus joelhos de modo que só as coxas fossem visíveis. “Ok, então, consegue adivinhar?”, disse Nathan, oculto atrás da câmera. “Estou tentando vender minha ideia para o editor e você é um dos temas que quero trabalhar. Sobre o que é o meu artigo?”

“Hum. Você cobriu minhas pernas com um lençol.”

“Não foi só cobrir.”

“Você... escondeu.”

“Não foi só esconder.” Nathan clicou ruidosamente algumas vezes, pontuando a conversa.

Os olhos de Naomi se arregalaram num gesto de compreensão. “Você amputou as pernas.”

“Ah”, disse Nathan.

Naomi se encolheu um pouco, então reajustou o lençol. “É aquela em que as pessoas querem amputar partes do corpo só porque acham que não é da forma que gostariam que fosse?”

“Elas viajam pelo mundo procurando um médico que corte fora um braço ou perna perfeitamente sadio. Um braço e uma perna.”

“Ou então fazem isso elas mesmas com uma motosserra e uma escopeta. Isso. Como chama?”

“Apotemnofilia.”

“Isso. Dismorfofobia, para os íntimos.”

“Amputação terapêutica.”

“Síndrome da distorção da imagem, com um toque de bioética. Parece saboroso.”

“Falando em ética”, disse Nathan, aproximando-se bem com a câmera, “acho que talvez eu esteja sentindo uma pontinha de acrotomofilia. O que devo fazer a respeito?”.

“Hum”, disse Naomi, um pouco desconfortável, “eu tenho a parte da filia”.

“Uma atração sexual por amputados.” Nathan roçou o rosto em suas coxas.

Naomi tirou o lençol e sentou. “Acho que você conseguiu me assustar.” Esticou a mão. “Me devolve a câmera.”

“Droga.”

“Eu não faço matéria de medicina. Você faz, lembra? Minha área é crime. Menos violento.”

“Às vezes é difícil separar uma coisa da outra. Mas achei que você tinha dado a câmera para mim. Você ia trabalhar só com o iPhone, lembra? Uma câmera reserva até que me caía bem.”

Naomi estalou os dedos da mão esticada e Nathan devolveu a câmera. Ela começou na mesma hora a deletar as fotos.

“Acho que você acaba de rejeitar minha sugestão para um artigo, e *isso* é um crime”, disse Nathan.

Naomi saiu da cama e começou a guardar a Nikon de volta na mala, com alguma irritação. Falou para a parede, de costas para ele. “Ei, não era para você ir para Genebra para a... como é? Conferência Mundial de Mutilação Genital? Francamente, acho que isso é mais interessante do que o negócio da amputação. Teve tanto artigo sobre esse assunto durante um tempo, depois caiu no esquecimento. É uma coisa interessante sobre as doenças, como entram e saem de moda. Agora, a política sobre mutilação genital, isso sempre é quente.”

“Obrigado pelo encorajamento. Eu estava pensando que meu artigo sobre apotemnofilia se encaixaria exatamente nessa meditação. Mas deixa pra lá. O artigo de mutilação em Genebra foi derrubado. Não, vou ficar aqui neste hotel e terminar o negócio húngaro, só para o caso de ter alguma coisa na Europa que eu deixei passar e precisar ir atrás. Mandeí um e-mail para meu agente, implorando na maior cara de pau para me conseguir a *New Yorker* —”

“Continua a ser Lance, não é?”

“O mesmo Lance de sempre. Então quem sabe eu simplesmente volte para Nova York. Onde você não vai estar.”

“Eu odeio essa parte.”

“A parte da *New Yorker*?”

“A parte em que a gente se despede”, disse Naomi, sentando agora no chão e mexendo em seu iPhone, ainda sem olhar para ele.

Nathan ficou de pé e se apoiou no peitoril da janela. “E você vai me deixar sozinho em mais um quarto de hotel”, disse.

Naomi ergueu o rosto e se encolheu, quase surpresa de vê-lo, como se tivesse acabado de avistar um pássaro exótico na janela. Usando a opção de High Dynamic Range, bateu uma foto sem flash e compensando a luz de fundo, com o celular. “Eu deixo você desolado e sozinho. E volto para Paris.”

Nathan estava terminando sua refeição solitária trazida pelo serviço de quarto. Em um site chamado medicalscandals.com havia uma página dedicada ao dr. Zoltán Molnár. Seu iPhone vibrou e ele atendeu. “Alô, aqui é o Nathan.”

Uma voz feminina muito baixa: “Nathan?”

“Isso.”

“Sou eu. Dunja.”

“Dunja? Onde você está?”

“Estou em casa, sabe? Em algum lugar da Eslovênia.”

“Sei.” Pausa desconfortável. O tom de voz dela o deixou incomodado. “Tudo bem com você?” Dunja inspirou erráticamente, sugerindo a Nathan que estivera chorando pouco antes de ligar para ele. “Nathan, acho que passei uma doença para você. Desculpe.”

“Uma doença? Você quer dizer, literalmente?”

“Roiphe, Nathan. Mal de Roiphe. O doutor Molnár acabou de ligar para me contar. Apareceu por acidente em alguns exames...” A voz sumida parou aí, suspensão, sem peso.

Quase sem pensar, ou antes exatamente como um pensamento envolvendo memória e informação, Nathan começou a pesquisar mal de Roiphe e segundos depois despejava dados na conversa. Os dedos voando e teclando.

“Roiphe?”, disse Nathan, o raciocínio emprestado da internet matizando seu tom de voz. “Ninguém tem Roiphe desde 1968.”

O tom de voz de Dunja veio matizado com uma lógica inatacável. “Passei por imunossupressão durante muito tempo, e peguei a doença. E agora você também, eu acho. Provavelmente.”

“A doença sobreviveu a toda aquela radiação?”

“Radiação não é tratamento para a Roiphe.”

“Não”, disse Nathan, “estou vendo”.

“Você... está vendo? No seu computador? Na internet?”

Uma foto do dr. Barry Roiphe, na capa da revista *Time*, maio de 1968. Um homem espigado, desajeitado, tímido, um Jimmy Stewart de óculos. A legenda, em amarelo berrante, dizia: “Dr. Barry Roiphe: sexo e doença.” Dunja começou a chorar, soluços imensos, aquosos, globulares. Por um instante, Nathan achou que o choro viesse do próprio dr. Roiphe, seu sorriso acanhado, torto, agora se transformando num ricto de tristeza e vergonha.

“Gostaria de saber o que aconteceu com ele?”, disse Nathan.

“Quem?”, disse Dunja, entre fungadas.

“Roiphe. O doutor Barry Roiphe.”

Nathan estava urinando, e doía. Conversou com a dor: “Ai, porra, ai, merda, isso dói pra caralho! Barry, Barry, o que foi que eu fiz pra você?” O xixi afinou até parar de forma indecisa, depois pingou morosamente. Nathan balançou o pênis com raiva e esticou o braço para pegar o nécessaire de coisas de barbear. Tirou uma grande lente de aumento rodeada de LEDs acionados a pilha, virou para a pia, acendeu os LEDs, apoiou o pênis na beirada da pia e examinou a glândula. A palavra *supurando* lhe veio à mente. “Merda”, disse Nathan. “Merda, merda, merda!”

De volta ao saguão do aeroporto Schiphol, deprimido, ficou sentado com seu laptop fechado enquanto outros olhavam para os seus com intensidade profissional. Não terminara seu artigo húngaro, a matéria eslovena, de Dunja. O quarto de hotel começara a parecer uma ala hospitalar, uma área de quarentena para um desastre infeccioso. Seu celular emitiu o chilreio de rá anunciando Naomi. Ele teria de considerar a possibilidade de mudar o toque. Esse negócio da rá ameaçada de extinção. Sinistro, simbólico, nada bom. O dedo deslizou na resposta. “Alô, oi. É o Nathan.”

“Estou ouvindo um aeroporto. Você está no aeroporto?”

“Estou. Cheguei meio cedo. Você está em casa?”

“Bom, estou no Crillon. Não é exatamente minha casa. Mas é confortável.”

“Aposto que é. Você parece nervosa.”

No laptop de Naomi havia um conjunto de diversas fotos horríveis em preto e branco, sob o título “Imagens da cena do crime de Arosteguy”. As fotos mostravam o torso de Célestine Arosteguy, em que faltavam diversas partes: um seio, meia nádega, a área macia sob o umbigo. Lesões do tamanho de mordidas por toda parte. “Voltei para o meu quarto, estou sozinha e estou pirando.”

Nathan ficou surpreso em ouvir Naomi se referir ao fato de que estava sozinha, algo que nunca fazia; com mídia social, net, celular, câmera, gravador, parecia nunca se sentir sozinha. “Sério? Por quê?”

“Ah, as fotos da cena do crime de Célestine Arosteguy. São horríveis. Como o cara teve coragem de fazer isso? Não consigo acreditar. Ele é uma figura tão cativante, mas... sei lá. Talvez. Deus. Estou mandando o endereço pra você.”

“Talvez seja melhor não”, disse Nathan. Uma africana estava em volta dele, recolhendo garrafas, copos, latas e jornais em seu carrinho. Ela pegou o cappuccino de Nathan antes que ele tivesse terminado. “Não estou no clima.”

Naomi se levantou da cadeira junto da mesa e se enrodilhou na cama. Entrou sob o edredom de roupa e tudo, incluindo sapatos. “Preciso do seu conselho, Than. Você tem que ver esse negócio. Não posso ficar com isso na cabeça sozinha. Ele comeu pedaços dela. Quer dizer, eu sabia disso, mas agora estou vendo.”

Nathan abriu seu Air, a terceira geração do MacBook, sem entrada para cartão de memória. Ele na verdade herdara de Naomi. Ela afirmara que precisava de cartão de memória. Precisava para fotos, principalmente agora que os cartões tinham se tornado uma coisa onipresente, mesmo em câmeras profissionais. Ele não conseguia criar coragem de ligar a máquina. “Será que essa solidão esmagadora que estou sentindo é só por sua causa, ou é na realidade uma coisa mais funda, a desagradável tensão metálica da ansiedade existencial?”

“Isso é o aeroporto falando por você.”

“Pode ser.”

“Bom, é nesse estado de espírito que estou, benzinho. Não tente fugir. Sinta.”

“Estou sentindo.”

“Logo, logo você vai estar de volta ao nosso apartamento e vou me sentir confortável de novo”, disse Naomi.

Nathan começou a perceber os olhares dos demais viajantes no saguão pestanejando em sua direção. Por que estariam escutando? “Não vou voltar já para Nova York. Tenho um desvio para fazer em Toronto. Sabe, Canadá.”

Sob a coberta, Naomi sentiu uma pontada de... poderia ser ansiedade da separação? Seu ninho não estava suficientemente ocupado. Ela saiu da cama e começou a juntar aparelhos eletrônicos, enchendo o edredom à medida que os tirava. “Mas você ainda não está no avião. Como podem ter deslocado você?”

“Eu mesmo me desloquei. Depois eu mando um e-mail com o endereço e tudo.”

Naomi voltou a se enfiar sob a coberta, o ninho uma vez reconstruído, fortalezas, fossos, pontes levadiças. “O que está rolando? Toronto? O que foi, Hospital Sunnybrook?”

A voz de Nathan desceu um tom. A paranoia aumentava em seu cérebro como uma placa de Alzheimer, como sempre acontecia quando ele sentia o estremecimento de uma grande ideia para uma matéria. “Você lembra do mal de Roiphe?”

“Ah, claro. O negócio que matou Wayne Pardeau. Mas a doença não existe mais, não é? Extinguiram. Só umas amostras sobrando nos contêineres de aço inoxidável. Depois disso, *pas grand-chose*, pelo que me lembro.”

“Em si, como doença, *pas grand-chose*, não mesmo. Mas extinta, isso também não.”

“Você pensou em algum ângulo brilhante para abordar essa história?”

A inspirada ríspida, involuntária, de Nathan passou batida. “Vamos dizer atraente. Tenho um ângulo atraente para a matéria.”

A essa altura Naomi estava nas mesmas páginas que Nathan estivera — com o Air, não com o MacBook Pro antigo, no momento — e olhava para a casa de Roiphe em Toronto, no Google Street View. Uma McMansão pretensiosa de construção recente, o pior tipo de pastiche kitsch vitoriano. Ah, bom. O que você esperava? Um velho médico judeu canadense com grana.

Mas a rua arborizada era agradável. “Roiphe está lá, não está? Em Toronto. Você vai se encontrar com ele.”

Nathan escutara o ruído do teclado de Naomi, mas impelido pela culpa inexprimível quis cumprimentá-la. “Ei, muito bom para alguém que não mexe com pesquisa médica. Tenta isso. Você sabe o nome de Roiphe?”

“A gente está jogando Dedos Furiosos ou pensando juntos?” Dedos Furiosos era o código deles para superação cérebro/memória no Google Search.

“Tarde demais para esse lance do nome, eu acho.”

“Estou olhando para o rosto de Barry bem agora”, disse Naomi. “Um Jimmy Stewart rabínico, mais ou menos. Na linha da sinagoga Holy Blossom Temple do meu passado em Toronto. Você sabe o nome do Alzheimer? Sem consultar.”

“Claro: Alois. Mas você sabia que o assistente do Alzheimer por acaso era o Creutzfeldt, da doença de Creutzfeldt-Jakob? Sabe, a doença da vaca louca? Quase a mesma coisa.”

“Esqueci o que você faz.”

Nathan, começando a pôr as engrenagens para funcionar — e era ao articular as coisas para Naomi que as engrenagens de fato entravam em ação, parte da intimidade entre eles, embora lhe ocorresse que a coisa não funcionava realmente nas duas direções —, abaixou ainda mais perto do carpete do saguão, seu celular quase no nível do chão. Não queria ninguém lendo seus lábios. “O que acontece se esse cara, Barry Roiphe, o cara que deu o nome à doença, o que acontece se ele for sortudo e descobrir outra doença importante? Será que vão chamar de Roiphe 2?”

“Isso ia ser sorte?” Naomi estava longe, os dedos da mão esquerda manuseando o iPad, a mão direita no Air, ambas navegando pela internet e rolando mensagens de texto interessantes no iPhone. A mais interessante delas: “Saudações de Tóquio, Naomi. Aqui está o endereço de e-mail que você queria: hmatsuda@j.u-tokyo.ac.jp. Vamos nos falar em breve.” O avatar na bolha da mensagem era uma foto de verdade de uma jovem japonesa de aparência agradável, emoldurada como se fosse uma pintura; uma pequena placa de metal em 3D, na parte de baixo da moldura imitando antiguidade, trazia a assinatura: “Sua amiga, Yukie.”

Nathan também estava longe, numa conversa imaginária com o dr. Barry Roiphe: “Ajuda na bolsa de pesquisa se o seu campo de estudo particular toca em um nervo público, você não acha?”

“É isso?”, disse Naomi. “Esse é o seu gancho? Roiphe 2: a sequência?” Naomi nunca era intencionalmente cruel exceto quando atacada, mas, quando navegava, sua atenção minguava a ponto da quase indiferença. Mas Nathan estava na verdade vendendo seu peixe para Roiphe, não para Naomi.

“Mas é um *ótimo* gancho. Quer dizer, tem a ver com fama médica e tudo que vem junto com isso. Tem a ver com a política de concessão de bolsas, repressão do direito religioso etc. Tem a ver com se tornar um nome familiar mais temido do que Creutzfeldt já foi um dia. Que tipo de homem ia querer essa fama? Será que ele ia ficar deprimido quando encontrassem uma cura e o nome dele desaparecesse das primeiras páginas?”

“Dá para trabalhar. Não vai ficar sensacionalista demais? Já pensou onde pode sair?”

“É mais uma matéria para propor. Freelance. Mas tem cara de *New Yorker*, não tem? ‘Anais de medicina?’”

“Tudo tem essa cara pra você.”

“Essa é diferente.”

“Alguma coisa aí te motivou.”

“Alguma coisa. Deve ser.”

Despertada pela mensagem de Yukie, Naomi largara Roiphe na mesma hora para desencavar novas páginas de cena do crime de Arosteguy, todas elas suspeitas e cheirando a vírus, com esquisitas URLs de *spoofing*, russas e chinesas. Que as próprias páginas da web estivessem doentes e virulentas parecia muito apropriado, até mesmo estranhamente reconfortante. Como que rastreando seus pensamentos diretamente das pontas de seus dedos para o touch da tela, seu iPad (ela o apelidara de “Sujinho”) regurgitou um close da cabeça decepada de Célestine na pequena geladeira do apartamento dos Arosteguy.

“Ai, Deus”, disse Naomi. “Ai... acabei de achar outra atrocidade de Arosteguy. Acho que foi o próprio assassino que bateu essas fotos. Não estou vendo nenhum técnico forense na cena. Mas quem postou isso? Vou te mandar esse endereço também.”

Nathan se levantou e alongou. Alguma coisa parecida com um anúncio de voo reverberava pelo saguão. Não era seu voo, mas ele ergueu o celular um pouco para captar o blá-blá-blá metálico, por questão de autenticidade, depois voltou a aproximar o aparelho da boca. “Bom, quem sabe eu dou uma olhada

nisso tudo em Toronto. Preciso desligar agora. Estão chamando meu voo. Te adoro. Não se desintegre.”

“*Je t’adore aussi.*” Naomi tocou o botão vermelho, encerrando a ligação, e foi transportada instantaneamente de volta ao apartamento dos Arosteguy.

Nathan desceu de um táxi abóbora e verde-menta da Beck em Forest Hill Village, em Toronto, diante do Coach Restaurant, uma lanchonete desbotada com a silhueta de uma carruagem puxada por quatro cavalos decorando a porta. Velhos curvados sobre as bengalas arrastavam-se pelo lugar, algumas garotas de uniforme cinza e bordô, da Bishop Cornwall School, nas proximidades, entravam e saíam. Sem carregar uma câmera, sem dispositivo de gravação de nenhum tipo, ele passou pelos dois pares de portas e parou junto à caixa registradora vintage da National — latão com relevos, teclas de vidro com código de cores, a base de mármore e madeira.

Um sujeito que podia ser um dos velhos fregueses veio vagarosamente de uma escada nos fundos e se aproximou dele. “Pois não?”, disse, pondo um bloco para anotar pedidos atrás da máquina ornamentada e apertando a tecla laranja de NENHUMA VENDA. A gaveta de dinheiro da National deslizou e uma campainha soou.

“O doutor Roiphe está aqui?”

O homem — gerente? dono? — bufou com um sorriso cínico, sem levantar o rosto, e ergueu um prendedor de notas articulado, com peso de chumbo, de modo que pudesse verificar as cédulas num dos compartimentos da gaveta. “Está achando que isso aqui é consultório?”

Nathan ignorou o sarcasmo. “Combinamos de nos encontrar aqui, mas não estou vendo ele. O doutor Barry Roiphe.”

“Se você não está vendo, então é cego”, disse o homem, ainda sem olhar para ele, mas esticando o dedo indicador no ar.

“Acho que estou vendo um dedo”, disse Nathan.

O homem baixou o dedo e apontou para um reservado escuro no fundo. Nele sentava um homem desajeitado e grisalho, usando óculos grandes, ordinários, com armação de plástico. Cardigã e camisa de flanela. Chapéu de palha. “Me enganei. Você enxerga, então.”

“Obrigado.”

Nathan foi até o reservado de Roiphe e esperou por um momento enquanto o médico tentava ver através de suas três costeletas de porco, o rosto

abaixado para o prato, abstraído. Nathan trocou o peso do corpo de um pé para o outro, discretamente, examinando o homem. Obviamente a essa altura já assistira a palestras, entrevistas e novas imagens de Roiphe, e lera seus eruditos artigos — nenhuma ponta de humor neles —, que muitas vezes incluíam fotos do homem remontando a sua graduação, na faculdade de medicina da Universidade de Toronto, classe de 1957. Mas não o reconhecera: a postura afundada, os óculos grandes com lentes bifocais grossas e distorcidas, o chapéu esquisito. A cabeça de Roiphe enfim se ergueu, os olhos borrados atrás das lentes, os óculos tortos no nariz chanfrado, avermelhado. O médico pareceu confuso. O que aquele rapaz estava fazendo ali parado? Era o garçom?

“Doutor Roiphe? Nathan Math. Obrigado por concordar em me receber.”

Uma defasagem de sinal se insinuou, como uma velha ligação de telefone transatlântica, e então o sorriso de lábios finos. “Ah, claro. Sente-se, sente-se. Eu só estava comendo umas costeletas de porco. Um pouco duras, mas preciso do exercício.” Roiphe mexeu o maxilar comicamente; o efeito foi grotesco. Nathan entrou no reservado apertado e sentiu a textura áspera do assento muito gasto através de seu jeans. “Quer alguma coisa?”

“Não, não, obrigado”, disse Nathan. “Espero não estar roubando o tempo dos seus pacientes.”

“Ah, não. O sujeito precisa comer, não é? E, além do mais, já estou praticamente aposentado. Bom, ainda exercendo um pouco. Só para não perder a mão. Mas virei uma espécie de curioso, estou mais experimentando. Então, me diga mais uma vez. Do que isso se trata?”

Com sua pesquisa, Nathan calculara que Roiphe reagiria a uma declaração razoavelmente melodramática sobre sua vida e obra; o homem lhe pareceu um adepto fracassado mas ainda ávido da autopromoção. “Por um instante de lugar ao sol, o senhor foi o rei do medo”, disse.

Os olhos surpresos de Roiphe de algum modo se aguçaram atrás das lentes bifocais. “O quê? Do que você está falando?”

“A doença. O mal de Roiphe. O senhor foi capa da *Time*.”

Irritado, Roiphe voltou a suas costeletas de porco. O modo como mastigava sugeria dentes postiços, mas Nathan não conseguiu ter certeza. O maxilar do médico operava para os lados; talvez fosse seu estilo de comer. Ainda mastigando, Roiphe ergueu o rosto e respirou, piscou, falou. “Eu, não, pelo amor de Deus. A doença. Sem dúvida você não acha os dois a mesma

coisa. E a política envolvendo a doença. Tudo era sexo, tudo era histeria, muito americano.” Limpou a boca com um guardanapo de papel. Os pelos crescidos em um lado de seu queixo malbarbeado rasgaram o papel muito fino, de modo que na prática ele limpou a boca com os dedos. Lambeu esses dedos com um olhar estreitado, desconfiado, como que tentando se concentrar num bicho particularmente nocivo. “Do que se trata, exatamente, isso que você quer conversar comigo?”

Nathan percebeu que tinha de diminuir o tom dramático. “Estou escrevendo um artigo sobre fama médica. Do tipo assustador. Sabe como é — Alzheimer, Parkinson. Nomes que as pessoas ficam aterrorizadas de escutar. Com medo de que os médicos digam esses nomes para elas.”

O médico explodiu numa risada, uma gargalhada curta e líquida, parecida com um latido, que espalhou pedacinhos de carne sobre a mesa. “O mal de Roiphe era um pinto pingando ou uma xoxota fedida. Dificilmente no mesmo patamar.”

“Mas o mal de Roiphe podia ser fatal se não fosse tratado. Quero dizer, Wayne Pardeau morreu de Roiphe.”

“Quem?”

“Wayne Pardeau”, disse Nathan. “Um famoso cantor de country.”

“Nunca ouvi falar. Mas provavelmente foram as drogas que o mataram. Geralmente é isso.”

“O senhor sofre de um complexo de inferioridade em relação ao mal de Roiphe? A doença não era suficientemente potente para levar seu nome?”

“Que rapazinho estranho você é. Está soando como uma manchete de jornal da imprensa marrom vitoriana. Imagino que já tenha ouvido falar de imprensa marrom? Pelo jeito é o que você pratica.”

“O senhor alguma vez se sentiu incomodado com o fato de a doença aparentemente ter sido curada, a certa altura? Eliminada da face da terra? Isso não consignou o senhor a uma espécie de esquecimento na comunidade médica? Um interesse só histórico?”

Roiphe raspou meticulosamente o molho de maçã em sua última costeleta com a faca de manteiga, embrulhou a costeleta num guardanapo e enfiou-a no bolso. Nathan tinha certeza de que a gordura já sujava seu cardigã. Erguendo-se com alguma dificuldade, Roiphe disse: “Quem sabe você deveria estar conversando com o doutor Alzheimer enquanto a conversa está boa. Presumo que a conta é sua.”

Nathan contorceu o corpo para sair do reservado e, sem fazer um gesto muito óbvio, bloqueou a passagem estreita. Tirou do bolso um laudo médico em papel cor-de-rosa cuidadosamente dobrado e o mostrou a Roiphe. “Doutor, por favor, dê uma olhada nisso.”

Levado por algum antigo reflexo, Roiphe pegou o documento, desdobrou-o e começou a ler, o rosto próximo do papel e a cabeça movendo-se de um lado para o outro, como se o estivesse cheirando, não lendo. Nathan passara uma semana andando por Toronto, como preparativo para Roiphe, e isso incluía a visita a uma clínica de DSTs na Queen Street West; descobriu que o aguardavam vinte e oito dias de Ciprofloxacina, leve diarreia, irritação genital e a ocorrência possível mas improvável de tendões rompidos, reações psicóticas e confusão mental. “Pelo jeito você foi premiado com uma bela Roiphe. A doença está voltando, eu acho. Seus triglicerídeos também não estão lá essas coisas.” Ergueu o rosto e sacudiu o papel antes de devolver, como que para limpá-lo de pó ou ácaros. “Isso quer dizer que estou devendo alguma coisa a você ou que você me deve alguma coisa?”

Nathan tentou perscrutar a parte de fundo de garrafa nos óculos para chegar aos olhos de verdade. Ocorreu-lhe então que dessa curta distância, que não parecia causar o menor desconforto no médico, talvez fosse preferível olhar através das lentes, para um melhor contato visual. O resultado foi um movimento trêmulo de cabeça que sugeria extrema insinceridade da parte de Nathan. “Eu gostaria de discutir a narrativa de minha infecção com o senhor”, disse, de um fôlego só, o peito apertado.

Roiphe deu outra risada daquelas, soando como um cãozinho da raça jack russell. “A narrativa da minha...” Sacudiu a cabeça. “Escuta, filho. Faz muito tempo que eu larguei o campo da patologia venérea, se esse é o seu gancho. Simplesmente, não sou muito interessante. Esse é o verdadeiro problema. Agora, Parkinson, ele é um homem interessante.”

“Por que não deixa que eu decida isso? Que tipo de pacientes o senhor tem hoje em dia? Sobre o que são seus experimentos?”

Roiphe examinou Nathan por um momento, o queixo projetado, os lábios franzidos, depois tirou os óculos. Seus olhos eram grandes e desfocados, mesmo sem as lentes bifocais, mas eram também da cor turquesa mais espantosa, não natural, e Nathan levou um choque. Ele tinha certeza de que aqueles olhos podiam ver coisas que olhos normais não podiam.

“Você pode vir a minha casa amanhã, se quiser. Fica logo ali na esquina. Meu consultório é em casa. Amanhã. Não chegue cedo demais. Nunca fui muito madrugador, acredite se quiser. É só aparecer.”

Cercada pelo mármore no banheiro de sua suíte no Crillon, Naomi estava sentada na privada, urinando, e doía. Ela se olhou no espelho da porta, uivando de dor como uma criança. “Ai, ai, ai! Como dói!” Olhou para sua calcinha de algodão — um pouco puída em volta do elástico, notou — e viu algo parecido com uma mancha de maionese na virilha. “Merda, merda, merda!”

Sentando na cama com o Air no colo, depois de ter trocado a calcinha e vestido a calça de ioga que usava em viagem, um chumaço diagnóstico de Kleenex no púbis, que propiciava uma pressão tranquilizadora, Naomi assistia a mais um clipe baixado com uma palestra de Arosteguy, dessa vez com o fraco som do Air desligado. Ela ficou olhando intensamente para a imagem de Arosteguy, depois, provocada por essa imagem, pulou da cama e começou uma sessão de fotos de si mesma.

Não tinha certeza de ter falado sério sobre dar a Nikon com todo o seu equipamento a Nathan e cavalgar ao pôr do sol apenas com o BlackBerry, o iPhone, o iPad e seu laptop como dispositivos de captação de imagens — existia ainda alguma coisa que não fizesse fotos e vídeo? —, e quando chegou a hora de sair pela porta do quarto de hotel deles no Schiphol, ela não hesitou em levar a câmera consigo. Não seria capaz de se sentir como uma profissional sem a Nikon. E não teria sido capaz de fazer o que estava fazendo agora: pondo duas unidades wireless de flash Speedlight — difusores para a iluminação mais suave recortada acima do flash — sobre uma cadeira e uma cômoda, a câmera sobre um tripé perto do laptop, depois ajustar o temporizador, então começar a bater fotos suas habilmente iluminada pelos flashes e a suave luz vinda da janela.

Mais tarde, de volta à cama, olhando as imagens com o Photo Mechanic, sua ferramenta favorita para ver fotos rapidamente, começou a se deter em algumas que a mostravam muito bonita, mas também melancólica, inteligente e intensa. Riu das variações com o peito à mostra, mas não teve coragem de deletá-las; a luz em seus seios era tão suave e voluptuosa, talvez nunca mais tivessem essa aparência outra vez, embora o que aquele nevo estava fazendo sob

o seio esquerdo? Estaria maior do que da última vez que ela olhara? Mais avermelhado? Mais rosado? Menos simétrico? Ela aproximou a mancha, criou uma janela em torno, grande o bastante para abranger o círculo mais fino e mais claro que o cercava, datou a janela e salvou a imagem como TIFF em sua pasta intitulada “Horrores do Corpo”, onde armazenava fotos de cada parte assustadora de seu corpo, as partes suspeitas, instáveis, voláteis. Agora, um basta no déficit de atenção! Concentre-se. Volte ao e-mail.

“Caro sr. Aristide Arosteguy, estou escrevendo este e-mail e anexando várias fotos minhas que acabei de tirar exatamente com o objeto que o senhor discute em seu maravilhoso e inspirador ensaio on-line: ‘A anatomia de um objeto perfeito’. Meu objetivo é simples, embora os resultados possam ser complexos: quero ir aonde quer que o senhor esteja e entrevistá-lo e fotografá-lo.”

Naomi releu o e-mail mais algumas vezes, curvando-se para a frente na cama e melhorando-o, embelezando, voltando, elaborando mais. O ensaio de Arosteguy tratava de objetos de consumo e a possibilidade de beleza que podia igualar ou exceder a beleza natural, dada a nova condição industrial/tecnológica do ser humano. A beleza natural se tornou atávica, nostálgica. Objetos reais da avidez inata por beleza eram agora os bens de consumo, produtos industriais. Ela não tinha certeza de que fotos suas posando com alguns de seus objetos de trabalho realmente diziam alguma coisa sobre a anatomia do objeto perfeito, mas tinha confiança suficiente em sua própria beleza para acreditar que Arosteguy, que era, afinal, tanto francês como grego, gostaria de encontrá-la em Tóquio. Anexou no e-mail duas das melhores fotos com os seios de fora e enviou.

Nathan estava diante do que Naomi chamara de McMansão pretensiosa, no coração de Forest Hill, em Toronto. Uma rápida olhada para a direita e a esquerda confirmou o que Nathan vira do táxi. O casarão de Roiphe não estava sozinho; a rua era dominada por pequenas torres revestidas de pedra sintética, encimadas por cones de cobre, e telhados de ardósia de aspecto autêntico, embora, verdade seja dita, uma espécie de variante ao estilo mausoléu neovitoriano também estivesse bem representada. Nathan carregou no ombro o estojo do tripé e puxou a mala de equipamentos fotográficos pelo caminho de pedras redondas até a porta da frente. O alpendre, também construído em

pedra, era sombreado por um pavilhão em leque feito de vidro colorido, meio art nouveau. A porta de entrada era imensa, de madeira exótica e vidro martelado. Nathan procurava o botão da campainha quando ela se abriu com um som de fechadura a vácuo. Uma mulher linda e muito esguia, usando um vestido de algodão branco perturbadoramente clínico, de mangas compridas e colarinho alto, apareceu na porta. Parecia ter cerca de trinta anos.

“Oi”, disse Nathan. “Sou Nathan Math.” A mulher apenas olhou para ele, sem manifestar nenhum tipo de expressão. Uma pausa desconfortável. “Eu, não, tenho hora marcada com o doutor Roiphe.” Nenhuma reação. “Uma hora marcada com o doutor?”

Seus olhos eram tão grandes que se entrecerraram de desconfiança aparentemente sem ficar menores. “Você não tem hora marcada com o doutor.”

“Não tenho?”

“O doutor não pega novos pacientes. Você é novo. Deve ser um novo paciente.”

“Ah, certo, não”, disse Nathan, exalando uma jovialidade ligeiramente exagerada, dirigida a si mesmo. A mulher o pusera nervoso sem de fato ter feito nada. “Não sou paciente. Sou jornalista. Escrevo sobre assuntos médicos e sociais. Estou entrevistando ele. O doutor Roiphe. Sobre sua carreira.”

“Qual é o problema comigo?”, ela disse, passando a mão no cabelo loiro, a voz inexplicavelmente dura.

“O quê?”

“Faça o meu diagnóstico. Você estudou medicina, não foi? Como poderia escrever alguma coisa significativa sobre o doutor se não tiver estudado medicina?”

“Estudei um pouco de medicina. Um pouco. Tem alguma coisa errada com você?”

“Bem, sim, é claro. Eu não seria uma paciente se não houvesse alguma coisa errada comigo.”

“Você, uma paciente? Do doutor Roiphe?”

Pareceu a Nathan que a mulher estava prestes a bater a porta na sua cara, e ele calculava sua reação a isso quando uma voz ríspida ressoou no fundo da casa. Nathan conseguiu escutar praticamente todos os pisos de mármore da casa na acústica daquele brado. “Chase?”, exclamou o dr. Roiphe. “É o nosso paparazzo particular? Traga ele aqui!”

“Bem-vindo, senhor Math. Por favor, vamos entrando”, disse Chase, de repente amável. Ela abriu inteiramente a porta e fez uma mesura irônica quando ele foi ficar a seu lado, o estojo do tripé batendo na moldura da porta, a mala de equipamento sacolejando e dançando ao passar na soleira de granito. Ela se curvou em sua direção e sussurrou: “Consumpção. Esse teria sido *meu* palpite.”

O rosto da mulher estava desconfortavelmente perto do seu. “Consumpção? Você quer dizer tuberculose?”

Ainda sussurrando, ainda perto demais. “Não. Quero dizer consumpção.” Ela se endireitou, sorriu e disse: “Siga-me!”, num tom bastante diferente, alto demais e declamatório demais; em seguida virou-se e pôs-se em marcha pela sala, Nathan foi atrás, movendo-se com dificuldade. Corredor central no térreo, escada de madeira envernizada, pisos de mármore rajado de preto e branco por toda parte. Chase virou à direita e parou na entrada da sala de estar, esperando com paciência exagerada que Nathan, puxando sua mala, se aproximasse. O ambiente era mobiliado de um jeito muito tradicional, como convinha a uma fantasia vitoriana de palacete francês, e isso era mais uma camada em toda aquela atmosfera fajuta, pois parecia que a casa fora comprada daquela forma, com a mobília para exposição da imobiliária, e depois nunca mais redecorada. Ela gesticulou para uma poltrona de braços, fofamente estofada e forrada de brocado. “É ali que você vai ficar.”

“E onde você vai ficar?”, disse Nathan, e tirou o estojo do tripé do ombro, tentando não derrubar os animais de cerâmica da mesinha junto ao sofá, que combinava com sua poltrona.

“Vou ficar no limbo, Nathan. Venha me visitar quando tiver vontade.”

No instante em que Nathan conseguiu erguer o rosto do equipamento que acabara de acomodar no chão, Chase sumira, deixando-o a imaginar a conformação de seu rosto, e a se perguntar se talvez poderia vir a sentir-se atraída por ele. Quando sentava na poltrona indicada, sentiu-se bastante animado com o comportamento da jovem, cuja estranheza sugeria de imediato que nesse mato de Roiphe havia coelho, esse Roiphe que não era tão interessante quanto Parkinson.

Roiphe entrou por um par de portas francesas que davam num pequeno pátio lajeado. Virou e fechou as portas, um pouco trêmulo com os trincos, e foi

ao encontro da mão erguida de Nathan com sua própria mão esticada. Cumprimentaram-se e sentaram, Roiphe no sofá combinando com a poltrona.

“Nathan.”

“Doutor Roiphe.”

“Por favor, me chame de Barry. Sempre achei bizarro esse negócio americano de chamar seus ex-presidentes de ‘senhor presidente’ pelo resto da vida. Estou aposentado, sabe?”

“Tirando que... Chase, não é?”

Roiphe pareceu confuso. “Chase?”

“A mulher que me conduziu até essa poltrona. Disse que era sua paciente.”

Roiphe se dobrou até o peito tocar os joelhos. Nathan, assustado, pensou que estivesse sofrendo um ataque cardíaco, quando o médico se endireitou, o rosto enrugado numa risada silenciosa. Levou um momento ou dois para que o som viesse, uma risada forte, vigorosa, trovejante, salpicada de chiados fleumáticos. “Bom, sei”, disse, ainda ofegante, “esse é um modo de ver a coisa”.

“Ela não é sua paciente.”

“Seja lá o que for, pode apostar que é cheia de surpresas. Essa eu nunca tinha escutado antes. Mas não.” Curvou-se para a frente, apoiando-se nos joelhos para conseguir deslizar o torso para mais perto de Nathan. “Ela é minha filha, Nathan. Bom, em certo sentido, todo filho está constantemente sendo diagnosticado pelos pais, você não concorda? Enfim, a meu ver, nada mais justo que tenha dito isso, metaforicamente falando, eu acho. Mas, como eu disse, essa eu nunca ouvi antes.”

“Ela mora aqui com o senhor?” Nathan sentiu que a estranheza geral da situação lhe permitia fazer tal pergunta.

Roiphe soltou os joelhos e voltou a relaxar nos travesseiros do sofá. “Acho que esse é o início da entrevista, não? A nova forma de arte. A arte da entrevista.” Meneou a mão na direção da mala. “E aí está sua câmera? Você disse que era fotojornalista. Adoro essa palavra. *Fotojornalista*.”

Nathan inclinou a mala e abriu o zíper, revelando um conjunto de lentes firmemente embrulhadas, flashes, cabos de flash espiralados e ferramentas de limpeza. Tirou a grande Nikon de seu nicho acolchoado, encaixada à lente de 24–70mm, o que lhe dava um aspecto de rinoceronte, e a ergueu. “É uma SLR digital, se é que isso significa alguma coisa para você. *Single-lens reflex*, uma câmera de reflexo mono-objetivo digital. Significa que o fotógrafo pode ver

exatamente o que a lente está vendo, quando olha pelo visor. Elas existem há um longo tempo, primeiro para filme, claro, e agora digitais, mas essa aqui é a última encarnação. Bom, quase a última. É difícil acompanhar a tecnologia quando você tem orçamento limitado. É pesada, e provavelmente já está obsoleta. Só que ela ainda não sabe. É informação demais?”

“Ora, não”, disse Roiphe, estendendo a mão para segurar a câmera. “Eu costumava ser um fotógrafo de natureza amador, mas apaixonado, no meu tempo. Mas ainda não me acertei com esse negócio de digital.” Nathan reprimiu o impulso de negar sua câmera a Roiphe e a entregou. “Talvez seja algo que você possa me ensinar. Podemos trocar informações enquanto ficamos por aqui.” Nathan combateu a ansiedade em relação ao equipamento ocupando-se de ligar diante de Roiphe o gravador suíço Nagra Kudelski SD sobre a mesinha de centro com tampo de vidro. O gravador insanamente caro, com qualidade do equipamento usado em rádio, era excessivo para um jornalista de mídia impressa — embora nos dias atuais não houvesse mais tal coisa, estritamente falando —, mas Nathan o vira numa lojinha de eletrônicos no Aeroporto de Zurique e não pôde resistir. Tanto ele como Naomi usavam a tecnologia para realçar sua credibilidade como profissionais, e ele sabia que ela nunca iria de fato abrir mão de suas Nikons por um iPhone até que isso fosse admitidamente um modo de proceder descolado, mas profissional. Era insegurança demais envolvida, havia sempre a sensação de passar por afetação. Enquanto decidia que microfone Nagra de plugue iria usar — o cardioide estéreo era bom para ambiência mais voz, o que podia ser interessante quando Chase estivesse por perto, mas o mono era melhor para a gravação de voz focada, sem perturbações —, Nathan observou Roiphe pelo canto do olho enquanto o médico fuçava desajeitadamente o para-sol da lente zoom, tentando tirar a tampa dela.

“Está tentando tirar a tampa da lente? É só apertar no centro. Funciona com mola.”

Roiphe deu uma risadinha e acionou a tampa. Nathan deslizou o botão de Automatic Gain Control na lateral do Nagra para ON, imaginando que controlar manualmente os níveis de gravação seria uma distração. Roiphe, por sua vez, conseguira, após uma rápida passada de olhos pelos inúmeros botões, mostradores e interruptores na Nikon, ligar a câmera, e logo estava tirando fotos de Nathan, alegremente fazendo o zoom ir e vir, como uma criança delirante.

“Bom”, disse Roiphe, depois de pelo menos uns trinta estalos no espelho da Nikon, “parece que funciona. Acho que uma câmera é uma câmera. Ah, olha só essa. Aqui está você, bem ali, naquela tevezinha lá do fundo. Hum. Não sei por quê, mas você ficou com um ar sinistro. Está vendo? Alguma coisa no olhar”. Roiphe estendeu a câmera para Nathan, que sentiu que devia avaliar sua própria imagem, por educação. Roiphe tinha razão. Nathan parecia mau e pouco confiável — embora de um modo sombriamente belo.

“Boas fotos”, disse Nathan. “Muito boas.”

A última foto que Roiphe tirara fora um close com forte zoom do Nagra, e agora ele apontava o aparelho com um dedo indicador trêmulo. “Você ainda não ligou isso, ligou?”

“Não. Posso ligar?”

“Ainda não”, disse Roiphe, e segurou os joelhos e puxou o corpo para a frente, numa posição de confidencialidade. “A gente precisa fechar nosso acordo.”

“Acordo?”

“É”, disse Roiphe, arrastando a palavra para lhe dar um ar de ilegalidade ligeiramente cômica. “In-te-res-sa?”

Nathan se curvou para a frente, partilhando da intimidade, cruzando as mãos como um coroinha. “Eu... claro.”

Roiphe deu uma risada curta, seca. “Você não tem *muita* certeza, tem? Mas vai ter. Escute. Eu andei tentando escrever um livro, você vai ficar surpreso em saber. Não levo jeito para a coisa. Não sozinho, não consigo. Chase fez uma pesquisa sobre você na internet — como é inteligente, aquela menina. Ela já leu metade do que você escreveu. E a gente teve uma ideia, nós dois. Você conhece os livros de Oliver Sacks? *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu?* *Tempo de despertar?* Esse virou um filme muito bom com o Robert de Niro. *Um antropólogo em Marte?*

“Eu conheço os livros dele e já o encontrei algumas vezes.”

“Ah, foi mesmo?” As sobrancelhas de Roiphe se ergueram, em desafio.

Nathan tinha de responder, para validar o que dissera. “Foi. Ele tem esse problema esquisito com termostato. Está sempre com calor demais. Vive saindo do restaurante para ficar do lado de fora. É por isso que adora nadar naqueles lagos gelados de montanha. Tenho uma entrevista com ele programada para fazer. E ele usa sapatos esquisitos.” Nathan ficou

envergonhado na mesma hora de abrir o jogo sobre o termostato. Era verdade, pelo que ele sabia, mas mencionar passava a sensação de que ele estava desesperado por impressionar.

Roiphe ficou muito empolgado. “Isso é demais! Isso é incrível! Oliver Sacks é médico, neurologista, e também é um escritor brilhante. Eu sou médico, você é escritor. Math mais Roiphe igual a Sacks. Entendeu? Eu fui neurologista primeiro, sabe, não um urologista, como as pessoas pensam. Era especializado em dor genital e, ui, lá estava o mal de Roiphe à minha espera.”

“Eu não sabia disso.” Aliviado, Nathan reuniu entusiasmo para dizer, como se visse uma luz: “Certo, então vamos colaborar num livro!”, mas depois na mesma hora ficou preocupado, quando caiu em si sobre as possíveis implicações.

“Fama médica”, disse Roiphe. “Seu tema. Quer chegar ao cerne disso? Essa é sua grande chance.”

“Mas o livro é sobre sua vida? Seu trabalho? Seus anos de aposentadoria?”

Roiphe afundou pesadamente nas almofadas de brocado. “Está sendo sarcástico?”

“Estou sendo precavido. E me preocupa ser cooptado pelo tema do meu artigo. A gente é advertido sobre isso, na faculdade de jornalismo.” Nathan deu uma risadinha patética, querendo mostrar que sabia que estava sendo superficial e paranoico. “Esse pode ser um caso clássico.”

“Não estou cooptando. É uma colaboração real. Não vou censurá-lo. E você não faz juízo a meu respeito.”

“Tudo bem”, disse Nathan. “Tudo bem. Isso não é exatamente o que eu tinha em mente, mas é interessante. Eu sou livre, Deus sabe. Sou flexível. Mas você tem um tema em mente, não tem? Algo bem específico.”

“Meus experimentos. Meu trabalho recente. Com minha cobaia mais recente.”

“Quem é?”

“Minha filha, claro”, disse Roiphe. “Chase. Mas você. Bons instintos. Vamos precisar deles para o que vem a seguir.”

Naomi voava pela JAL, do Charles de Gaulle ao Tokyo Narita. O laptop estava na bandeja do assento, exibindo uma foto que tirou com seu iPhone do elegante banheiro da primeira classe no Boeing 777. Ela apreciou particularmente a pequena orquídea no vaso de vidro leitoso colado ao espelho do lavatório, mesmo desconfiando que fosse artificial. Em seu ouvido, Nathan se queixava. “Você voou bem por cima de mim e não fiquei sabendo. Estou passado.”

Naomi falava baixinho no telefone do avião, resistindo à tentação de conversar mais alto para compensar o zumbido do voo. Ela odiava quando podia escutar tudo que todo mundo dizia. E tinha um enorme parceiro de assento holandês — ela vira seu *paspoort* cor de vinho do Reino dos Países Baixos quando escorregara da bolsa de laptop dele para o assento dela — que estava sentado perto demais, porque não estavam na primeira classe, mas no que era chamado de Econômica Premium, oferecendo algo chamado de Sky Shell Seat. “Você voa na direção leste para o Japão, saindo de Paris, não para oeste.”

“Ai, droga, isso quer dizer que você está voando para longe de mim”, disse Nathan. Estava sentado à sua mesa no quarto do Bloor-Yorkville Holiday Inn, tentando não parecer deprimido, falando no microfone de seu laptop com o uso de um aplicativo VoIP. Olhava para uma das fotos de apotemnofilia que tirara de Naomi nua, falando para a imagem; ela não conseguira deletar todas.

“Por que o romantismo repentino? O que está acontecendo aí em Toronto? Devo ficar preocupada?”

“As coisas estão estranhas por aqui e estou com saudade, só isso”, disse Nathan.

O holandês ao lado de Naomi pediu uma vodca martíni. Não era a primeira. Era muito alto e Naomi não tinha certeza se não estava escutando deliberadamente sua conversa. “O que tem de estranho, me conta.”

“A síndrome de Roiphe. Uma coisa nova, nada a ver com o velho mal de Roiphe. Foi o único objeto de pesquisa dele no ano passado. Não sei se está inventando ou definindo a patologia. Ele não quer conversar sobre mais nada e

não quer nem me dar uma dica sobre o assunto em que está envolvido, a menos que eu concorde com aquele negócio do livro.” Nathan enviara um e-mail com detalhes da conversa sobre o acordo do livro para que Naomi examinasse. Ela achara que seria um desafio perfeito para tirar Nathan de sua rotina jornalística. Um livro — mesmo que acabasse se transformando apenas num e-book —, como poderia deixar de ser uma boa coisa?

“E é mesmo a filha dele? Ela mora com ele e é o objeto de estudo? É o projeto dele?”

“Chase. O nome é esse”, disse Nathan, pensando pela primeira vez como era apropriado que se chamasse assim, como a palavra *chase*, que quer dizer “caça”. “Pelo jeito a situação é essa.”

A vodca martíni do holandês chegou junto com uma taça de tira-gostos em forma de losango, algum tipo de fruta seca. Com os fones de ouvido, ele assistia a um bizarro programa de auditório japonês na tela de seu assento, e Naomi se perguntou por um segundo se entendia de verdade o que estavam dizendo. Ele de fato dava risada de vez em quando.

“Parece doentio suficiente para ser apetitoso”, disse Naomi, agora trabalhando em sua própria tela em alguns dados gerais relativos à Universidade de Tóquio. Estava tentando imaginar a vida de Arosteguy no exílio, e achando difícil fazê-lo. O problema não era só a imagem vaga que tinha do Japão; era a ideia de um assassino e intelectual greco-francês no Japão. Mas era também sem dúvida a fonte de sua empolgação. Ela descobrira por acaso a história de Issei Sagawa, um aluno japonês da Sorbonne que matou e comeu sua colega de classe, uma holandesa chamada Renée Hartevelt. Considerado incapaz de ir a julgamento por motivo de insanidade, fora levado de volta para casa e libertado no Japão, uma celebridade menor que pintava nus, escrevia resenhas gastronômicas e atuava no circuito de talk shows. Embora pensar a respeito deixasse Naomi extremamente nervosa, a ideia de fazer Sagawa entrevistar Arosteguy excitou-a quase insuportavelmente. Era doentia suficiente para ser apetitosa.

“Eu não estava procurando essa abordagem, exatamente.”

“Suas matérias são tão sensacionalistas quanto as minhas. Apenas um pouquinho mais enfeitadas. Só não vai assinar nada”, disse Naomi.

“O velho é precavido e malandro. Ainda não saquei qual é a dele.”

“Fala que você precisa de uma amostra para saber se tem profundidade suficiente para virar um livro. Sempre dá para transformar num artigo curto, se precisar.”

“Isso vai significar ficar enfurnado aqui nesse hotel por semanas. Talvez até mais. Eu praticamente vou ter que morar com eles. Na verdade, ele já me mostrou o quarto da babá. Fica no porão.”

“Eu vou visitar você. Depois de Arosteguy.”

“Mas escuta, não é sinistro demais? Quer dizer, você faria isso? Mudar para a casa do objeto da sua matéria? Tomar banho no mesmo lugar que ele?”

“Você ia ser só mais um correspondente de guerra vinculado a uma unidade militar. Jornalismo embutido: é o quente, hoje em dia.”

“Você combinou de encontrar o Arosteguy? Ele está mesmo em Tóquio e vai aceitar?”

“Tenho o endereço de e-mail de um intermediário. Ele quer contar a história dele. Os rapazes na *Notorious* estão empolgados. Disseram para ficar em cima. Ele concordou em me encontrar.”

“Ei, o cara pode mesmo ser um assassino. Onde você vai encontrar com ele?”

“Onde ele quiser, eu acho. O pessoal especula que tem uma casa na cidade.”

“Isso é perigoso.”

“Bom, *ele* é perigoso. Mas o gancho é esse, não é?”

Uma pausa desconfortável. Pela mente de Nathan passaram flashes de Naomi e seu assassino de mulheres greco-francês fazendo sexo numa sinistra casinha japonesa — existiam mesmo casas em Tóquio? —, após o que ela confessava para Arosteguy que fora infectada com a Roiphe de Nathan, então Arosteguy a matava e a comia.

“O quê?”, disse Nathan.

“Estou com um corrimento esquisito”, disse Naomi, lendo sua mente obliquamente, como sempre. “Está incomodando.” O holandês virou a cabeça ligeiramente em sua direção. Devia ter escutado. Bom, que se dane.

“Deve ser só uma candidíase normal.”

“Não. O cheiro é diferente”, disse Naomi, erguendo a voz apenas um pouco por causa do holandês. Imaginou se ele sabia da ligação entre o crime de Sagawa e seu país. Será que na Holanda aquilo era icônico de alguma forma?

Esse talvez fosse um terreno interessante para explorar. “Vou precisar passar no médico. Que chatice.”

Uma pausa prenhe e um suspiro de Nathan. Naomi ficou em alerta instantâneo, totalmente concentrada no telefone do avião, a tela saindo fora de foco. “Naomi, da última vez que a gente transou. No Hilton. Schiphol.”

“Sei. O quê?”

“Eu peguei o mal de Roiphe. Provavelmente passei pra você. Desculpa. Eu não sabia. Merda. Você precisa ir no médico.”

“Como é? Seu idiota do caralho! Não acredito. Você quer que eu faça um exame de DST em Tóquio? Que procure um ginecologista japonês esquisito? Merda!” Nisso, o holandês chegou a tirar o fone de ouvido direito, do lado de Naomi, a fim, ela tinha certeza, de escutá-la melhor. Quando ela o fuzilou com o olhar, a Encarada da Morte de Naomi, ele sorriu timidamente e virou. Mas continuou sem o fone.

“Sei, eu estou, eu —”

“De quem você pegou, seu imbecil de merda? Ou você nem sabe?”

“Eu sei. Foi daquela paciente de câncer de mama que eu cobri em Budapeste. Dunja Hočevár.”

“Ah, você cobriu mesmo, literalmente! E eu falando em jornalismo de guerra! Caralho!”

“Eu trepei por pena”, disse Nathan. “Eu estava na matéria e fiquei vulnerável. Sei lá. Quer dizer, ela passou por imunossupressão e... sei lá.”

“Olha, tenho uma sugestão para você. Por que não vai trepar por pena com o Barry Roiphe?”

Naomi bateu o telefone em seu encaixe no descanso de braço, balançando a vodca martíni do holandês. Ele agarrou a taça bem a tempo de evitar que entornasse e deu um sorrisinho untuoso.

“Às vezes eu acho que esses telefones de avião não são uma ideia tão boa assim”, ele disse, mas Naomi já estava de volta à sua tela, mergulhada nas imagens de Arosteguy.

“Naomi! Aqui!” Yukie acenou loucamente quando Naomi passou empurrando o aerodinâmico carrinho de bagagem pelas portas de vidro da área de imigração. “Que maravilha ver você outra vez, meu amor!”

“Yukie, oi. Ai, obrigada por vir aqui me encontrar. Você é um doce.” Yukie estava vestindo um bizarro casaco de pele falsa marrom-escuro, com realces malva e roxos, luvas de couro magenta, uma echarpe de penugem com listras rosa e óculos ovais grossos, com armação de plástico transparente — tudo normal, em seu caso. Seu cabelo continuava comprido e descendo pelas costas, e Naomi se sentiu relaxada ao ver que tinha a mesma aparência de antes, como se lembrava.

Tomaram o trem-bala na linha Narita Sky Access para a estação Nippori e depois seguiram de táxi pelas ruas de Tóquio até o apartamento de Yukie. No táxi, Naomi ficou ligeiramente desapontada com o fato de o motorista não estar usando luvas brancas de tecido, mas pelo menos os encostos de banco e os apoios de cabeça forrados com toalhinhas brancas — tão cheias de babados e rendas que pareciam vitorianas — e a direção do lado direito atenderam a suas expectativas de pesquisa na internet. Yukie tirava fotos de Naomi com seu iPhone, e Naomi por sua vez retribuía usando sua Nikon.

“Ah, é tão bom olhar para você outra vez”, disse Yukie. “Sabe, está com ar mais maduro agora, não parece mais uma garotinha.”

“Isso quer dizer velha?”, disse Naomi, escondendo-se atrás do visor.

“Não, claro que não. Vou mostrar a prova fotográfica.” Yukie rolou as fotos, escolheu uma e a segurou para Naomi ver. Mesmo iluminada de frente pelo flash de LED do celular, sorrindo de forma encantadora ao tirar o rosto de trás de sua câmera, Naomi parecia mesmo muito bem, parecia viável, pensou, fosse qual fosse o significado disso.

“Ah, olha, sério”, disse Yukie. “Olha só que glamorosa e sexy você é. Deve ser o casamento. Nathan deve ser um marido incrível, sexy e companheiro.”

“Você sabe que a gente não é casado, Yukie.”

“É um casamento moderno”, disse. “O casamento hoje virou isso, e você está em um. Você é casada. Cibercasada. De algum jeito, tem internet no meio.”

A casa de Yukie ficava em Shinsen, a oeste da estação Shibuya, numa pequena rua lateral de edifícios de azulejo e concreto ligeiramente dilapidados. Quando estavam diante da porta do apartamento, Yukie virou para Naomi e pôs as mãos em seus ombros. “Vou fazer todas as retratações normais da japonesa solteira de classe trabalhadora. É pequeno, feio e entupido de coisas, e estou com vergonha de que você veja, ainda mais de que fique aqui.”

Naomi deu um beijo rápido em Yukie. “Mais um motivo para agradecer. É o melhor lugar em Tóquio para mim, pode acreditar.” Uma vez lá dentro, Naomi ficou decepcionada de ver o ambiente muito organizado, limpo e moderno que poderia passar por um estúdio no Brooklyn ou no Queens. Nada de tatames, futons ou biombo shoji. Ela não deveria ter ficado surpresa, pensou, uma vez que a própria Yukie era organizada, limpa e moderna, ainda que, seguindo a tradição japonesa, as duas tivessem tirado os sapatos assim que entraram.

“Mas você está precisando mesmo de um esconderijo?”, disse Yukie, quando arrastava a enorme bolsa de lona de Naomi para a cozinha. Cortinas brancas simples separavam a cozinha do quarto, que era também a sala. “Nem meus amigos conseguem me encontrar aqui, então você deve ficar bem anônima.”

“Não tenho certeza”, disse Naomi, pensando no holandês do avião e em seu contínuo interesse nela enquanto aguardavam as bagagens. Ele ficou sorrindo e acenando para ela, tentando fazer contato visual, como se partilhassem de um segredo íntimo, e isso a deixou assustada, induziu fantasias paranoicas nela. “Eu não ia ficar surpresa se alguém no avião tivesse me seguido.”

Yukie riu com desdém e fechou atrás de si a porta com substancial revestimento de metal. Segurou a mão de Naomi e a conduziu até a cama, onde sentou e deu uns tapinhas no lençol com padrão de girassóis. Naomi deixou a mala de equipamento e a bolsa pessoal no tapete cor-de-rosa e sentou a seu lado, Yukie ainda usando seu casaco e luvas. “Você fica com a cama. Estou acostumada a dormir no chão, no meu saco de dormir.”

“Não acho certo”, disse Naomi. “Vamos pensar num jeito. Quem sabe eu posso dormir na mesa da cozinha?”

“Ah, sim, claro”, riu Yukie. “Na verdade você nem cabe.”

Naomi estava sentindo aquele jet lag profundo, pesado, agora que podia relaxar, podia parar de viajar. Estava quase delirante o suficiente para ter falado sério sobre a mesa da cozinha; imaginou que deitava nela de costas, as pernas penduradas pela beirada, as pantufas quase caindo. Sentia os olhos amortecidos por dentro, mas os de Yukie estavam brilhando de empolgação. “Mas e aí, é sério? Tem mesmo uma matéria pra mim nesse negócio? Sabe, um ângulo japonês único? Alguma coisa que você não vai querer mas pode passar pra mim? Meu chefe tem odiado tudo que eu levo para ele ultimamente.”

Naomi ficava totalmente à vontade com as chantagens emocionais de Yukie — eram tão sutis que você podia ignorá-las —, mas estava de fato em dívida, e precisava dela. Yukie era uma agente de relações com a mídia na Monogatari PR, uma das empresas de relações públicas mais poderosas do Japão — a especialidade deles era distorcer fatos e gerenciar catástrofes envolvendo celebridades, em particular da variedade política —, e embora fosse uma agente novata, conhecia todo mundo no altamente incestuoso e rígido universo midiático japonês. “Vou encontrar um homem muito perigoso aqui em Tóquio. Ninguém sabe a respeito.”

“Nem o Nathan?”

“Ele sabe, o babaca.”

Os olhos de Yukie se arregalaram. “Oh-oh.” Baixou o rosto e pegou a mão de Naomi outra vez e, sem erguê-la, disse com delicadeza: “Será, Naomi, que não era bom você me dar o nome de alguém para contatar ou algo assim? Para qualquer eventualidade? Não só o Nathan, talvez?”

“Vou fazer isso, Yukie. É uma boa ideia. E, enquanto isso, eu preciso de um contato *seu*.”

“Ah, é?” Tendo dito a coisa terrível, ela foi capaz de fitar os olhos de Naomi outra vez.

“Quem é seu ginecologista?”, disse Naomi.

“Tivemos uma empregada portuguesa fantástica morando aqui embaixo por um tempo, mas ela recebeu uma oferta melhor”, disse Roiphe.

“É?”, disse Nathan.

“Um pedido de casamento. O namorado levou ela embora.”

“Ela esqueceu de levar a bandeira”, disse Nathan, inclinando a cabeça na direção da pequena bandeira de Portugal pendurada na parede. Ao lado dela havia um voluptuoso pôster retratando um castelo mourisco nas montanhas de Sintra, perto de Estoril, com o escudo d’armas da Vila de Sintra aparecendo com proeminência no canto inferior direito, onde o pôster estava levemente rasgado. Nesse ponto, guardando sua roupa de baixo na cômoda Ikea de revestimento laminado cor de bétula, que ficava sob o pôster, Nathan já estava se sentindo como uma empregada portuguesa, desesperado em abrir uma janela no porão sem janelas e com aquela vista arrebatadora do castelo. Ia ficar

com o pôster, mas a bandeira de plástico cairia fora. E por que não havia um único espelho no quarto?

“Ela desapareceu da noite para o dia. Deixou um monte de tranqueiras. Deve ter sido um tórrido caso de amor”, disse Roiphe, curvado e fuçando descaradamente a mala de equipamento de Nathan no chão, sobre o tapete. Felpas. Visões de rastelos de tapete dos anos 70 dançaram na cabeça de Nathan. Ou será que os tapetes felpudos estavam voltando à moda? Esse exemplar era cor de ardósia escura, fosco, não o que se poderia considerar uma cor dos anos 70. Seria loucura? Ele ia mesmo fazer isso? Será que conseguiria realmente dormir ali embaixo, depois acordar e fazer o que tinha de fazer?

Nathan decidiu rir. “Bom, eu provavelmente podia dar uma mãozinha nesse departamento também, se as coisas ficarem muito devagar. Sou particularmente bom com o espanador de pó.”

“Quero ser um mico se eu não vou aceitar sua oferta, as coisas estão um caos. Ei, você tem umas coisinhas do balacobaco aqui.” Roiphe ergueu o disparador de flash sem fio de Nathan. “E que diacho é esse brinquedinho? Diz”, começou a ler o rótulo, “que é um Nikon Wireless Speedlight Commander SU-800. Parece bastante impressionante, pra mim”.

Nathan decidiu usar seu hotspot pessoal LTE do iPhone para gerar um sinal de wi-fi particular. Roiphe lhe passara os dados domésticos — “Nome de rede: DoctoR; Senha: inFeK10n!!” —, em sua trêmula caligrafia, escritos com uma caneta marcadora prata, no verso de um cartão de acúmulo de pontos da Pizza Pizza/Toys “R” Us, no valor de dez dólares. “Quero que me devolva isso depois que tiver feito o login”, ele dissera, obviamente nada preocupado com a possível revelação de sua senha de wi-fi para os administradores do programa de cupons da Pizza Pizza. O velho malandro alardeava demais sua ignorância nesses assuntos; estava longe de ser um analfabeto tecnológico, e Nathan ficou convencido de que se sentir paranoico na casa de Roiphe nada mais era que ser realista. Ele tinha certeza de que, se usasse a rede DoctoR, cada toque no teclado ficaria devidamente registrado, cada e-mail seria capturado e arquivado, e cada conversa de Skype seria transcrita para algum uso sinistro posterior. Ou será que só precisava que isso fosse verdade para tornar sua história mais excitante do que perigava ser?

Roiphe, de fato, após toda aquela lenga-lenga sobre querer um contrato averbado, certificado e à prova de furos, consignando ambos em sigilo e colaboração artística de tal maneira que imputabilidade, litígios por abuso de

paciente e outras velhacarias legais de inspiração médica fossem tornadas impossíveis, pareceu bastante desinteressado de voltar a tocar no assunto assim que Nathan se mudou. Ele até mesmo esquecera, por ora, sua exigência de que submetessem o acordo sobre o livro a uma agência literária de credibilidade — “Pensei quem sabe na própria Wylie Agency, de Oliver Sacks” — antes de permitir que Nathan gravasse uma palavra ou batesse uma foto. Parecia agora perfeitamente à vontade com o vago entendimento pelo qual os dois como que por mágica se fundiriam numa encarnação de realidade paralela do dr. Sacks, com um filme, uma ópera, algumas paródias deliciosas e, é claro, virulentos ataques de colegas, motivados pela inveja que se seguiria após o lançamento do livro deles, no momento com o *working title* de *Consumidos: Um curioso estudo de caso*. O médico ensaiava a defesa que faria de si mesmo contra acusações de exploração: “Isso que estamos fazendo vai na consagrada tradição da anedota clínica. Freud fez isso, Charcot fez isso, Luria fez isso. E nós estamos fazendo! É um procedimento educacional, destinado a promover a discussão, perfeitamente legítimo.” Nathan ficou feliz em deixar que o entusiasmo de Roiphe os levasse o mais longe possível sem as complicações de papelada, advogados, contratos com editoras, agentes. Ele precisava sentir que podia cair fora literalmente no meio da noite, arrastando sua mala de equipamento fotográfico, sem despedidas nem arrependimentos.

Para sacramentar o acordo, Roiphe descera de seu escritório na casa para os aposentos subterrâneos de Nathan a cafeteira Pixie, com duas caixas de cápsulas Roma de código cinza, após ele ter confessado seu vício em Nespresso. Nathan nunca vira a Pixie em carne e osso. A do doutor era a de adorável coloração titânio, que combinava misteriosamente com o tapete felpudo. “Tudo bem, não precisa me agradecer, tenho a grande mamãe deluxe na cozinha, não vou passar fissura de caféina.” Nathan estava bebendo um Roma bem agora, na xícara com pires que era parte do conjunto, elegantes peças de louça branca com a alongada logo do N dividida, inscrita em alto-relevo num quadrado chanfrado, as letras maiúsculas em verde no fundo de cada uma anunciando “Nespresso Collection, Made in Portugal”, o que é claro remetia ao pôster na parede e à antiga empregada. Sincronicidade? Nathan interpretou como significando que o que estava fazendo ali no porão de Roiphe contava com apoio cósmico. A configuração disso era inegável.

Decidira manter a Pixie no quarto — na cômoda, por ora —, em vez de na minúscula mas utilizável cozinha da vovó, contígua à sala de estar com piso de ardósia. Queria ter a sensação de uma aventura num quarto de hotel europeu, não de alguém que se mudara numa situação de completo desespero — como por exemplo de alguém indo morar com o pai recentemente enviuvado. Nathan fizera isso, e fora amargo e deprimente de muitas maneiras para passar outra vez pela experiência, ainda que apenas por analogia. Pegando a linha de pensamento de Naomi, Roiphe brincara dizendo que não havia entrada separada para a suíte dos jornalistas embutidos, a melhor maneira de ficar de olho nele, mas tudo funcionava, incluindo o banheiro com ducha.

Tinha de admitir: estava ali por causa de Chase. Queria estar na mesma casa que ela. Não tinha certeza do porquê. Ela era atraente, sem dúvida, mas imediatamente liberara aquelas ondas convulsas, antiafrodisíacas, de maluquice que lhe diziam para nem se dar ao trabalho de fantasiar. Mas onde cargas-d'água ela estava? Será que ainda não sabia que ele se mudara para lá? Ele seria capaz de escutá-la? Ela o escutaria? Iria visitá-lo ali embaixo? Depois de terminar o café, tentou diversas vezes mandar e-mail, mensagens de texto e telefonar para Naomi, sem sucesso. Então ligou para o celular esloveno de Dunja, também sem sucesso; o aparelho dela desligou após nove toques, sem aceitar nenhuma mensagem, e um desconsolado Nathan se perguntou se, oprimida pela culpa de tê-lo infectado, ela talvez tivesse cometido suicídio.

No campus Hongo da Universidade de Tóquio, familiarmente conhecida como Todai, Naomi caminhava pela ampla avenida arborizada que levava ao auditório Yasuda, mais parecendo uma fortaleza com seu azulejo vermelho e sua incongruente entrada ogival de pedra, e então virou à direita na trilha verdejante que a conduziria ao lago Sanshiro. Ela podia andar com confiança porque, é claro, pesquisara exaustivamente sua rota no Google Maps e no YouTube antes de se aventurar fora do apartamento de Yukie, cujo sinal de wi-fi era surpreendentemente bom. Yukie insistira em digitar ela mesma sigilosamente a senha de rede sem fio do apartamento nos vários dispositivos de Naomi, sem deixar que Naomi visse, um toque de estranhamento paranoico que esfriou seus sentimentos por ela. Naomi teve de relevar. Assim, experimentando aquele tranquilizador mas opressivo déjà vu da visualização prévia na internet, ela seguiu pela série curva de degraus de pedra, passou por

um grupo de alunos sentados em grandes pedras no lago, alimentando as carpas e os kois, pela minúscula queda-d'água, e chegou ao banco de madeira comum em que sentava o professor Hideki Matsuda, da Faculdade de Direito. Na troca de e-mails que haviam mantido com a intermediação de Yukie, Matsuda deixara claro que não queria se encontrar com Naomi em nenhum lugar público demais, mas também quis ser respeitoso, e o antigo lago parecia um acerto conveniente. Como reação à sua cautela, Naomi levou apenas seu iPad na bolsa Crumpler própria e uma sacola de compras preta de náilon da La Grande Epicerie, em Paris, para suas coisas normais do dia a dia e sua câmera compacta Sony RX100, só para qualquer eventualidade.

O professor se ergueu do banco quando Naomi se aproximou e fez uma ligeira mesura, sem oferecer a mão. “Naomi, é um grande prazer conhecê-la.”

“Obrigada, professor Matsuda. Sou muito grata por sua ajuda.”

Um silêncio desconfortável se seguiu, preenchido apenas pelos gritos dos estudantes falando com os peixes e uns com os outros, da outra margem do lago. Ficou óbvio para Naomi que havia considerável estresse envolvido no encontro para aquele homem bem-vestido, delicado, de cerca de cinquenta anos, seu terno e gravata impecáveis, usando elegantes óculos de aço inoxidável. Finalmente, ele pegou um cartão de um bolso interno do paletó e o ofereceu a Naomi com ambas as mãos, como se fosse um cartão de visitas. Ela o pegou similarmente com as duas mãos, mas era apenas um cartão de anotações, e todo em japonês — talvez com o intuito de transmitir a ela que Matsuda não queria que soubesse coisa alguma a seu respeito além do que já sabia. Ela precisaria da ajuda de Yukie com o cartão. Os dois sentaram diante de uma minúscula ilha luxuriante.

“O filósofo pode ser encontrado nesse endereço, na hora que escrevi no cartão. É sua residência atual. Está interessado em conhecê-la.”

Naomi tinha certeza de que Matsuda ficaria feliz em deixar por isso mesmo e despedir-se imediatamente, ou talvez caminhar um pouco em volta do lago, falando sobre sua criação em 1615, o formato especial de coração e o modo como fora informalmente rebatizado em referência ao romance de 1908 passado no campus, *Sanshirō*, de Natsume Sōseki — tudo isso assuntos seguros, tudo muito encantador e agradável. Mas Naomi não fazia o tipo encantadora e agradável.

“Professor, o senhor é um amigo pessoal de Aristide Arosteguy, isso está correto?”

“Eu não diria amigo pessoal, não. Somos colegas na filosofia; ele, profissionalmente, e eu, bem, filosoficamente, como consequência de meu interesse em justiça e lei internacional. Nós nos encontramos ocasionalmente em locais variados.”

Em seu rosto, que ela percebia estar vermelho, sem dúvida, Naomi podia sentir o úmido calor da vegetação exalando do lago. Matsuda parecia calmo. “O senhor o viu recentemente?”

“Não, não recentemente. Nós nos correspondemos por e-mail. Ele é uma figura controversa no campus, como você pode imaginar.”

“Tão controversa quanto o canibal Issei Sagawa?”

Matsuda se encolheu para longe de Naomi alguns centímetros, como se as palavras o tivessem atingido no peito, mas sua expressão não mudou. “Essa... não é uma comparação válida, Naomi.”

“Professor Matsuda, vou me encontrar com monsieur Arosteguy a sós. Completamente sozinha.”

“Sim.”

“Devo ficar preocupada?”

Matsuda ajustou os óculos com as duas mãos. “Existem tantos níveis para essa pergunta.”

“O nível que me preocupa é o nível da segurança física. Vou correr perigo com o filósofo? Não me refiro a perigo filosófico ou perigo emocional. Estou falando de perigo físico, mesmo.” Matsuda parecia incapaz de responder. Apenas ficou olhando para Naomi, pestanejando enquanto um pequeno bando de pássaros no lago alçava voo. Naomi insistiu. “Alguns policiais franceses o consideram capaz de homicídio.”

Estava óbvio agora que Matsuda não podia suportar essas palavras. Havia gotas de suor em sua testa. Ele ficou de pé. “Por favor, transmita ao filósofo monsieur Arosteguy meus cumprimentos quando o vir.” Curvou-se, virou e se afastou pela beira do laguinho, uma pasta, que Naomi de algum modo não notara antes, levada rigidamente ao lado do corpo, sem balançar.

Naomi estava numa rua residencial na parte oeste de Tóquio que parecia mais um beco do que uma rua. Yukie lhe assegurara que, sim, havia casas em Tóquio e que eram muito mais comuns do que, digamos, as casas em Paris, algumas muito grandes e luxuosas, e outras eram joias modernistas em miniatura. Mas depois que o táxi a deixou, afastando-se rápido entre bicicletas, vasos de plantas, carrinhos de bebê, latas de lixo plásticas, bancos e outras coisas nas calçadas, ela pôde ver que a casa de Arosteguy não era luxuosa nem tinha nada de joia.

Eram oito da noite e a luz do dia sumia rapidamente. Naomi pegou sua câmera — a Sony RX100 compacta outra vez; melhor parecer uma turista, por enquanto — e começou a bater fotos em todas as direções. Firmava a câmera contra todo muro ou poste disponível para compensar a diminuição dos níveis de luz e a consequente redução de velocidade do obturador. O lusco-fusco avolumando-se combinado ao vapor de mercúrio da iluminação de rua e à luz incandescente vinda das janelas das casas criava imagens agradavelmente surreais, com uma sensação de 3D. Ela quase conseguia escutar os computadores dentro da pequena câmera zumbindo loucamente na tentativa de compensar as temperaturas de cor das variadas fontes de luz.

Depois de documentar a loja do outro lado da rua estreita, suas vitrines embaçadas exibindo misteriosos recipientes de alumínio, cerâmica e vidro, Naomi voltou sua atenção para o sobrado de alvenaria cinza de Arosteguy, com o jardim deprimente logo na entrada. Havia sujeira e entulho por toda parte, o portão tinha inúmeros pontos de ferrugem e entre as plantas apodrecendo via-se lixo espalhado. Uma luz fraca filtrava pelas janelas do segundo andar, mas embaixo tudo estava escuro. Depois de esgotar toda possibilidade de imagens em que pôde pensar, repassando as fotos para ver se alguma coisa lhe ocorria, Naomi guardou a câmera na bolsa e atravessou a rua, puxando a mala de equipamento atrás de si.

Na parede oposta, bem ao lado do portão aberto, uma caixa de correspondência de aço inoxidável tinha os números “13-23” gravados em branco dentro de um retângulo azul. Outro retângulo azul continha caracteres

japoneses insondáveis. Passando pelo portão e chegando ao pátio, que era periodicamente iluminado por sujas luzes de jardim cor de laranja, montadas nas paredes de concreto aparente, Naomi ficou tentada a tirar a câmera e começar a clicar outra vez — tantos detalhes maravilhosamente tristes expressando a decadência na vida daquele homem (como explicaria o texto acompanhando as imagens) —, mas resistiu. Haveria tempo.

Encarando as portas deslizantes de madeira, Naomi tentou em vão enxergar através de suas elevadas vidraças estreitas, verticais, de vidro martelado. Pensou ter visto uma câmera de segurança sob um protetor de aço galvanizado em forma de chapéu, à direita das portas, mas o aparelho se revelou um medidor de eletricidade. A fiação elétrica passava caoticamente por toda a alvenaria da casa, inúmeros parafusos e braçadeiras corroídos pela ferrugem e praticamente soltos. Ela procurou um interfone ou campainha, mas não havia nenhum, então bateu no vidro, que ecoou com um som de chocalho. Após um momento, uma luz fraca, aguada, acendeu-se em algum lugar no fundo do ambiente ali dentro, houve um barulho de fechaduras e as portas se abriram.

Arosteguy surgiu atrás delas, o rosto oculto nas sombras, uma presença grande, intimidadora, desgrenhada. Isso surpreendeu Naomi; pelo que vira do filósofo no YouTube, era um sujeito pequeno e meticuloso com a aparência. Imaginou por um momento se esse homem na porta não seria outra pessoa, ou mesmo se ela não teria ido ao endereço errado, mas depois de medi-la cautelosamente de cima a baixo, ele falou, e a voz e o sotaque eram de Arosteguy.

“Trouxe suas coisas. Isso é bom.”

Naomi relanceou sua mala, nervosa. “Ah, isso? Essa é minha mala de equipamento fotográfico. Tem minha câmera, meus flashes e essas coisas, dentro. Achei que não teria problema trazer. A gente falou em bater umas fotos, documentar sua vida aqui...”

Arosteguy se abaixou e segurou a mala pelo puxador retrátil. “Pesada. O equipamento é pesado.” Curvou o ombro para mover a mala e abrir caminho para Naomi, e abriu a porta até o fim com o joelho, de modo que ela entrasse à sua frente. “Tire os sapatos e entre”, disse, presumindo que ela iria se esquecer do protocolo, a despeito de ele estar usando meias e dos sapatos de couro cor de vinho descansando no *genkan*, um nível abaixo do piso da casa.

Arosteguy serviu chá verde para Naomi, que sentou próxima ao chão em uma espécie de pufe grande e surrado, numa sala de estar também em tudo o mais surrada. A luz continuava tão pálida quanto o aspecto que tinha através da vidraça nas portas da frente, contribuindo para a inquietação crescente de Naomi. As sujas portas de correr do fundo estavam abertas para a escuridão. Naomi podia perceber agora como ele estava encovado, com a barba por fazer, o cabelo comprido — grisalho, mas ainda com algumas mechas escuras — sem lavar e desgrenhado, as roupas amassadas de quem dormira vestido. Tudo isso de algum modo o tornava mais atraente, e Naomi tinha consciência de que esse fato, e não medo, era a origem de sua inquietação.

“Obrigada”, ela disse, pegando o chá.

Arosteguy sentou diante dela em um futon dobrado para servir de sofá e deu um gole em seu chá, segurando a xícara como que para esquentar as mãos. Uma fragrância, de qualidade vagamente japonesa e não desagradável, parecia emanar dele. “E então, certo, você trouxe sua câmera. Isso é bom. Vai querer tirar fotos. Eu mesmo tirei algumas. Fotos muito fortes.”

Foi essa última frase que contribuiu com intimidação, e talvez agora finalmente medo, ao substrato de inquietação já presente. Naomi teve de se esforçar muito para não imaginar aquele homem, ainda emitindo um eflúvio fragrante, fotografando de forma meticulosa a cabeça parcialmente comida de sua esposa. Teriam sido algumas das fotos que ela encontrara na internet postadas por ele, numa atitude de desafio, talvez, ou perversidade?

Ela precisou falar às pressas para preencher o momento de vazio, quase gaguejando. “Foi mesmo? Fotos? Hum, fotos jornalísticas ou de arte?”

Arosteguy deu uma risada não muito saudável. Acendeu um cigarro japonês que tirara com dificuldade de um maço tipo caixinha a seu lado, depois riu mais um pouco, soprando pequenas baforadas de fumaça em sua direção.

“Só fumo cigarro japonês, agora. Quero virar japonês. Nunca mais vou falar francês. Nunca. Dizem que Tolstoi aprendeu grego clássico bem rápido, assim que ficou determinado a isso. Estou aprendendo japonês bem rápido. Até lá, vou falando inglês ou alemão. Para a filosofia, pelo menos, você tem que falar alemão. Quem sabe eu torne o japonês essencial para a filosofia ocidental contemporânea? Se viver o suficiente.”

Naomi estava tateando no escuro. “A fotografia não tem língua. É por isso que está tão interessado nela?”

“Acho que você viu parte da minha obra fotográfica”, disse Arosteguy. “Você me diz se é jornalismo ou arte. Eu mesmo acho que é as duas coisas.”

“Eu vi suas fotos?”

“Na internet. As famosas fotos da minha esposa. Eu postei da Hoje, a universidade.” Outra risada curta, com catarro, dessa vez. “Eles ainda não sabem.”

“Sua esposa?”, disse Naomi. Queria que soasse meio patético, e conseguiu, mas estava se posicionando no momento como a norte-americana ingênua e fácil de chocar — uma encenação jornalística comum.

“Antes e depois. A maioria depois. É nessas que está todo mundo interessado. Tenho certeza de que você encontrou. No site arosteguyatrocity ponto com.”

Arosteguy se levantou e curvou-se perto de Naomi para servir mais chá. A xícara dela ainda estava praticamente cheia. Seria um gesto de ameaça, de desafio? Num reflexo, ela recuou, se encolhendo muito ligeiramente. “Talvez você queira tirar algumas fotos de mim agora. Nosso primeiro encontro. Histórico. Você disse que trouxe seus flashes. Não gosto de luzes fortes na minha casa. Não consigo pensar com luz forte. Mas um lampejo de inspiração é sempre bom.”

Naomi montara suas três unidades de flash Speedlight sem fio com o atarracado SU-800 Commander preto sem fio, que controlava e disparava os flashes usando pulsos infravermelhos, ligados à sapata de sua D300s, e estava clicando sem parar com Arosteguy sentado e posando, bebendo chá e fumando, à vontade no papel do sábio amarrotado. O arranjo da luz, por ora, era simples e sem ousadia: um flash iluminando o fundo, banhando as paredes e a estreita escada de madeira atrás do sofá; um acima, à direita, sobre o alto-falante do rádio — parecia haver só um —, proporcionando-lhe a luz crucial no rosto de Arosteguy; e um em ângulo reto à esquerda, apoiado numa pilha de livros, que fornecia a luz de preenchimento. O gravador Nagra de Naomi — um modelo ML, uma geração atrás do Nagra SD de Nathan — estava ligado sobre a mesinha lateral junto ao sofá de Arosteguy. O filósofo era tão controlado que sincronizava suas frases com os acionamentos dos flashes, em nenhum momento sendo pego com a boca entreaberta ou os olhos semicerrados. Nisso, ele lhe lembrava Hervé. Teria um deles ensinado ao outro?

“Essa é uma câmera bem grande, que você tem aí. Muito profissional. Claro, seria de esperar. Eu mesmo uso uma câmera digital, mas menor, ‘câmera de consumidor’, como chamam. Eu adoraria que você me ensinasse alguns métodos profissionais de fotografia. Esse foi um dos motivos para eu insistir que ficasse aqui comigo por uns dias, enquanto faz a entrevista. Pelo menos eu ganho alguma coisa.”

Naomi verificava constantemente suas fotos à medida que apareciam na tela de LCD, na parte posterior da câmera, algo que profissionais ridicularizavam, chamando de *chimping*, mas que todos faziam obsessivamente, de um jeito ou de outro. As telas haviam se tornado tão precisas em termos de resolução e cor que você de fato ficava sabendo exatamente o que estava conseguindo. Ela não conhecia ninguém com nostalgia suficiente dos tempos do filme para realmente usá-los, a não ser como um gesto retrô e masoquista. “Monsieur Arosteguy, sabe que não concordei em ficar aqui. Mas pensa mesmo que tutoriais de fotografia são a única coisa que tem a ganhar? Achei que quisesse contar sua versão da história. Achei que nunca tinha sido contada.”

“Ari. Você deve me chamar de Ari, se vai ficar comigo. Mas estou trabalhando num livro que vai contar minha história. Não espero toda essa objetividade de você ou, melhor dizendo, subjetividade.”

“Na minha experiência, um bom jornalista pode dizer ao tema de seu artigo coisas sobre ele que ele mesmo nunca percebeu.”

“Sério?”, disse Arosteguy. “Isso seria muito interessante. Muito interessante.”

Não muitas horas mais tarde, Naomi se apossava da aracnoide mesa de cozinha metálica de Yukie para arrumar todos os seus equipamentos eletrônicos e levá-los para a casa de Arosteguy. Yukie recostava na porta de entrada, observando Naomi enquanto ao mesmo tempo, é claro, mandava mensagens de texto, via sua página no Facebook, tuitava, visitava o Instagram, jogava videogame e assistia a desenhos animados utilizando um enorme celular tipo flip, desconhecido de Naomi, e que era coberto de adesivos de mangás/animês bonitinhos/sinistros.

“Sabe, acho que você ficou louca”, disse Yukie. “É suicídio.”

Naomi gostava de todos os seus cabos, conectores e adaptadores embalados em antigos envelopes acolchoados do correio, e cada vez que fazia as

malas, via-se confrontada com um novo quebra-cabeça: o que ia aonde. Ela estava de pé diante da mesa, as mãos no quadril, observando a confusão de dispositivos e envelopes esparramados, à espera de uma luz. Em momentos aleatórios, atacava um ou outro conjunto de dispositivos, como um cormorão mergulhando no oceano em busca de enguias, e os enfiava em seu compartimento misteriosamente apropriado, depois voltava a tirá-los e esperava pela nova iluminação.

“É só uma noite. Vou deixar a maior parte das minhas coisas aqui, se não tiver problema. Ele falou que quer aprender a fotografar.”

“Benzinho, o que ele quer é sexo ou assassinato. Provavelmente as duas coisas. Ao mesmo tempo.”

“Puxa, obrigada”, disse Naomi, mergulhando mais uma vez. “Pode deixar que eu mando umas fotos.”

“E, falando em sexo, você não me contou como foi na Clínica das Mulheres. Encontrou algum ginecologista que fala inglês?”

“Acabei encontrando um que fala francês. No início ele queria me dar o Tratamento do Lótus Azul.”

“Claro. Esse é para mulheres que trabalham. Quer dizer, trabalho de escritório, esse tipo de coisa. Ele era bom? Eu devia ter ido junto com você.”

“Normal. Achei esse negócio de mulher de carreira meio esquisito. Tive de convencer o cara de que estava interessada só em DST. Acho que deixei ele um pouquinho chocado.”

“O Tratamento Germânio. Conheço bem.”

“Conhece? Sério? Yukie?”

“Andei arrumando uns namorados do mal. Mas nada que se compare ao seu filósofo.”

“Ai, por favor. Dá um tempo. Mas por que germânio? O que tem a ver um exame de doença venérea com um metaloide esquisito descoberto na Alemanha? Lótus Azul é tão mais sexy.”

“Médicos japoneses são por tradição muito estranhos e têm um senso de poesia meio sinistro. Você devia ter perguntado logo de uma vez.”

“Eu não queria atrapalhar. Ele chegou ao diagnóstico correto do mal de Roiphe — com um pouco de ajuda — e me passou essa receita.” Naomi pegou o papel no bolso de sua jaqueta e o deu para Yukie, que mal o relanceou.

“Sasagaki. Eu não sabia que ele falava francês. É um antibiótico comum. A gente consegue comprar isso aqui para você na farmácia da esquina. Você vai

ter que vir junto comigo. Parece quantidade para uns dois meses. Está planejando transar com monsieur Arosteguy? Talvez tenha que esperar um pouco. Ou preservativos funcionam direito com essa DST?”

“Obrigada pelo adorável fluxo de consciência, Yukie. Esclareceu mesmo as coisas para mim.”

“Disponha.”

Arosteguy teve de fazer duas viagens para subir com a mala de equipamento e a bolsa de lona de Naomi pela escada apertada de sua casa. Não havia exatamente um corredor no andar de cima, apenas dois quartos e um banheiro, tudo muito grudado. Arosteguy abriu a porta de um dos quartos, tão pequeno que pôde largar a bolsa sobre a estreita cama de madeira de onde estava, na porta, e virou para Naomi, que o seguia. “Resolvi deixar você no quarto perto do meu. Vai querer acompanhar tudo que eu faço, claro. Daqui vai me ver cada vez que eu levantar para urinar à noite. Eu faço isso com frequência, hoje em dia. É a sina masculina.”

Naomi se espremeu ao passar por ele — que chegou a encolher a barriga para abrir caminho — e depositou sua mala sobre a pequena mesa junto à janela, dando para um balcão de metal. Parecia não haver maneira de chegar ao balcão a não ser se esgueirando pela janela de correr com moldura de alumínio. “Obrigada. Está ótimo.”

“Tem uma tomada aqui, está vendo, naquela parede, e também uma entrada de telefone. Ainda estou sem rede de wi-fi na casa. Imagino que você tenha um laptop e carregadores para as baterias das suas máquinas.”

“É, tenho. Obrigada.”

“Descobri a senha de wi-fi de duas redes domésticas aqui dos meus vizinhos, então você pode usar, se quiser. Parasitar a rede deles. O parasitismo digital global é o novo trotskismo. Se conecte com qualquer lugar do mundo que você quiser. Não estou nem aí.” Arosteguy passou a mão pelo cabelo, que caíra sobre seu olho direito quando estava carregando a bagagem dela. Deu um sorriso contido, com um tremor involuntário, como se tivesse acabado de sentir alguma dor. “E por favor tenha em mente que sexo entre a gente é bem possível, se quiser.” Naomi não deixou que seu rosto transmitisse absolutamente nada. Será que ele andara conversando com Yukie? Por um momento, achou isso plausível e ficou oprimida por uma paranoia sombria,

pegajosa. Vejamos: contatara Arosteguy inicialmente por meio de Hervé Blomqvist, que foi capaz apenas de lhe dar o nome do professor Matsuda, mas depois Yukie conseguira de fato chegar ao professor Matsuda, que lhe dera o endereço de Arosteguy... Naomi preferia não passar para Yukie o endereço de Arosteguy nem quaisquer outros dados para contato, porque ela era uma agente de relações públicas com instintos de jornalista. Naomi odiava admitir, mas em certo nível não confiava em Yukie. Yukie estava fazendo força demais para esconder sua empolgação por estar em contato com a escandalosa história de Arosteguy — bancando demais a desinteressada — e, embora Arosteguy fosse um *gaijin*, seria um trunfo excepcional para levar ao chefe exigente na Monogatari PR, como um potencial cliente para um *makeover* de imagem pública em Tóquio.

O aroma vegetal japonês — ninfeias? folhas de ginkgo? — que Naomi captara em seu primeiro dia com Arosteguy agora a envolvia inteira, quando ele elevou a voz ao descer a escada. “Talvez você queira sair para jantar mais tarde. Ou talvez não. Me avise. A gente pode comer aqui, também. Eu cozinho.”

Mais tarde, Naomi arrumara um lugar para seu laptop e as câmeras na mesinha do quarto e estava sentada na cama — não havia espaço para uma cadeira —, trabalhando em suas primeiras fotos de Arosteguy, recortando e ajustando cores no Adobe Lightroom, depois deixando no Dropbox para seu editor na *Notorious*. As fotos que fizera estavam bastante melancólicas e dramáticas, e mostravam que sob o presente desleixo Arosteguy era um homem refinado e bonito.

A ponta de seu dedo deslizou pelo *touch pad* e ela clicou no botão de UPLOAD como se o Air fosse explodir em seu rosto, mas tudo pareceu funcionar às mil maravilhas. Tivera de deixar Arosteguy mexer em sua máquina, mudando o teclado para japonês, a fim de digitar a senha de um vizinho, e a sensação foi de estupro, não menos perturbador por ter sido consensual. Quando as fotos eram descarregadas para o éter, seu sinal de e-mail soou. Era Nathan, e dizia: “Naomi, preciso falar com você sobre Arosteguy e Roiphe. Coisas estranhas, uns paralelos esquisitos. Você me disse que seu celular não ia funcionar no Japão e não funciona mesmo. Você já deve estar com um celular japonês a essa altura. Me liga. Nathan.” Naomi respondeu de imediato: “Me manda umas fotos suas trepando com o Roiphe. Eu ligo e comento.” Ficou

surpresa com a profundidade espontânea de sua índole negativa, mas também bastante satisfeita.

No banheiro, olhou-se no espelho de moldura plástica, curvando-se mais perto para fazer o ajuste fino da maquiagem sutil nos olhos, do batom quase imperceptível. Pusera a roupa mais sexy que tinha e com a qual ainda assim era possível trabalhar — um leve suéter de lã bege agarrado ao corpo, calça de algodão preta e justa —, sem se permitir perguntar por que fazia isso. Havia começado o tratamento com os antibióticos.

Naomi montara seus Speedlights e seu Nagra na cozinha minúscula de Arosteguy e o fotografava enquanto ele cozinhava. Ela fez questão de professar ignorância culinária, parte de sua integridade como profissional de mídia, de algum modo, e assim pôde apenas observar enquanto ele manipulava com uma faca delicada um monte de camarões minúsculos e amontoados do que parecia ser alga marinha. Havia uma pequena jarra de saquê quente e dois copos cerâmicos cilíndricos de tamanhos diferentes ao lado da pia. Ambos estavam bebendo.

Arosteguy também se arrumara um pouco: havia se barbeado, agora, e lavado, ou pelo menos escovado, o cabelo, embora ela não o tivesse escutado usando o banheiro. Também trocara de roupa, parecendo muito professoral num suéter grosso e calça de veludo cotelê. Aproximando com sua tela de LCD da D300s para verificar o foco, Naomi percebeu fios finos e transparentes indo de seu cabelo para seus ouvidos. “É um aparelho auditivo isso que você tem aí no ouvido”, perguntou, “ou você está ouvindo música?”.

“Aperfeiçoamento biônico. E por meio deles estou em contato constante com determinados satélites.”

“Você está brincando, certo?”

“Eu não tenho senso de humor. Mas meu pai, que era grego, um violinista, e minha mãe francesa, uma pianista, ficaram bem surdos antes dos cinquenta, e os dois usavam aparelhos auditivos. Claro, na época eram analógicos, e muito primitivos, mas hoje em dia eles são digitais. Prefiro a palavra francesa: *numérique*. É mais descritiva, e não confunde com uma possível referência aos dedos humanos.” Ele se virou e balançou os dedos para Naomi. Eram curtos e fortes, e com eles puxou um aparelho do ouvido esquerdo e o deixou pendurado diante do rosto, de modo que ela pudesse

fotografar. Uma cápsula de design até que elegante, prateada — para combinar com seu cabelo —, encaixava-se atrás de sua orelha, e um cabo plástico transparente com fios finíssimos, terminando em um plugue arredondado nas duas extremidades — parecendo uma água-viva minúscula —, que se conectava ao ouvido. “É feito pela Siemens. Alemão, claro. Não é tão bom quanto um ouvido de verdade, mas serve.” Voltou a encaixar o aparelho com delicadeza e virou outra vez para o prato que estava preparando. “Esse momento me lembra um famoso momento familiar em Paris, quando minha mãe estava cozinhando e não sei como, ajeitando o grampo que segurava o cabelo dela para não cair no rosto, ela soltou o aparelho auditivo do ouvido e deixou cair no *bouillabaisse* sem perceber. E fui eu que comi.” Arosteguy começou a rir com a lembrança. “A toxicidade da bateria foi motivo de alguma preocupação, como você pode imaginar. Elas eram bem maiores na época. Mas não conseguiram imaginar um jeito de tirar de mim naquele momento da história médica francesa sem a possibilidade de causar um estrago terrível no meu jovem estômago e nos meus intestinos, então apenas ficamos esperando o inevitável. Minha mãe achou muito aborrecido ficar com a audição prejudicada todo esse tempo e, no fim, ganhou um novo par, até melhor do que o outro.”

Naomi observava o zoom de uma foto que acabara de tirar de seu osso malar, que era muito bem formado, mas manchado com uma leve descoloração que a fez lembrar seu avô, um dermatologista, que lhe dissera que a pele se tornava um jardim para estranhas formas de vida, quando a pessoa envelhecia. “Cubra com maquiagem quando acontecer”, ele dissera. “Não se pode lutar contra elas. A quantidade é grande demais.”

“Você sempre se barbeia à noite?”, disse Naomi. Ela fazia perguntas em parte para levar Arosteguy a virar em sua direção, de modo que pudesse encontrar novos ângulos em seu rosto, que começava a adquirir um interesse incessante a seus olhos.

“Fiquei sem conversar com ninguém durante uma semana antes de você. Levei um choque quando percebi que parecia um selvagem.”

“Você parece um chef três estrelas em casa, agora.”

“Isso me deixa preocupado. Não faço comida francesa mais. Só japonesa. Pelo menos estou tentando. Já meu amigo Matsuda-san é um cozinheiro excelente. Ele está me ensinando. Só sei fazer as coisas mais simples. É tão sutil, tão sutil e complexo, o que ele consegue fazer.”

“O professor Matsuda? Fiquei com a impressão de que ele queria distância de você.”

“Em público, sim, claro. Não em particular.”

“Então ele deve ser um bom professor. Até sua postura está começando a parecer mais japonesa. E pelo jeito você sabe o que está fazendo.”

“Sei”, disse Arosteguy. “Você também.”

“É?”

“Fotos do canibal Arosteguy preparando uma refeição. Mais tarde, fotos do canibal comendo a refeição. Tenho certeza de que vai conseguir vendê-las para o mundo todo.”

“E que tal um vídeo?” Naomi ergueu a D300s na mão direita. “Essa coisa grava um vídeo decente. E tenho um microfone e fones de ouvido para acompanhar.”

“Quem sabe. Quando a gente se conhecer melhor. E tem uns advogados que eu preciso consultar. Eles já estão putos da vida comigo por sua causa. A questão de Naomi. Estão baseando tudo na falta de um acordo de extradição entre Japão e França, mas tem circunstâncias delicadas que complicam as coisas, e os protestos e a opinião pública estão perigosamente envolvidos.”

“Bom, você não se enganou sobre a coisa do canibal. É bem quente. Mas você não faz objeção? Não se incomoda?”

Arosteguy virou para ela e arreganhou um lado da boca com o dedo indicador. O efeito foi grotesco. Levando um susto, Naomi baixou a câmera. Arosteguy tirou a mão. “Dentro da boca do canibal. Não quer a foto?”

“Tem certeza de que você quer que eu tire?”

“Tira”, disse Arosteguy.

Ele abriu a boca daquele jeito outra vez. Naomi começou a fotografar. Mudou as lentes rapidamente — uma extrema grande-angular, agora — e continuou a clicar, chegando muito perto, expandindo opticamente seu rosto e sua boca, distorcendo-os. Arosteguy entrou no jogo de forma séria e intensa, suas gengivas e dentes — muito bons, na verdade, apenas com leves manchas de nicotina — completamente expostos de um lado e de algum modo perversamente desnudados. Naomi baixou a câmera e olhou para a tela de LCD. As fotos eram muito perturbadoras.

“Acho que chega, por enquanto”, disse Naomi. Levou a mão ao saquê.

“Me chama de Ari”, disse Arosteguy.

“Chega por enquanto, Ari.” Esvaziou seu copo e serviu mais.

Uma fresta se abriu na porta do quarto de Nathan, no porão, deixando entrar um raio de luz que incidiu sobre seu rosto, acordando-o, confuso, ainda sonhando que era uma criança, com sua cueca branca na cabeça para não deixar o cabelo úmido molhar o travesseiro, algo que funcionara com sua mãe, que tendia a lembrar que ele precisava de um banho pouco antes da hora de dormir. Quando acordava, a cueca — surrada e puída, o elástico aparecendo em vários pontos em torno da cintura — sempre sumira por milagre e seu cabelo estava seco, assim como estava agora. E a indizível ternura desse sonho transbordou, de forma bizarra e totalmente inapropriada, para a sombra sinistra que apareceu na entrada do quarto, hesitou e então passou elasticamente pela abertura da porta e pela penteadeira. Quando a sombra alcançou Nathan, ela se fundiu liquidamente com uma silhueta que era Roiphe, andando na ponta dos pés de maneira cômica.

“Nathan? Está acordado?” A ternura rapidamente foi pelo ralo ao contato com a voz nasalada de Roiphe, deixando um sabor amargo com um toque de ansiedade, que, Nathan percebeu, era sua reação *default* em relação a Roiphe.

“Não de verdade”, disse Nathan. “É pra estar?”

“Bom, acorde e pegue sua câmera”, disse Roiphe. “Eu ia esperar até a gente ter mais tempo para se preparar, mas está acontecendo agora, então vamos aproveitar a cheia.”

“Cheia?”

Roiphe sacudiu a cabeça, numa leve exasperação. “Chegou a hora de observar os hábitos noturnos de uma criatura esquisita. De pé, rapaz.”

A sensação de Nathan de estar de volta à infância, em sua cama, foi palpavelmente reforçada pelo pijama e pelas pantufas, que em sua vida adulta ele nunca usara. Nos pés ele calçava as pantufas brancas do hotel Crillon, com o elegante logo dourado de uma letra *C* feita de folhagem e encimada por uma coroa, presente de Naomi, claro, que sabia que ele costumava se hospedar em lugares que não davam pantufas como cortesia; o pijama comum de flanela com grandes botões de plástico branco fora comprado por ele na loja de departamentos Hudson’s Bay, prevendo que iria jogá-lo no lixo assim que

deixasse a Hospedaria Roiphe. Só o pensamento de dormir sem roupa naquele porão, debaixo do edredom acrílico fino e empelotado, o deixou com nojo. E no entanto foram o pijama e as pantufas, seu traje protetor, que o transportaram para um lugar estranho e inesperado conforme seguia Roiphe pela casa às escuras, que era equipada com luzes de tomada, discretas e inesperadas, por toda parte. Com as pantufas folgadas e abertas no calcanhar escorregando de seus pés continuamente ao subir pela escada de teca, e firmando-se no corrimão da balaustrada de ferro fundido — também com motivo de folhagem, num pseudoestilo art nouveau —, Nathan escutou Roiphe sussurrando que a série de quartos no terceiro andar, de onde estavam se aproximando, haviam sido construídos “fora da norma”. O macete fora deixar a obra sem paredes e inacabada até o encerramento das inspeções das normas de construção e, depois, fazer com que os quartos aparecessem como que por milagre para os primeiros compradores da casa, em toda a sua glória, águas-furtadas primorosamente executadas a serem vendidas como “espaço de trabalho arquitetural”. O dito espaço ocupado agora unicamente por Chase Roiphe. Mas Nathan também escorregava nas pantufas-mocassins de sua infância, escorregava escada abaixo sob a luz potente das lanternas Eveready cromadas que ele e sua frágil irmã magrela, Shelley, seguravam, esgueirando-se antes do amanhecer para a sala, praticamente sem um espaço vago com o piano de armário e uma árvore de Natal decorada com tudo que havia de mais comercial, e nem um pouco cristão — bengalas doces, renas, elfos, guirlandas cintilantes, neve de algodão, estrelas comestíveis. Havia presentes de todos os tamanhos e formatos sob a árvore, claro — a finalidade de todo aquele teatro. Nathan mandara um telegrama para o polo Norte, e Papai Noel respondera da maneira mais satisfatória.

Mais tarde, estavam sentados no andar de baixo, na cozinha, coisa que Nathan julgou ser, a um modo perverso, muito apropriado. O balcão central com tampo de granito, cuja superfície vasta e imaculada era interrompida apenas por uma pia dupla de aço inoxidável, fora de centro, provia uma clínica bancada de trabalho para o que Roiphe, balançando com a pelve, de forma entusiástica, em seu alto banco de ferro fundido, chamou de “nossa primeira reunião estratégica”. Nathan sentava a seu lado num banco idêntico, sem balançar, seu laptop no granito diante deles, rolando as fotos que batera na

hora precedente. Os catorze relógios digitais espalhados pelo ambiente, do MacBook Pro ao fazedor de gelo no refrigerador Sub-Zero, no fogão Wolf, nas gavetas térmicas Jenn-Air, na câmera de Nathan (que estava logo atrás do laptop), até no esquisito e vagabundo relógio de pulso de Roiphe, de plástico, indicavam todos que a hora era algo entre 4h06 e 4h09.

“Então você percebe contra o que estamos lutando, filho. Com que estamos lidando.”

“Na verdade, não”, disse Nathan. “Honestamente, estou meio em choque. É com isso que estou lidando, pra ser sincero.”

Roiphe deu um jeito de fazer acompanhar seu vaivém no banco com um balançar rítmico da cabeça, numa mostra de compreensão. “Áhn-hã, áhn-hã, eu entendo. E é isso que estamos fazendo aqui, neste minuto. Quer um pouco de água gelada? Quem sabe um café? Alguma coisa?”

“Não, obrigado. Estou legal.”

“‘Estou legal’ é engraçado. Para mim é engraçado. Antigamente a gente nunca dizia isso. Dizia ‘Estou bem. Estou numa boa’. Mas hoje em dia falam ‘Estou legal’. Então, o que a gente está vendo aqui? O que aconteceu? O que você viu? O que fotografou?”

“Estou achando difícil acreditar no que estou vendo bem agora”, disse Nathan, se encolhendo um pouco no banco. A almofada de plástico em padrão floral estava soltando no canto esquerdo, atrás, e não muito conscientemente ele tentava fazer com que escorregasse de volta para o lugar usando as nádegas.

“Acho que talvez seja melhor você apenas verbalizar. Seja simples e direto e a gente chega a algum lugar mais rápido.” Roiphe continuava balançando a cabeça e o banco, mas agora com uma intensidade e ferocidade no olhar que era inequivocamente masturbatória, incitando Nathan em direção a algum obscuro orgasmo epifânico que ele sentia estar completamente além do seu alcance. Decidiu ser simples e direto.

“Sua filha, Chase, estava cortando pedaços da própria carne com um cortador de unha, pondo esses pedaços em pratinhos de brinquedo e depois comendo esses pedaços de carne usando talheres de brinquedo.”

“Áhn-hã. Áhn-hã. E qual você acha que era o estado de espírito dela enquanto fazia isso? Estava se machucando? Sentindo dor? Estava se punindo?”

Nathan ficou imaginando se Roiphe tinha consciência de que ele estava gravando a conversa pelo GarageBand em seu MacBook. O aplicativo operava no Desktop 2, de modo que não era visível (embora estivesse a um mero toque

de três dedos de distância), e assim talvez contasse como uma dissimulação semideliborada. Como relógios, dispositivos de gravação eram parte integrante de eletrônicos por toda parte; tudo estava sendo gravado a todo momento, como um sistema de backup de uma MacMáquina do Tempo que ficava criando backups de backups e regredindo ao infinito. Quem iria pôr isso para rodar depois? Quem iria escolher algum dentre eles, como o sobrevivente de um horrível bombardeio procurando os farrapos outrora usados por sua mãe morta e nua? Ainda não tinha certeza sobre até que ponto queria que Nathan Math, o personagem, figurasse em *Consumidos: a colaboração*, mas, na pior das hipóteses, seu lado de toda a interação com os Roiphe — e vai saber mais quem? — forneceria o contexto que em última instância poderia até ter consequências legais, dada a estranheza que começava a emergir da vida e prática de Roiphe.

Nathan visualizava as fotos pelo Lightroom, que lhe permitia manipular facilmente sua qualidade à medida que ele e Roiphe as viam. Ele era capaz de reduzir áreas muito iluminadas e aparentemente chapadas para revelar surpreendentes detalhes de expressão, e dissipar excessos de sombras para revelar gestos atormentados; mais tarde, poderia viajar em cima delas como arte fotográfica, refinando as imagens para adquirirem novos significados que ainda não estavam óbvios, embora não pudesse imaginar sua inclusão no livro-quimera dos dois. O artigo para os “Anais de medicina” tinha um futuro mais realista, embora também ele estivesse instável, tremeluzente, bruxuleante — transmutando talvez num artigo para os “Anais de psicopatologia”, fotos não permitidas. E, ao brincar com as fotos, ele experimentava mais uma vez o fenômeno da não presença, a existência inautêntica do fotógrafo durante o ato de fotografar; somente ao rever as imagens o evento fotografado emergia para a experiência, como o precipitado ramiforme causado quando um cristal de acetato de sódio era deixado cair numa solução supersaturada. Mas então a experiência era moderada pela foto, a lente, a câmera, a reação do olho da câmera à luz — e era a isso que Nathan estava reagindo agora. Ele não tinha certeza de ter visto de fato nenhum daqueles eventos com seus olhos reais, sensação acentuada pelos ruídos do obturador e do espelho da grande câmera, que podia escutar enquanto olhava as fotos; o som se tornou parte de sua interpretação, ainda que a própria Chase nunca parecesse reagir a isso ou notar o que quer que fosse.

Nathan estava agudamente consciente de que olhava para fotos de uma mulher nua com o pai dela sentado a seu lado, também olhando. Sem dúvida, Roiphe estava se provando um pai incomum, mas algumas fotos eram, por puro acidente, perversamente eróticas, e Nathan sentia que, independentemente de quão elaborados e sutilmente graduados fossem os filtros emocionais de Roiphe, ele não podia deixar de ver isso. Não que houvesse tido um indício de incesto no passado deles, pelo que podia perceber — pelo menos, não ainda —, mas, de forma perturbadora, para Nathan era como se sua luxúria inegavelmente crescente por Chase contasse como incesto porque seu pai, quase ombro a ombro com ele, respirando com a irregular intensidade dos velhos na lateral do rosto de Nathan conforme observava a tela à procura de sinais de alguma coisa obscura, alguma coisa possivelmente sublime, devia com certeza estar farejando isso. Mais uma vez, foi aquele paradigma da experiência retroativa: Nathan não sentira nada como isso quando batia as fotos, tão absorvido estava na mecânica do processo, mas agora, olhando para elas com Roiphe guiando o zoom e o scroll com insistência cirúrgica, a nudez muscular de Chase, que revelava a escala maciça de sua macroscópica automutilação (quase todo centímetro quadrado alcançável de sua pele fora atacado como que por enxames de varejeiras, as feridas enrugadas e sangrando ou formando casca), provocava perturbadoras fantasias em Nathan. Seria talvez que o corpo de Chase lembrasse a Roiphe o corpo de sua esposa morta? (A falecida Rose Blickstein, segundo o verbete sobre o médico na Wikipedia.) Será que o enchia de uma nostalgia sexual agri-doce, uma melancolia incestuosa?

“Ela parece sentir realmente, sentir a dor”, disse Nathan. “Vejo isso, por exemplo, nesta foto. Ela está sentindo dor, está sentindo a textura da pele quando o metal das lâminas separa as células de sua pele, comendo as camadas de pele e o tecido embaixo. Mas a dor a faz rir, um riso silencioso, esquisito — veja aqui, não é sutil, na verdade. Então ela sente a dor, mas quer a dor, procura por ela, como um puxador de ferro quer dor e procura por ela.”

“Feliz pelo castigo? Procurando punição?”

“O puxador de ferro?”

“Esquece o puxador, porra. A garota.”

Nathan aproximou a foto diante deles. Era êxtase em seu rosto enquanto se cortava, não autopiedade, não prazer masoquista. Mas por que êxtase? Os elementos ritualísticos de seu transe — uma fuga clássica? — eram complexos e

narrativos; estavam contando uma história confortadora para Chase, sem dúvida estavam. Nathan moldava o artigo à medida que reagia. Ele teria gostado de registrar esses pensamentos, apenas dizê-los em voz alta para o GarageBand, de modo que não os esquecesse, mas ainda não se sentia suficientemente à vontade com Roiphe para colaborar desse jeito íntimo, para ficar vulnerável ao sarcasmo e à ironia do velho.

Rolou para as fotos dela comendo, ainda com o zoom. Havia outras pessoas ali com ela, de algum modo, compartilhando os minúsculos pedaços de sua carne que ela dividira em cinco pratinhos com motivos de borboleta e coelho. Ela parecia assumir os papéis de diferentes personagens, indo de prato em prato, comendo delicadamente de um, grosseiramente do segundo, vorazmente do terceiro. Rebatendo o flash no teto e nas paredes, ele se aproximara dos pratos, do bule de chá e das xícaras, dos cupcakes de plástico com coberturas permutáveis de baunilha, chocolate e morango (cada uma delas coroada por uma convincente cereja vermelha com uma covinha), e os garfos e as facas em brilhantes cores primárias. O rebatimento absorveu o calor das paredes cor de terracota e varreu o serviço de chá e demais peças com uma suave luz vermelho-terra, instilando sinistra dramaticidade aos inocentes brinquedos de plástico com suas sombras transitórias, destacando em alto-relevo os fragmentos de carne e suas manchas de sangue, que poderiam de outro modo ter desaparecido nas cores vivas dos brinquedos Fisher-Price.

Mas eram as mãos o mais hipnotizante, as mãos de Chase, com seus dedos longos e sinuosos, e unhas paradoxalmente perfeitas, mãos que ficavam fora de proporção com os objetos de criança e desse modo pareciam, principalmente com a iluminação de cima, coisas monstruosas ao pegar delicadamente os pedaços de carne e erguê-los à boca aberta, sua língua esticada e esperando. Muito perto dela agora, ele ficara nervoso de se afastar da mesa em tamanho infantil para acompanhar a trajetória das mãos — ela alternava entre a esquerda e a direita, como que pegando amoras em bocados delirantemente fecundos —, mas o embalo gráfico logo o conduziu ao rosto de Chase, que parecia inchado de excitação contida. Quando Nathan pressionou levemente o botão do obturador, um padrão de laser vermelho, hachurado, brotou da base do flash, permitindo à câmera focar em luz baixa. Enjaulada naquelas listras vermelhas, ela pareceu selvagem, como um texugo captado por uma câmera automática numa floresta boreal remota. Mal piscou com os brutais clarões que se seguiram ao ajuste do foco, a luz austera, agora direta, revelando a formação

das crostas nos talhos feitos na cartilagem da ponta das orelhas, normalmente ocultadas pelos seus cabelos, que estavam agora presos atrás com uma piranha de casco de tartaruga, os dentes longos, curvos, entrecruzados lembrando a Nathan o ataque de uma planta carnívora. Ela estava suficientemente consciente do que fazia, pensou Nathan, calculando bastante, até, para evitar cortar o rosto e as mãos — como poderia cobri-las? —, então onde exatamente estava sua mente agora? O rosto em close ora na tela, terrível, lindo, usava o êxtase como uma máscara e um escudo. O que se ocultava por trás disso? E ela estava falando, conversando com os personagens invisíveis que sentavam à roda da atarracada mesinha redonda de plástico verde e branca, falando sem emitir um som, movendo-se de joelhos em torno da mesa, mudando as cadeiras de lugar de modo que pudesse desempenhar cada ponto de vista com uma conduta variada, mas com uma intensidade consistente.

“Certo. É aqui que entra minha cura. Continue fotografando”, Roiphe dissera. Nas fotos que passavam agora, Roiphe era parcialmente iluminado pelo abajur de Hello Kitty em um criado-mudo do canto, que ele acendera de modo a conseguir abrir o nécessaire de veludo cotelê bege da classe executiva da Air Canada, que enfiara no bolso de seu roupão aveludado azul-marinho. Roiphe estava se ajoelhando ao lado de uma abstraída Chase, rastreando intrepidamente cada ferida recente, de modo que pudesse desinfetá-la com álcool e pomada antisséptica, aplicando-a com rude precisão.

“Para ela, a gente nem está aqui, rapaz. Você está vendo”, dissera Roiphe enquanto trabalhava. “Você está vendo como ela consegue se mover em volta de mim sem dar pela minha presença. Um balezinho bem moderno.” Nathan captara parte disso com a câmera, e ao olhar para as fotos de Chase evitando seu pai em sinuosa câmera lenta, como se praticasse uma variação exótica de tai chi, lamentou não ter podido filmá-la em vídeo.

“Ela é muito consistente no padrão de seu pequeno devaneio. Terminou de cortar, servir e comer, e agora vem a parte social engraçada, onde conversa com os convidados sem dizer nada.”

“E como isso termina?”, perguntara Nathan, ainda clicando, ainda procurando o ângulo evocativo, às vezes forçando Chase a dar a volta nele também. (A certa altura o braço dela roçara no seu, e estava gelado, embora o quarto e a casa estivessem razoavelmente quentes.) Terminou com Chase erguendo-se dos joelhos e andando até a cama infantil feita de tubos de metal e lona, no outro canto do quarto, onde se deitou com o rosto inexpressivo e

puxou as cobertas — lençóis de ursinho e dois cobertores Hudson's Bay — sobre o corpo. As imagens dela se afastando de Nathan — novamente a luz rebatida nas paredes cor de terra — enfatizaram sua cintura longa, nádegas musculosas e baixas, pernas curtas e atléticas, combinação que Nathan sempre achara atraente, embora fosse o oposto da cintura curta e das pernas esguias de Naomi.

“Não acho que punição esteja envolvida, Barry. Acho que está revivendo algo, alguma coisa comunal. E está desempenhando todos os papéis.” Nathan se apoiava nos cotovelos, falando para a tela, mais do que para o Roiphe de verdade, mas agora ele se endireitava e virava para o médico. “Gostaria de saber que coisa comunal seria essa?”

Roiphe deu uma bufada desdenhosa e ergueu os óculos do nariz com as duas mãos, desvelando seus olhos turquesa com efeito deliberadamente dramático. “Por que você não pergunta a ela, simplesmente?”, disse.

Naomi e Arosteguy comeram o jantar que ele preparara. A louça era espartana e gasta, mas a refeição em si parecia boa. Muito saquê quente, de que ambos se serviram prodigamente. Usaram hashis e sentaram no chão à mesa baixa. A câmera de Naomi ficou ao lado de sua bandeja, um objeto robusto, preto fosco, como um gato enrodilhado. Seu gravador de voz estava ao lado da câmera, os LEDs azuis do medidor de volume oscilando em resposta às palavras que eram ditas, seu microfone como o bico de um beija-flor apontando para o céu. Seu gato e seu passarinho cuidando dela, pensou Naomi, e ao pensar isso tomou consciência de que estava bebendo demais.

“Por favor, perdoe a decoração. Nada nessa casa é meu. Ela ficou vazia por um longo tempo. Tóquio é cara demais.” Arosteguy serviu mais saquê para os dois. “Eu adoro saquê aquecido. Que ideia brilhante, criar uma bebida na temperatura corporal.” Sacudiu a cabeça. “Os japoneses. Temidos pelo Ocidente por tanto tempo, e agora desaparecendo em seu adorado alvorecer. Ou pôr do sol. Primeiro militarmente, depois economicamente, e agora, só gastronomicamente. E eu preciso me tornar japonês numa época em que todo mundo quer se tornar chinês. Os chineses chamam os japoneses de ‘pessoas pequenas’, assim me disseram. Isso pode ter a ver com a miniaturização de espécies insulares. Preciso fazer um estudo.”

“Por que você precisa se tornar japonês?”, disse Naomi, cruzando os palitos e levando-os ao prato. Atrapalhou-se um pouco com eles e pegou um camarão.

“Não posso mais ser francês, e nunca fui grego, a não ser com nostalgia filosófica e familiar. Então o que posso ser? Sou um fugitivo. Satisfaz meu senso dramático em relação a mim mesmo, mas acaba com meus nervos.”

“Você deve se sentir sozinho aqui.”

“Eu era sozinho em Paris.”

“*Même avec Célestine?* Desculpe. Mesmo com Célestine?”

“Essa era a base de nosso amor. Nossa solidão. Nosso isolamento.”

“Mas agora que ela morreu? Não mudou nada?”

“Agora estou... sozinho. É diferente.”

Naomi começou a ver a embriaguez de ambos como um acordo, um contrato, com cláusulas permitindo quase tudo, pelo menos no que respeitava às palavras. Ela se sentiu zozna e destemida. “Monsieur Vernier, *le préfet de police* parece acreditar que você é inocente, que não cometeu o homicídio.” Ela parecia compelida a jogar palavras francesas no meio da mistura; não sabia bem por quê. Não tinha o menor desejo de provocá-lo, embora ele parecesse não ter nenhum problema com a língua no momento.

“É?” Arosteguy bufou uma pequena risada tensa que poderia ter sido uma expressão de autopiedade. Parecia imune a isso até então. “Eu perdi contato com o caso, receio. Para minha surpresa. Parece pertencer a todo mundo, menos a mim. A você, por exemplo. Pertence mais a você.”

“Ele chamou de eutanásia. Não é interessante?”

“Eutanásia seguida de um pouco de alta cozinha, quem sabe? Os franceses adoram seu cinema. Espero sentir em breve as ligações com Hannibal Lecter, e talvez então posar para fotos com sir Anthony Hopkins, quem sabe no pequeno restaurante do Hôtel Montalembert.”

“Você não quer a ajuda dele?”

Arosteguy deu de ombros, com particular pouco caso. “Ele é um policial. E não apenas da cidade de Paris. A polícia parisiense é nacional. Imagine em que mundo ele vive.”

Naomi mudou da posição em que estava sentada e se arrastou parcialmente em direção à mala da câmera. Dentro encontrou seu iPad e, voltando a seu lugar na mesa, começou a rolar o aplicativo de anotações até

encontrar as palavras e fotos de M. Vernier e da Préfecture de Police na Île de la Cité.

“Ele me pediu para transmitir um recado.”

“Sério? Ele sabia que você viria aqui me ver? Conversou com você e as palavras dele entraram nos seus ouvidos, sabendo disso? Faz com que eu sinta como se ele mesmo estivesse aqui. Tão estranho. Discutimos Schopenhauer em três ocasiões, Auguste e eu, uma vez no programa de tevê *Des mots de minuit*. Ele parece obcecado por Schopenhauer.”

Naomi leu suas anotações: “Diga-lhe que estou conduzindo uma investigação filosófica ensejada por seu caso e quero que me ajude com isso como um bom profissional e acadêmico que é. Para fazer isso, ele precisa voltar à França.”

Arosteguy enfiou um pouco de macarrão e camarão na boca com um floreio teatral. “Você está me vendo comer — olha, viu? — e é claro que parece normal. Mas, para mim, comer alguma coisa não é o mesmo agora, como era antes. Depois do ocorrido, fiquei uma semana sem conseguir comer. Eu mal conseguia beber água. Quase morri aqui no Japão, um país tão estrangeiro, em todo caso. Mas de certa forma foi essa mesma qualidade estrangeira que me possibilitou o desligamento da Europa, da França, da rede do assim chamado crime.”

Naomi pôs seu iPad no chão a seu lado e mexeu na comida, muito consciente agora do processo pelo qual seus lábios e língua operavam, seus maxilares, os dentes, o ato de engolir, mas tentando regressar ao estado normal de inconsciência em relação a isso.

“Então você se recuperou totalmente.”

“Sim. Espero que já tenha notado isso. Existe uma força vital básica que se expressa até em mim. Ela é crua e impiedosa, e muito difícil de suplantar.”

“Por que diz ‘até em mim’?”

“A arrogância do intelectual. A ilusão de que temos mais bolas no cérebro para fazer malabarismo do que a maioria das pessoas.”

Naomi fez um esforço para comer o camarão maior em seu prato antes de responder. “Então, Ari, você está admitindo para mim que comeu a carne de sua esposa, Célestine?” Ela quase engasgou com a palavra *carne*, mas deu um jeito de transformá-la numa pausa dramática que envolveu segurar um pouco do macarrão escorregadio antes que caísse de volta no prato. “*Monsieur le préfet*

deixou claro para mim que nada, nem isso, nem o fato do homicídio, ficou realmente estabelecido.”

Arosteguy respirou fundo, então exalou com força, preparando-se para algo especial. “Vamos dizer que a questão do canibalismo conjugal se expandiu na mídia até que assumiu uma realidade poderosa não ligada de fato à minha vida ou a Célestine. Fui envolvido nessa realidade, amortalhado por ela, até que se tornou minha, até meus próprios pensamentos e emoções serem substituídos pelos milhares que vieram da televisão, dos jornais, das inúmeras fontes de internet, YouTube, Twitter e por aí vai, até o rádio do carro e os talk shows, e, é claro, as pessoas nas ruas, ônibus, no metrô. Perdi a posse de meu passado recente, e meu longo passado, minha história. Fui colonizado, apropriado. Tive de deixar minha casca morta encolhendo e murchando em Paris e me tornar outra pessoa, em outro lugar. Me tornar japonês ou, se não conseguisse — e não estou conseguindo —, me tornar um exilado, isolado, me desconectar. E tenho sido bem-sucedido nisso.”

“Você na verdade não respondeu à minha pergunta. Vai respondê-la no livro que está escrevendo?”

Arosteguy riu. “Esse livro parece ser uma reflexão sobre a filosofia do consumismo. Como seria de esperar, faço uma nova abordagem sobre isso, embora, em certo sentido, tenha sido apenas sobre isso que sempre escrevi. Consumismo...” Ele abanou a cabeça, rindo, então olhou para Naomi com uma intensidade que a balançou. “Sabe, tudo que tem a ver com a boca, os lábios, morder, mastigar, engolir, digerir, peidar, cagar, tudo é transformado, uma vez que você passa pela experiência de comer alguém por quem foi obcecado por quarenta anos.” Ele sorriu. “Claro, cada uma dessas coisas também se torna uma piada na imaginação popular, que está rapidamente se tornando a única imaginação que existe — a imaginação da mídia. Eu vi as piadas na internet. Algumas são muito sofisticadas, muito divertidas. Às vezes tem umas charges, até animadas.”

“É por isso que você postou aquelas fotos do cadáver parcialmente comido da sua esposa?”, disse Naomi, prendendo a respiração. “Para destruir as piadas? Trazer o discurso de volta à realidade humana?”

Arosteguy pousou os hashis e contornou a mesa de gatinhas. Ajoelhou perto de Naomi. Pôs os lábios perto de sua orelha esquerda e sussurrou. Sua voz de algum modo tinha ainda mais textura e energia em um sussurro. “Se você quer entender, precisa experimentar essa boca, a boca do canibal, a boca

das mil mordidas, mil atrocidades humanas.” Ele não a tocou, e não a mordeu, e após longos segundos de paralisia Naomi se forçou a virar para ele, sua própria boca entreaberta, uma palavra não formada pairando ali. Arosteguy encostou sua boca aberta com força na dela. Não foi um beijo de verdade — estava mais para um pote sendo tampado. Naomi ficou subitamente aterrorizada. Não ousou se mover. Arosteguy começou a soprar e inspirar o ar de seus pulmões dentro da boca de Naomi. Ela não teve escolha a não ser respirar em sincronia com ele. Estava esperando por sua língua, sem saber como reagiria quando viesse, mas ela não veio. Ele afastou a boca da dela e sentou afundado a seu lado.

“Tão patético”, disse, com um resmungo. “Tão triste. Que clichê. Você pode gostar tanto de cinema, de literatura, amar os clássicos, mas daí, quando se pega fazendo uma cena clássica, não se sente enobrecido, ligado àquela grandeza. Você se sente... patético.”

Naomi queria lhe perguntar que obra do cinema ou da literatura ele achava que estava reencenando naquele momento, mas ficou com medo de falar, e assim o silêncio se seguiu, e tudo que ela pôde escutar foi a respiração pesada dele, mas nem um som de sua própria respiração. Então ele falou como se estivessem no meio de uma discussão que ela de algum modo perdera.

“Tem outras fotografias que você não viu. Vou te mostrar se transar comigo. Eu dou elas para você. Estão digitalizadas, um arquivo pesado. Coisa poderosa, você vai ficar chocada, vai virar uma estrela. Mas preciso que trepe comigo por um tempo, seja minha amante em Tóquio.”

“Eu... professor, eu...”

“Ari. É assim que deve me chamar. Aristide vira Ari. A gente já não falou sobre isso? Não, você mal disse meu nome. O nome deixa sua boca com um gosto ruim? Olha, Sagawa, o canibal japonês, que ainda mora aqui em Tóquio, disse que a bunda da garota holandesa tinha gosto de sushi de atum. Isso é o suficiente para deixar em perigo qualquer holandesa que visite o Japão. Ele é considerado um herói trágico por aqui, uma celebridade da mídia. Um artista. Já posso ver as filas de japoneses esperando os ônibus de turistas holandeses descarregando gente, cada um com seu *Suisin maguro bōchō* afiado e a postos.” Ele bebeu um pouco de saquê e murmurou algo quase inaudível, um acréscimo. “Claro, ela era uma garota holandesa. Isso tornou a coisa de algum modo não só criminosa. Talvez até louvável.”

A menção a Sagawa, que Naomi inicialmente pensou que pudesse ser um bem-sacado desdobramento para seu artigo, agora a enchia de horror. Era óbvio, vulgar, revoltante, e estava tornando difícil para ela fisicamente ver Arosteguy. O modo como posicionava seu rosto estava começando de fato a parecer japonês. “Ari, eu... eu não posso fazer isso, o que você me pede”, ela disse, suavemente, projetando, assim esperava, consideração atenciosa, embora não houvesse nada a considerar. “Não posso.”

Arosteguy se levantou de forma repentina e vacilante e ficou ali, assomando sobre ela e a mesa baixa, enchendo o ambiente com sua raiva. Ele gritou. “Então vá embora! Vá embora, vá embora!” Chutou a mesa, erguendo-a alguns palmos do chão antes que voltasse a cair ruidosamente, espalhando a comida, derrubando a câmera e os pratos, e depois sumiu pela escada, deixando Naomi tremendo, seus olhos arregalados e inchados de lágrimas.

Ela saiu da casa puxando a mala atrás de si, o conteúdo ajuntado às pressas, os compartimentos externos patologicamente estufados, cabos pendurados e balançando dos bolsos com o zíper malfechado. Seu embalo a levou até o meio da rua, que estava escura, suja e completamente deserta. Assustada, paralisada e agora agudamente consciente de sua bebedeira pela incapacidade de perceber a profundidade, girou sem sair do lugar, como se fosse a alavanca de um fliperama, procurando um táxi. Não viu nada a não ser Arosteguy, saindo casualmente pela porta e vindo em sua direção, aproximando-se como se nada tivesse acontecido, falando como se continuasse uma conversa subliminar e subentendida que tivesse de ser encerrada. Segurou seu braço suavemente, apenas o tocando, sem puxá-la.

“Fizemos amor freneticamente, desesperadamente, como se eu pudesse possuí-la e protegê-la da morte”, disse, em voz baixa. “Mas eu não podia, claro. Ela ia morrer. Seu corpo estava mudando. Havia inchaços, nódulos, caroços, erupções na pele. Tive de mudar à força meu senso de estética sexual para acomodar seu novo corpo. Eu precisava que ele continuasse sendo belo para mim, embora estivesse mudando a cada dia, a cada hora. E finalmente, quando as mudanças estavam todas chegando ao fim, queríamos que ela morresse enquanto fizesse amor comigo, não violentada por uma dúzia de tubos plásticos no hospital. Então bolamos um plano, e o levamos adiante.”

Ele se curvou e pegou a mala, ainda segurando seu braço, e a conduziu de volta à casa, a porta inteiramente aberta, o fluido pálido de sua luz banhando as plantas maltratadas do jardim. Ela deixou que a levasse. “Eu a estrangulei

enquanto fazíamos amor. Os nódulos linfáticos inchados em seu pescoço tornaram isso difícil, porém mais exótico. Você sabe, em francês, um orgasmo é *la petite mort*, a pequena morte. E, para o poeta metafísico inglês John Donne, morrer é o mesmo que gozar. Foi o momento mais intenso, mais extraordinário da minha vida. Foi um momento do qual você nunca se recupera. Eu a beijei enquanto morria. Seus olhos estavam cheios de amor e gratidão. Seu último suspiro penetrou em meus pulmões como uma quente brisa tropical.”

Naomi parou do lado de fora da porta, libertando-se da mão de Arosteguy. Sua voz saiu baixa e fraca. “Estou com medo de você, Ari. Achei que não estaria, mas estou.”

“E agora ela estava morta e eu estava sozinho. E o que me restava fazer? Dar adeus como um bom burguês e seguir com a minha vida? Alegar insanidade como o bom professor marxista Louis Althusser, que estrangulou a esposa de trinta anos de casamento no apartamento especial deles na enfermaria da École Normale Supérieure, simplesmente, e disse que achava que estava apenas massageando seu pescoço? Alguns anos no asilo e depois um confortável exílio nas províncias?”

Ele a segurou pelo braço outra vez e começou a conduzi-la para dentro da casa. Estava lhe entregando coisas terríveis, coisas preciosas. Ela não resistiu. “Não. Eu queria encarná-la, incorporá-la. Eu teria sido obrigado a cometer suicídio se não tivesse sido capaz de fazer aquela coisa terrível, monstruosa, belíssima.”

Deslizou a porta e a fechou às costas deles.

“Eles me mandaram para Paris. Fiquei com medo de ir.”

“Medo por quê?”

“O francês.”

“Um francês ou a língua francesa?”

“A língua dos franceses.”

Estavam sentados na sala de estar, repassando a primeira conversa de Nathan com Roiphe ali, Chase sentada no sofá. Nathan na poltrona fofa com o Nagra ligado, na mesinha de centro. Ele se sentia extremamente desconfortável, mas era um desconforto excitante; havia uma grande estranheza na situação. Se ela realmente tivesse estado em algum tipo de transe, um estado de fuga, não saberia que Nathan podia enxergar perfeitamente através de seus

leves vestido e suéter e de suas meias até os joelhos e ver sua pele destruída. Mas será que de fato não sabia? Ela teria se importado se soubesse? Como ele poderia descobrir? Quão direto podia ser? Seu transe poderia na verdade ser uma espécie de arte performática bizarra? Se fosse, era destinado exclusivamente a seu pai ou a presença de Nathan era parte do que o induzia? E o projeto, o pretexto para a presente entrevista? Chase sugerira uma meia verdade: Nathan estava lá para fazer um livro sobre seu pai e esse livro incluiria um pouco de histórico familiar como pano de fundo — nada muito detalhado, nenhum sensacionalismo, e tudo sujeito a ser revisado pelos entrevistados. Nenhuma foto, ela dissera. Não aceitou o argumento de Nathan de que usaria as fotos apenas como apoio para a memória, para ter certeza de fazer sua descrição corretamente; não ia ser um livro com imagens. Ela faria talvez uma sessão de fotos com ele sob circunstâncias controladas, em algum outro momento, mas não queria conversar e ser fotografada ao mesmo tempo. Alguma coisa acontecera em Paris que mudara sua atitude com relação a ser fotografada e não era mais uma coisa que pudesse encarar com leveza, faceirice, prazer; uma pena, mas as coisas mudam, não?

“O que foi isso com a língua francesa que deixou você assustada?”

“Aprendi francês em Quebec, quando estava na Universidade McGill, em Montreal. Eu era apaixonada por aprender o francês do Quebec, falar com aquele sotaque estranho, maravilhoso, antigo que ficou preso no Quebec depois da Revolução Francesa. Mas a McGill é uma universidade de língua inglesa e eu aprendi meu Quebec na rua. Na verdade, pior do que na rua, porque passei meus verões em vilarejos onde falavam um Quebec duro, pior do que em qualquer lugar de Montreal. Eu queria que meu francês fosse rústico, e era.”

“Por que você ia querer uma coisa dessas? Não consigo imaginar.”

Chase deu uma risadinha e então, para espanto de Nathan, enfiou a mão na bolsa verde de couro a seu lado, tirou um cortador de unha ultramoderno e começou a fazer sua manicure. O cortador tinha acabamento de titânio fosco, alavanca anatômica com ranhuras e um aparador pivotante para as lascas que o lembrou do limpa-trilhos de uma velha locomotiva a vapor. Ele tinha certeza quase absoluta de que era o mesmo cortador que a vira usando no quarto, embora não tivesse batido uma foto nítida dele. Ela usava o cortador na altura do olhar e relanceava travessamente por cima do aparelho. “Rebeldia juvenil expressa pela política da língua, dirigida na maior parte a meu pai. Então ele

deu o troco, sugerindo que eu usasse o francês aprendido com tanto esforço para estudar na Sorbonne. Ele vivia brincando que a língua do Quebec não tinha nada de francês e que eu podia provar que ele estava enganado usando o que havia aprendido em Paris. Eu ia estudar com os escritores francófonos mais sofisticados que você pode imaginar, e fiquei com medo. Não queria ser a anglo-judia de Toronto falando um péssimo Quebec de rua.”

“O que você ia estudar? Quem eram esses escritores?”

“Filosofia do Consumismo. Os alunos chamavam de FiloCon, o que, pelo que me lembro, soa um pouco como um palavrão em francês, dependendo de como você pronuncia. Você fala francês?”

“Na verdade não, mas consigo ler um pouco. Se a gente tinha uma segunda língua, normalmente era espanhol. E esses escritores com quem você ia ter aula, quem eram?”

“Aristide e Célestine Arosteguy. Já ouviu falar deles? Um casal. Eram meio controversos no mundo acadêmico. Ai!” Chase abanou a mão e levou o dedo à boca. “Essa doeu.”

“O que foi?”

“Pegou na pele. Acho que o pedacinho vai ficar nesse negócio de pegar as lascas. Está vendo? É só virar quando você quer jogar fora. Assim a casa não fica cheia de lascas de unha por toda parte, como acontece com os cortadores antigos. É um Sally Hansen. De aço inoxidável. Ah, está saindo sangue...” Um fio vermelho escorreu por seu dedo indicador. Ela esfregou contra o dedo médio e lambeu os dois, olhando para ele.

Tinha de ser uma armação elaborada por Chase, ou então por Chase e Roiphe. Deviam ter pesquisado sobre ele na internet, de algum modo o ligando a Naomi e ao projeto sobre Arosteguy. Naomi podia ser muito descuidada sobre a net quando estava com aquela disposição, mesmo que soubesse tudo sobre processos judiciais contra autores de Tweets e ações coletivas contra páginas no Facebook. E os cortadores, o sangue... era um teatrinho brilhante e quase impensável que fosse de fato uma admissão inconsciente de uma condição psicopatológica. Mas será que ele tinha também um papel nesse drama, ou fora recrutado apenas para servir de público?

“E você foi? Fez isso? Estudar com os Arosteguy na Sorbonne?”

“Ah, sim, fiz. Passei dois anos lá com eles. Fiz também um monte de outros cursos, mas foi mais com eles. Os Arosteguy.”

“E o seu francês? Você sofreu alguma humilhação? Consegue falar francês parisiense agora?”

Chase deixou que suas mãos caíssem em seu colo com uma exalação expressiva, e depois, em contrapartida, uma risadinha. “Não consigo mais falar francês nenhum. Nem o estigmatizado. Nenhum.”

“Sério? Por quê?”

“Acho que simplesmente esqueci. Faz um ano desde Paris.” Chase se levantou, passou a mão no vestido, depois abaixou graciosamente no chão e começou a inspecionar o tapete com os dedos, como se catasse piolhos. “Deixei cair uns pedacinhos de unha quando mostrei para você como limpa o aparador do cortador. Meu pai percebe essas coisas. Eu chamo ele de Olho de Laser. Ele não perde a oportunidade. Com o papai eu preciso tomar cuidado.” No fim de sua pequena queixa ela estava fazendo uma boa imitação cômica de Roiphe, verbal e fisicamente, copiando com precisão sua instabilidade nas pernas meio bambas e sua afetação de vulgaridade. Pôs-se de pé usando a mesinha de centro como apoio e parou diante dele, a mão em concha segurando as invisíveis lascas de unha, balançando-a para cima e para baixo, como se testasse o peso daquilo.

“Você pegou tudo?”, disse Nathan. Não conseguia pensar em outra estratégia a não ser entrar no jogo sobre Roiphe à medida que se desenrolava.

“Acho que sim”, disse Chase, com musicalidade exagerada. “Acho mesmo que sim.”

“Chase, você tem acompanhado as notícias sobre os Arosteguy?”

“Como eu ia fazer um negócio desses?”

“Bom, provavelmente pela internet.”

“Descobri que a internet é um lugar muito perigoso. Principalmente para crianças. Não entro mais nela.”

“Mas você não é criança.”

Ela riu. “Na internet, ninguém sabe que você é adulto. Ei, já ouviu falar em impressão 3D?”

“Já ouvi sim. Por quê?”

“Já ouviu falar em impressão de tecido filosófico 3D?”

“Não, essa nunca ouvi falar.”

“Você nem acha na internet. Quer saber por quê?”

“Por quê?”

Continuava animadamente a imitar o dr. Roiphe. “Porque fui eu e uns amigos meus que inventamos, e a gente não fala. Um dia deixo você brincar.” Deu as costas para ele e desapareceu pela escada.

Naomi sentou no sofá, com o Air aberto em seu colo, o Nagra piscante e a câmera solene (com o visor de LCD sujo de shoyu) devolvidos à superfície da mesa, o profissionalismo restabelecido. Arosteguy se acocorava do outro lado da mesa, limpando o saquê entornado com um pano de prato estampado com pimentas. “Preciso contar a você o que aconteceu quando Célestine foi diagnosticada. Isso destruiu o presente para nós, porque destruiu o futuro. Nos envenenou. E destruiu secretamente nossa relação com todo mundo que a gente conhecia. Cada risada era uma mentira, cada sorriso era uma traição. Porque decidimos não contar a ninguém. A gente sabia que destruiria o presente deles em relação a nós também, e não podíamos suportar isso. Ficamos mais próximos, mas de um jeito melancólico, doentio, e isso comprimiu nosso isolamento preexistente quase a ponto da loucura.”

Ele enrolou a toalha molhada, jogou-a na direção da cozinha e começou a juntar com uma espátula de cabo de bambu a refeição esparramada, recolhendo cuidadosamente os restos de macarrão, camarão, alga e tofu num cesto de compras de plástico perfurado vermelho, forrado com jornal. “A gente não conseguia mais se deixar fotografar, depois do diagnóstico. Toda foto mostrava a mentira. Toda foto era a lembrança de uma vida que se fora, uma fotografia da morte. Comparadas com aqueles inocentes retratos antigos de família, as fotos que eu finalmente tirei de Célestine... depois... elas eram honestas, não continham traições, mentiras, enganações. Então eram horríveis, mas eram puras.”

“Ari, quem foi o médico que fez o diagnóstico? Você sabe que algumas pessoas dizem que nunca houve um diagnóstico. Que você inventou isso para justificar o assassinato da sua mulher...”

Ele examinou um camarão que pegara com a espátula, pegou-o e o enfiou na boca. “Quem disse isso, exatamente? A doutora Trinh?”

“A doutora Trinh, entre outros.”

“Outros na internet? O Twitterverso? Tinha blogs criados para promover exatamente essa visão.”

“Certo.”

“A internet hoje é um tribunal para execução pública. Mas você me perguntou quem diagnosticou Célestine”, disse Arosteguy. “O médico que disse que ela estava com leucemia linfóide aguda foi Anatole Grünberg, um laureado pelo Nobel por seu trabalho com oncologia hematológica. Quem iria duvidar dele?” Uma pausa meditativa. “Os dois tiveram um caso quando ele ainda estava na faculdade de medicina em Paris Descartes, é claro. Eles se encontravam periodicamente. Ela gostava de ligar nosso trabalho, tão abstrato, tão interior, com o trabalho do corpo humano. Era assim que fundamentava nossa escrita. Política, o modo de fundamentação francês normal, ela achava ainda mais abstrato e desconectado do que a filosofia. Nunca foi atraída por isso.”

Com dedos ágeis, Naomi já checava quem era Grünberg na Wikipedia. A foto da página sobre ele mostrava um homem de olhos selvagens e protuberantes, lábios carnudos e cabelo ralo, despenteado. “Claro, ouvi falar de Grünberg, o escândalo do acidente no barco. Mas ele continua a exercer a medicina? Como médico regular?” Grünberg evitara por pouco uma condenação de homicídio culposo num acidente de barco que seria cômico se não fosse trágico, provocado por embriaguez, no rio Marne, em que dois de seus três filhos ilegítimos foram decapitados, após o que se seguiram amargos debates públicos sobre o valor do gênio no mundo real.

“Essa foi a base de toda a sua pesquisa revolucionária. Pacientes como Célestine.”

“Você discutiu o diagnóstico com ele?”, perguntou Naomi.

“Não. A gente se conheceu socialmente, mas ele e eu mantínhamos certa frieza um com o outro. Provavelmente, ciúme primitivo. Não somos imunes. Mas Célestine me contava tudo. Diagnósticos médicos, sites obscuros sobre medicina, era nosso pão de cada dia.”

Naomi estava incrédula. “Ele não disse nada para você?”

“Ele agia como se fosse o médico dela, o especialista dela. Ele tinha um rigor profissional. Não ia falar sobre isso como se fosse um bate-papo no café.”

“Você viu resultados de testes? Exames de sangue? Cintilografia óssea? Tomografias? Ressonâncias magnéticas? Radiografias? Qualquer coisa?”

Arosteguy abanou a cabeça para tudo isso — de maneira curta, furiosa, desdenhosa.

“O doutor Grünberg pode ter mentido?”, disse Naomi. “Célestine pode ter mentido para você? Ela podia não estar doente?”

“Eu falei para você sobre as mudanças no corpo dela. Aquilo era real.”

“Talvez fossem causadas por alguma outra coisa.”

Ele bufou com desprezo. “Envelhecimento natural da mulher? É inacreditável o que as pessoas atribuem a isso. Como se recusam a ver coisas que estão aterrorizadas de ver.”

“A dra. Trinh me contou que não havia nada fisicamente errado com Célestine.”

“A dra. Trinh era apaixonada por Célestine. Tinha adoração, veneração, mal podia olhar para ela sem ficar de joelhos. Um negócio constrangedor. Ela era patética. Célestine nunca voltou a vê-la depois do diagnóstico de Anatole. E por que Célestine teria mentido para mim, me dizer que estava morrendo quando não estava?”

“Para induzir você a matá-la”, disse Naomi, triunfante. “Uma eutanásia, mas não pelos motivos que você pensou.”

“Uma perversão além da perversão! Que invenção maravilhosa da sua parte. Você é uma escritora perigosa, afinal.”

Logo Naomi estava enrodilhada no sofá com Arosteguy, que a envolvia com os braços e acariciava sua garganta. Para os dois, as ressonâncias do estrangulamento conjugal filosófico que estavam inegavelmente no ar eram reconfortantes, não perturbadoras, propiciando uma ligação com antigos dramas de rica textura e cheios de significado. Os olhos dela estavam semicerrados e sua voz era sonolenta.

“Mas foi horrível, não foi? O ato em si — comer, estou falando. Um show de horrores. Uma carnificina. Aquelas fotos. Nunca vi nada tão assustador. E Sagawa, ele estava comendo um corpo jovem e sadio. É doentio eu dizer isso. Fico chocada comigo mesma só de pensar. Mas de algum modo, como o corpo de Célestine estava tão devastado pela doença, deixa a coisa ainda mais horrível. Ai, não consigo acreditar que disse isso.”

Arosteguy deu uma risada curta que rapidamente passou a um sussurro rouco, uma técnica teatral, pensou Naomi, que provavelmente era eficiente quando dava suas aulas; ela gostou, e se sentiu por um momento como uma aluna com responsabilidades confortavelmente limitadas. “Pensamentos doentios, mas sadios”, disse ele. “Honestos. Mas você foi capaz de dizê-los porque não a conheceu. Você não conheceu o corpo dela com a intimidade que eu conheci. Você vê um cadáver, um corpo morto, mutilado, anônimo — certo, doente. Mas eu não. Eu morei na paisagem daquele corpo por muitos

anos. À medida que essa paisagem mudava, minha vida mudava junto. Ela nunca deixou de ser minha Célestine. Nunca.”

Arosteguy beijou Naomi com paixão e avidez. Ela o beijou de volta da mesma forma. Logo os dois estavam nus, deitados em parte no sofá, em parte no chão. “Você vai me morder?”, disse Naomi. Ele mordeu. Ela o mordeu de volta, no ombro, no bíceps, no pescoço. “E então, você vai me canibalizar?” E ele fez isso — seios, coxas, depois sua boceta. Ela o parou, agarrando sua cabeça, puxando-o pelo cabelo.

“Ah, não, Ari. Esqueci. Meu antigo namorado...”

“Seu namorado, o que tem ele?”

“Não, é... ele acabou de me contar que tem mal de Roiphe. Sabe? A doença venérea. Bom, não quer dizer que eu peguei, mas estou com alguma coisa...”

Arosteguy bufou com desprezo outra vez. “Você sabe minha idade?”

“A Wikipedia diz que você tem sessenta e sete anos.”

“A Wikipedia está correta. E que força para a harmonia global é essa criação!”

Naomi não detectou nenhuma ironia. “O que sua idade tem a ver com a minha doença?”

“Bom, nós dois estamos doentes, não é? Por exemplo, eu não ejaculo mais. Só sai uma gosma, de um jeito sinistro, como uma pústula ferida. Para mim, aquelas cenas do cara gozando nos vídeos pornôns, como se fosse uma bisnaga de glacê espremida, parecem pura ficção científica, puro CGI.”

Naomi bufou com desprezo também, numa imitação deliberada. “O que mais? Você me passou a lista inteira agora ou vou ter a chance de fazer minhas próprias descobertas monstruosas e excitantes?”

“Com o tempo, com essas deficiências sexuais surgindo gradualmente, os casais de idade se acomodam a elas e não ficam constrangidos entre si, elas se tornam parte da comédia doméstica de idosos que prometemos escrever em conjunto, mas, graças a Deus, a memória já não está tão boa e a gente esquece de fazer isso. Mas, para uma pessoa jovem, ser jogada na cova do leão velho... Passei por uns momentos difíceis.”

“Seus alunos.”

“Os mais novos, com entusiasmo e rebeldia, sim, isso protege eles de sentir repulsa por um tempo, mas depois...”

“Você tem sorte que ninguém toca o alarme do politicamente correto na sua orelha. Acho que essa época já passou faz tempo, até mesmo na França.”

“Costumam acontecer alguns dramas atrás do palco. A imprensa francesa tem mostrado uma tendência a ser um pouco mais discreta do que o resto do mundo, mas com a competição do Facebook e do Twitter... Qualquer aventura sexual irresponsável é letal hoje em dia.”

“Alguns desses seus alunos novos têm inseguranças sexuais?”

“Ah, claro, todos eles. Célestine e eu tirávamos plena vantagem delas em nome da terapia e da filosofia.”

“E eu? Também tenho as minhas. Quer saber minha lista ou você quer fazer suas próprias descobertas?”

“Honestamente, acho que uma lista seria encantador. A gente pode trocar, e depois ver se bate com a realidade.”

“Vou começar a trabalhar na minha agora mesmo. Mas, enquanto isso, falei sério sobre o corrimento ali embaixo. Você pode pegar alguma coisa feia. Não tem uma caixa de preservativos japoneses fofinhos por aí em algum lugar? Devem existir camisinhas Hello Kitty. Traduzidas como Hello Pussy.”

“Estou tentado a dizer algo que soa como se tivesse vindo de um conto erótico punjabi maltraduzido, tipo ‘Um cozinheiro deve apreciar um bom molho, não?’, e chupar você.”

“Por favor, não diga isso.”

“E por favor não faça isso?”

“Não foi isso que eu falei.”

“Mas aonde você está indo? Você reservou um hotel? Como arrumou dinheiro pra isso? E eu pensei que você precisava ficar escondida em Tóquio.”

“Vou me esconder mais ainda”, disse Naomi, enfiando o resto de seus equipamentos e roupas na bolsa e na mala.

Yukie a observou, abanando a cabeça. “De mim? Você não confia em mim?” Naomi deu as costas para a cama — havia colonizado a cama, a mesa da cozinha e mais algumas superfícies para organizar sua bagagem — e segurou Yukie pelos ombros. Yukie revirou os olhos em sua direção e Naomi ficou surpresa com a emoção que observou neles.

“Yukie, não, não. Não é nada disso. Não mesmo.” Abraçou Yukie, que ficou com o corpo lânguido, sem reagir, um beicinho de corpo inteiro.

“Então o que é? Não estou gostando desse seu olhar. Lembro como você ficou fora de controle daquela vez em Santa Monica...”, e a simples menção ao incidente em Santa Monica, que foi uma pedra angular na história e na mitologia das duas, levou Yukie a compreender, atingiu-a fisicamente de modo que ela se encolheu sob o abraço de Naomi e recuou, afastando-se para o fundo da cozinha a fim de dar uma olhada objetiva na amiga. “Não pode ser ainda aquele francês”, disse, abanando a cabeça outra vez. “Não o professor canibal assassino.” Yukie começou a raspar nervosamente uma de suas unhas, pintadas de esmalte branco opalescente e com uma pequena rosa preta de cerâmica colada. Uma das rosas quebrara parcialmente e Yukie tentava raspar o que sobrara. Naomi observara como era delicada para Yukie a operação de calçar as luvas apertadas de que tanto gostava.

“Alguns dias com ele não são suficientes para completar a história.”

“Completar a história *íntima*! Você é tão louca quanto ele!”

Naomi quisera que Yukie investisse emocionalmente em seu projeto, precisava que fizesse isso, no começo, mas agora percebia o tiro pela culatra que fora esse arranjo, como ele dava a Yukie o direito de ser moralista até em seu medo genuíno pela amiga, embora como sempre com Yukie houvesse essa coisa competitiva, esse ciúme em relação à carreira, que vinha à tona e dava uma rápida dentada antes que a pessoa pudesse perceber o que a atacara.

Naomi virou e continuou a fazer as malas. “Ele é um homem incrível. Um amor, supersensível.”

Yukie começou a andar de um lado para outro pela cozinha. “Aimeudeus. Não vão nem conseguir me trazer você de volta num saco só. Vão ter que usar uns vinte Ziplocs de guardar comida na geladeira.”

“Não venha com esse melodrama pra cima de mim, Yukie. Ele não é nenhum monstro do mal. É só um homem, um homem que fez uma coisa extrema, por amor, paixão e obsessão, uma única vez.”

Yukie parou de andar. Sentiu que podia desvendar a história toda pela linguagem corporal de Naomi, a história toda, incluindo o fim. “Você já trepou com ele, não foi? Sua primeira noite com ele e vocês já treparam. Não acredito.”

Naomi não virou. “Não, você não consegue entender. Não consegue. E não estou esperando que consiga até ler o que vou escrever. É sobre isso que é

essa matéria e você não está enxergando. É o conteúdo dela. Da matéria. A história é incrível e é toda minha.”

“Uau. Estou chocada”, disse Yukie. “Por acaso Nathan também faz isso? Vocês comparam anotações. Um atormenta o entrevistador do outro? Vocês riem disso juntos?”

Naomi de fato riu, ainda de costas para Yukie. “Sabe, até que essa não é uma má ideia. Vou ligar pra ele.”

Nathan estava andando pelas ruas densamente arborizadas de Forest Hill, conversando, por improvável que parecesse, com Naomi. O sol estava quente, a luz era mosqueada. “Estou andando na rua. Precisava sair daquela casa.”

“Sei como se sente”, disse Naomi. “O problema comigo é que, quando faço isso, estou em Tóquio.” Ela parecia relaxada — relaxada demais para o gosto de Nathan. Era o tipo de relaxamento que a pessoa sentia quando tinha feito muito sexo. O pensamento ficou flutuando num nível subliminar, e Nathan não ia tocar no assunto, mas a coisa estava lá, rangendo os dentes. Bom, que rangesse até cansar, com seus ferozes dentinhos amarelos. Como *ele* podia tocar no assunto? Era Naomi quem finalmente estava quebrando o impasse causado pelo desastrado telefonema do avião, depois que Nathan passara horas infrutíferas mandando e-mails, mensagens de texto, ligando e tentando o contato pelo Facebook.

A situação era a seguinte: ela odiava o filho da puta covarde e nunca mais o perdoaria. Ele havia ferido de morte, mutilado e deformado o amor que sentia por ele, para não mencionar a questão da doença. Ele foi salvo, assim o informou, apenas pelo uso que ela pretendia dar a todo o lamentável incidente e, claro, o relacionamento todo dos dois. Era para ele pensar em si mesmo como prestes a embarcar num estágio de montanha *hors catégorie* particularmente odioso do Tour de France, talvez o Mont Ventoux ou o Col du Tourmalet, apinhado de fãs assustadores, vaiando, bizarramente vestidos, próximos demais, e ele ia sofrer, sofrer e sofrer um pouco mais. Claro, ao dizer isso estava pensando em Hervé, sua bicicleta de fibra de carbono, seus shorts de ciclismo superapertados, com a elaborada almofada ventilada na virilha, seu pênis de Peyronie — devia ter trepado com ele, que erro! —, já que todo o seu conhecimento de provas de ciclismo viera dele.

E havia um elemento final, que era o último e-mail de Nathan, prometendo a revelação de uma ligação esquisita e improvável entre Roiphe e Arosteguy, que, Naomi tinha de admitir consigo mesma, talvez tivesse de fato inclinado a coisa toda na direção de uma reconciliação; sem dúvida havia algo delicioso e nutritivo ali, pois Nathan simplesmente não tinha a criatividade e a malandragem exigidas para inventar uma coisa como essa. E desse modo estava falando com ele outra vez.

“A ironia da coisa toda é você me dizer que seu canibal assassino, Arosteguy, é mais normal do que você era capaz de imaginar”, disse Nathan, “e agora eu ter que contar para você que meu respeitável e velho doutor é um completo lunático de merda”.

“Você está brincando”, disse Naomi, esticando-se langorosamente, com sexualidade felina. Ou assim Nathan imaginou. “Acho isso fantástico. Fiquei preocupada com você.”

“Sério? Preocupada?”

“Preocupada de que toda a história de Roiphe pudesse ser um tédio. Mas não. Fantástico.”

“Não tenho tanta certeza assim. Acho que o homem é louco. Estou achando difícil acreditar que já foi médico de verdade. Talvez ele tenha Alzheimer.”

“O que é isso que ele está fazendo, afinal, que parece tão maluco?”, perguntou Naomi, e em seguida disse mais algumas palavras, mas elas evaporaram no universo digital.

“A ligação está sumindo”, disse Nathan. “Consegue me escutar? Vou mandar umas fotos. Vou mandar umas fotos.” Mas ela não ouviu. A ligação caíra.

Nathan foi até a porta de entrada da casa de Roiphe e tocou a campainha incongruentemente comum, um simples cubo de plástico preto com um botão branco, dissimulada no batente da porta, feito em revestimento de pedra. O botão acendeu quando o pressionou, mas Nathan não escutou um único som vindo de dentro daquele mausoléu lacrado que chamavam de casa. Depois de muito tempo, Chase abriu a porta.

“Oi, Nathan. Esqueceu sua chave?”

“Áhn, eu não tenho chave.”

“Se vai morar aqui, devia ter uma.” Como sempre, Chase estava vestida dos pés à cabeça: botas de camurça, calça de seda com a boca larga e uma blusa

de mangas compridas com colarinho mandarim. Ele se perguntou quando ia começar a usar manoplas.

“Isso seria... isso seria ótimo.” Uma pausa constrangida. Chase sorriu mas não se moveu, bloqueando deliberadamente a passagem. “Ter minha própria chave”, ele disse. Pausa. “Da sua casa.” Nenhuma reação. Seria essa a maneira como Chase sempre atendia a porta? Ele decidiu tentar uma tática radical. “Quer sair para dar uma volta comigo?”

“Ah, não, não posso”, disse ela, despreocupadamente. “Estou de quarentena.”

“Vraiment? Il s’agit d’une maladie sérieuse?”

O sorriso de Chase desapareceu numa fração de segundo e ela bateu a porta na cara de Nathan.

Quando, algum tempo depois, Roiphe chegou em seu Cadillac Seville vintage, anos 90, estacionou na entrada e desceu com a raquete de tênis na mão, encontrou Nathan sentado nos degraus. “Puseram você do lado de fora, foi?”, disse ele, atravessando o gramado com uma risada alta. O novíssimo agasalho Puma azul fazia o esquelético doutor parecer ágil e atlético.

“Nem cheguei a entrar.”

Tendo subido até o pórtico, Roiphe exibiu seu saque, a raquete passando desrespeitosamente perto do rosto de Nathan. “A dona da casa não atendeu a campainha?”

“Cometi o erro de falar francês com ela e ela bateu a porta na minha cara.”

O rosto do médico se anuviou apenas por um instante. “Bom, isso foi muito inteligente de sua parte. Por que foi fazer uma coisa dessas, logo isso?”

“Ela me contou sobre ter estudado na Sorbonne. Contou sobre o complexo de falar francês. Pensei em pegá-la de surpresa, mexer um pouco com ela. Acho que consegui. Foi um erro?”

“Ah, bom, francês é parte do passado, e no momento o passado não é parte da terapia. Nenhum freudiano é permitido aqui dentro!” Roiphe deu um tapa nas costas de Nathan, mudando a Prince EXO3 de mão ao fazê-lo.

Nathan se levantou e encolheu os ombros. “Estraguei tudo? Estou banido do rancho?”

“Longe disso. Vamos arrumar uma chave para você. E então, me diga se não é o sonho molhado de todo jornalista. As chaves do reino! Você não vai

abusar desse privilégio, vai? Sei que vocês meninos gostam de fuçar as gavetas e roupas íntimas.”

Naomi dormira após a conversa com Nathan. Ela usara o celular LG japonês de Arosteguy, um aparelho curiosamente comprido e fino, tipo flip, para facilitar as coisas; ele mesmo pegara no sono no sofá e ela subira até o quarto para fazer a ligação. Ficou com a sensação de que Nathan pôde farejar Arosteguy em sua voz, e a satisfação disso ajudou-a a se acomodar num sono muito aconchegante. Mas agora seu iPad soou com o recebimento de um e-mail e ela era agudamente sensível a esse som; não era capaz de dormir com aquilo ou embrulhar uma capa protetora em torno dele. O iPad estava sobre a mesa e ela conseguia alcançá-lo sem sair da cama ou sequer precisar torcer muito o corpo. Ficou deitada de costas segurando a tela brilhante sobre a cabeça, uma presença benigna pairando acima dela, tranquilizadora do modo como precisava que fosse. Viu no painel de Notificações que eram as fotos que Nathan prometera lhe enviar, na linha do assunto “Fotos de não realidade chocantes... e mais!”

Quando abriu as fotos em Preview, ficou atônita e sentou, de modo a conseguir aninhar o dispositivo no colo e manipular as imagens. Quem era aquela mulher belíssima fotografada nua, de joelhos, diante de uma mesa de brinquedo com um serviço de chá de brinquedo? (Todas as xícaras e demais objetos, Naomi não pôde deixar de notar, eram muito americanos, ou pseudobritânicos, na melhor das hipóteses; seu conforto crescente com o espaço japonês restrito e o estranhamento inédito que sentiu em relação ao serviço de chá não japonês deixaram-na com uma sensação agradável; foi como a agitação de uma profunda mudança cultural à *l'Arosteguyenne*.) Mas o que a mulher da foto estava fazendo? Fingindo ser criança? As fotos vieram em três pacotes de média resolução, e eram seguidas de uma nota explicativa separada: “Essa é Chase Roiphe, filha do dr. Roiphe. Ela afirma ter estudado na Sorbonne com os Arosteguy há cerca de um ano. Talvez tenha umas coisas bem interessantes para te contar. Que tal mostrar algumas delas para seu novo amigo? Quem sabe ele vai reconhecê-la. Tenho a impressão de que ela deve ter causado uma sensação e tanto. Caso contrário, são apenas seus belos olhos!”

O mecanismo de vingança e amor sendo o que é, Naomi ficou imediatamente em pânico, e magoada com essa penúltima frase.

Aparentemente, Chase Roiphe causara uma sensação em Nathan e, considerando sua beleza, nudez e — tinha de ser honesta — comportamento bizarro, algo pelo qual Nathan sempre mostrara uma queda, principalmente se acabasse não sendo muito autodestrutivo, ela duvidava que fosse inteiramente intelectual. Uma sensação bioquímica, então, o pior tipo. Mas que espécie de bizarrice era aquela?

Todos os instrumentos analíticos mais afiados de Naomi entraram em ação imediatamente, e as dissecações resultantes foram preocupantes. Ela podia sentir as mãos de Nathan na câmera como se estivesse em suas próprias mãos, e podia sentir o efeito acumulativo da atração por aquela mulher, essa Chase Roiphe, à medida que a câmera passava de uma distante objetiva grande-angular para uma grande-angular próxima, e depois ao íntimo close de uma teleobjetiva; as imagens correspondiam a uma objetividade de documentário, transformando-se em evidência de amor, ou pelo menos de atração sexual, quando não de obsessão. Os ângulos em si contavam sua própria história: estou interessado em você de uma maneira superficial, mas agora estou meio intrigado, ainda que sentindo um pouco de medo, e agora, embora me sinta nervoso com a proximidade (minhas fotos estão ficando descuidadas e mal enquadradas), pelo menos você está me deixando chegar perto o suficiente sem reagir de forma negativa, e agora sinto que está me convidando a me aproximar de seu rosto e seu corpo, e agora estou confiante de encontrar as perspectivas ópticas que mostram sua beleza assustadora e sua estranheza provocante da maneira mais vantajosa. Perto do fim da maldita sessão, ele rastejava por todo o seu rosto e seu corpo — aquele corpo atlético sensacional coberto de quê? Eczema? Picadas de mosquito? Ela estivera nadando sem roupa no Canadian Shield? E o que era isso que estava comendo? Uma pastagem macroscópica bizarra, com Nathan tentando seguir seus dedos dentro de sua boca, ela podia perceber.

Naomi jogou o iPad sobre a cama. Tinha certeza de que Nathan estaria transando com Chase num piscar de olhos e quem sabe diria que trepara por pena. Ou quem sabe dessa vez isso representasse o novo padrão: pesquisa embutida. Para sua surpresa, Naomi começou a rir. Ela tinha certeza de que Nathan sabia que ela estava transando com Arosteguy, e isso significava que haviam passado a um nível de jogabilidade novo e excitante, em que um enredava seus novos amantes na vida do outro. E vejam só como tudo estava se saindo sublime: até onde ela sabia, Chase transara com Arosteguy — e com

Célestine! — e o que Nathan descobrisse com Chase iluminaria a saga Arosteguy para ela. Ele estava obviamente pronto para compartilhar os Roiphe com ela e tudo isso poderia levar a um lugar excitante e perigoso. Ela se alongou na cama, esticando bem braços e pernas, acolhendo a vulnerabilidade, a transparência, agradavelmente consciente do velho casaco *happi* de algodão que estava usando nesse momento, que Ari arrumara para ela. Era azul-escuro, num amalucado padrão de treliça, e estava desfiando nas pontas, e, sentindo a história obscura da peça roçando sua pele, fantasiou que era algo que Samuel Beckett teria usado em seus últimos dias naquele deprimente abrigo municipal de velhos chamado Le Tiers Temps — ele o chamava de “lar da velha carcaça”, sua máquina de respiração chiando num canto —, algo que comunicava desespero e pobreza para ela, que traduzido para o japonês se tornava alegria e liberdade. Viera com a casa, Ari dissera, enfiado numa fresta de janela para barrar o frio do inverno. A imagem de Beckett trouxe Naomi diretamente de volta a Nathan, que era seu único elo com o dramaturgo. Ele implorara que ela lesse seu artigo intitulado “A última fita de Beckett” — uma reflexão sobre o último ano da vida de Beckett — após fazê-la assistir a um DVD com a produção do Gate Theatre, em Dublin, de *A última fita de Krapp*, estrelando John Hurt, e ela apreciara a interação entre o gravador e a memória de Krapp, ligando-a já na época a seu fascínio com fotografia e à inexorável manipulação da memória que realiza. Para ela, Beckett era antes de mais nada aquele cabelo, aquele nariz, aqueles ossos malares, aquelas sobranceiras — aquelas orelhas! —, uma criatura fotográfica formidável. Sentou e pegou o iPad, preparada para responder a Nathan com tudo que acabara de pensar — deixe que sintam a sinistra eletricidade através de todo um oceano e um continente, que sofra um choque e fique inseguro e assustado —, mas em vez disso se pegou importando as fotos para seu aplicativo Photosmith, para um melhor manuseio da imagem, e então, assim que foram descarregadas, se levantou e desceu a escada, sorratamente, o iPad na mão como uma pistola carregada.

O futon fora desdobrado em sua moldura de madeira baixa para formar uma plataforma especificamente para o sexo, e Arosteguy, vestindo apenas uma camisa listrada azul e branca de marujo francês, ao estilo de Picasso, estava deitado de lado, perto o bastante da posição fetal para deixar Naomi sufocada com poderosas visões de seu pai em seus últimos dias no Hospital Sunnybrook, em Toronto, enrugado, ictérico e se contorcendo perto da morte. Ao mesmo

tempo, ela achou graça no quão não japonês ele parecia naquele espaço apertado, um europeu grande, branco, esparramado com grossas coxas peludas e peito largo e forte. Ele lhe mostrara um pornô japonês numa velha tevê Sanyo de catorze polegadas, conectada a um videocassete pesado e prateado de marca ignorada. Era de um ator pornô chamado Shigeo Tokuda, de setenta e três anos, com encantadores dentes proeminentes e alguns fiapos de cabelo, e um corpo comoventemente enrugado com um pênis que mal se podia ver através do trepidante efeito de borrão meio Mondrian da censura, que era um tanto hipnotizante quando o pênis entrava e saía da vagina de uma garota de vinte e tantos anos de seios grandes. O vídeo se chamava *A casa de repouso proibida: volume 17* e, como prometido, mostrava sexo num lar para idosos. Ele disse que comprara a fita a fim de fazer graciosamente a transposição para o sexo ao gosto japonês da terceira idade, na feliz certeza de que nunca mais transaria com uma caucasiana outra vez. O subtexto da sessão no tubo de raios catódicos era que Naomi estava interferindo com seu desejo de se livrar do máximo de galicidade possível em favor de uma nova identidade asiática, e isso foi dito como um elogio, mas o subsubtexto era de que homens velhos eram sexualmente viáveis, *n'est-ce pas?* Após achá-lo absolutamente atraente no primeiro vídeo do YouTube em que o vira, ela na verdade não precisava de convencimento; Shigeo Tokuda, por outro lado, achou-o apenas comicamente simpático. Começou a tirar fotos de Ari dormindo com seu iPad, o efeito que imitava som de obturador desligado, preocupada em certo nível que o mero funcionamento de seu cérebro pudesse acordá-lo e deixá-lo furioso. Ela tinha medo de sua raiva. Quando se aproximou, percebeu que estava roncando suavemente, de uma maneira variada e aleatória, que era estranhamente expressiva, como se estivesse falando pelas cavidades nasais. Flertou brevemente com a ideia de fazer um vídeo, mas não ousou, embora o pensamento de um documentário em lugar de um artigo ou livro de fato tivesse passado por sua cabeça. Ela pôde quase sentir o septo nasal dele estremecer como a palheta de um clarinete ou uma válvula cardíaca durante um ataque de fibrilação atrial, outra conexão oblíqua com os últimos dias de seu pai. Percorreu seu corpo todo com enquadramentos vagos e depois mais firmes. Quando deu a volta até a frente do futon para fazer um close de seu rosto, viu que seus olhos estavam abertos, observando-a.

Ele bocejou, se esticou e sentou parcialmente. “Imagino que uma foto do pinto murcho e sujo de porra do notório filósofo canibal francês seria interessante, mesmo se tirada com um iPad.”

“Só cinco megapixels, mas uma boa qualidade de documentário. Provavelmente tudo que você precisa para um livro.” Ele recolheu as pernas para abrir espaço e ela sentou a seu lado. “E, falando em documentar, tem uma coisa aqui” — balançou o iPad — “que quero mostrar a você. Ou prefere que eu faça um chá primeiro? Acho que aprendi a lidar com aquele fogareiro enferrujado de duas bocas caindo aos pedaços”.

“Eu estava comendo você sem parar, no meu sonho.”

“Seu ronco é muito sexy.”

“Ronco?”

Ela fez o melhor que pôde para imitar o modo como ele roncava, sem ter certeza se ele simplesmente não conhecia a palavra inglesa ou se estava surpreso de ouvir que estivera roncando. Saiu um pouco como um dos porquinhos verdes zombeteiros do Angry Birds, cuja cópia em HD havia nesse mesmíssimo iPad.

Arosteguy riu. “Você devia fazer efeitos sonoros para mim mais vezes. É um grande talento, esse seu. Mas mostre para mim o que você queria mostrar. Eu normalmente acordo com uma lucidez que vai embora rápido, então agora talvez seja o melhor momento.” Ele passou o braço em torno dela e a puxou para perto com um grunhido profundo, de um modo que ela achou perturbador, nem muito francês, nem muito japonês, e talvez discretamente desesperado; não pareceu fazer parte da relação deles, fosse esta qual fosse, estava mais para o abraço incestuoso entre um pai e uma filha (seria disso que Nathan falava quando se referia a “sexo temático?”), Arosteguy sentado ali expondo suas coxas, seu pênis, seu saco, ela nua sob o *happi* insuficiente, puído, e isso emprestou ao que estava prestes a fazer — mostrar as fotos de Nathan sabendo de seu potencial explosivo (embora não tivesse certeza de qual seria) — um verniz ultraperverso.

Destravou a tela e mostrou para Arosteguy. “Essas são as fotos que meu amigo Nathan tirou. Ele está trabalhando num artigo em Toronto.”

“Eu conheço a cidade. Muito gostosa. Agradável. Estive lá em 1996, para um simpósio sobre energia no Terceiro Mundo. O que são essas fotos? Quem é a garota? Belas coxas. O que ela está fazendo?”

Naomi passou as fotos ritmicamente. Arosteguy reagindo com pequenos resmungos e suspiros, como se continuasse a dormir, até que ela pausou na primeira imagem mostrando Chase num close. “Ari, você a reconhece?”

Arosteguy esticou a cabeça para a frente e entrecerrou os olhos para a tela. Naomi passou os dedos sobre a foto como se esticasse uma membrana, ampliando-a até o rosto extasiado de Chase, com a boca entreaberta, encher a janela. Arosteguy pulou para trás como se tivesse sido golpeado na cabeça, sua mão direita apertando violentamente o ombro de Naomi. Ele ficou de pé, recolhendo rispidamente o braço por cima dos ombros dela ao se separar, afastando-se do futon, os olhos brilhando de raiva. Naomi sentiu-se encolher como uma aranha tocada por um cigarro aceso, mas ainda teve a presença de espírito de ativar o aplicativo de Voice Memos do iPad, e isso teve um efeito tranquilizador, de distanciamento, permitindo-lhe flutuar para aquele espaço protegido da *observadora profissional*, cautelosamente lançando Arosteguy naquela plataforma giratória do espécime sob a lente de aumento. Ele andou de um lado para outro, murmurando consigo mesmo, então pegou no chão sua calça justa de veludo cotelê azul-marinho e a vestiu sem cueca, que parecia nunca usar. Assim protegido, recostou contra o peitoril da janela da frente, projetou os lábios num biquinho arqueado, como se ensaiasse em silêncio sua próxima frase, e então disse: “Quem é esse seu amigo que enviou essas fotos?”

“O nome dele é Nathan Math. Ele é jornalista. Mora em Nova York.”

Arosteguy balançou a cabeça. “Namorado?”

Naomi, dando de ombros com um descaso que não sentia, disse: “Às vezes.”

“Então, seu namorado e você. Uma clássica conspiração jornalística americana.”

“Ari —”

“Por que estão fazendo isso? Como sabe sobre Chase? O que vocês dois estão tentando fazer comigo?” Ele pronunciava o nome dela como “Chass”, e não “Tcheiss”, o que fez quase todo o melodrama pender para a farsa, aos ouvidos de Naomi.

“Eu não a conheço. E não tinha certeza que você conhecesse, também. Ela está no lugar onde mora, em Toronto, com o pai dela, um médico, Barry Roiphe. Está passando por algum tipo de terapia esquisita com ele, e Nathan está na casa deles para escrever um artigo médico sobre os dois. E ela contou

para ele que tinha estudado na Sorbonne com você e Célestine. Só isso. Uma coincidência, não uma conspiração.”

Arosteguy soltou uma risada áspera e encatarrada que saiu como um latido, e o catarro pareceu lembrá-lo de que precisava de um cigarro. Andou em volta da sala até encontrar a caixinha de cigarros amarelo-clara com o caractere japonês em vermelho vivo coroadando as letras *RIN*, e logo estava tragando profundamente. Naomi ficou surpresa que fumasse cigarros com filtro cor de cortiça, sua surpresa mais uma questão de estilo do que de profundos conhecimentos na arte tabagística (ela nunca fumara); achava que devia ser um homem de Gauloises, como Jean-Paul Belmondo em *Acossado*, Gauloise Caporal sem filtro, no clássico maço azul-francês suave com o logotipo do capacete alado, parecendo uma máquina; mas é claro que ele estava deliberadamente se tornando japonês. Ela sentiu um fortíssimo impulso de fotografar sua caixinha de cigarros; podia ver, apesar de onde estava, que o mesmo ideograma japonês da embalagem aparecia gravado em cada cigarro, pouco abaixo do filtro. Dada a importância que o impulso consumista, a paixão e a identidade tinham na filosofia social dos Arosteguy, parecia imperativo que ela enfim aplicasse ao casal sua própria abordagem da psicologia: opções e lealdades de consumidor eram a chave para o caráter e para todas as interações sociais. Ela tinha certeza de que Arosteguy tinha consciência disso em seu esforço — até que ponto era sério? estaria sendo meramente irônico? — por se tornar japonês consumindo artigos japoneses. Ela podia perceber o enigma exemplificado nas roupas ocidentais versus roupas japonesas tradicionais; ele era orgulhoso demais, consciente demais, para se permitir virar a caricatura de um japonês que se agarra à tradição — se fosse se tornar japonês, seria uma variante atual e projetada para o futuro disso —, e assim se restringia a artigos menores, como cigarro e comida, para conduzir a transformação.

“Não, mas sério, admiro você e seu namorado, Nathan. Uma versão nova e moderna de *Les Liaisons dangereuses*. Uma parceria muito atraente para a Era da Informação. Deve resultar numa diversão muito agradável.”

“Ari, não sei do que você está falando.” A fumaça em seus pulmões efetivamente pareceu relaxá-lo, modular sua raiva em sarcasmo, um alívio para Naomi. “Sei que parece ridículo, mas é uma completa coincidência, de verdade. Nathan está com os Roiphe por causa do mal de Roiphe. Eu contei

para você, ele passou a doença para mim e depois decidiu pesquisar. Foi assim que aconteceu.”

“Uma coincidência inesperada, então. Ok. E depois algumas consequências inesperadas?”

“E quais seriam?”

Arosteguy apagou o cigarro no peitoril, cruzou os braços para refletir um momento, em seguida voltou ao futon e sentou ao lado de Naomi. Delicadamente, tirou o iPad de seu colo e o segurou na mão. “Posso passar isso aqui? As fotos de Chase, tiradas pelo bom amigo de Naomi, Nathan?” Naomi fez que sim de forma trêmula, concisa, os olhos bem abertos, nervosos e agitados. Ele se curvou e começou a examinar as imagens, rolando uma por uma e expandindo-as com intensidade forense.

“O que você está vendo?”, perguntou Naomi.

Sem erguer o rosto, ele disse: “Estou vendo que Aristide Arosteguy em breve vai ser pego numa mentira e assim ele pode muito bem contar tudo para sua sacerdotisa confessora.”

“Qual foi a mentira?”

“Isso é exatamente o que uma confessora iria querer saber. Mas será que ela não está curiosa sobre o mecanismo de revelação? Quando eu era criança, por exemplo, havia um padre, o reverendo Drossos, um homem assustador, que tinha uma preocupação obsessiva, talvez antinatural, com o mecanismo da revelação. Claro, havia motivos sinistros e familiares para isso.”

“Bom, sua ex-aluna Chase Roiphe vai acabar contando a Nathan alguns segredos sobre você, e Nathan vai me contar, e eu vou contar ao mundo.”

Arosteguy agora olhou para ela com um sorriso apreciativo. “Muito bom, era o mínimo que eu esperaria de Naomi, a Alta Sacerdotisa.” Ofereceu o iPad de volta com uma ligeira mesura, segurando-o na palma das mãos viradas para cima, como se fosse a pátena litúrgica com as hóstias — ou um cartão de visitas japonês. “Mas os segredos já foram contados sem que uma palavra seja dita, e eles estão todos aqui.”

“Pretende ter filhos um dia, Nate?”

Eles sentavam lado a lado no pátio de pedras rústicas com vista para a estreita piscina de uma raia e o esmerado tanque de pedras tomado pela vegetação e cheio de carpas. Mais adiante havia uma garagem de coches, com

telhado de ardósia, que parecia original — ou seja, com cerca de cem anos de idade — e, dominando-a, um bloco de apartamentos feio e sem graça. Nathan se perguntou distraidamente quantos moradores os estariam observando com binóculos e lunetas. Escutava o ruído de uma pequena queda-d'água ou curso artificial, mas não conseguia ver nada de onde estava, sob o vasto guarda-sol com armação de teca que subia por um furo aberto no centro da mesa, que também era vasta, e também de teca. Uma mulher asiática, pequena e ansiosa, trouxera-lhes café e tigelas com frutas secas e frutas vermelhas.

“Não faço ideia, Barry.”

“Você provavelmente tem uma garota firme em algum lugar, não tem?” O sol estava alto e forte, e Roiphe usava *clip-ons* polarizados sobre seus óculos que eram ainda maiores do que os óculos; a parte inferior da armação cromada dos *clip-ons* apoiava-se nas bochechas flácidas do médico.

“Mais ou menos, eu acho.”

Roiphe brincava com um chapéu Tilley cáqui com furos de ventilação, torcendo a aba, afundando a coroa e voltando a empurrá-la, enfiando na cabeça e tirando. “Será que estou detectando uma certa ambiguidade sexual aí? Sabe, teve uma grande onda faz algum tempo em que os médicos clínicos se aventuraram pela terapia sexual. Não sei bem até que ponto isso foi realmente saudável, mas virou uma coisa muito comum. Dava para perceber a psicopatologia bem ali. Eu me recusei a embarcar nessa. Um monte de colegas meus se meteram numa baita encrenca com isso. Acabaram com uma porção de casamentos.”

“Ambiguidade, pode ser. Eu não diria sexual.” Os mirtilos estava particularmente bons, mas as framboesas estavam moles e azedas. “Só o problema do compromisso, eu diria. Não apenas de compromisso com uma mulher em especial, mas compromisso com um determinado futuro. Uma coisa meio banal, comum.” Ele virou seu Nagra de modo a ter certeza de que estivesse gravando num nível decente, devido ao pesado barulho ambiente do trânsito do meio-dia. “Mas, falando em psicopatologia, não consigo deixar de me perguntar sobre o que está rolando aqui, você fazendo o papel de psiquiatra da própria filha.”

Roiphe riu e serviu mais café para si com a mão trêmula, derrubando um pouco na aba do chapéu, que deixara ao lado da xícara. “Mas como você é cara de pau. Bom, para começar, é assim que eu sempre encarei a paternidade. Sou

analítico por natureza. Sou um médico clínico. Não consigo evitar. Isso não significa que eu seja frio, embora minha pobre esposa falecida talvez não concordasse com isso. Mas diacho, o que você faria? Nós a mandamos para a França, Rose e eu, com as melhores intenções — como você pode bem imaginar, considerando o que gastamos. Chase era uma garota brilhante, e meio europeia, na aparência. As coisas que a empolgavam e inspiravam não vinham dos Estados Unidos. Em parte, tinha a ver com esse negócio da língua. Claro, fala-se muito espanhol nos Estados Unidos, mas ela queria o pacote completo, um país onde o inglês basicamente não fosse falado, e onde a cultura fosse baseada nessa língua, o francês. E depois, é claro, tinha o lance do Quebec. Ela mencionou isso para você?”

“Mencionou.”

“Ok, então, continuando, nós a mandamos para a França, ela pouco a pouco para de ligar, depois para de mandar e-mail, e depois a gente simplesmente não tem mais notícia dela. Nem uma palavra. E então Rose faleceu, uma surpresa horrível. Ela estava em ótima forma para uma mulher na idade dela — a gente pode falar sobre isso qualquer hora, se você achar relevante para o livro, mas talvez não seja, depende. Então Rose faleceu e eu não conseguia encontrar um jeito de dar a notícia para Chase, daí entrei em contato com esse tal de Arosteguy e fiquei com uma impressão bem esquisita dele. Então viajei até Paris para procurá-la e acabei encontrando, com a ajuda de um garoto, um aluno, Hervé Blomqvist — que nome; mal consigo pronunciar —, um colega dela. Parece que minha filha estava morando com ele. Alguma coisa traumática tinha acontecido, porque largou o ótimo apartamento na Rive Gauche que encontramos para ela e foi morar com esse Blomqvist. Acho que deve ser norueguês ou quem sabe sueco, esse nome, mas ele me pareceu francês até o último fio de cabelo. Sabe como é, meio atrevido e arrogante, mas no fim ele realmente ajudou e foi cem por cento. Eu diria no fim que o rapaz foi nota dez. Acho que ela teria ficado numa encrenca terrível sem ele. Pode ser que você queira dar uma checada nele para ficar por dentro de todo esse negócio da Sorbonne. Para o livro.”

“Pode ser”, disse Nathan, digitando exatamente essa anotação no aplicativo de Notas de seu iPhone. “Como se escreve o nome, exatamente?”

“Eu passo todos os detalhes quando a gente entrar. Nunca fui muito bom em soletrar. Tenho anotado em algum lugar. E também o endereço e o telefone. Já faz um ano, mas a gente nunca sabe. E então, falando em língua

francesa, quando consegui trazer Chase de volta, ela era um caso perdido, e tudo parecia ter a ver com falar, ou não falar, francês, e com o fato de que os Arosteguy — aconteceu que eram duas pessoas, um homem e uma mulher, um casal de professores — disseram coisas tão terríveis para ela em francês que ela ficou traumatizada. E, quando eu perguntei o que podiam ter dito para causar todo aquele estrago, ela me respondeu que não conseguia lembrar, porque eles falaram as palavras em francês, e o francês tinha sumido de seu cérebro — *exilado*, foi a palavra que ela usou, tinha sido exilado de seu cérebro —, assim como o francês de um modo geral, e, sendo assim, ela não conseguia se lembrar de nada. E daí ela começou a fazer essas coisas ritualísticas esquisitas e a comer pedaços da própria pele, esse negócio que você viu, tudo num transe, e não consigo imaginar, com todos os diabos, o que isso tem a ver com as terríveis palavras francesas que alguém possa ter dito. E basicamente é nesse pé que estamos. O velho mistério embrulhado num enigma ou sei lá como é a droga da frase. E o mesmo com esse negócio de ter filhos. É mais difícil do que você consegue imaginar. Foi por isso que perguntei.”

“Barry, você mencionou ‘experimentos’ relativos à condição de Chase. Queria saber o que significa. Qual exatamente é seu processo de terapia para ela?”

“Estou atacando em todas as frentes, rapaz. E algumas delas são esquisitas, vou dizer a você.”

“Por exemplo.”

“Por exemplo, lá em cima naquele espaço do sótão no terceiro andar, que ficou só para ela. Eu comprei a casa para ela, na verdade, sabe? Rose nunca morou ali. Só estamos lá há um ano. Comprei com toda a mobília, a iluminação e todas as tranqueiras que estavam usando para pôr a casa em exposição — *home staging*, acho que é como eles chamam. Eu só queria um espaço grande e todo nosso quando vi em que estado deixaram minha filha, e a casa de condomínio no centro, perto do lago, que Rose e eu tínhamos era pequena demais, introspectiva demais. Eles não acreditaram que eu estivesse falando a sério, mas eu disse a eles que não tinha gosto nenhum, e que tudo que tinham feito na casa estava perfeito para mim. A mulher não quis dar o braço a torcer, disse que as peças eram alugadas e deliberadamente inócuas, para não distrair o comprador da casa, da propriedade, do espaço em si. Enfim,

bati o pé com a mulher e os chefes dela e acabaram fechando o negócio comigo, já que a casa estava à venda por mais de um ano.”

Roiphe parou e deu um gole hesitante em seu café morno, perdido num súbito devaneio. Nathan esperou que continuasse, mas ele aparentemente achou que havia respondido à pergunta. “Barry, você estava dizendo. Seu esquisito processo de terapia.”

“Ah, é, isso. Então eu colaborei de certa forma com Chase numa solução para o problema, que ela na verdade nunca admitiu que tinha, e ela falou: ‘Tem um negócio chamado impressora 3D, eu quero uma para me distrair, acho que vai ajudar a me relaxar.’ Esse foi o termo que ela usou, *me relaxar*, e virou nosso código para *me curar*, ou quem sabe *me fazer ficar um pouco melhor*.”

“Ela mencionou a impressora 3D para mim. Disse que ia me mostrar.”

“Sério? Bom, essa eu quero ver. Ela toma todo cuidado para que eu nunca a veja usando, isso eu posso garantir a você. E diacho, você devia ver aquele negócio. Nada barato! Ela insistiu na melhor, e daí, como eu disse, depois de eu arrumar e equipar toda a suíte do terceiro andar só pra ela, três cômodos e um banheiro, ela não me deixa ver o que anda fazendo ali, com o que chama de local de trabalho. Chega até a trancar a porta para não me deixar entrar. Eu podia arrombar, claro, mas fico com receio. Pode lançá-la de volta àquele estado catatônico em que estava quando a trouxe da França. Você devia ter visto, dura como uma tábua e se embrulhando toda em cobertores, mesmo no dia de verão mais quente, como hoje. Então ela falou que vai te mostrar? Bom, aí está, você é parte de meu processo de terapia. A gente está colaborando com Chase e ainda com o livro, e isso vai ajudá-la também com alguns problemas paternos.”

Nathan não estava pronto para investigar quais eram os problemas paternos, mas suspeitava que teriam raízes profundas e perturbadoras. “Uau. Isso é forçar um pouco, você não acha? Sou só um jornalista.”

“Vivemos tempos radicais, rapaz. Não percebe? Em tempos assim, você precisa forçar, forçar até o ponto de quebrar. No segundo em que conheci você, vi que estava pronto para um grande avanço na vida, e a hora chegou. Ninguém sabe aonde isso vai levar.”

“Não sei bem o quanto ela vai querer colaborar depois de bater a porta na minha cara daquele jeito.”

“É só não falar francês com ela outra vez. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. Ela está meio intrigada com você. Ficou bastante reclusa depois que a trouxe de volta.”

“Já ouviu falar no livro *Le Schizo et les langues?* Escrito em francês por um americano, Louis Wolfson, um esquizofrênico que não suportava falar inglês, nem mesmo ouvir alguém falando, e se refugiou completamente em outras línguas, mas principalmente no francês. No caso dele, eram problemas maternos.”

“Ah, olha só, está vendo? O destino invocou um especialista para mim, e é você, rapaz.”

“A gente não conseguia mais se deixar fotografar, depois do diagnóstico. Toda foto mostrava a mentira. Toda foto era a lembrança de uma vida que se fora, uma fotografia da morte. Comparadas com aqueles inocentes retratos antigos de família, as fotos que eu finalmente tirei de Célestine... depois... elas eram honestas, não continham traições, mentiras, enganações. Então eram horríveis, mas eram puras.”

O futon fora dobrado de volta em sua forma de sofá, e Naomi, agora com suas calças de ioga e jaqueta de moletom Roots cinza com capuz, se apossara dele, espalhando toda a sua parafernália eletrônica, de maneira protetora, em volta de si: MacBook Air no colo com a tampa servindo de escudo, o logo brilhante da Apple como um talismã contra Arosteguy, que se acomodava do outro lado da mesa baixa, afundado no pufe marrom de belbute. Ela originalmente o gravara usando os arquivos WAV descompactados do Nagra, que eram imensos e tão lindamente detalhados; os arquivos de MP3, que perdiam dados na compactação, teriam sido mais do que adequados para a transcrição, mas ela queria a qualidade total da voz rouca de fumante de Arosteguy, prevendo ao menos um programa de rádio, quando não um documentário em vídeo. No momento, porém, ela estivera repassando um trecho crucial do testemunho de Célestine fornecido por Arosteguy nos minúsculos alto-falantes de seu Air — sem grandes implicações, mas claro o suficiente para condenação. O Nagra estava sobre a mesa, perto de Arosteguy, seu modulômetro de LED azul piscando em sincronia com os sons distantes da rua, à espera de que falasse. Naturalmente, tinha seu chá e um cigarro RIN para se ocupar enquanto pensava numa resposta, e bebericou e soprou fumaça

refletindo de forma cuidadosa. Finalmente, ergueu o olhar em sua direção com um charme calculado, acanhado, e sorriu.

“Peço desculpas à minha sacerdotisa. Eu a subestimei. Eu a pus no mesmo patamar da mídia global, que é onde encontrei aquele material cru e facilmente digerível para meu relato banal e burguês de *Minha vida com a pobre Célestine terminal*. Existem tantos blogs e artigos nas seções de saúde dos jornais on-line, despejando as emoções sintéticas, os detalhes mundanos, as chocantes consequências físicas de qualquer doença em que se possa pensar ou até inventar. Francamente, Célestine e eu achamos que tínhamos de compreender por inteiro o fenômeno da internet, pois o consumismo e a internet se fundiram, tornaram-se uma coisa só, ainda que em certo nível isso fosse um anátema para nós, nocivo para a cultura pessoal estranha, introvertida e, sim, inflexivelmente esnobe que passamos anos desenvolvendo juntos. Mas também nos demos conta de que precisávamos da net a fim de compreender qual era a condição humana básica, o que o ser humano atual era de fato, porque havíamos perdido o contato com isso, nossos alunos deixavam isso bem claro para nós, e assim estávamos também usando a internet para pesquisar nossos papéis, desempenhando seres humanos normais.”

Deu uma profunda tragada no cigarro que foi rica em drama tácito, irônico, ou pelo menos assim Naomi interpretou. Ela se sentiu humilhada por ter sido tapeada, ludibriada para uma trepada de comiseração, e ao mesmo tempo triunfante e ansiosa por um furo que estava além do alcance da internet. Inegavelmente, foram as fotos de Nathan — seu significado completo ainda não muito claro — que levaram Arosteguy a ceder, e significava que ela e Nathan continuavam a ser uma espécie de equipe, talvez não do naipe dos Arosteguy, mas agradavelmente excêntrica a seu próprio modo, e quem sabe ela encorajasse Nathan a transar com Chase Roiphe, se ele ainda não tivesse feito isso, apenas para estimular os paralelos. O pensamento lhe deu vertigem, e ela sentiu uma energia começando a correr por seu corpo.

Arosteguy parecia evaporar dentro de sua própria cabeça agora, e Naomi, num ato reflexo, tornou-se a interrogadora. “Ari, vamos começar pelo básico. A dra. Trinh estava falando a verdade? Célestine não tinha mesmo câncer no cérebro, nem qualquer outro tipo de câncer?”

Ainda andando de um lado para outro no espaço interior de seu próprio crânio, Arosteguy respondeu sem erguer o rosto, como se Naomi estivesse

dentro daquele crânio com ele. “Dra. Trinh, isso, ela estava falando a verdade.”

“E então... por que ela morreu? Qual foi a causa da morte de Célestine Arosteguy?”

“Célestine acordou no meio da noite. Ela me sacudiu para me acordar. Quando conseguiu ver uma luz surgindo no fundo dos meus olhos, minha consciência, ela disse, com a voz rouca de seriedade: ‘Precisamos destruir a religião inseto.’” Ele ergueu a cabeça e olhou para Naomi, mas ela sentiu, com um abatimento profundo e visceral, que ele estava olhando para Célestine. “Isso foi como um gatilho, foi como um tiro terrível sendo disparado em meu cérebro, direto por sua boca.”

“Não entendi a referência.”

Aristide riu; estava agora olhando para Naomi. “Então nada de tiro para você. Porque obviamente nunca ouviu falar no famoso ensaio.”

Para Naomi, *isso* foi como um gatilho apertado, foi como o tiro aterrorizante sendo disparado em seu cérebro direto pela boca *dele*: sua ignorância, sua falta de profundidade. Yukie era capaz de ostentar essa superficialidade, conseguia aplicar o verniz na estrutura, o painel sintético imitando os veios da madeira tornando-se a própria mesa, assim como todos os seus contemporâneos sociáveis também eram capazes; se você sabia demais, se era consciente demais ou instruída demais, ficava vulnerável a variedades especiais de sofrimento e ansiedade, e pior, não era uma pessoa descolada. Mas Naomi não era Yukie. Ela ficou angustiada de não ter lido o famoso ensaio, de não saber de sua existência. Mas, estranhamente, com o mínimo ponto de apoio em que se firmar, ela podia imaginá-lo, e isso sempre fora sua virtude sagaz, salvadora: não o conhecimento, exatamente, mas a invenção intuitiva. “Tenho certeza de que consigo encontrar na internet. Qual é o título?”

Arosteguy esmagou seu RIN quase terminado e acendeu logo outro. “O ensaio se chamava ‘A judiciosa destruição da religião inseto’.”

Isso, pensou Naomi, conforme navegava alucinadamente, aqui está: Weber. Capitalismo. Vaticano. Lutero. Entomologia. Sartre. Consumismo. Beckett. Coreia do Norte. Apocalipse. Esquecimento.

O gatilho era a religião do seio, do fluido da carne que está ali para nutrir, para criar mais carne. E depois havia um seio de verdade, o maravilhoso seio esquerdo de Célestine, que estava cheio, mas não de leite e glândulas mamárias, e sim de um ninho formigante de insetos de todas as formas e tamanhos, zumbindo, eriçados. Sim. “Meu seio esquerdo é uma bolsa cheia de insetos. Não sei por que está ligado a mim e gostaria muito de... desconectá-lo. Pode ficar para você, depois, se quiser. Sei que gosta dele.”

Estávamos no júri do Festival de Cinema de Cannes, os dois únicos membros que não eram profissionais da indústria cinematográfica. No ano anterior, fora a vez de uma cantora de ópera americana e um designer de games de computador. Isolados numa vila luxuosa nas colinas com vista para Cannes, cabia-nos discutir do modo mais despreocupado e livre todo tipo de questão sobre cinema e sociedade com nossos nove colegas de júri — incluindo nosso presidente, o ator sérvio Dragan Štimac —, enquanto fazíamos as refeições mais requintadas e passeávamos pelos jardins mais arcádicos. Finalmente, sentaríamos em torno da grande mesa no salão majestoso e votaríamos as diversas premiações. Havia vinte e dois filmes na competição para a Palma de Ouro e vários outros prêmios intensamente aguardados e analisados.

Dizia-se que a vila pertencia a uma condessa russa de noventa e três anos, antiga beldade que estava na verdade à espreita em algum lugar da propriedade, escondida de todos os olhares, sem querer ser vista, mas empolgada com o clima animado de juízos sobre arte que enchiam seus salões. Foi na antessala grotescamente russianizada da piscina, um vestiário azulejado como o Hermitage, que Célestine puxou meu rosto para seu seio esquerdo nu e disse, numa voz trêmula de horror: “Escute!”

Eu escutei. Escutei seu coração martelando. “Sua taquicardia”, eu disse. “Não consegue controlar? Precisa de seus comprimidos?” Seu rosto estava desfigurado pelo medo; era, confesso, uma expressão que eu desprezava, um rosto raro de ver. Ela pressionou o seio, agitou-o como se fosse um saco de cerejas. “Entomologia”, disse. “Um saco de insetos. Escute-os aí dentro. Eles querem sair. Principalmente os himenópteros. Tendem a ser claustrofóbicos. O

que é estranho, claro, porque meu seio é muito semelhante a um vespeiro, e você imaginaria que estão confortáveis aí dentro.” Estava na verdade apertando e massageando o seio em suas mãos, e delicadamente eu as tirei e segurei seus pulsos junto às coxas. Ela suspirou, o rosto relaxado, e deu uma pequena risada.

Nunca tinha visto nada como isso antes. Fiquei chocado e aterrorizado. Foi como se estivesse sofrendo um tipo bizarro de ataque, e a estranheza de seu rosto dava fundamentação a esse pensamento. A pressão também foi bizarra, porque logo teríamos de nos reunir à volta daquela mesa com o júri e o presidente do festival e empreender discussões solenes, apresentar argumentos e votar rancorosamente. Tentei fazer uma piada da situação, uma amostra espontânea de arte performática. “Isso é sua reação ao filme norte-coreano, não é? O filme norte-coreano se enterrou no seu seio, seu seio esquerdista, seu seio vermelho.” Eu sabia que o filme a afetara profundamente e que já perturbara inúmeros buldogues marxistas adormecidos que nunca deixavam os canis intelectuais franceses. Mas ela gritou comigo, e gemeu, e fiquei aterrorizado, imaginando que o júri ia se tornar um júri criminal e nos condenar e proibir para sempre de deixar a vila tsarista. Mas ninguém apareceu para ver o que estava acontecendo. Havíamos escutado inúmeros urros, gritos, bate-bocas, gemidos mórbidos no início da noite anterior, e depois pelo resto da noite, e ainda nesse domingo de manhã, o domingo da *palmarès*. Um apaixonado e criativo grupo de cineastas.

E então o ensaio. Era na verdade uma carta para mim, uma confissão que não podia fazer de outra forma, publicada na revista parisiense *Sartre*, embora eu tivesse implorado que não o fizesse. Era íntimo demais, eu disse. Mas ela retrucou: “A filosofia é íntima, o ato de pensamento mais íntimo de todos.” E então: “A judiciosa destruição da religião inseto”, ensaio por Célestine Arosteguy. Claro, nós no júri daquele ano escutaríamos a ressonância. O filme norte-coreano chamava-se *O uso judicioso dos insetos* e em seu ensaio Célestine confessa que o filme disparou o “golpe” — de sorte? —, mas revela que o desligamento do seio, a ligação dos insetos, viera se acumulando por anos e deixando-a tão aterrorizada que não conseguia falar disso com ninguém, nem comigo, nem com seu adorador médico. Ela descreve a cena do último voto para a Palma de Ouro. O presidente pedira ao júri que os títulos de todos os seus candidatos propostos para a Palma fossem escritos num pedaço de papel

do festival — oficial, com o símbolo da palma dourada em relevo — e entregues a ele. Quando chegou a suas mãos o papel dela, no qual escrevera o título do filme norte-coreano, ele tirou o isqueiro do bolso e o queimou, jogando-o no cinzeiro que ele mesmo trouxera todos os dias à nossa sala de reuniões no Palais des Festivals e agora trazia à vila, num gesto de desafio contra a proibição de fumar. “Não tive permissão de trazer minha pistola de nove milímetros”, disse, com seu característico sorriso tresandando a sarcasmo, “então isso deve resolver”.

O delegado artístico do festival, cuja presença se destinava a certificar a legitimidade do procedimento de votação, ficou horrorizado com a barbaridade e admoestou educadamente o presidente do júri. Mas ele não se deixou intimidar. “Se essa coisa vencer o voto para a Palma, ou na verdade para o que quer que seja, vou renunciar a meu cargo de presidente e anunciar publicamente o motivo.” E o olhar que lançou a Célestine foi odioso, desdenhoso, malévolo, misógino. Eu também estava lá, claro. Não pretendia votar no filme norte-coreano, mas ainda não revelara minha escolha.

Havia em nosso júri um diretor norte-coreano idoso, raivoso, exilado, Bak Myun Mok, que era obviamente um inimigo do diretor do filme norte-coreano na competição. Ele estava preparado para fazer qualquer coisa para impedir seu arraigado contrerrâneo de ganhar um prêmio, e desse modo empreendia uma campanha — não muito sutil — contra o colega. Ele virou especificamente para mim e abriu as mãos em desespero impotente. Sua intérprete, Yolanda, era uma jovem espanhola, cujo cabelo preto curto e liso sugeria que estava tentando parecer coreana. Até mesmo o modo como movia a boca era de algum modo coreano. Yolanda não parecia muito à vontade com o que o homem dizia. “O senhor é filósofo”, me disse, começando sua tradução, mas então fez uma pausa e me olhou apreensivamente, quase implorando a ele que dissesse alguma outra coisa, e não o que estava realmente dizendo. Numa reação à sua insolência, o diretor pegou um lápis — havíamos todos recebido lápis e blocos de papel, tão encantadoramente retrôs — e a cutucou com crueldade, duas vezes, em sua delicada clavícula desnuda. Embora houvesse uma borracha na ponta do lápis, isso deixou uma dolorosa marca vermelha quase na mesma hora.

A intérprete voltou a virar para mim com um olhar contrito e prosseguiu. “O senhor é filósofo”, disse, “e esse cachorro de carne da sua esposa também é filósofa. Ambos são filósofos profissionais, seja lá o que isso signifique. Será que

não consegue explicar para a cadela que o filme, até mesmo o título, *O uso judicioso dos insetos*, não é filosofia, e não é arte, mas política da pior e mais repressiva espécie? E que dar qualquer prêmio para esse filme sinistro e miserável significaria acorrentar a arte do cinema no muro da conveniência política?”.

“Cachorro de carne da sua esposa?”, eu disse para Yolanda. “Ele falou isso mesmo? E ‘cadela’?”

“Primeiro sussurrando, sim, falou essas coisas.” A voz de Yolanda tremia de aflição e seus olhos ficaram brilhantes de lágrimas. “Eu confirmei para ter certeza de que não tinha compreendido mal. Pedi a ele para reconsiderar o que estava dizendo. E ele repetiu essas palavras, só que não mais sussurrando.” Depois, num inseguro acréscimo pedagógico — Yolanda estava treinando para obter um certificado de ensino do francês —, acrescentou: “Na Coreia, cachorros de carne são chamados *nureongi* ou *hwangu*, significando ‘cão amarelo’. As pessoas não deixam que entrem em casa. ‘Cadela’ é um cão menina.”

Ele não era pequeno, Bak Myun Mok, mas era arrogante e, desse modo, lento, e estava despreparado para meu ataque. Como não tínhamos permissão de levar câmeras e celulares ao nosso retiro, não há fotografias ou vídeos em que apareço expressando minha raiva, embora as consequências — o osso malar quebrado de Bak, seus olhos roxos, o lábio inferior rachado — tenham sido devidamente registradas pelo fotógrafo policial convocado à vila. Em todo o episódio, Célestine permaneceu profundamente ausente, de olhar vazio, cada vez mais anestesiada por sua própria espiral de reações a *O uso judicioso dos insetos*. Não vou me deter no delicioso escândalo geral, que está bem documentado na internet. Basta dizer que o procedimento de votação foi bastante irregular, a *palmarès* virou um satisfatório pandemônio e o filme norte-coreano ganhou um Prêmio Especial do Júri — por “subversão artística e elegância visual” — como consolo. Dragan, o presidente, votou contra o filme, embora tivesse batido palmas, deliciado, quando Bak e eu rolamos pelo chão, exclamando em várias línguas que aquilo era cinema de verdade, e encorajando sem sucesso o restante do júri a participar da briga. Bak também votou contra o prêmio, seu voto transmitido do consultório de um dentista em Cagnes-sur-Mer, onde passava por um tratamento de emergência no pré-molar superior esquerdo que eu amolecera quando esmaguei seu rosto contra as réplicas de

azulejo do Palácio de Inverno holandês, no piso do salão. Quando agarrei seu cabelo e arrastei sua cabeça na direção da perna de ébano maciço da mesa de votação, o resultado foi uma mancha gratificante de saliva, sangue e muco nos azulejos, na maior parte vindo daquele dente bambo, rasgando a gengiva onde estava encravado.

Bak mais tarde jurou que fora mal interpretado e que tinha um profundo respeito por todas as mulheres, particularmente intelectuais como Célestine, e que era incapaz de sequer pensar em palavras daquelas com referência a ela. Yolanda veio mais tarde à nossa procura em Paris, tecnicamente como testemunha no processo contra mim pela agressão, mas emocionalmente para soluçar e choramingar sobre a perda de seu emprego no festival e a degradação geral que sofreu entre a comunidade de intérpretes. No fim, acabou na cama comigo e Célestine, mostrando-se de forma adorável muito carente e sexualmente desesperada, o que é claro foi uma delícia para mim, e teria normalmente sido também para Célestine, mas ela continuava entorpecida. Foi só quando forcei Yolanda a descrever nosso jogo sexual em tempo real da maneira mais obscena possível, em espanhol e coreano, que Célestine ficou de algum modo reanimada.

Eu penetra em Yolanda por trás — não era sexo anal, veja bem; ela relutou contra isso — e podia sentir as costas de Célestine roçando contra as minhas. Quando escutou as frases ofegantes, entrecortadas, sujas vindo do fundo de Yolanda e crescendo de intensidade, virou e colou sua barriga contra minhas costas, esticou o braço por cima de minha cabeça e agarrou Yolanda pelo queixo e pelos cabelos. Com isso, girou a cabeça de Yolanda até que a jovem chocada tivesse de virar de frente para mim, de modo a evitar uma fratura no pescoço, e então, agora a encarando, Célestine disse: “E o significado do título, então? Pode nos explicar e revelar a sinistra malignidade que ele guarda, segundo Bak Myun Mok? Vi você conversando com ele nos salões do Palácio do Festival. Você estava flertando com ele. Ele devia confiar em você.” No início, Yolanda ficou compreensivelmente confusa, primeiro porque Célestine falou com ela em seu espanhol muito imperfeito, e depois, não pouca coisa, porque estava à beira de um orgasmo monumental, que tinha de algum modo um sabor mourisco, ou talvez fosse apenas um delírio meu, e agora contorcera o corpo para me fazer sair dela, passando a se esfregar freneticamente em meu joelho direito, que estivera doendo a seu modo

cronicamente imprevisível, de maneira que tive de transferir seu sexo para o meu joelho esquerdo.

A maior parte desse melodrama foi, como eu disse, encarnado no famoso ensaio, famoso pelos eventos pessoais que revelou, tanto quanto por sua abordagem radical, há quem diga destrambelhada, da filosofia consumista. O que Yolanda disse em nossa cama sobre o filme norte-coreano não satisfaz Célestine. A interpretação de Bak Myun Mok seguia nas linhas políticas tradicionais: sucumbindo sob o fardo de uma seca devastadora, os pobres aldeões do filme — que moravam na fantasia hermeticamente selada de um vilarejo proto-coreano atemporal — eram forçados por seus governantes a suplementar suas dietas pobres em proteínas com insetos, que eram vistos como nocivos e nojentos pelos autores do filme, embora é claro considerados legítimas iguarias em outros lugares do mundo. (Mesmo na moderna Coreia do Sul, *beondegi*, a larva do bicho-da-seda cozida na água ou no vapor, com seu aspecto francamente segmentado de inseto, é um quitute de rua popular.) O *judicioso* do título foi usado com ironia, no sentido de “desesperado”, “último fôlego”. Mas no espantoso e brilhante novo mundo da Ideia Juche norte-coreana, ou autoconfiança neostalinista, a pessoa não teria de recorrer aos insetos para alimentar seus filhos, e isso estava exemplificado da maneira mais didática e programática na revolta dos camponeses contra os anciãos da aldeia, que eram todos membros de uma casta violenta, repressiva, xamanística que promovia a ingestão de insetos como um imperativo religioso. Será que Célestine não enxergava a crua propaganda envolvida? Teria se deixado seduzir tão completamente pelo estilo visual retrô do filme, tão estranhamente parecido, nas cores e nos movimentos de câmera, com um suntuoso melodrama hollywoodiano de Douglas Sirk na década de 1950?

O que Célestine viu de fato foi uma obra criada expressamente para ela por, inexplicavelmente, um diretor de cinema norte-coreano de quem nunca ouvira falar e que provavelmente, dado o isolamento do país, nunca ouvira falar nela. Como seria possível? Claro, ela reconhecia a teoria inevitável de que isso era um devaneio solipsista, mas, no espírito do drama interior, não fazia diferença que fosse: tinha significado para ela e lhe proporcionava um projeto filosófico. O cinema coreano, particularmente norte-coreano, tornou-se uma obsessão para Célestine, mas é claro que, dada a trajetória inortodoxa dele, não exigia o estudo da história coreana ou sequer que se assistissem a filmes

coreanos. Não. Exigia pesquisa do tipo subversivo, subterrâneo, e desse modo cheguei em casa certo fim de tarde, por exemplo, para dar com nosso apartamento cheio de acólitos de Simon Sheen, também conhecido como Shin Sang-ok. Shin era mais famoso por ter sido sequestrado em Hong Kong, junto com sua ex-esposa e atriz, Choi Eun-hee, pelo futuro ditador da Coreia do Norte, Kim Jong-il. Kim Jong-il era um fanático por cinema que compreendia o valor de propaganda de um filme, e também sabia reconhecer o carisma cinematográfico quando via um. E, não vendo nenhum na Coreia do Norte, ele o sequestrou. (A noite se revelou desanimada e constrangedora, sem nada digno de ser contado, embora Célestine ficasse enlevada com a presença um tanto confusa dos sheenianos.)

Célestine se convenceu de que o diretor de *Judicioso* não tinha nada de coreano, mas era na verdade um diretor francês sequestrado que a conhecia muito bem e estava sinalizando para ela por meio de seu filme. Bak alegara que o líder supremo em pessoa, Kim Jong-un, era o produtor do filme, seguindo os princípios estabelecidos no livro de seu pai, *Sobre a arte do cinema*, e assim, haja vista que a paixão pelo cinema ainda florescia em Pyongyang *pari passu* com a desumanidade neostalinista sob o disfarce da Ideia Juche, por que não sequestrariam o diretor mais apropriado? Por que não sequestrariam Romme Vertegaal?

Então. “Precisamos destruir a religião inseto”, ela disse.

“Tina, você está acordada de verdade? Está sonhando? Sabe o que está dizendo?”

[“Tina?”, disse Naomi.]

[“De Célestine. E nós dois adorávamos Tina Turner, a cantora americana.”]

[“Tudo bem. Então, Tina.”]

“Ele estaria com quarenta e dois agora”, ela disse.

“Quem estaria?”, perguntei, embora já soubesse a resposta.

“Romme”, ela disse. “Ele era quase exatamente vinte anos mais novo do que eu.”

Você precisa saber que, embora sempre houvesse Aristide, havia também o que chamávamos de lacunas, intervalos em que precisávamos ficar longe um do outro. E preenchendo essas lacunas para Célestine inevitavelmente estava

Romme, um jovem diretor brilhante e radical que abandonou seus estudos na Sciences Po para transmitir sua visão política mediante a arte do cinema. Uma política estranha e um cinema estranho: uma obsessão com Ike Eisenhower, China, a década de 1950 na América e os filmes de Douglas Sirk. Romme Vertegaal foi aluno de Célestine e, é claro, seu amante nas lacunas, também. Era nascido na Holanda e ridiculamente alto, e enfatizou para Célestine desde o começo que, talvez por questão de coerência com sua extrema altura, seu olhar estava sempre no oblívio. “Abençoado, abençoado oblívio”, teriam tatuado em seus ombros os beatniks originais, e Romme tinha essas palavras tatuadas em seu coração. Estava claro que pretendia desaparecer, “obliterar-se”, e no fim ele fez isso mesmo, deixando Célestine totalmente devastada. Havíamos acabado de nos reconectar, preenchendo nossa mais recente lacuna com nós mesmos, e a substância de nossas conversas reanimadas era esse recente amor perdido seu, e a dor inesperada que causou nela me machucou também, pois achei que nunca se recuperaria disso, e desse modo qualquer amor entre nós seria vivenciado à sombra desse amor sagrado, muito maior, perdido. Romme era um jovem espetacular, mesmo à parte sua altura absurda, quase surreal. Talvez você tenha visto algumas obras dele no YouTube. São incríveis.

Os amigos dele tinham certeza de que cometeu suicídio de algum modo diabolicamente inteligente envolvendo a absoluta dissolução, possivelmente com produtos químicos automotivos, de seu corpo, e essa foi também a hesitante versão oficial da polícia para o seu desaparecimento. Célestine, porém, tinha certeza de que ele foi para a China e sumiu na vastidão do país, a despeito de sua altura. E então veio *Judicioso*, e Célestine percebeu que ele fora parar na Coreia do Norte, fazendo filmes de propaganda para Kim Jong-il, e depois filmes de verdade para seu sucessor possivelmente mais volúvel, o menino-rei Kim Jong-un, filme que tinha determinadas mensagens dirigidas a ela, Célestine, amor eterno e transnacional de Romme.

E assim, naquela noite, quando Célestine me acordou para dizer que devíamos destruir a religião inseto, eu sabia que estávamos com problemas. Só não sabia que forma o problema assumiria. Talvez no futuro houvesse uma abordagem para quaisquer representantes norte-coreanos clandestinos em Paris que poderíamos encontrar com a sugestão de uma visita especial, à terra natal deles, de dois famosos filósofos franceses, com ênfase na filosofia do cinema.

Uma vez lá, Célestine tentaria contatar Romme Vertegaal, que trabalhava sob o pseudônimo de Jo Woon Gyu (o diretor de *Judicioso* que figurava nos créditos), e fugiria com ele, ou antes se casaria com ele sob os auspícios do líder supremo Kim, reproduzindo auspiciosamente o casamento forçado de Simon Sheen com sua ex-esposa e atriz depois que foram ambos sequestrados, e simbolizando a fusão divina da filosofia política e do cinema no Paraíso dos Trabalhadores do Norte. Célestine podia mesmo pensar nesses termos? A emoção profunda subjazia a todo o seu pensamento, mas nunca a impediu de ser cristalina em sua lógica, rigorosa em sua doutrina. Tudo ligado a Romme, por outro lado, vinha embebido numa piração meio feminina e pueril; era muito perturbador e desestabilizante para mim e para nós.

Mas, mesmo considerando todo o tempo que vivi em sua cabeça e em seu corpo, nunca fui capaz de prever a real estratégia coreana de Célestine.

Em Paris, andávamos num Smart Fortwo elétrico. Levei Célestine a um restaurante norte-coreano onde ela deveria se encontrar com certos colaboradores misteriosos de seu projeto Romme Vertegaal; o lugar era famoso por seu surpreendente design de temática militar exibindo iconografia e cores do kitsch totalitário. Ela me pediu para deixá-la por lá; iria me ligar quando terminasse. Fiquei preocupado de que pudesse estar se envolvendo numa situação potencialmente perigosa. Eu fantasiava que também seria sequestrada e teleportada para Pyongyang. Que não me quisesse na história deixou-me ainda mais preocupado; significava que em seu íntimo sua ligação era com Romme, quase a única vez em que talvez não estivesse também em contato íntimo comigo, e é claro que isso foi perturbador. Confesso que estacionei nosso carro algumas ruas depois e fui esperar do outro lado da rua, diante do restaurante.

Enquanto ficava ali fumando, escondido na entrada de uma loja de tapetes, refleti, bastante estranhamente, sobre o fato de que mesmo quando jovem Romme usara aparelhos auditivos — originalmente Phonaks, mas da última vez que o vira, Siemens — como resultado de uma doença de infância. Quando finalmente aceitei que eu mesmo precisava de um, pensei na alegação de Romme de que esses aparelhos eram sintonizados na música das esferas, e depois, de um modo mais sério e mundano, em certas frequências de satélites. Ele nunca sentiu vergonha ou acanhamento em relação à sua deficiência

auditiva; era mais provável que se mostrasse orgulhoso e agressivo quanto a isso — fazia proselitismo político sobre o assunto, como sobre tudo o mais —, e desse modo tornou-se uma causa. Depois que ele tivesse feito sua cabeça num café, você ficava com a sensação de que o mínimo que podia fazer era perfurar os próprios tímpanos com um dente de garfo, em solidariedade, e também experimentar em primeira mão a criação divina da tecnologia de áudio suíça e alemã. Numa espécie de áudio-homenagem a ele, consultei sua audiologista quando chegou minha hora de ser equipado. Na época, a tecnologia digital aperfeiçoara a sofisticação desses dispositivos para além da ficção científica, a um ponto em que podiam ser conectados a celulares, satélites de GPS e muitos outros dispositivos de comunicação. Passou a ser comum que fossem chamados de *equipamentos* auditivos, uma designação que lhes confere nuances até artísticas, e não mais de aparelhos auditivos, termo infalivelmente ligado a envelhecimento e doença. O meu Siemens veio com Bluetooth, seis programas diferentes adaptados para diferentes ambientes auditivos, interruptores basculantes para mudar os programas e controle de volume, além de um regulador wireless que mais parecia um controle remoto de garagem. Madame Jungebluth me assegurou em tom confidencial que contava com diversos agentes dos serviços de inteligência internacionais em sua clientela, nenhum deles com deficiência auditiva.

Eu tinha certeza de que qualquer agente secreto desses teria se interessado em escutar a conversa ao jantar de Célestine se estivesse onde eu estava, ali naquela esquina, para gravá-la e transmiti-la a algum remoto posto fronteiriço na Sibéria, mas só me restava, pateticamente, imaginar isso. E então vi Célestine sair pela entrada ornamentada do restaurante na companhia de dois coreanos usando terno e gravata escuros, um de meia-idade, o outro bastante jovem. Ela virou de frente para eles, parou e os abraçou, primeiro um depois o outro, com enorme alegria e afeto. O jovem lhe passou um envelope de papel manilha que tirou do bolso interno do paletó e, enquanto ela pegava o envelope e o punha no bolso do casaco, ele juntou as mãos, fez uma reverência e virou para ir embora. Seu colega fez a mesma coisa. Enquanto os dois se afastavam pela rua, Célestine pegou seu velho Nokia tipo flip e me ligou. Rapidamente acionei o silencioso em meu celular e virei de costas para o restaurante.

“Alô?”

“Estou na entrada do Presidente Eterno. Pode me pegar?”

“Claro. Me dá dez minutos.” Mas fiquei ali por pelo menos cinco, observando-a como um espião, como um curioso qualquer, como um caçatentos de uma rede albanesa de traficantes de escravas sexuais, analisando sua linguagem corporal conforme andava de um lado para outro e fumava, apalpando e acariciando de tempos em tempos o bolso do casaco, para ter certeza de que o envelope continuava ali, parecendo extrair prazer e segurança do que quer que houvesse dentro dele.

No carro, Célestine parecia distraída e alegre, uma combinação muito perturbadora. “Como foi?”, eu disse. “O Presidente Eterno. Nunca entrei. Imagino que o nome se refira a Kim Il-sung. As paredes devem ser cobertas de imagens gloriosas dele, no estilo stalinista norte-coreano.”

Célestine levou vários segundos para responder ao que eu disse, quase como se precisasse absorver primeiro e decidir responder depois. “Não só as paredes, mas os pratos também. Kim Il-sung como o Rei Sol, rindo, feliz, emanando raios de luz amarelos, com um círculo vermelho em volta, venerado por soldados e trabalhadores de todas as idades. E teve até apresentação de cabaré: lindas jovens em uniformes militares bem justos, de minissaia e quepe em forma de bolo, sem pala, produzidos com cores e tecidos parecendo desenho animado, em tons pastéis de verde-limão e fúcsia. Realizaram uma coreografia perfeitamente sincronizada, imitando exercícios militares de um jeito que arremedava ao mesmo tempo que glorificava o exército. E entoando canções que faziam a mesma coisa, versões pop de canções militares, canções de soldados, agressivas, animadas e ameaçadoras. O caráter estrangeiro delas era delicioso.”

“E a comida? Você comeu?”

“Ah, sim, nós jantamos. Peixe e sopa — acho que era cachorro, para falar a verdade —, bolinhos fritos e frituras diversas, e *kimchi*, e um monte de coisas que não consegui identificar. A música pareceu de alguma maneira se misturar com a comida. Foi uma experiência engraçada, irônica até. Meus amigos garantiram que era a cozinha norte-coreana autêntica, não da Coreia do Sul, mas que só a elite de lá teria acesso à alta qualidade que estava sendo oferecida para a gente.”

“Seus amigos eram coreanos?”

Foi nesse ponto que Célestine olhou para mim pela primeira vez desde que entrou no carro, quase surpresa em descobrir que estivera conversando com outra pessoa, e não consigo mesma. “Ah, sim. Eles eram coreanos. Sul-coreanos, mas muito prestativos.”

“*Mas* muito prestativos? Está me dizendo que teria preferido norte-coreanos?”

“Para minha pesquisa, sim. Isso teria sido melhor. Mais direto. Mas esses eram dois homens encantadores, prestativos.” Célestine deu um tapinha em minha coxa, na tentativa de ser tranquilizadora, mas só serviu para me deixar irritado e mais desconfiado.

“Gente do cinema?”

“Não. Dos insetos. Quer dizer, são da Sociedade Entomológica da Coreia. Eu fiquei curiosa sobre a precisão daquele filme, o *Judicioso*, sua abordagem da vida dos insetos na Coreia. Quero escrever um artigo sobre isso para a revista *Sartre*. Jean-Louis Korinth, o editor, está morrendo de interesse. Claro, ele sempre está, e daí ele passa por cima quando vê a coisa de verdade. Ele tem uma ideia na mesma hora, e daí o que você escreve nunca bate com o que ele tem na cabeça...”

Ela estava divagando agora, perdendo-se pelas florestas densas da península coreana, sua cabeça longe de mim, não vendo as ruas passarem. Fiquei imaginando se bebera demais. O álcool vinha realmente devastando seu cérebro naqueles dias, sua memória de curto prazo, suas reações emocionais. Tentei trazê-la de volta.

“E então eles foram capazes de elucidar algumas coisas para você? A vida dos insetos na Coreia do Norte como retratada no filme *Judicioso*?”

Ela voltou a virar para mim e seu rosto desabrochou numa expressão de alegria novamente, dessa vez sem distrações. “Ah, fizeram mais do que isso”, disse, e enfiou a mão no bolso do casaco para tirar o envelope de papel manilha, que eu não ousara mencionar. “Me deram o filme. Eles me deram o DVD do *Uso judicioso dos insetos*.”

Sentamos para assistir ao DVD assim que chegamos em casa. Meu jantar foram café e cigarros, algo que Tina normalmente nunca permitiria, mas eu e meu metabolismo descontrolado não existíamos para ela no momento. Ela parava e reiniciava o filme conforme fazia anotações em seu *bloc de journaliste*

espiralado, com uma concentração intensa, o olhar transcendente. Nossa cópia do *Judicioso* tinha legendas em francês e em inglês e obviamente viera do Festival de Cinema de Cannes, onde provavelmente tinha sido usado como apresentação para distribuidores potenciais. Célestine encontrara, no andar de cima de uma agência de viagens coreana na rue de Rivoli, o escritório parisiense minúsculo da Sociedade Entomológica da Coreia — um posto avançado de propósito duvidoso, é de se imaginar, porque até que ponto uma coisa como essa poderia ser mesmo útil?

Mas aparentemente a fraternidade de entomologistas e todo tipo de entusiastas dos insetos estavam bem estabelecidos e pareciam de algum modo livres da política de costume. Como mencionei, ela tinha ido até lá para verificar os fatos da vida rural no que dizia respeito à alimentação à base de insetos retratada em *Judicioso*. Ela presumira que teria de informar seus novos amigos entomologistas sobre a mera existência do filme, mas para sua surpresa eles tinham cópias por lá e sentiam tremendo orgulho de sua ligação com a produção: a sociedade recebera um crédito por consultoria com bastante destaque na lista de créditos finais. Os dois sujeitos que ela conhecera no escritório se ofereceram para levá-la ao Presidente Eterno para jantar, depois de mostrar em que momento o nome deles aparecia, prometendo discutir em detalhe o envolvimento que haviam tido com o filme, e então a surpreenderam com o magnífico presente do próprio filme tão raro. Também prometeram lhe enviar uma edição revisada dos *Nomes de insetos na Coreia* quando ficasse disponível, bem como presenteá-la com a assinatura de seu periódico, *Pesquisa Entomológica*, que ela afirmou preferir receber em coreano do que em inglês, assegurando-lhes já ter iniciado seus estudos do coreano. Eles por sua vez asseguraram que ter o farol da mente de uma genuína filósofa iluminando o tema da vida dos insetos na Coreia era uma alegria que nunca puderam imaginar, e que certamente seria o mesmo também para seus colegas. Aguardavam ansiosamente seu artigo na *Sartre* sobre o *Judicioso* e consideravam com toda seriedade sua publicação no periódico oficial deles, por mais desestabilizador que um texto como esse seria, acomodado entre “Avaliação de potencial larvicida de determinados extratos de fungos patogênicos para insetos contra *Anopheles stephensi* e *Culex quinquefasciatus*” e “Eletroantenograma e reação de orientação de voo de *Cotesia plutellae* ao extrato de hexano de plantas hospedeiras crucíferas e larvas de *Plutella xylostella*”.

Célestine achou que estavam apenas sendo exageradamente educados, mas iria submeter o artigo, mesmo assim. Sua atração inelutável pela ciência séria não era incomum entre os profissionais da filosofia, que muitas vezes se viam sem rumo entre a abstração e a política e ansiavam por algo que parecia, a distância, gloriosamente pé no chão e, desse modo, essencial e indiscutível. Parecia-me nesse instante que ela estava bancando a entomologista diante de nossa deprimente tevê Loewe de tubo (outrora, o *crème de la crème*), cuja imagem borrada a frustrava sempre, de modo que ocasionalmente se punha de joelhos para aproximar o rosto da tela, os olhos entrecerrados, à procura de detalhes, estudando o mundo do filme como se fosse uma floresta tropical em Papua Nova Guiné e estivesse vivendo no local. Eu previa uma monografia de oitocentas páginas intitulada *O judicioso consumo de insetos coreanos*, talvez escrito em coreano, talvez dali a quinze anos. Ela tinha essa expressão quando trabalhava, esse olhar perdido no infinito, no futuro, uma expressão feroz que sempre me aterrorizou e empolgou ao mesmo tempo.

Assistir ao filme com Célestine controlando, voltando e acelerando, pausando imagens de interesse obscuro e fornecendo uma narração desconexa, improvisada, foi como testemunhar a criação de um novo filme ligado apenas vagamente àquele que o júri de Cannes julgara, semanas antes. No filme novo, este codirigido por Célestine em nossa sala de estar abafada e atulhada, os sábios anciãos da aldeia norte-coreana fictícia de Chosun (uma referência irônica ao antigo Reino Ermitão de mesmo nome, imediatamente posicionando a aldeia como primitiva, isolacionista e perdida no tempo) haviam decretado que insetos de todo tipo fossem criados e armazenados como principal fonte de alimento, e que os cultivos tradicionais de arroz, milho e repolho fossem usados apenas para alimentar esses insetos. Nessa versão havia um tipo de dogma nutricional Atkins bizarramente deturpado — para não dizer anacrônico — sobre a vital proteína dos insetos substituindo os carboidratos dos cereais, lamentavelmente deficientes e prejudiciais à saúde, que fomentavam a dependência do Ocidente e seus fantoches.

Os bebês, é claro, são eximidos da nova dieta de insetos, e desse modo viam-se em profusão os seios camponeses das aldeãs, sempre apresentados em conexão com a amamentação das crianças, nunca com sexo, ou pelo menos não sexo ostensivo (alguns de nós no júri achamos as sequências de amamentação extremamente eróticas, já outros, não). Embora tivessem assegurado a nós

membros do júri que a versão que víamos era a oficial, aprovada pelo Partido dos Trabalhadores da Coreia, e que ela seria exibida sem cortes por todo o país, havia um grande ceticismo entre nós quanto ao filme ter sido um embuste especialmente preparado para nosso gosto ocidental decadente. Haveria de fato seios de fora e mamilos intumescidos nas telas da puritana Pyongyang, para não mencionar Kaesong ou Chongjin? Sem dúvida, essas questões prejudicaram o filme durante nossa votação, mas é claro que eram irrelevantes para Célestine, em cuja visão *Judicioso* era uma carta de amor de Romme Vertegaal.

E a chave oculta (no sentido médico) para a mensagem do diretor sequestrado parecia ser as sequências em que o vilarejo agora feliz, radiante, aperfeiçoado pela boa nutrição, é invadido por uma feroz tribo montanhesa de monges guerreiros que subjagam violentamente os homens e arrancam os bebês inocentes de suas mães em plena e jubilosa amamentação, não por acaso expondo os supramencionados seios intumescidos. Os monges guerreiros veneram insetos como criaturas sagradas e acreditam que sua ingestão enobrece os homens e os impede de se rebaixar à bestialidade; assim, até mesmo as crianças de colo não devem comer coisa alguma a não ser a sinistra papa negra de inseto que compõe a dieta dos monges. Após a conquista inicial de Chosun, ocorrem ocasionais perseguições a mães corajosas que seguiram amamentando clandestinamente após fugir para as florestas na montanha, seguidas de sua execução por estrangulamento.

Célestine ficou horrorizada e pasma com essas cenas, mesmo enquanto, num certo sentido, as criava; ela agarrava o seio esquerdo ao assistir (o seio maior, e meu favorito, ainda que tivesse um formato menos perfeito do que o direito; não era só o tamanho, era o mamilo, a aréola, a maciez elástica, a marca de nascença como a do rosto de Elizabeth Taylor). Para ela, a mensagem de Romme, a mensagem da carta de amor, era: Corte seu seio esquerdo, essa bolsa formigando de insetos, porque, se não o fizer, esses insetos vão disseminar a religião inseto deles por todo o seu corpo, incluindo, principalmente, seu cérebro. E então será seu fim como filósofa, e você não terá qualquer utilidade para Romme Vertegaal.

Logo vi isso como a versão de Célestine do que chamávamos de apo, para apotemnofilia, embora eu estivesse ciente de que parecia não se conformar realmente ao padrão da síndrome. Esse padrão envolvia o desejo pela

amputação de um ou mais membros como correção para um corpo cuja estrutura ainda não estivesse correta. Minha perna direita não me pertence, é um apêndice extrínseco. Eu preciso que ela vá embora; não posso ficar inteiro, não vou me realizar enquanto ela não tiver ido embora. Por minha insistência, Célestine e eu estudamos a apo assiduamente, porque eu não podia admitir sua certeza de que ela recebera o diagnóstico de um antigo namorado por meio de um filme que misteriosamente transmitia tanto um prognóstico como um procedimento drástico de tratamento, coisas que pareciam todas precisas e aceitáveis para ela.

Célestine acabou cedendo ao meu desejo de convencê-la de que estava sofrendo de *apotemnofilia*, que, embora bastante exótica, era ao menos um construto psíquico reconhecido e respaldado por um corpus de literatura médica técnica, bem como por inúmeros sites dos acometidos pela-enfermidade. A pesquisa estava em andamento. Descobertas envolvendo os experimentos com reação de condutância da pele seguidos de magnetoencefalografia pareciam confirmar a base neurológica da síndrome; podia-se argumentar que não estava em seu imaginário neurótico, mas era corpóreo, um problema cerebral, e desse modo “real”. Mas a versão de Célestine para a apo era talvez exótica demais até para essa estrutura. Ela delicadamente observou para mim, como que numa discussão casual, afável (a devastadora técnica que usava com seus alunos e que a tornava objeto de adoração), que não tivera seios na infância e desse modo não quisera, quando criança, que fossem amputados; que o desejo por redução mamária ou mesmo a mastectomia não era uma parte reconhecida da síndrome de apo, porém relacionada mais à confusão ou mudança de gênero e a outras condições mentais, e que não era tanto que tivesse a sensação em seu seio esquerdo de que ele não fizesse parte do corpo, mas que estava cheio de insetos que eram um perigo para sua integridade física, como um carcinoma ductal in situ ou um câncer de mama plenamente desenvolvido, e desse modo a remoção do seio era, calma e racionalmente, indicada.

E o elemento religioso também estava longe de ser uma preocupação apo clássica. O livro de Célestine, *O bico e a boca*, sobre a religião universal do seio nutridor, era, é claro, o texto crítico aqui. Ele delineava como um ateísmo puro e rigoroso exigia a rejeição de certas religiões que não eram reconhecidas enquanto religiões, mas funcionavam como tal e desse modo precisavam ser

desmascaradas e demolidas — como a religião inseto de *Judicioso* da maneira como fora comunicada a Célestine por seu ex-namorado francês nascido na Holanda, Romme, agora transmutado pela alquimia do sequestro em um diretor de cinema norte-coreano. Você vê, então, o que eu enfrentava na esteira de um sonho, o sonho que fora nossa vida juntos até aquele momento de manhã, na vila acima de Cannes. E assim minha luta tácita com Célestine seria conduzida em duas frentes: seu desejo de amputar o seio esquerdo e seu desejo de se reconectar com o fantasma de Romme Vertegaal, também conhecido como Jo Woon Gyu.

Ela tivera de fato um derrame, um AVC, quando assistíamos a *Judicioso* na bancada do júri, em Cannes? Será que o derrame anuviara seu cérebro com presságio cósmico quando as imagens de camponeses, monges guerreiros e cultivo de insetos fluíam sobre nós? (Pensei no romance religioso pós-derrame de Philip K. Dick, *A invasão divina*.) Quando voltávamos para Paris, ela estava fazendo piada sobre nossa experiência durante o festival e sugerindo que seu pequeno “filosopasma” fora causado pela atmosfera pública quente demais e excessivamente crítica do próprio festival. E será que ela teve outro derrame durante a noite que reanimara o poder do filme sobre ela, depois de ficar adormecido por vários meses? Poderia um derrame regenerar os efeitos de um derrame anterior, efeitos que haviam surgido brevemente e depois encolhido até sumir? Insisti que agendasse uma tomografia computadorizada. Eu mesmo passei a escanear seu rosto com os olhos, à procura de alguma fraqueza denunciadora, uma boca frouxa, um olho caído. Não encontrei nada e ela não sentia nada, e se recusou a ir ao médico, da especialidade que fosse. Era uma simples série de epifanias, disse, do tipo que tantas vezes sofremos juntos — *sofremos* porque nos atingiram como revelações que exigiam ação, que perturbaram o conforto, virando-o do avesso e lançando-o no assoalho de madeira encerada. Ela estava falando sobre consciência filosófica e social, avanços de cognição inextricavelmente misturados a poderosos imperativos emocionais. Muitas vezes forçávamos esses momentos a existir ao viajar quando exaustos, ou quando escrevíamos sofrendo alguma ameaça política extrema. Eu não podia negar a realidade desses eventos intangíveis e criptogênicos; havíamos partilhado tantos. Intellectualmente, por um nanossegundo, tudo pareceu razoável, e então tudo pareceu patentemente tolo e insano: amputar

um seio perfeitamente saudável porque, contra toda plausibilidade, sua dona repudiava e temia seu conteúdo?

Insisti que Célestine me deixasse estudar os resultados de seu último mamograma. Ela não se opôs. A normalidade afirmada ali (com as usuais notas de isenção dos técnicos relativas à densidade incomum de seu tecido fibroglandular visto bilateralmente, o que diminuía a sensibilidade da mamografia e desse modo possivelmente comprometia uma aferição precisa) não incomodou Célestine. Tinha sido feito havia três anos e desse modo continha as sementes de sua própria inadequação; representava uma perspectiva médica falha e circunspecta que não podia e não iria tratar do plano da existência sobre o qual a vida humana é conduzida. Houvera ultrassons, imagens do interior de seus seios. Demoramo-nos olhando para eles como se fossem velhas fotos de família. Nenhum inseto à vista. Claro que não, ela disse. O ataque dos insetos é abrupto, bárbaro e absoluto. É uma colonização, como a aldeia em *Judicioso*, um primeiro estágio, a ser seguido por uma total metástase e subsequente submissão. Como eles entraram lá, naquele domo líquido lindamente selado? “Eles conseguem cavar. Podem abrir um túnel. Podem injetar os ovos. Vou me encontrar com meus amigos entomologistas coreanos para falar sobre isso”, disse ela. “Já marcamos uma hora para discutir estratégias de inseto globais.”

“Eu adoraria participar dessa reunião. Gostaria de documentar essa... aventura.”

“Você pode, claro que pode. E pode fazer mais do que isso. Pode procurar sua audiologista e ver se ela fala onde Romme está morando agora. Ela com certeza entrou em contato com ele. Os dois tiveram uma relação especial, muito complexa e sutil, e a audição dele — assim como a carreira de cineasta — em alguns aspectos dependia dela. Ele não a teria abandonado, nem mesmo com a distância entre Pyongyang e Paris. Acho agora que eles podem até reprogramar os aparelhos auditivos pela internet. Afinal, são só uns minúsculos computadores com bluetooth e wi-fi. Acho que você mesmo já fez isso, não foi?”

Eu não fiz, mas não tinha dúvida de que era possível. E não tinha dúvida de que, se alguém estava programando o aparelho auditivo do diretor de cinema preferido do Querido Líder Respeitado pela internet de um escritório em Paris, esse alguém seria Elke Jungebluth.

Meu trajeto para a Clínica Audiológica Jungebluth era mais do que uma curta viagem em um Smart Car elétrico, embora no nível mais mundano fosse isso que eu achava que seria. Permitíamos um ao outro uma quantidade de “filosspasmos” por ano; tratava-se de episódios de comportamento obsessivo/compulsivo, muitas vezes envolvendo relações sexuais com os alunos, ou períodos de desespero profundo, intrincado, ou ocasionalmente aventuras políticas intensas que nos tornavam muito vulneráveis à mídia e ao público e nos causavam grande desconforto. Mas nosso trato era que apoiariamos um ao outro durante esses espasmos e trataríamos essa realidade momentânea como se fosse a única realidade verdadeira, o que, é claro, ao fazê-lo, ela era mesmo. E assim rodei ao longo da Périphérique, procurando a rampa de saída para a rue de Vaugirard, Porte de Vanves, que me conduziria à Clínica Jungebluth, e em pouco tempo, lá estava eu, na moderna e tecnicromada sala de espera, com meus exames audiológicos sendo analisados por uma aluna muito séria da Sciences Po que trabalhava no consultório em meio período e fingia não saber quem eu era.

Minha incursão inicial pelo mundo dos equipamentos de audição lançou-me numa série desoladora de salas deprimentes localizadas em lares para idosos ou em oficinas clandestinas improvisadas em apartamentos térreos que mais pareciam lojas de descontos para mobília do tipo “faça você mesmo”. Embora a tecnologia fosse em geral sofisticada, a revenda era pobre e amadorística. E toda vez que você voltava para conectar seus ouvidos ao computador era uma audiologista diferente e muitas vezes um programa diferente no computador. As audiologistas, por minha experiência, eram sempre mulheres, ou antes, na maioria dos casos, garotas, e garotas que não se sentiam muito à vontade com velhos intensos e exigentes como eu. Elas queriam tratar você com condescendência, ajudar seus dedos trêmulos, nodosos, insensíveis a inserir o receptor no canal auditivo; queriam simplificar a tecnologia dos dispositivos (que eram criados por vastas indústrias eletrônicas reunindo capacidade de informática seis mil vezes maior do que a dos computadores responsáveis por lançar a *Apolo II* na lua) e esconder de você os seis programas separados que o

paciente podia moldar de maneiras infinitamente variáveis, mostrando-lhe apenas um botão de liga e desliga. Não queriam deixá-lo confuso.

Foi somente quando topei com Elke, por insistência de Romme Vertegaal, que senti que o mundo do som podia florescer para mim de uma maneira séria, excitante, após anos de não interações mudas, embotadas, abstraídas. E agora ali estávamos nós outra vez em Vanves, numa consulta, que para ela era um compromisso envolvendo o entrelaçamento de duas vidas num projeto criativo de substancial magnitude.

Elke era a nada atraente filha de dois psicanalistas alemães de Cologne, seu pai um freudiano, sua mãe junguiana, ambos com problemas de audição. O irmão mais velho dela era um musicólogo que se especializara em dança elisabetana e mudara-se para Boston para lecionar no New England Conservatory of Music; ele também era deficiente auditivo. Vemos aqui, então, o que Freud teria chamado de uma perfeita catexia, gerando por fim o fenômeno Jungebluth. Como o único membro de audição normal da família, e a mais nova, Elke absorveu a responsabilidade pela paisagem sonora da família toda; dar forma e intensificar o mundo auricular deles, e depois de todo mundo que tivesse acesso a ela, logo se tornou o centro de sua vida. Embora seja óbvio que um psicanalista deve ser capaz de escutar para exercer sua profissão, assim como um musicólogo, Elke pegou-se lidando com os problemas familiares da, em suas palavras, negação da deficiência; seu irmão chegou ao ponto de lhe pedir para ouvir gravações que ele próprio mal conseguia escutar, insistindo que preenchesse os detalhes sonoros com suas descrições. Às vezes, seus pais gravavam dissimuladamente as sessões de terapia com seus pacientes e depois passavam para Elke, pedindo-lhe para transcrever o que estava sendo dito e fornecer comentários sobre as nuances dos modos de expressão dos pacientes. Assim, havia uma enorme pressão imposta sobre ela, bem como um intenso senso de dever e responsabilidade, uma mistura poderosa e não incomum. E eu fui o beneficiário disso tudo.

Como sempre, estávamos no consultório rigorosamente asseado e moderno de Elke. Disse aqui que ela não era atraente, e de fato: um rosto absurdamente fino e comprido; olhos sem vida, opacos, castanho-escuros, de tamanhos visivelmente diferentes; o cabelo escorrido e de aspecto pouco saudável ficando prematuramente grisalho em mechas esquisitas; orelhas de abano comicamente alertas; um corpo atarracado, de formas vagas, que parecia constituir para ela causa de uma aflição constante e indefnida. Mas era uma

falta de graça do tipo intelectual, com o que quero dizer que sua presença física demandava que você deixasse as características físicas de lado e se concentrasse, em vez disso, em sua inteligência penetrante e holística, na Gestalt imediata e fácil criada por ela que envolvia, nutria e até alegrava você. O assunto era Romme Vertegaal.

“Pode me contar sobre ele?”, eu disse. “Ele me indicou você. O privilégio médico-paciente vigora em audiologia? Sei que audiologistas não são médicos...”

“Escute os grilos”, ela disse, balançando a cabeça com ar sábio ao falar, compreendendo tudo.

“Escute o quê? Os grilos? Está se referindo aos insetos?” Eu pensara na mesma hora em Buddy Holly and the Crickets (que chegaram a se chamar Chirping Crickets, os “grilos cricrilantes”) e na música maravilhosa e ingênua de minha juventude — “That’ll Be the Day”, “Oh, Boy!”, “Not Fade Away”, “Maybe Baby” —, que parecia nessa época influenciar diretamente meus estudos de Hegel, Heidegger, Kant, Schopenhauer, animando-os e lhes infundindo sexualidade e relevância emocional modernas. Minha cabeça começou a se encher de tal forma com essa música, com esses envoltórios tão potentes para as emoções de minha juventude e a onda concomitante da passagem do tempo, da mortalidade, que senti uma necessidade patética e juvenil de confirmar que ela não estava se referindo à banda, sabendo o tempo todo que não poderia mesmo ser isso.

Imagine, então, minha confusão quando Elke se levantou com um sofrimento agradavelmente suportado de sua cadeira Aeron — as contorções de seu corpo comunicadas em detalhe pelo tecido austero de seu avental apertado da Clínica Jungebluth —, atravessou a sala para se agachar diante de um armário baixo de aço inoxidável, abriu sua porta de vidro opaco e voltou até mim com a capa de um disco no clássico formato de vinil em sua mão. Estivera ela de fato se referindo aos Crickets e aquilo era mesmo a execução obscura de um de seus álbuns originais? O título *Listen to the Crickets* se desenrolava na capa de cartolina numa fonte cursiva solta, artesanal, em branco contra fundo azul-escuro. Abaixo do título havia um retrato em preto e branco e alto-contraste de um homem de meia-idade que não era Buddy Holly, mas Romme Vertegaal. Sob o retrato havia caracteres de uma escrita agrupados em blocos silábicos que pude apenas reconhecer como hangul ou coreano. Seria

simplesmente o título do álbum traduzido para o coreano? Pode imaginar meu choque ao ver a imagem de Romme ligada de algum modo a palavras em coreano, para não mencionar insetos. Meu projeto declarado — inegavelmente condescendente em seu âmago, mas induzido por quarenta anos de amor e entranhada ligação intelectual com Célestine — de forçar a realidade em sua absurda fantasia envolvendo *Judicioso*, Coreia e o suposto sequestro de Romme Vertegaal não se reduziu à irrelevância por essa inesperada validação — ao menos parcial — do que qualquer um teria presumido ser uma quimera patológica.

“É Romme”, foi tudo que consegui dizer.

“É”, disse Elke. “Não é impressionante?”

“Não tenho certeza. Isso são caracteres coreanos?”

Elke voltou a afundar em sua cadeira, aninhando cautelosamente o álbum em seu colo, mas virando-o com cuidado para mim, de modo que eu pudesse me deleitar em seu esplendor. Ele agora captava a luz do teto de uma maneira que revelava seu habilidoso tratamento metálico das sombras sutis na arte da capa, que de início eu não notara. O que achara antes ser um azul-escuro sólido era agora um campo de relva azul-esverdeada: estávamos ali embaixo na relva, com os grilos.

“Romme teve alguns negócios a tratar com a República Democrática Popular da Coreia por algum tempo, e esse álbum gravado em vinil é o resultado de parte desse trabalho. Não só negócios, claro. Uma pesada tecnologia norte-coreana também está sendo expressa aqui. Os caracteres coreanos podem ser traduzidos como ‘O sagaz’ — ou possivelmente ‘O perspicaz’ — ‘uso dos insetos na tecnologia auditiva’. Os parceiros norte-coreanos de Romme não são tão excêntricos ou poéticos quanto ele.” Ela calçou um par de delicadas luvas de tecido branco que tirou do bolso e com lentidão dramática puxou da capa o disco de vinil cor de alcaçuz, trinta e três rotações e um terço. “Essa é a primeira versão de *Listen to the Crickets* na Europa. Pode muito bem ser a única, no momento. Mais se seguirão, inevitavelmente.”

“Mas o que é isso? Um compêndio de sons de insetos? Está ligado à Sociedade Entomológica da Coreia?”

“Não”, disse Elke. “É uma ferramenta criada para programar equipamentos auditivos de maneiras que seus projetistas nunca imaginaram.”

Uma gravação em vinil, completamente retrô, fazendo a interface com sofisticados aparelhos auditivos digitais e suas plataformas de adaptação digital apropriadas — eu não conseguia imaginar isso tampouco. Mas também, não precisei, porque cinco minutos depois estava conectado à empreitada norte-coreana de Romme Vertegaal e no processo de ser... sintonizado.

“Hoje existem toca-discos a laser que dispensam inteiramente os braços mecânicos, as agulhas de diamante e as cápsulas”, disse Elke, conforme passava o cordão de náilon do controlador sem fio Connexx em torno do meu pescoço. “Usar um desses sem dúvida tornaria a vida mais fácil para nós humildes audiológicos, que simplesmente queremos usar o método de sintonização Vertegaal. Mas Romme não aceitou. Todos nós fomos forçados a investir numa dessas monstruosidades exóticas. São absurdamente caras e difíceis de manter, e é por isso que não há muitos profissionais em meu meio que fazem o que estou prestes a fazer por você. Esse aqui tem mais de vinte anos. Foram todos criados por uma israelense chamada Judith Spothheim-Koreneef, que trabalhava em Eindhoven, na Holanda. Romme otimizou *Crickets* para os parâmetros de áudio de suas máquinas usando a única amostra existente na Ásia na época. Existem mais algumas agora.”

Estávamos fechados na Cabine de Áudio 4, basicamente uma salinha de gravação forrada de espuma e projetada para ser à prova de som. As palavras ditas na Cabine 4 soavam antinaturais e amortecidas, como objetos inanimados. As paredes da cabine, o chão, o teto, nada disso acrescentava qualquer energia ou forma por reflexão ou geometria aos sons que saíam das bocas, e isso tinha um efeito misterioso no significado e impacto das próprias palavras, que era difícil calcular. Levou-me a perceber que a neutralidade total na comunicação humana é desestabilizadora; há um artigo acadêmico a ser escrito sobre isso.

Diante de mim ficava um dispositivo enorme e complexo que poderia ser chamado, simplesmente, de gravador, mas cuja presença estava mais para uma espécie qualquer de zooplâncton absurdamente gigante. Seu uso de acrílico translúcido para o prato enorme e vários blocos e cilindros; aço inoxidável para os pesos embutidos na periferia desse prato; titânio para o delicado braço com múltiplos contrapesos da pickup; e correias filiformes e filamentos elétricos culminando numa estrutura reluzente, predatória, que parecia mais apropriada

à frenética vida submarina. Assim que Elke acionou o controle pousado em meu esterno, fui aparentemente conectado de forma remota a essa coisa, e ficamos ambos ligados ao computador de mesa de Elke e ao Siemens Connexx Trainable-Hearing-Instrument Fitting Programming Interface. Ela agora lavava o vinil num Spin-Clean Record Washer — uma gamela de plástico amarela com cilindros e escovas cheios de água destilada e uma cápsula com fluido para limpeza de vinil —, girando carinhosamente o disco nos cilindros com os dedos enluvados, três vezes no sentido horário, três no sentido anti-horário; então removia e secava o disco com delicadas apalpadelas de um pano de algodão imaculadamente branco, sem fiapos, tirado de uma gaveta com lacres de borracha destinados a proteger da poeira. Ela ajustou o vinil no prato com o disco acrílico, acionou o botão de ligar em sua proteção de metal, delicadamente baixou a cápsula de madeira de murta, parecendo um minúsculo caixão, sobre o sulco do vinil e... nada. Não escutei nada.

“Não estou escutando nada”, eu disse, mas para ninguém, porque Elke saíra da cabine, fechando as portas duplas com uma sucção de atmosfera expelida e deixando-me em um vácuo. Pude vê-la por uma das duas vigias de vidro reforçado na parede começando a trabalhar no programa Connexx quase antes de terminar de sentar na Aeron. Eu viera à Clínica Jungebluth (havia audiologistas na sociedade que nunca vim a conhecer) para solapar minha cumplicidade nos delírios de Célestine sobre Romme, sobre os insetos no seio, sobre Pyongyang, presumindo que minhas investigações ali forneceriam alguma evidência de que Romme estava morando em Paris ou Roma e que não fora sequestrado por Kim nenhum, pai ou filho, e que não era o diretor de *Judicioso*. Isso naturalmente teria encorajado Célestine a fazer uma transição suave para se libertar da interessante narrativa de seu corpo, talvez com o tratamento de choque de um encontro com Romme em nosso apartamento, assim que eu o tivesse localizado. Será que surgiria nela como reação algum tipo de síndrome de Capgras, uma negação de que o Romme que eu lhe apresentava pudesse ser o Romme verdadeiro? Será que alegaria se tratar de um impostor cirurgicamente criado pelos Kim, pai ou filho, de modo a iludir o mundo e, especificamente, iludir Célestine? Essas, então, eram minhas fantasias, que foram sumariamente descartadas pela evidência fornecida por Elke de que Romme passara um tempo em Pyongyang atuando como consultor técnico, que “algum tipo de filmagem” estava envolvido e que ele

fora “subjugado” — Elke usou a palavra espontaneamente, sem ser sugestionada por mim — “pela profundidade e paixão da cultura local, ficando magnetizado e encantado a um ponto em que desejou viver ali por tempo indeterminado”.

Era eu que sofria de ilusões, não Célestine; ou ao menos desprezei de forma arrogante e injustificável seus instintos e sua sensibilidade diante de algumas anormalidades aberrantes que nenhum de nós fora capaz de evocar antes. Seu seio esquerdo se tornara mesmo uma bolsa cheia de insetos perigosos? Seria isso menos concebível do que a invasão do tecido mamário por células epiteliais do ducto lactífero violentamente malignas? Bom, sim, claro que era isso, mas e se os “insetos” fossem a metáfora de Célestine para algo mais plausível do ponto de vista médico? E se esse fosse o único modo pelo qual ela podia expressar sua consciência bastante real de uma patologia única?

O prato acrílico do dispositivo Spothem-Koreneef estava girando hipnoticamente, sua coroa de pesos cintilantes, como pilhas de moedas, reluzindo com a avidez de nanocrustáceos. E agora, pelas minhas vigias, eu podia ver o programa Connexx reduzido a uma janela no monitor de Elke, os gráficos indicando que ele alimentava, com seus ajustes e parâmetros — tudo controlando meus equipamentos do receptor no canal auditivo do Pure micon da Siemens —, outra janela, maior, que exibia uma mistura de blocos silábicos coreanos e palavras inglesas. Esse era o programa de ajuste projetado por Romme e seus anônimos camaradas Juche norte-coreanos que estava destinado a ser usado em conjunto com o álbum *Crickets* e o toca-discos ultramoderno, e ao qual eu concordara em submeter minha completa existência auditiva para um realinhamento. Segundo o relógio em estilo estação de trem da Swiss Federal Railways, o processo levou uma hora e dezessete minutos, durante o qual fui projetado numa paisagem sonora razoavelmente sinistra de murmúrios ameaçadores, gorjeios e cliques gaguejantes, bem como respiração ruidosa e não humana (através das válvulas dos espiráculos de insetos?) e uma variedade de ondulações pulsantes, fluidas, que sugeriam o movimento de sangue não humano por minúsculos corações tubulares com múltiplas câmaras. Minha interpretação desse mundo auditivo foi obviamente bastante moldada pela experiência do filme *Judicioso*, a inventiva patologia de Célestine e a capa do álbum, e essa interpretação poderia perfeitamente ter sido gravada e analisada em algum lugar do éter da internet, porque aparentemente a reação de meus

tímpanos e do maquinário orgânico associado dentro de minha cabeça a essa paisagem sonora sendo retroalimentada para o programa norte-coreano (ele era chamado, inocuamente, de “Em Sintonia com a Natureza”, fiquei sabendo depois) foi o equivalente a uma leitura da atividade elétrica de meu cérebro que era muito mais profunda e significativa do que um eletroencéfalo normal. Eu me perguntei distraidamente se o estresse crescente em minha bexiga apertada podia afetar os resultados e estragar minha programação; eu precisava muito urinar. Havíamos concordado que a maior parte das mudanças seria afunilada para o Programa 5, meu antigo programa de Música (que tentava balancear os sons de todos os instrumentos e vozes de acordo com a audição normal), e que o Programa 1, Universal, ficaria completamente intocado para referência. Um interruptor basculante em meu equipamento esquerdo permitia-me alternar pelos seis programas, que incluíam TV (Programa 2), Ambiente Barulhento (Programa 3), Ar Livre/Esportes (Programa 4) e Telecoil (Programa 6, para uso de telefone especial). Pedi a Elke para chamar o Programa 5 de Vertegaal, e foi assim que ele apareceu no visor de LCD do meu controlador sem fio Tek.

Deixei a Clínica Jungebluth com meus ouvidos sintonizados no inalterado Programa 1, mais seguro, sentindo um medo inexplicável de caminhar pelas ruas de Vanves enquanto estivesse no Programa 5 — o que poderia acontecer? —, e tendo esquecido onde deixara o Smart Fortwo estacionado, coisa que, comigo, se tornava cada vez mais comum. Felizmente, meu iPhone, agora um acessório a mais para meu cérebro falho, tinha as coordenadas de GPS bem à mão, e seu sistema de orientação passo a passo do Maps me conduziu por três esquinas até o minicarro, que parecia muito elegante em seus painéis de carroceria substituíveis, na cor antracito fosco. Fiquei ciente de estar extraindo excessivo prazer de pequenos eventos e objetos tecnológicos, e que isso possivelmente era uma tática semiconscente planejada para me esquivar da confrontação com determinados eventos agonizantes da vida que provavelmente não estavam resolvidos e destinados a provocar dor e aflição incessantes; contudo, o prazer era real e eu o acolhi com avidez. Uma vez no carro, pensei, mudaria para o Programa 5, o Vertegaal, e deixaria que o novo ajuste fizesse fluir sons nunca antes percebidos pelo meu cérebro; mas então não fiz isso. Minha racionalização foi que o carro elétrico era quieto demais, seu isolamento bom demais — contra mudanças de temperatura, a fim de poupar bateria, mas na prática amortecendo os sons também —, para realmente propiciar alguma coisa espetacular, e então eu ficaria desapontado, e

em seguida ficaria deprimido. Foi assim que racionalizei. Mas o exercício todo não dissera respeito de fato a uma única coisa: o seio esquerdo de Célestine? Por que ficar mexendo com brinquedinhos?

Cheguei ao nosso apartamento com a cabeça zumbindo como se fosse *ela* o recipiente cheio de insetos truculentos; talvez fosse minha cabeça que precisasse de remoção. Célestine não estava. Era impossível ler alguma coisa. Liguei a tevê e comecei a assistir a uma reprise do campeonato mundial de motociclismo MotoGP em Aragón. Eu não sabia coisa alguma sobre o MotoGP, mas fui arrebatado na mesma hora pelas máquinas, pelos estranhos macacões de couro acolchoados, curvados sobre as motos, exibindo discos cerâmicos de deslizar, presos por velcro a seus joelhos, pelos capacetes futuristas e pela ferocidade da corrida. Os comentaristas discutiam a sofisticação cada vez maior dos controles eletrônicos mesmo naquelas máquinas elementares, uma coisa preocupante, diziam, porque tirava dos pilotos tamanho controle dos pedais, da tração, dos breques, da inclinação e até do ângulo nas curvas, que era de se perguntar se eles um dia não se tornariam obsoletos. Desnecessário dizer, as questões da tecnologia suscitadas pela corrida me estimularam e constituíram uma alegre distração, sobretudo à medida que as tecnologias do MotoGP e dos equipamentos auditivos Siemens passaram a se interpenetrar, de modo que logo eu estava sentindo o controle de tração, o freio antitravamento, o sensor de força-g e os elementos da unidade de controle eletrônico começando a operar em meus ouvidos. Ocorreu-me que os alto-falantes de nossa pobre velha Loewe, apenas um estéreo comum, nada 5.1 ou 6.1 ou mais que isso, ainda eram muito bons, e fiquei tentado a mudar para o Programa 5 e ver o que isso faria com o som sobrenatural daquelas motocicletas de multicilindradas. Será que criaria uma forma brilhante de audição mototurbinada de Grand Prix? Meu dedo indicador estava de fato pairando sobre o interruptor do módulo atrás da orelha esquerda quando escutei as chaves de Célestine tilintando ao se aproximar do patamar estreito atrás da porta. Uma leve claustrofobia normalmente a impedia de usar o compacto elevador, então era comum escutá-la de longe, antes que descesse a escada caracol. Desliguei a tevê quando dois pilotos espanhóis começavam sua última volta na ponta, para delírio enlouquecido da multidão em Aragón, mas o decaimento de meia-vida, o gosto remanescente da engenharia combinada de MotoGP/equipamento auditivo, permaneceu por algum tempo.

Tínhamos o hábito de ter nossas conversas mais intensas, mais abstratas e intelectuais na cama, em geral totalmente vestidos, mas nem sempre. Mesmo que começasse com alguma coisa mundana, algo meramente funcional, na cozinha ou diante da Loewe, uma vez que vagasse para esse território que reconhecíamos num nível subliminar, nós mesmos vagávamos, como que de forma aleatória, para nosso pequeno quarto e deitávamos juntos sem ter deixado escapar um compasso no ritmo de nossa conversa (os travesseiros ocasionalmente fazendo meus Pures guincharem com uma irritante microfonia) e com a conversa às vezes terminando num cochilo profundo, ou sexo profundo, tanto o cochilo como o sexo infundidos com a temática de nossa conversa. Havia canetas e tocos de lápis espalhados por todo o quarto, evidência de nosso hábito de rabiscar anotações para futuros artigos acadêmicos ou jornalísticos, cartas para editores, a qualquer hora do dia ou da noite, durante ou depois de nossas sessões na cama. Fazíamos esporádicas incursões no mundo dos comentários enunciados em voz alta e anotados com o reconhecimento de voz usando o iPad ou o iPhone, mas inevitavelmente voltávamos ao universo da palavra escrita. Ambos tínhamos uma caligrafia sofrível que exigia considerável trabalho de decifração até mesmo pelo autor da letra, mas o próprio ato de decifração era reconfortante, as contorções ilegíveis transmitindo emoção e nuance que pixels perfeitos nunca poderiam incorporar. Falar as palavras parecia libertá-las num vácuo no qual poderiam evaporar inesperadamente; escrevê-las parecia encasulá-las a salvo dentro de nossos crânios, onde poderiam amadurecer em seu próprio ritmo.

Célestine foi primeiro para a cama, jogando suas chaves na tigela chinesa de madeira que deixávamos sobre a mesa de vidro em meia-lua junto à porta, tirando os sapatos e jogando-se na cama com um suspiro lento e prolongado. Como sempre, eu a segui, mais sentando do que me esticando na cama, os sapatos já tirados.

Era óbvio para ambos que iríamos conversar sobre Romme Vertegaal, sem preliminares, nada de tagarelar sobre a dificuldade de estacionar ou o que estava faltando na geladeira. Mais cedo nesse dia, ela estivera no escritório da Sociedade Entomológica outra vez, esperando que seus contatos ali rendessem alguma notícia sobre o paradeiro de Romme ou seus últimos projetos. Ela se voltara para eles, em desespero, depois que nossos colegas no Festival de Cannes foram incapazes de fornecer alguma luz. *Judicioso* fora acompanhado

do começo ao fim por uma agência de mídia e filme do governo norte-coreano e nunca tiveram qualquer interação com o próprio diretor. Fora insinuado que ele de algum modo caíra em desgraça em Pyongyang e tinha sorte de não ter ido parar na prisão. Nunca houve a menor chance de que pudesse acompanhar seu filme até Cannes como faz a maioria dos diretores; o festival decidira aceitar essa problemática situação na esperança de que isso ao menos ajudasse a abrir as portas para um maior intercâmbio com os artistas norte-coreanos. Os executivos do festival não aceitariam o argumento de Célestine de que Jo Woon Gyu não era coreano, nem tampouco asiático, mas um cidadão francês nascido na Holanda. A descrença e o desdém logo se transformaram em irritação, e as solicitações de Célestine — telefonemas, e-mails, manifestações de rua diante dos escritórios parisienses do festival — rapidamente viraram momentos de constrangimento para todos que seria melhor esquecer. Nós dois estávamos acostumados a ser motivo de constrangimento em causas políticas e sociais de todo tipo — era uma marca de distinção; você não podia se preocupar com dignidade ou reputação quando havia questões prementes em jogo —, então isso em si não era difícil de aguentar, mas o investimento emocional nesse caso era muito alto e Célestine, ao meu lado na cama, estava abatida, desanimada.

“Olha só isso”, eu disse, passando-lhe meu iPhone.

Ela cobriu os olhos com o braço, flexionando os dedos de modo que os músculos de seu antebraço se juntaram ritmicamente, exsudando angústia e irritação. “Não posso olhar suas fotos engraçadinhas no momento. Por favor.” Eu tinha o hábito de levar para ela fotos de celular de coisas que encontrava durante o dia, como um cachorro com um pedaço de pau na boca. Eu acreditava tirar essas fotos numa perplexidade inocente perante a riqueza da realidade mundana, mas Célestine, pelo contrário, detectava repulsa e desolação existencial espreitando sob cada imagem. Eu não mais a contradizia nesse aspecto.

Escoreguei na cama até ficarmos lado a lado. “Essa foto tem uma ironia muito especial que você vai querer conferir. Pode acreditar em mim.” Ela rolou para o meu lado abruptamente e me agarrou pelos cabelos com ambas as mãos, levando meus Pures a se queixar amargamente. Eu costumava tirá-los do ouvido e jogá-los sobre o criado-mudo em momentos como esse, temendo uma interrupção da intimidade, mas ficáramos tão acostumados à companhia deles que nunca me ocorria fazer isso, ultimamente. “Uma promessa como essa

é uma coisa perigosa”, ela disse. “Estou num estado de espírito perigoso, inseguro. Uma de suas fotos inanes de placas de trânsito poderia me levar ao limite. E eu nunca mais voltaria.” Ela me deu um beijo intenso, com a boca aberta, então recuou como que chocada com o que fizera, seu próprio pequeno gesto de ironia. “Bom, vamos ver. Não vai ser fácil me impressionar.”

Encontrei meu iPhone, que se ocultara entre as pregas do edredom, e mais uma vez abri a foto que tirara do álbum *Listen to the Crickets*. Com um floreio, entreguei o aparelho para Célestine.

É difícil encontrar Crisco em Paris, mas não impossível. Fora isso, amigos dos Estados Unidos que vinham nos visitar costumavam trazer Crisco para nós — não nas latas de spray, mas de preferência na caixa de papelão contendo o bloco branco de gordura vegetal de quatrocentas e cinquenta e quatro gramas embrulhado em papel encerado. Quando descobrimos o uso de Crisco como lubrificante sexual e um antídoto para a atrofia vaginal, nunca mais consegui ver o logo do produto (as letras vermelhas sobre uma elipse branca com uma gota dourada de óleo servindo de pingo no *i*) sem ter uma ereção melancólica. Com a idade de sessenta e dois, Célestine continuava voluptuosa e sensual, mas é claro que já bem avançada em sua vida pós-menopausa. Era típico dela procurar uma metáfora, ou talvez uma analogia, para ajudá-la a absorver uma mudança tão fundamental quanto a transformação ocasionada por sua menopausa, particularmente no que dizia respeito ao sexo. Ela encontrou uma quando participamos de um painel, parte do Festival Lumière, no Festival de Cinema de Grand Lyon, cujo tema era “Sexo e os deficientes no cinema”. Nosso sexo pós-menopausa foi imediatamente iluminado pelo testemunho de nossos colegas de mesa, que não eram especialistas, mas meramente seis cinéfilos que encarnavam um espectro de deficiência humana, da relativamente menor (um braço direito inerte devido a um AVC infantil) à maior (uma doença neuromotora no nível avançado de Stephen Hawking). Um forte senso de invenção, influenciado por um ainda mais forte senso de humor, e a supressão do constrangimento com a acrobacia por vezes grotesca exigida, parecia ser a chave, temperada pela alegria de ser forçado a compreender e, mais ainda, a discutir com detalhes vívidos precisamente qual era de fato o propósito do sexo — um aspecto tristemente ignorado do sexo entre a maioria dos não deficientes.

Secretamente, eu desejava Célestine como sempre desejara — secretamente, pois não me era permitido que de algum modo pudesse fugir de nosso envelhecimento sincronizado desejando agora como sempre desejara. Era-me permitido expressar minha volúpia por ela, mas era necessário que ela a desdenhasse com uma risada descrente, os desvarios de um velho, possivelmente os primeiros sinais da senilidade, quando não da demência, no próprio ocaso particular dela. Era como se minha volúpia não esmorecida de juventude fosse por sua mera existência uma censura a ela por sua própria volúpia brutalmente truncada, agora debilmente sustentada pelas estratagemas que acabei de descrever. Eu não podia lhe dizer como nosso sexo passado se fundia suavemente ao nosso sexo presente, para mim, como seu corpo do passado modificava a realidade de seu corpo do presente. Mesmo que o sexo anal não fosse possível para ela agora, o sexo anal antigo, vividamente recordado, continuava vitalmente vivo e presente para mim, acontecendo de algum modo de forma concomitante com o sexo vaginal. E é claro que meu corpo também estava mudando, como tenho certeza de que você adivinhou mesmo sem uma referência de fotos e vídeos na internet, e eu sentia que sua menopausa também era minha. A transformação de nossos corpos estava ajustada numa rigorosa sincronia, e talvez além da sincronia: estávamos próximos demais em todos os sentidos para termos deixado de afetar casualmente um ao outro. À medida que seu corpo mudava (e essa mudança, sem dúvida, é invisível e gradual até um desses momentos surpreendentes de revelação, quando a luz penetrando obliquamente por uma claraboia posicionada num lugar improvável ilumina cruelmente a pele, as veias, as unhas do pé, e muda para sempre sua percepção do que é sua parceira), eu de início desejei que minha estética para a beleza feminina mudasse de modo a acomodar sua transformação, de modo que permanecesse tão linda e desejável quanto antes, embora estivesse diferente. E a própria diferença se tornou provocativa e excitante, como se o sexo com ela fosse também sexo com uma pessoa nova e exótica que exigisse novos protocolos sexuais e novas perversidades, até que eu não precisasse mais anelar essa mudança porque tal estética mudara de forma permanente; eu não estava mais atraído pela mesma mulher, e isso era uma bênção e um alívio, e uma coisa curiosa. Um corolário inesperado era o realinhamento da estética relativa ao meu próprio corpo, que poderia agora absorver a musculatura fibrosa, a pele mosqueada, os ossos

malares exauridos, as rugas reptilianas, em sua categoria de beleza masculina aceitável. Sim, continuávamos ambos ainda maravilhosos.

Após eu ter descrito minha aventura em Vanves para Célestine com detalhes obsessivos, tudo a título de explicação da foto de capa do álbum, fizemos amor de forma desesperada, triunfante, celebrante, inevitavelmente abraçando o tema de Romme Vertegaal e sua odisseia tal como a imaginávamos. Enquanto estávamos numa viagem ao México, cujo propósito era uma exploração da política e da filosofia à *la mexicaine*, descobrimos que nosso sexo enveredara independentemente numa meditação sobre Frida e Diego, com um gostinho de Trotsky (Célestine sempre era Frida, mas eu ocasionalmente era Trotsky naquele país delirante de autoaniquilação sexual; mais tarde, quando revisitamos o tema, eu era às vezes Frida, enquanto Célestine era às vezes Diego), e exibindo distintas nuances de arte folclórica surrealista mexicana. Desse momento em diante, muitas vezes escolheríamos conscientemente os temas de nossas sessões sexuais como se colaborássemos num projeto de colagem ou escultura, e depois disso discutiríamos suas texturas e efeitos sensoriais. Escrevemos um artigo em coautoria sobre isso para a seção “Anais de sexualidade” da *The New Yorker*, que causou uma pequena controvérsia. Agora, apenas pós-Vanves, emergiu uma nova camada em nossa estrutura sexual compósita e em constante evolução (o que sempre me lembra o uso de camadas no Photoshop): o anseio atipicamente desesperado de Célestine por Romme. Eu podia ser Romme em nossa fantasia — certamente o conhecia melhor do que conhecia Diego Rivera —, mas o ciúme estava lá, ainda que permitíssemos um ao outro os amantes de lacuna, e o ciúme estava dissolvendo as camadas e gerando uma desarmônica confusão. Será que existe alguém que nunca sentiu ciúme dos antigos relacionamentos amorosos do outro, um ciúme que se torna mais furioso quanto mais injustificado, quanto mais seguramente pertencente ao passado, desdenhosamente protegido na câmara da memória? Então sim, triunfante, celebrante, mas angustiado em sua complexidade emocional, pelo menos para mim, e tornado ainda mais agonizantemente pungente pela serenidade ostensiva de Célestine, sua naturalidade até com a, a essa altura, inevitável dor proveniente da penetração. Eu odiava permitir que Célestine trepasse com Romme usando-me como um Romme substituto.

Estávamos ambos prostrados ao final disso, Célestine segurando minha mão por cima de seu seio esquerdo e apertando-a com crueldade distraída. Mas então ela me deu um susto ao soltar uma exalação súbita, chorosa, seguida de um ofego aterrorizado. Uma carga de adrenalina se projetou na direção de meu cérebro e encheu-me de uma raiva familiar, à deriva. Quando usei pela primeira vez meus aparelhos auditivos, que eram sintonizados principalmente para aumentar essas frequências mais altas que são geralmente as primeiras a desaparecer com a idade, é verdade que o mundo instantaneamente ficou mais ruidoso e áspero; foi difícil para alguém cuja paisagem auricular se tornara muito gradualmente cada vez mais surda e embotada acreditar que aquilo era como a maioria das pessoas escutava, que essa aspereza era apenas a restauração de frequências sonoras mais elevadas que haviam sido perdidas. Mas o aspecto mais desorientador dessa nova paisagem sonora era que os sons agora comportavam demasiada emoção, demasiado significado, de modo que um simples espirro era uma expressão de ira, a porta do quarto sendo fechada era uma separação dolorida que necessitaria de paliativo, os tapas em um travesseiro para acomodar sua forma no meio da noite eram um ataque explosivo que levava meu coração a martelar com raiva de puro reflexo. Uma recalibração de minha reação à intensidade dos sons tornou-se premente e, embora eu estivesse constantemente recalibrando os aparelhos, essas inesperadas descargas de adrenalina persistiam e continuavam a me confundir. Eu tinha ganas de pular da cama, bater a porta do quarto e sair para uma caminhada petulante nas ruas escuras e úmidas, resmungando comigo mesmo sobre insulto conjugal e traição. Mas eu os recalibrava.

“Tina.”

“Você está sentindo, não está?”, ela disse. “Eles estão enlouquecendo aí dentro. Não é possível que você não sinta.”

“Os insetos.”

Um “sim!” exalado, como a detonação de um fuzil muito potente. “Você acha que é a Gestalt de Romme Vertegaal que os está animando? A entomologia, a conexão norte-coreana...?”

Ela girou para me encarar. Em seu rosto havia um júbilo terrível, frenético. “Programa 5”, ela disse. “Mude para ele e vai poder escutá-los. É para isso que serve, não? É óbvio! Romme sabia que esse momento chegaria!”

“Eu não sei para que serve o Programa 5. Nem Elke foi capaz de me dizer para que precisamente ele servia. Eu deixei que ela o criasse por sua causa, por

causa da sua obsessão norte-coreana, e, é claro, porque eu estava curioso, até mesmo a respeito da minha audição, qual pode ser realmente seu potencial. Sabemos que Romme era brilhante, então deixemos que seu brilho abra minha cabeça, se puder. Era isso que eu estava pensando. Mas, honestamente, tenho sentido medo de passar para ele, em parte porque acho que vai ser decepcionante, apenas uma expressão amena de filtragem harmônica, vai saber. Elke estava muito orgulhosa de seu trabalho com essa difícil operação de vinil analógico para digital, e odiei frustrá-la sendo tão tímido, mas ela me deixou ir quando lhe prometi que voltaria para relatar em detalhes, depois que criasse coragem para experimentar o Programa Vertegaal.”

Eu não podia contar para Célestine que tinha outra motivação em me confiar às mãos de Elke Jungebluth: eu ficara aterrorizado com a possibilidade de que Célestine cumprisse sua promessa de viajar para a Coreia do Norte a fim de procurar Romme, para se reconectar com ele e lhe dar seu problema dos insetos, tudo dentro do contexto de uma ridícula aproximação política com a ditadura da Coreia do Norte. Em um nível seu estratagema era loucura completa, uma fantasia, e em outro confirmava — senti isso com dor esmagadora — que ela ainda o amava, amava-o de uma forma que não me amava, e que eu estava preso numa telenovela lacrimosa da qual nunca escaparia.

Célestine segurou o seio esquerdo com ambas as mãos e o ofereceu para mim. “Ligue isso aí e escute”, disse, com uma intensidade ofegante cujo tom esperançoso me perturbou completamente. Que marido não desempenhou avidamente o papel de voyeur em sua própria casa, observando o reflexo de sua esposa numa janela enquanto ela examina sua vagina ou seu ânus com o espelho de barbear cromado dele, uma perna apoiada no metal branco da cadeira no banheiro, à procura de alguma lesão, pólipos, secreção ou descoloração reveladora, males reais ou receados? Eu muitas vezes pegava Célestine examinando o seio esquerdo da maneira menos convencional: com a audição, não com a visão. Ela o erguia na direção do ouvido esquerdo, a cabeça inclinada, manipulando-o impiedosamente, como se na verdade não lhe pertencesse, mas fosse um transplante ridiculamente equivocado ou um neoplasma patológico recente, cutucando-o de modo a provocar os insetos num frenesi auditivo alto o suficiente para ser gravado com o iPhone que ficava apoiado numa caixa de Kleenex, o medidor de volume do aplicativo Voice Memos estremecendo a cada ruído. Agora era minha vez.

Hesitei, paralisado. Seu cabelo estava úmido de nossos esforços, mechas cintilantes pretas e cinza riscando suas faces. Uma mecha ficou presa no canto de sua boca e tive uma alucinação de que era a perna de uma enorme aranha preta e cinza exposta inadvertidamente, aguardando com paciência dentro de sua boca para que os insetos emergissem. Forcei-me a delicadamente puxar a perna presa entre seus lábios, que se abriram ligeiramente para me ajudar, e a enrolei de volta atrás da orelha. “Sabe, você sempre foi capaz de escutar coisas que nunca escutei, mesmo com meu equipamento biônico muito sofisticado”, eu disse. “E você nunca conseguiu ser bem-sucedida em gravar o som de seus insetos. Você admitiu isso.”

“Mas esse é Romme. Esse é o presente de Romme para nós dois. Foi criado por seu brilho e por seu entendimento. É uma coisa nova.” Ela se animou quando disse isso, e o fulgor de sua animação foi um tormento para mim. Ela esticou uma das mãos, a outra agora apalpando o seio, e tocou o módulo Pure atrás de minha orelha. (Eu escolhera a cor prata escura, vaidoso o suficiente, ainda, para querer que se camuflasse em meus cabelos grisalhos, que um de meus alunos descreveu como “cabelo de filosofia de confronto, embora não tão intimidante quanto o cabelo de Schopenhauer”.) Tirei a mão de Célestine de minha orelha, deixando que pairasse no ar, hesitante, e levei minha própria mão ao interruptor basculante do programa atrás da orelha esquerda e o pressionei, selecionando metodicamente entre os programas de 1 a 5. Cada circuito era acompanhado por uma sequência única de tons musicais habilidosamente projetados para indicar em qual programa você estava entrando, e, como Célestine podia escutar esses tons, quando eu cheguei ao Vertegaal suas sobrancelhas imediatamente se ergueram em expectativa, como uma garota excitada.

“O ventilador do forno de convecção ficou ligado. Dá para escutar agora”, eu disse.

Célestine riu e puxou minha cabeça na direção de seu seio com exagerado descaso.

E então eu os escutei. Os insetos. Estavam dentro de seu seio, eu podia escutá-los.

Ao que parece existem biomarcadores presentes no hálito que podem ser analisados por um espectrômetro de massa à procura de indicativos de vários

tipos de câncer e outras doenças. Poderia haver um equivalente nos sons exalados ou emitidos de qualquer outra forma? Estariam Romme Vertegaal e seus colegas norte-coreanos na vanguarda para definir um novo sistema de diagnóstico médico? Teriam meus inocentes e pragmáticos aparelhos auditivos Pure sido transformados num análogo do espectrômetro de massa pelo programa *Listen to the Crickets*? À luz do dia, nada disso resistia ao escrutínio. Mas ali na cama com Célestine fazia a noite mais escura e eu podia escutar os insetos em seu seio esquerdo, e eles pareciam vivos, presentes, reais. Eu sempre suspeitara que insetos tinham o que eu chamava de “personalidades de espécie”; ou seja, não personalidades enquanto indivíduos, mas enquanto espécies individuais, de modo que determinados tipos de borboletas ninfalídeas — almirantes, vírgulas, anglewings e casco-de-tartaruga — têm todas o hábito de pousar em sua cabeça quando você está tentando capturá-las, e, quando você se move de forma abrupta, elas saem voando, apenas para voar num círculo e voltar a pousar em seu cocuruto — comportamento que você nunca verá numa monarca ou numa tigre rabo-de-andorinha. No seio inchado de Célestine, agora coberto com o brilho líquido da excitação, havia oito espécies de insetos que eu podia discernir, todos pelo som que faziam, sons que geraram em minha mente uma imagem dos órgãos — pernas ou asas estridulando, os timbais vibrando — que produziam esses sons. Como parte da empreitada filosófica de minha vida, eu fora — naturalmente, assim me parecia — atraído para os estudos entomológicos, pois não conseguia entender como um filósofo podia evitar algum envolvimento com a existência e o significado de tais formas de vida, tão poderosas e contudo tão completamente inumanas. Sempre achei engraçado observar o apetite pateticamente desesperado expresso na cultura popular por formas de vida em outros planetas, quando bem debaixo dos pés desses caçadores de alienígenas, e sumamente ignorados por eles, estavam as mais exóticas, grotescas e fabulosas formas de vida imagináveis. Mas, como um estudioso da vida dos insetos, eu não podia me tornar mais do que um diletante, tão incomensuravelmente profundo é o tema. A palestra que realizei no Club Immédiat, que intitulei “A entomologia é um humanismo” — uma brincadeira proposital com a famosa palestra de Sartre “O existencialismo é um humanismo” —, incorporava a maior parte da essência de meu aprendizado entomológico, e está lá para que todos a vejam em sua superficialidade. Eu não podia, em outras palavras, nomear com acerto as

espécies de todos os insetos representados no seio de Célestine. E quantos deles podia haver ali? Haveria apenas um espécime de cada espécie, de modo que a resposta seria oito? Ou, seguindo o paradigma da arca de Noé, haveria um macho e uma fêmea de cada animal? Uma cigarra, certamente. Uma vespa-do-barro. Uma mosca asilídea. Um besouro assassino. Diversas espécies de formiga. Minha mente se encheu de imagens esquisitas, comicamente desorientadoras, que pareciam trazer consigo suas próprias trilhas sonoras: o enxame selvagem das *marabunta*, um exército de formigas com um bilhão de soldados no filme de Charlton Heston de 1954, *A selva nua*; um programa no Discovery Channel mostrando parasitas de insetos que transformavam seus hospedeiros em zumbis a serviço das necessidades dos parasitas; uma paródia no YouTube do *Besouro Verde* em que o herói mascarado é na verdade um vespão que é esmagado por seu parceiro japonês, Kato, cuja trilha sonora era “O voo da abelha”, complementado pelo efeito de zumbido de vespão feito com um teremim, como no antigo programa de rádio. (Eu não tinha certeza se de fato assistira ao vídeo do *Besouro Verde* ou se fora uma alucinação.)

Afastei-me de Célestine, horrorizado e confuso, e ela deu uma pequena risada de comiseração e tirou a mão do seio, que me pareceu, por um momento delirante, tremular com um tumulto interno antes de encontrar sua posição inocuamente normal de repouso gravitacional. Era, como eu disse, meu seio favorito, o maior e mais complacente (o esquerdo é geralmente maior, ao que parece devido ao modo como o coração bombeia o sangue), mas agora esse seio era subjugado por ondas de significado e simbolismo além até da carga metafórica que esses órgãos tão sofridos estão acostumados a suportar. Ele se dissolveu quase cinematograficamente diante de meus olhos numa rápida e circulante série de objetos — uma bolsa, um ninho, um ovo, uma iurta, uma colmeia —, cada um dos quais provocou uma excruciante resposta emocional que me deixou trêmulo e exaurido.

“Agora você percebeu, não foi? Agora você percebeu”, ela disse, estudando meus tremores com curiosidade atenta.

Mas eu não percebi. Por motivos óbvios, não conseguia acreditar no que estava ouvindo — no sentido mais literal. Ocorreu-me que os sons de inseto que eu achava estar escutando estavam na verdade sendo gerados pelos próprios equipamentos auditivos, e não sendo captados passivamente por eles. Poderiam eles não ter sido programados para fabricar aqueles sons, sua capacidade de

computação criativa mal salientada pelo que normalmente se esperava que fizessem? Teria Romme, de comum acordo com Elke, construído esse esquema de elaboração improvável a fim de me enlouquecer ou, ainda mais perversamente, seduzir-me a colaborar com Célestine no aprofundamento de sua própria insanidade?

A expressão no rosto de Célestine era tão benigna — não, mais do que isso, benevolente, até mesmo santa —, transbordando calmamente com compaixão, compreensão e bondade, que não fui capaz de expressar essas implicâncias diante do que era obviamente uma catexia quase religiosa para ela. E também, outra vez, eu ainda podia escutá-los, e tinha a sensação de que estavam conversando comigo, embora não pudesse compreender o que diziam.

Eu podia entender o que Célestine estava dizendo. “Agora você vê por que temos que cortar isso fora. Temos que fazer isso antes que eles se espalhem por toda parte. Não temos muito tempo.” Ela disse isso de forma doce, educada, sem apreensão. Fiquei preocupado que se referisse a “nós”, embora seu desejo de ter minha aprovação e apoio fosse normal para nós; mas, nesse contexto, deixou um sabor sinistro que deve ter alterado minha expressão. “Quero que *você* faça isso”, ela disse. “Por que deixaria para alguma outra pessoa? É algo sobre o qual falamos a respeito, e agora está aqui.”

Imagino que seja incompreensível para um jovem casal que eles possam um dia estar conversando sobre inúmeras modalidades — às vezes como piada, às vezes com desespero, outras, de maneira brutal — de matar um ao outro ou mutilar-se reciprocamente. É bastante comum ver artigos sobre a ética da eutanásia e sobre desligar as máquinas do marido nas circunstâncias médicas mais irreversíveis, ou sobre a logística de acompanhar sua esposa à clínica Dignitas, em Zurique, para pôr um fim à própria vida, mas Célestine e eu muitas vezes nos pegávamos propondo gestos hipotéticos de violência que apenas na superfície tinham a ver com o envelhecimento, a senilidade e uma morte confortável. Ela me castraria; eu cortaria seus seios — as duas cirurgias realizadas com utensílios de cozinha comuns. Ela iria me estrangular com uma velha cinta de roupão; eu a esfaquearia com a escultura de titânio de dois chifres afiados que recebera por meu ensaio “Cinema consumista”; tomaríamos uma overdose de barbitúricos e deitaríamos juntos na cama, segurando as mãos, à maneira do autor de *O mundo de ontem*, Stefan Zweig, e sua jovem esposa, na cidade brasileira de Petrópolis. Imaginávamos despreocupadamente

diversos cenários como esse no decorrer do dia, hábito que começou como uma brincadeira amarga entre duas inteligências hiperafiadas, cuja função parecia ser absorver o veneno das tensões, ansiedades, ciúmes, ressentimentos e nanotraições mundanas normais, mas gradualmente se transformou numa cerca diária contra a morte, uma admissão de nossa dolorida efemeridade, e um convite a tirar os utensílios de mortalidade de cozinha das mãos do acaso cego e devolvê-los a nossa própria gaveta.

Você pode começar a entender, assim, o acúmulo de circunstâncias que criaram nossa Gestalt. Fui de condescender com Célestine — não tendo certeza se ela começava a sofrer de demência ou estava, antes, deliberadamente desenvolvendo uma fantasia, uma alucinação voluntária que envolvia uma forma única de apotemnofilia — à condição de habitar essa psicose complexa inteiramente. É uma pena que você nunca tenha conhecido Célestine em carne e osso. Teria sentido seu poder de seduzir e hipnotizar.

O trem noturno para Munique deixou a região leste de Paris às 20h05 e foi a primeira parte de nossa viagem para Budapeste. Havíamos escolhido o *Schlafwagen* Cassiopeia, um vagão-leito da City Night Line, operado pela Deutsche Bahn, seguido de um trem-bala Railjet, das Ferrovias Austríacas, para a estação Keleti em Budapeste, a fim de apaziguar o medo de voar recém-adquirido de Célestine, ou antes seu medo de mudança de pressurização da cabine, que podia molestar seus próprios pequenos passageiros. Não se pode negar que o senso de oportunidade promovido por muitas horas de viagem de trem também era parte da estratégia de locomoção, pensada para validar o propósito de nossa viagem e emprestar a toda a empreitada parte da credibilidade de que estava carecendo. Pois cabe perguntar, como tenho certeza de que você está fazendo, exatamente quão insana estava Célestine e quão irresponsável era eu para ser cúmplice nessa insanidade. Ela era tão convincente na invenção dos detalhes de sua doença e da conspiração que a cercava que isso assumiu uma atraente substancialidade, como ser arrebatado pela realidade de um romance brilhantemente escrito ou de um filme carismático: não é que você acredite em sua literalidade, mas existe uma verdade convincente em sua vida orgânica que o envolve e é absorvida por você quase num nível físico. Lembro-me da experiência de um pequeno terremoto em Los Angeles — apenas quatro ponto seis, creio — quando eu estava lá como convidado da

Academia no ano em que decidiram criar um Oscar especial para Filosofia no Cinema. Um pequeno terremoto e contudo a consciência forçada de que a terra sob seus pés era volátil, não estável, foi aterrorizante, e por dias depois disso eu tinha certeza de poder sentir a terra tremendo de forma ameaçadora. Vivo até hoje com essa certeza; está prestes a me atingir a qualquer momento, uma vertigem especial que hoje integra minha própria fisiologia.

Célestine era como esse terremoto. Célestine era também como a primeira viagem de LSD, aquela que você teria numa delicatessen do Brooklyn, onde de repente todas as cores sofreram um desvio para a extremidade verde do espectro e seus olhos se tornaram lentes olho de peixe, distorcendo seu campo visual total, e os sons se tornaram plásticos, e o tempo, infinitamente variável, e você percebeu que a realidade é neurológica, e não absoluta. Célestine era um *hotspot* pessoal, emitindo seu próprio sinal de wi-fi que o ligava à rede Célestine, e somente a ela. Havia é claro um elemento de apoio incondicional, uma solidariedade com o principal parceiro na aventura do mundo, independentemente de onde fosse levar a ambos. Eu estava agora ombro a ombro com Célestine nas barricadas, assim como ela estivera comigo durante minha lunática carreira política de breve vida (que quase mandou a nós dois para a prisão e nos ensinou a velha lição sobre príncipes filósofos).

Pegamos uma cabine Comfortline deluxe equipada com beliche, com banheiro anexo e até chuveiro, incluindo artigos de toucador que nunca usamos. Atipicamente, Célestine quis ficar com o beliche de cima, que normalmente a fazia se sentir como uma bagagem de mão acondicionada no compartimento superior, como ela mesma dizia, mas agora a fazia se sentir como se estivesse voando acima do verde dossel de uma floresta tropical insular no Caribe. Ela galgou a escada branca de metal, enganchada no beliche de cima por nosso atendente resolutamente animado do vagão-leito, como se fosse uma garotinha de oito anos de idade em sua primeira viagem longe de casa. Devo confessar que para mim a trava de segurança e o sistema de fechadura com cartão-chave de plástico perfurado da cabine mataram completamente aquela sensação de bonomia exótica à *la* Expresso Oriente, e substituíram-na pela fantasia de que havíamos sido admitidos numa prisão de segurança mínima sobre rodas para criminosos de colarinho branco, com destino, possivelmente, à cadeia grotescamente ornamentada de St. Gilles, em Bruxelas.

(Por algum motivo, devaneei que o criminoso/filósofo/artista Jean Genet também viajava nesse trem-prisão e se sentia muito à vontade.)

Antes de subir, Célestine sentou em minha cama e me beijou com toda a paixão e sensualidade de que foi capaz, conservando a boca bem fechada, como era seu novo hábito, o medo tácito sendo a migração dos insetos de um corpo para outro. Ansiei pela boca que se arreganhava ao primeiro contato com meus lábios, abria-se com a evaporação da vontade social e qualquer indício de reserva ou resistência, a boca que negligentemente convidava — não, implorava — uma completa invasão e possessão. Eu me perguntava se essa boca um dia voltaria, talvez imediatamente em nossa viagem de volta de Budapeste. E depois do beijo, o exame estetoscópico com o aparelho auditivo, a essa altura um ritual, dos seios e da cavidade abdominal. Célestine erguendo a blusa de seu pijama de algodão listrado (era parecido com o uniforme dos New York Yankees, embora ela nunca o usasse em casa) e oferecendo os seios para mim, agora não seu marido, mas seu médico prestes a fazer um diagnóstico. Pude escutar as vibrações dos trilhos em sua carne e pude escutar os insetos também, clamando por minha atenção e criando pequenas cápsulas sonoras que, na cabine superabafada, começaram a me dizer coisas rítmicas, despropositadas, como às vezes escutamos vozes no motor de uma esteira ergométrica onde estamos correndo, ou nas lâminas de um apontador de lápis elétrico. Mas nosso desejo de significado é tão grande, um desejo inato, parece, que construímos significados onde não existe nenhum.

Assim, do mesmo modo, foram as vozes de insetos falando comigo das profundezas de Célestine, pois, na altura em que ela deixou minha cama e subiu para seu próprio convés de decolagem, as coisas despropositadas e rítmicas haviam se tornado propositadas, sequenciais, coisas gnômicas que eram cheias de significado. Eu continuava a ouvi-las através do estrado superior, mudando de tom e clareza conforme Célestine deitava de costas ou de lado. Os insetos sabiam por que estávamos indo para Budapeste, e estavam se sentindo perseguidos. Desliguei meus Pures e os guardei em seu estojo em forma de disco, que apresentava dois nichos separados para cada equipamento, os dois receptores e baterias extras, mas, quando guardei o estojo na mesa dobrável muito próxima de minha cama e apaguei a luz, o resíduo das vozes de inseto continuava forte em meus ouvidos, como uma excrescência de cera borbulhando, chilrando.

E assim rodamos em meio a uma paisagem noturna onírica rumo a Munique, e então nos aconchegamos no luxo modernista, revestido em couro, do Railjet, que deixou Munique às 9h27 e chegou a Budapeste às 16h49, após paradas em Salzburgo e Viena.

Você conhece Hervé Blomqvist, é claro. Ele me mandou você, e isso foi bem dele, com seu papel assumido de facilitador social e provocador político, com ênfase especial em combinar as duas coisas. Ele conheceu Zoltán Molnár quando Molnár, um notório cirurgião húngaro que ocasionalmente fora procurado pela Interpol por seu envolvimento no tráfico internacional de órgãos humanos, e que tinha o hábito de se materializar como que por magia como o proprietário de clínicas de transplante instantâneas em lugares como Kosovo e Moldávia, viajou disfarçadamente a Paris para conduzir seminários clandestinos sobre a politização do corpo humano e a reação da comunidade médica internacional a essa politização. Segundo Hervé, que era, como você bem sabe, um membro íntimo de nossa família intelectual, mesmo quando estudante, o dr. Molnár alardeou seu forte interesse pessoal em subverter o establishment da regulamentação governamental do comércio de órgãos, enquanto ao mesmo tempo fazia uma defesa inflamada do proveito humanista dessa regulamentação. Deixem que as pessoas necessitadas dos países empobrecidos vendam seus rins para os ricos, disse ele. É capitalismo orgânico do melhor tipo, e é bom para todo mundo, e deveria receber um valor monetário e ser industrializado no mais alto grau.

Naturalmente, pesquisamos o bom doutor no mais alto grau no Google antes de marcar uma hora para a mastectomia de Célestine na Clínica Molnár, em Rákóczi út, em Budapeste. Declinamos do oferecimento feito por seu consultório de um pacote que incluía um voo pela Malév e um quarto no Gellért; queríamos alguma distância entre nós e o médico por demais entusiasmado, e o pacote com tudo incluído, que compreendia refeições em um restaurante chamado La Bretonne, parecia uma armadilha, uma intimidade forçada com tamanha intensidade que beirava o indecente. Contudo, o que estávamos procurando *era* íntimo, *era* perversamente indecente, e tínhamos consciência de que nossa desconfiança era um paradoxo emocional que não sobreviveria a um escrutínio racional. Apenas o dr. Molnár, garantiu-nos Hervé, dentre todos os seus contatos no submundo médico, reunidos durante

suas estrepolias clandestinas, concordaria em permitir que eu realizasse a mastectomia em Célestine sob sua supervisão. Apenas o dr. Molnár, disse Hervé, com aquela afabilidade juvenil irresistível que mascarava levemente uma inteligência um tanto impiedosa, apenas o bom doutor acataria a ideia de que a remoção do seio infestado de insetos de Célestine pudesse ser um imperativo neurológico, não psiquiátrico. Molnár era da escola que acreditava que apotemnofilia surgia de uma disfunção cerebral congênita e que seus sintomas podiam ser aliviados apenas aquiescendo ao desejo do paciente por amputação. Desnecessário dizer, aprazia ao senso de anarquia e subversão social tanto de Molnár como de Hervé apoiar esse ponto de vista, e não demorou muito para que Molnár absorvesse o caso de Célestine em sua já lotada agenda. Ele cuidara de apenas um outro caso de apo: um michê de vinte e oito anos de Colônia que queria remover a perna esquerda abaixo do joelho e que, frustrado com a relutância de todos os médicos em amputá-lo quando não havia nenhum motivo físico óbvio para fazê-lo, tentou em diversas ocasiões enfiar a perna sob um bonde em movimento, causando grande consternação nos escritórios municipais da Stadtbahn, para não mencionar nas próprias ruas. Depois que o homem esteve na Clínica Molnár (segundo o pitoresco folder enviado por e-mail da Romênia), a vida do paciente melhorou em todos os níveis, incluindo o profissional, pois ele encontrou uma florescente clientela especializada em sua nova encarnação, que ele nunca soubera sequer que existia.

E assim encontramos o extravagante doutor em sua toca num denso subúrbio industrial de Budapeste que abrigava, entre incontáveis outras corporações internacionais, a israelense Teva Pharmaceuticals Industries Ltd. Essa proximidade com negócios médicos legítimos proporcionou um pouco de tranquilidade a mim e a Célestine, embora a clínica em si fosse inegavelmente suspeita, localizada, como era, totalmente no subsolo, nas entranhas de concreto de um enorme conjunto em deterioração. Estávamos na sala sem janelas do diretor executivo, afundados em poltronas butterfly vermelhas e amarelas que de algum modo sobreviveram aos anos 60, à espera de nossa dose de instruções preliminar do chef em pessoa. Nas paredes havia pôsteres em diversas línguas, que pareciam exaltar as virtudes do turismo médico em vários países — Jordânia, Coreia do Sul, México, Índia —, tudo menos a Hungria.

“Meus luminares!”, cantarolou ele. “Estou empolgado de tê-los aqui. Estive relendo a obra de ambos como preparativo para nossa gloriosa colaboração.”

“Colaboração?”

“Peço que perdoem meu entusiasmo e minha presunção. Mas devem aceitar que o que vamos fazer aqui não pode ser classificado sob o manto exclusivo do procedimento médico. Para mim, pôr o bisturi em sua mão, meu caríssimo monsieur Arosteguy, é basicamente um crime, veja bem. Embora eu compreenda totalmente a propriedade emocional do seio envolvido, para o marido e a esposa. À luz dessa propriedade, o cirurgião estrangeiro é um intruso, um estuprador, um violador. Por que deveria ele ter permissão de cortar esse órgão belíssimo do corpo adorado? Quem diabos ele pensa que é? Não, apenas o marido deveria ter o direito de fazer essa amputação íntima com todas as suas ressonâncias de história pessoal. E por aí vai. Mas legalmente é um crime. Então qual é a solução, em nossa cabeça? Na minha, a solução é que não estamos realizando uma cirurgia, mas criando um projeto de arte/filosofia/crime/cirurgia. Nós três. Uma obra coletiva. O Projeto Coletivo Arosteguy. Concordam?”

Célestine e eu relanceamos um ao outro e pudemos perceber na mesma hora que estávamos em sincronia. Ficamos desarmados, horrorizados e também deliciados. Afinal, o terror costumeiro diante de uma cirurgia capaz de mudar a vida não existia para Célestine. Como aquele pobre rapaz em Colônia, ela estava pronta para jogar seu seio sob as rodas de aço do bonde, caso a operação não fosse realizada. Tão concentrada estava na remoção do saco de insetos, como passara a chamá-lo (eu achava isso repugnante, mas não disse nada), que perdera todo o medo de um infortúnio clínico, de morrer na mesa de operação. Nesse contexto, as palavras pretensiosas de nosso bom doutor aliviaram uma ocasião potencialmente sombria com uma dose de jocosa metafísica, ainda que suspeita, que achamos surpreendente e bem-vinda.

Ainda mais surpreendente, talvez, foi a seriedade com que conduziu sua tutela ao longo dos dias seguintes. Ele arranjava para que nossa “reunião” coincidisse com a operação feita por um colega — apenas uma lumpectomia, infelizmente, mas ainda assim era o seio, e é claro ainda iluminadora para alguém que nunca estivera numa sala de cirurgia — e insistiu que ambos “supervisionássemos o procedimento”. Vou poupar você dos detalhes, mas não de minhas reações: foi sensacional e estimulante a um ponto em que comecei a questionar minha sanidade, ou, mais precisamente, minha saúde mental. Depois disso, eu não via a hora de segurar o bisturi, que Molnár primeiro me levava a fazer de um modo bizarro: ele encomendara um aplicativo da Clínica

Molnár para o iPad e projetara um bisturi eletrônico que permitia ao usuário realizar diversos tipos de cirurgia mamária virtual no próprio iPad. Isso me lembrou dos antigos dias de vivisseção de rãs na internet, mas é claro que foi incalculavelmente mais sofisticado — de uma maneira inesperada, até incorporando (a palavra perfeita) seios de diferentes tamanhos, raças e configurações de mamilos/aréolas.

Célestine estava ansiosa em experimentar o aplicativo e tornou-se particularmente adepta da mastectomia radical, na qual não só o tecido mamário é removido, como também os nódulos linfáticos da axila e até os músculos do peito. Ela parecia atraída pelo modelo de seio asiático e atribuí isso a seu relacionamento complexo com sua médica vietnamita, a dra. Trinh. Célestine achou graça da ideia, mas não acatou sua validade. Em todo caso, ela e Molnár tiveram muitas discussões intensas sobre a necessidade, ou a falta dela, de uma mastectomia radical, em seu caso. No fim, ela sentiu que isso não era o indicado, haja vista que seus insetos não eram análogos a um câncer em metástase que pudesse invadir seus nódulos linfáticos; uma simples mastectomia iria bastar. Concordamos que nós três escreveríamos um artigo acadêmico sobre a colaboração do paciente com a doença, e então, como consequência, a colaboração do paciente com o médico acerca da natureza do tratamento da doença.

Molnár tentou o melhor que pôde manter o decoro profissional ao longo de toda nossa educação clínica, mas ficou bastante bêbado no que parecia ser seu próprio restaurante, La Bretonne, e tivemos na verdade de aturar seus soluços e lamúrias de alegria enquanto brindávamos com uma *pálinka* de damasco particularmente medicinal. “Tenho tanto respeito e amor por vocês. Tenho resistido a documentar tudo, tamanho o respeito invocado. Mas estou orgulhoso de ser incluído nesse romance tão antigo dos dois. Sinto como se fosse amante de ambos, como nas coisas que li de vocês terem pegado alguns alunos como amantes no passado. E porém, e porém, sou também o professor de vocês nessa aventura, e vocês são *meus* alunos. Isso é algo delicioso e picante, faz as lágrimas brotarem de meus olhos.” Isso não é algo que você gostaria de ver em seu cirurgião, e de fato nos preocupou. Foi uma noite de ansiedade para nós em nossa suíte — haviam trocado nossas acomodações sem que pedíssemos — no Corinthia Hotel. Mas na manhã seguinte nosso médico supervisionou nossa sessão de cirurgia no iPad com plena e desapaixonada isenção, reagindo

talvez ao efeito de distanciamento que operar um seio africano anônimo, exibido pela tela Retina HD do iPad, teve sobre todos nós. Molnár me assegurou que, quando eu comesse a cortar a carne de Célestine, a luz fria das lâmpadas cirúrgicas e a máscara cobrindo o rosto de minha esposa teriam o mesmo efeito, e eu teria o distanciamento para ser um excelente cirurgião. “Vê como suas mãos estão firmes? Lindo. Filosofia é cirurgia; cirurgia é filosofia. Você é um talento nato. Esteve treinando sua vida toda.”

Seria apenas depois da operação, mais tarde, no hotel, quando eu pude, sozinho, remover os grampos cirúrgicos surpreendentemente grandes e desajeitados com o removedor de grampos descartável de cabo plástico branco, não mais sofisticado do que algo que você compra numa loja de materiais de escritório, que a emoção me atingiria, que o vasto e profundo estoque de nossa história pessoal conjunta transbordaria, e seríamos subjugados pelo que fizéramos.

Mas aqui, no ponto decisivo de nossas vidas, minha e de Célestine, e em certo sentido da sua também, querida Naomi, é onde tenho de encerrar a narrativa que me submergiu, e subir à tona outra vez e voltar para você.

“Foi maldade sua falar francês comigo. Foi cruel. Você é sempre tão cruel desse jeito? Você é uma pessoa cruel?”

“Você me contou apenas que esqueceu todo o seu francês. Nunca me disse que a língua causou um trauma.”

“Pensei que tivesse entendido.”

“Eu também pensei.”

Chase estava usando jeans, meia-calça preta, pantufas e uma camiseta preta colante de tecido elástico e mangas compridas com furo para o polegar. Seus polegares estavam nesses furos e como resultado suas mãos estavam parcialmente cobertas. Nathan achou que reconhecia o estilo de algo que Naomi comprara numa loja chamada COS no Aeroporto Charles de Gaulle. Ele normalmente não prestava atenção nos detalhes das roupas. Era como sofrer de surdez tonal, pensou, uma coisa genética, não havia nada que você pudesse fazer a respeito; apenas a impressão geral permanecia sempre, nunca os detalhes. Quando Naomi perguntava “O que ela estava usando?”, ele se atrapalhava para dar uma resposta inteligente, e passou a ser um item fundamental no estoque de piadas autorreferentes do casal. Mas, no que respeitava a Chase, moda era uma evasão, literalmente um disfarce, e assim ele se forçou a fazer um download mental dos detalhes e armazená-los; e em alguns casos, como agora, enquanto subiam a escada acarpetada para o terceiro andar da casa de Roiphe, ele recorria a uma tecnologia sub-reptícia na forma de seu iPhone, o MUDO acionado, registrando-a por trás, quando ela não estava olhando.

Chase admitira ter banido o médico de seus domínios no sótão — “problemas paternos”, disse ela, sem emoção — e delineara as regras do arranjo para Nathan: nada de fotos ali em cima, nada de anotações ou gravações de voz, nada de relatórios para o papai. Todas essas coisas talvez viessem mais tarde se ela ficasse à vontade com sua presença após a primeira conversa. No topo da escada havia um pequeno patamar com vista para o átrio formado pela escada em caracol. O espaço era difusamente iluminado pela luz do dia que

filtrava pela intrincada claraboia art nouveau do teto e conectava quatro portas, todas elas fechadas e, assim ele presumia, trancadas.

“Que porta você gostaria que eu abrisse, Nathan?”

Ele vira o que estava atrás de uma dessas portas — o quarto dela — quando Roiphe o levava naquela excursão noturna para presenciar o pequeno chá de Chase, mas é claro que não ia mencionar isso; em todo caso, não tinha certeza de qual porta era, tão desorientadora fora aquela noite. “Talvez seja melhor você decidir”, ele disse. “Eu estaria só chutando.”

“Sei, imagino que eu deva moldar a narrativa para você.” Virou para a porta mais à esquerda, pegou um molho de chaves preso num chaveiro de náilon trançado e a abriu. “Tenho um código de cores secreto para essas chaves, assim não me confundo. Está vendo esses adesivos? Tudo bem. Vamos entrar.”

Nathan a seguiu na minúscula água-furtada de teto muito inclinado cuja janela dava para a copa densa de folhas serreadas de um grande castanheiro que exibia manchas marrons de ferrugem, com as extremidades quebradiças enroladas como o equivalente vegetal de uma contratura de Dupuytren. Chase acendeu as luzes halógenas no teto e gesticulou para o dispositivo no chão, no canto oposto do quarto. Parecia algo como um secador de roupas europeu, mas com um chassi metálico, coberto de pó, muito high-tech, banhado numa sombria luz de LED violeta.

“Então, o que você achou?”

“Da sua impressora 3D?”

“A FabrikantBot 2. Esse é o raríssimo modelo de chão. Tem um volume de construção enorme. A maioria é de mesa.”

“Parece bom. O que você fabrica com ela?”

Numa mesinha junto à FabrikantBot havia um iMac de vinte e sete polegadas que Chase agora despertava de seu aconchegante cochilo eletrônico. Assim que digitou a senha, uma janela se abriu, exibindo uma aprazível paisagem verdejante com montanhas ensombrecidas, nuvens e céu azul no fundo distante; vários atarracados ícones de controle pontilhavam a periferia da paisagem. No fundo parecido com um gramado havia um gráfico de malha de um volume cúbico dentro do qual se via um corujão-orelhudo estilizado, cor-de-rosa. Chase ajoelhou diante do computador e começou a acariciar o Magic Trackpad sem fio, ao lado do teclado. A coruja reagiu girando em todas as direções com tridimensionalidade infalível. “Esse é um arquivo que eu baixei do thingiverse.com. É um site comunitário onde você pode encontrar milhares

de designs de modelagem em 3D descarregados pela comunidade, tudo de graça — bicicletas, modelos de motor, qualquer coisa. Tudo arquivos STL — acho que significa *stereo lithography*, ‘litografia estéreo’, ou qualquer coisa assim — e todos os programas de modelagem digital leem esses arquivos. Se eu clicar nesse botão da Fabrik aqui na tela, a impressora começaria a fazer essa coruja.”

“Seria muito legal”, disse Nathan. “Eu adoraria ver isso funcionando.”

Chase empurrou o cursor para o ícone de caixa de papelão da Dropbox em sua barra de menu e abriu a pasta da Dropbox. “Certo, tudo bem. Tenho um novo design esperando por mim bem aqui. É um negócio que meu amigo em Paris me mandou. Não sei o que é. Deixa eu ver. É um arquivo STL, então eu arrasto ele para dentro do espaço de construção virtual do programa FabrikWare, assim eu posso reduzir ou ampliar e brincar um pouco com o desenho. Ai, meu Deus. Que vergonha!”

Que vergonha. A coruja desaparecera e na tela havia um pênis ereto, torto, exibido no mesmo rosa insípido e alegriinho da coruja. Chase virou para Nathan, os vibrantes olhos cinza-esverdeado brilhando. “Você fica incomodado com isso, Nathan? O órgão sexual de outro homem?”

Ele de algum modo não se apercebera do poder radiante daqueles olhos até agora; provavelmente, refletiu, em função de ter olhado demais através de suas lentes. “Nem um pouco, contanto que eu não tenha que pôr a mão.” Ela deu uma risada conspiratória. “E quem é esse outro homem? Quer dizer, é só um desenho CAD/CAM feito por alguém ou o quê? Quer dizer, estou vendo que não é normal.”

“Ah, não. Hervé nunca teria usado um desenho. Ele é adepto da filosofia do *cinema verité* dos anos 60.” Nathan observou que ela pronunciou as palavras francesas de um jeito risivelmente anglicizado.

“Eles queriam documentar a realidade de um jeito autêntico, certo? Mesmo quando estavam fazendo filmes ficcionais. Mas qual é a relação com isso, nesse caso?”

“Hervé usa um scanner a laser manual em objetos reais do mundo real — a versão dele para uma câmera NPR Eclair montada no ombro que todos aqueles cineastas do *cinéma verité* usavam. Incrivelmente cara, mas ele recebeu uma bolsa de artes do Ministério da Cultura e tem alguns patronos em vista. Ele não desenha. Pode misturar técnicas e essas coisas, mas a base é sempre um escaneamento do mundo real.”

“Então ele escaneou o pênis de alguém com um scanner a laser?”

“Não tem perigo, se você sabe o que está fazendo. Fazem isso nos filmes o tempo todo — o rosto dos atores é mapeado em cima dos dublês, para parecer que eles estão fazendo as cenas muito perigosas.”

“Não tenho certeza se alguém ia querer esse pênis mapeado em cima do seu.”

Chase corou. “É o pênis de Hervé, claro. Ele não sente vergonha de sua enfermidade, acredite em mim. Deu um jeito de transformar isso numa atração turística bastante popular. Não ficaria tão torto se não estivesse duro. Tenho certeza de que algum amigo ou amiga o ajudou com essa parte. Quem sabe um dos patronos dele.”

“Então agora que isso está no seu computador, o que vai fazer com isso?”

Chase voltou ao Magic Trackpad. “Depois que você deposita seu arquivo nesse espaço de construção virtual, a interface fornece as ferramentas para girar o objeto, desse jeito, trezentos e sessenta graus, e aumentar ou diminuir. Acho que vou fazer um pouco maior do que é de verdade, só por diversão. O programa avisa quando você ultrapassou o volume físico na máquina, então não tem como errar. Daí você usa essa ferramenta aqui do programa e fatia o objeto virtual antes que a máquina crie o objeto físico, camada por camada. Eles costumavam chamar de ‘protótipo rápido’ — um termo muito interessante.”

“Você sabe qual é o tamanho real? O pênis de seu amigo?”

“Ah, eu já vi muitas vezes. Agora observe.” Ela acionou o botão Fabrik e a impressora começou a funcionar, o cabeçote de impressão começando a subir, indo e voltando, com incansável energia em seus trilhos de aço. “Está vendo esse rolo de filamentos cor-de-rosa ali atrás, nessa bobina ligada ao chassi, parecendo um pouco com um molinete de vara de pescar? Pode ser qualquer cor, mas o que eu tenho é esse rosa intenso. É feito de PLA, ácido polilático, um bioplástico renovável. Então o cabeçote da impressora puxa esse filamento enrolado no fundo por aquele tubo transparente ali, está vendo? O filamento vai para o extrusor, que o aquece e espreme através de um buraco macro na plataforma de construção, que, como quase não dá para ver, desce devagar enquanto o modelo é impresso camada por camada. A gente encontra um monte de vídeos no YouTube de coisas sendo impressas com velocidade acelerada. É hipnotizante. Muito divertido mesmo. A plataforma desce como

um elevador e o objeto cresce como um cogumelo em cima dela. Isso aqui vai levar provavelmente duas horas para construir, tem detalhe demais.”

O cabeçote da impressora já produzira um disco cor- -de-rosa — um troço mais para pequeno e melancólico sobre a robusta plataforma de construção transparente — que representava uma fatia na base do pênis de Hervé Blomqvist. Bastante hipnotizante, mas Nathan ficou principalmente hipnotizado com Chase, que adquirira um novo foco no momento em que se expusera às lentes da FabrikantBot 2. Ela estava exibindo uma paixão *geek* inesperada que era mais forte até do que a de Naomi, e para Nathan isso era puro, e perigoso, sexo.

“E qual exatamente é a enfermidade desse seu amigo... Hervé...?”

“Isso, Hervé Blomqvist. A gente estudou junto em Paris.”

“Ele imagina que você faça alguma coisa de verdade com isso? O negócio que ele mandou?”

“Ah, ele sabe que eu vou, e provavelmente tem uma boa ideia do que seria.”

Nathan não conseguiu deixar de imaginá-la usando o objeto que emergia como um dildo muito grande, e teve na mesma hora uma ereção que se fundiu desagradavelmente com a imagem do computador. “Qual é a enfermidade que faz o pênis dele dobrar tanto assim para o lado?”

“Três médicos franceses”, ela disse.

“O quê?”

“Hervé dizia que fora contaminado por três médicos franceses: o doutor Peyronie — isso é o que tem o pênis dele; o doutor Dupuytren — contratura dos tendões e depois dos dedos, de modo que sua mão fica assim” — Chase fez uma garra com a mão esquerda — “e que muitas vezes aparece junto com a doença de Peyronie; e o doutor Raynaud — os pés dele às vezes ficam roxos por falta de circulação no sangue, sempre que esfria só um pouco. Três médicos franceses. Parece nome de música infantil, não é?”.

“Você pelo jeito conhece esse cara intimamente.”

“A gente foi muito próximo lá na Sorbonne. Foi uma época empolgante.” *Sorbonne* pronunciado do jeito que uma americana do Meio-Oeste que nunca ouvira uma palavra em francês teria pronunciado, acentuando a primeira sílaba: *sór-bon*. Nathan se perguntou se com o tempo ela desenvolveria algum tipo de metalíngua elaborada que aniquilaria qualquer vestígio de francês em

seu discurso e pensamento, do modo como *le schizo* Wolfson fizera ao transformar o inglês num misto de hebraico, francês, alemão e russo. Era, de certa maneira, o oposto de Samuel Beckett escrevendo parte de sua obra em francês a fim de fugir de sua língua materna e desse modo se forçar a escrever, ele afirmava, com maior clareza e parcimônia.

A impressora se movia para a frente e para trás, despejando suas camadas de PLA na plataforma de construção, que descia gradativamente de nível à medida que o objeto, o pênis de plástico biodegradável, crescia como uma estalagmite numa caverna. A máquina funcionava com entusiasmo controlado, sem ironia, alegremente criando um pênis duro e torcido para fora, alegremente criando o que quer que fosse. Nathan achou esquisito se identificar com a FabrikantBot, mas era isso mesmo. Ele conseguia compreender esse sentimento de alegria em criar alguma coisa, em simplesmente ser criativo, e a sensação invadiu sua apreensão acerca do projeto de Roiphe, o livro fantasma chamado *Consumidos*, que ele achou que talvez a FabrikantBot poderia imprimir para ele. Por que não? Livros bioplásticos biodegradáveis às pencas.

“Eu adoraria fazer as veias em azul ou roxo e só a cabeça cor-de-rosa ou vermelha, mas essa versão da FabrikantBot só faz uma cor de cada vez, e não dá para combinar mais de uma num objeto. Tenho feito um bocado de pintura, mas seria ótimo não precisar. Estou tentando fazer meu pai abrir o bolso para a próxima geração, mas ele está resistindo. A RepliKator 3 tem cabeçote duplo e usa uma plataforma de construção quente e eu acho que você tem a opção de usar plástico ABS, que é mais caro. Mas não é só a grana. Ele quer que eu mostre para ele o que eu estou fazendo, e eu não quero.”

“Bom, ele provavelmente não ia querer ver o pinto de Hervé, embora a gente saiba que já viu muitos na vida. Talvez não nesse contexto.”

“Ah, mas Hervé não me manda só isso.”

Deixaram a FabrikantBot ocupada em sua animada produção e saíram do quarto. No patamar, Chase trancou a porta e virou de frente para a porta contígua. “Esse é o meu quarto e o do lado é o banheiro e este” — virou de frente para a porta — “que a gente vai ver agora é meu estúdio”.

Chase acendeu a luz do quarto, que era uma imagem espelhada da sala de impressão, embora ali a janela da água-furtada estivesse fechada. Havia duas mesas construídas com cavaletes: uma muito comprida, do tamanho de uma

mesa de piquenique, e outra mais curta, quadrada, cheia de latas e tubos de tinta, escovas, tiras de pano, paletas de plástico retangulares com tampas, espátulas de pintura, potes com água.

“Está vendo, olha aí, eu falei sobre a pintura. Você pode pintar direto no PLA com tinta acrílica. Pode arear, também, se quiser criar texturas diferentes. Seria perfeito se eu tivesse uma pia aqui, às vezes você precisa de água, mas o banheiro fica na porta ao lado. Está meio bagunçado no momento.”

Chase virou as costas para as pinturas e foi até a mesa maior, sobre a qual havia inúmeros objetos grandes, protuberantes, cobertos por uma lona do tamanho de um lençol. Parando na frente da mesa, hesitou e respirou fundo — com estranha reverência, pensou Nathan —, então se curvou e começou cuidadosamente a remover a lona. Agora gradualmente expostas viam-se as réplicas de partes corporais termostaticamente recriadas de uma fêmea humana mutilada e desmembrada, distribuídas sem nenhuma ordem discernível. Estavam pintadas de forma crua, mas de modo suficientemente convincente para induzir a repulsa em Nathan, lembrando-o de um açougue horrível que ele certa vez conhecera numa pequena cidade espanhola. Um peito isolado, arrancado do tórax, postas de coxa e panturrilha, dedos separados da mão, um torso dividido em quartos, uma cabeça assustada aberta no meio e com a língua inchada de fora. Quase cada centímetro quadrado de pele visível fora arrancado, como que pelos dentes selvagens de um cardume de piranhas, e cada abocanhada fora amorosamente pintada em detalhes com tinta acrílica vermelho-escura, evocando a necrose.

“Hervé me mandou isso aqui, parte por parte”, disse ela, jogando a lona amarrotada sob a mesa. “Eu arrumei e deixei mais realista com tinta.” Virou para Nathan e recostou contra a beirada da mesa, as mãos às costas. “Sabe, eu queria chamar essa obra de *Consumida*, mas meu pai me passou a perna. A menos que você dê outro título para o seu livro.”

Nathan reconheceu as partes de corpo das fotos que Naomi mandara para ele. Juntando tudo, era Célestine Arosteguy.

“Então você fez mesmo isso. Você cortou o seio de sua esposa com o consentimento dela.” Naomi estava pensando em termos jornalísticos e legais; era uma abordagem austera que tinha de fazer a fim de manter o equilíbrio na espessa noite líquida do fim de verão em Tóquio. Estavam ao ar livre, no

jardim desmazelado, negligenciado, porque a casa ficara quente demais, quente, íntima e abafada demais. Ela sentava na imitação em concreto de um banco de pedras cortadas à mão, manchado de musgo, encostado à parede oposta. As luzes alaranjadas das pesadas luminárias de ferro instaladas na parede banhavam seu rosto com um brilho medicinal, como um desinfetante, esculpindo-a com sombras profundas, avermelhando-o. Arosteguy andava de um lado para outro no jardim, diante dela, ocasionalmente chutando algum pedaço de entulho doméstico obscurecido pela escuridão que se esparramava em ondas de convecção à sua frente.

“Sabe, tem um colega meu — não vou dizer quem é, porque você iria atrás dele —, a gente estava num esquisito evento de karaokê, em Paris, não aqui, e eu fui forçado pelas circunstâncias a cantar a música ‘Je t’aime... moi non plus’, fazendo a parte de Serge Gainsbourg, enquanto meu colega cantava a parte de Jane Birkin em falsete. Só fiz isso como uma homenagem a Salvador Dalí, que é citado no título da canção, com referência ao comunismo de Picasso. Gainsbourg pedira a Birkin para cantar de maneira que ela soasse como um garotinho, e meu colega fez isso também, sem nenhum esforço aparente. Foi um momento de revelação sobre ele, e eu podia muito bem ter passado sem isso. E, depois desse momento kitsch de ligação entre nós, ele me contou que tinha um sonho selvagem, e que o sonho era que num momento de paixão ele cortava fora o seio de uma mulher. Ele estava procurando de fato uma mulher que concordasse em deixar ele fazer isso por dinheiro, e também tinha um médico para orientá-lo. Era um homem muito meticuloso e escrupuloso. Não sei se chegou a realizar seu desejo.”

“Foi assim para você? Foi uma coisa sexy? Foi apaixonada?”

“Eu encenei uma cirurgia. Eu realizei uma cirurgia. E Célestine tinha razão, como sempre. Eu queria ficar com o seio, preservado não sei como, levar para um taxidermista na rue du Bac, qualquer coisa, por mais grotesca que fosse. Eu não consegui tirar isso da cabeça. Senti de fato que ela estava diminuída com essa perda, mas, de maneira ainda mais egoísta, que *nós* estávamos diminuídos, nossa vida juntos, nossa sexualidade. Não consigo imaginar a complexidade se tivéssemos tido filhos que houvessem sido amamentados. E eu lhe disse essas coisas, mas ela não me deixou ficar com o seio, e Molnár ficou do lado dela — por motivos psicológicos, disse, bem como de saúde, além de legais. Imagine sermos detidos no trem, voltando para

Paris... Mas para ela era simples: destrua isso e tudo que está aí dentro, como um ninho de vespas que você tirou da beira do telhado com uma rede de pescar e enfiou num saco de lixo. Queime, com tudo que tem aí dentro, os adultos alados, as larvas brancas, os ovos. Queime.”

Naomi não tinha dúvida de que Arosteguy estava mentindo sobre tudo (bem, talvez não sobre alguns detalhes da vida pessoal e dos hábitos deles), que sua confissão era um romance, um projeto artístico, e que ele a estava usando como sua colaboradora para lhe dar forma e ajudar em sua disseminação. Mas isso não a desencorajou nem desafiou seu senso de integridade jornalística, que, a bem da verdade, sempre foi apenas uma coisa teórica, uma cartada num jogo profissional, em segundo plano com o entretenimento e a continuidade do trabalho, ou até em terceiro, com sua própria realização criativa, da qual nunca se falava, vindo surpreendentemente em primeiro. Se a mentira era complexa e fascinante — e era, ah, como era —, então deveria haver um livro naquilo, com o desejo sempre presente de escavar a verdade quimérica impelindo-o, fornecendo o suspense, e jamais necessidade alguma de certificar essa verdade. Ela podia levar seus leitores a se perguntar se as fotos das partes do corpo de Célestine revelariam a presença de *dois* seios cortados, refutando assim a lorota da mastectomia que lhe estava sendo contada. Podia pressionar o comissário de polícia, Vernier, para que entregasse essa informação sem ter de lhe explicar sua importância. Podia tentar examinar o torso por conta própria, o torso real — esse era um pensamento excitante; mas será que ele havia sido preservado como evidência ou já fora enterrado ou cremado? —, e ver se o seio esquerdo fora removido cirurgicamente, costurado e tratado, e não brutalmente decepado. As fotos que vira revelavam apenas o lado esquerdo do torso, e uma sombra obscurecia o ferimento. Teria sido isso deliberado por parte da polícia? Eram mesmo fotos de cena de crime? Será que o próprio Arosteguy as postara?

“Mas você não apreciou o ato de cortá-lo?”, ela disse. “Em algum nível? Agora que te conheço...”

“Você teria gostado de habitar meu corpo quando me aproximei de Célestine, deitada na mesa de operações, me habitado como naqueles filmes de ficção científica em que o soldado sobe num robô gigante de nove andares de altura e opera os braços e as pernas imensos de dentro da cabeça de vidro do robô.”

“Sei. Exatamente desse jeito.” Claro que ela estava gravando, e é claro que ele sabia disso. O Nagra estava no banco imitando pedra, a seu lado, piscando alegremente. Ele não se exibiria sem ser gravado agora, ela tinha certeza disso, como um poeta dos tempos da tradição oral que tivesse sido infectado pelo advento dos dispositivos de gravação e desse modo insistisse que todas as suas improvisações fossem guardadas para a posteridade.

“Tudo bem, então. Eu me aproximei do corpo dela, e quero dizer do *corpo*, porque o rosto está oculto sob uma tenda de pano esterilizado em volta de sua cabeça. E não é exatamente Célestine, porque a cor está errada, ela está azul e verde, e assim em certo sentido não está viva, sensível.” Os franceses muitas vezes erravam na última palavra ao falar inglês, observou Naomi; em francês, *sensible* queria dizer consciente, responsivo, senciente, mas não era a palavra mais adequada em inglês. “E o cheiro dela está errado, um cheiro forte de desinfetante. E juro para você, o seio está contornado e riscado no meio com um tracejado de caneta marcadora roxa — corte aqui! —, como num terrível desenho animado de pesadelo, uma grande forma de lágrima com o mamilo no centro.

“Molnár paira em torno do meu ombro direito, o lado em que seguro o bisturi, sussurrando para mim, seu pupilo preferido, com palavras de encorajamento, percebendo meu medo e relutância, mas percebendo também — você não vai ficar surpresa de ouvir isso — que estou com uma ereção, e que sou subitamente inundado pelas emoções de meu colega de karaokê, como se suas palavras daquela noite tivessem enxameado por meu cérebro e se tornado minhas palavras, meus pensamentos, e agora estou prestes a concretizar o sonho de ambos, cortando o seio de minha esposa.

“Estou prestes a fazer o primeiro corte. Molnár me advertiu a não pensar em termos de perfeição, de fazer o corte perfeito, porque isso leva à paralisia; é impossível com a carne, em todo caso. ‘Veja aquela filmagem de Picasso fazendo seus desenhos: nenhuma hesitação’, diz ele. Em certo sentido, nenhum pensamento, apenas o puro instinto e um desejo pela realidade da linha traçada, seja lá o que ela termine sendo, uma certeza de que isso é o que estaria certo. Mas continuo a tremer quando afundo no seio a agulha quente daquele terrível bisturi eletrônico, com sua lâmina descartável para a carne descartável.”

Arosteguy continuava a andar de um lado para outro enquanto falava, de modo que agora, quando parava de repente, foi como o impacto de um tiro.

“É tão banal”, disse ele.

“O quê?”

“Essa descrição em off. Essa entrevista mostrando só o busto do entrevistado.”

“Ah, não! O que a gente faz?”

“Preciso que você ponha o peito para fora e daí eu reenceno a operação. A gente vai colaborar. Imagina como vai ser ótimo para seu artigo, ou até um livro. Como eu sou perigoso. Como você é corajosa. Como isso é perverso e de certa forma carinhoso.”

“Mas as pessoas não vão conseguir ver a gente aqui?”

“Nós somos gaijins. Os japoneses não ligam para as coisas que a gente faz um com o outro, nem com o que os cidadãos japoneses possam fazer com a gente. Lembra do Sagawa? E tantos outros crimes contra gaijins? Não vale a pena se preocupar. E cirurgia sexual? Aqui é o Japão, meu benzinho.” Arosteguy estivera procurando algo nos bolsos de sua calça e agora tirava uma curta e grossa caneta marcadora japonesa com a ponta muito fina, que segurou como se fosse um cigarro. “Vamos brincar de médico. Você vai ser Célestine, a paciente disposta, excitada. Eu vou dirigir sua atuação. Vou fazer dois papéis: o de certo modo repreensível mas inescrupulosamente interessante cirurgião, dr. Zoltán Molnár; e também o inteiramente repreensível e solenemente desinteressante *philosophe* francês, Aristide Arosteguy. Vou dirigir minha própria atuação, mas vou considerar qualquer sugestão oferecida por minha atriz coadjuvante em relação ao roteiro. E vamos cobrir todo o processo da remoção do seio até onde consigo lembrar.” O efeito da bebida que tomavam juntos começava a se manifestar em sua pronúncia arrastada e no ritmo irregular de sua boca e seu corpo. Naomi bebera tanto quanto ele — saquê e depois cerveja —, antes de mais nada para impedir que o andamento de sua narrativa falhasse, mas ela agora se arrependia, certa de que seu próprio ritmo devia estar prejudicado, ainda que não conseguisse medi-lo — um mau sinal para ela.

Quando começou a abrir o zíper de seu moletom, Naomi sentiu-se duplamente como uma puta: ia expor seus seios num quintal de Tóquio; e ia fazer isso sabendo que era apenas pelo artigo, pelo livro, pela perversidade da narrativa e do valor comercial de seu projeto Arosteguy, levando a coisa a um nível de esquisitice que provavelmente seria irresistível para qualquer editor, de

jornal ou mídia eletrônica. A sensação não a deixou amedrontada; estava apreciando a vulgaridade transgressiva da situação da maneira mais pueril. Um imenso dirigível publicitário flutuou em seu campo de visão no alto, as laterais iluminadas por uma projeção de slides animados exibindo uma linha de equipamentos de fitness finlandeses. Naomi observou sonhadoramente a demonstração numa minúscula esteira ergométrica dobrável, indicada para um apartamento pequeno, e imaginou Célestine e Ari andando lado a lado em Paris. Como que induzido pelo devaneio dela, Arosteguy deu dois passos determinados na direção de Naomi, ajoelhou-se a seus pés (gemendo levemente quando a bursite inflamada na ponta de seu joelho direito se manifestou), pôs a caneta sobre o banco e segurou suas mãos antes que ela pudesse abrir o zíper até o fim. “Deixe-me tirá-la da caixa”, ele disse.

“Como é que é?”

“Você sabe, aqueles vídeos das pessoas abrindo caixas de produtos que se veem em todo lugar no YouTube. Eles são o epítome do fetichismo consumista. Eu adoro. Você assiste por exemplo um adolescente vietnamita anônimo abrindo carinhosamente a caixa que acabou de receber, contendo... Um desses, talvez.” Arosteguy meneou os dedos na direção do Nagra. “Ele está em êxtase — podemos perceber isso só de ouvir sua voz e ver suas mãos de menino com as unhas roídas na ponta, a câmera em nenhum momento se direciona para a caixa e seus conteúdos —, mas ele é um mestre da gratificação postergada, assim como os milhares que assistem ao vídeo. Vai cortar com um estilete especial a fita adesiva que fecha a caixa. Vai primeiro tirar a menor caixa de todas, contendo o carregador, depois os cabos e manuais de instruções em diversas línguas. Vai cuidadosamente abrir os saquinhos plásticos lacrados contendo a bateria, os fones de ouvido e os adaptadores. E depois finalmente, com um floreio trêmulo, vai tirar o objeto de desejo embrulhado em plástico bolha, o aparelho eletrônico, dizendo, com fingido descaso, num inglês levemente com sotaque, que é a língua do consumismo: ‘E, bem, ok, então aqui está...’”

Então ali estava: o seio esquerdo de Naomi, desembrulhado com um floreio trêmulo por Arosteguy, embora não sem alguma dificuldade, pois ela estava por acaso usando o sutiã de compressão branco — tinha pensado que talvez achasse tempo para dar uma corrida pela vizinhança —, e o esguio fecho metálico da frente do sutiã esportivo tinha, com a familiar maldade inata das pequenas coisas mecânicas, ficado preso, forçando Naomi a torcê-lo para que se

abrisse para ele, permitindo-lhe completar sua performance de tirá-la da caixa. Ela viajara com apenas dois sutiãs dessa vez, e teria preferido o sutiã de renda preta Victoria's Secret com armação de arame e presilhas removíveis, mas o procedimento todo parecia estar ocorrendo num nível intelectual, e ele não pareceu desestimulado pela falta de sensualidade do sutiã branco.

Ela ficou ali, sem sutiã, sem moletom, e misteriosamente confortável, as mãos repousando com as palmas abertas sobre o banco, enquanto Arosteguy segurava o sutiã pendurado em um dedo, deixando que girasse suavemente à luz provocativa do jardim, como um linguado que houvesse pescado de forma inesperada. “Depois disso, equipamos Célestine com um sutiã especial de mastectomia. Havia um bolso do lado esquerdo para o seio prostético. Chamava-se Amoena, creio, um nome lindo, muito clássico. Na verdade, eram dois bolsos, como se o sutiã estivesse esperando que ela fosse tirar também o outro seio. O formato do seio, chamado Energy Light, tamanho 4, parecia combinar perfeitamente com o seio remanescente, embora o extraído fosse maior. Tudo uma questão de equilíbrio, simetria, peso e aceitação social. O lado interno da prótese tinha uma superfície transparente bolhosa, como plástico bolha, para permitir a respiração, mas ainda assim ficava quente e suado, embora houvesse a promessa de um material desenvolvido pela NASA que seria capaz de manter a temperatura normal do seio. O lado de fora tinha cor de carne e um mamilo não muito entusiasmado na ponta, e sua consistência era notavelmente maleável e viva, ainda que homogênea demais para parecer um seio de verdade. Ela o usou duas vezes, acho, e depois largou. Eu costumava encontrá-lo pendurado num frasco de paracetamol no nosso armário de lavanderia, perto da máquina de lavar, como um chapéu cônico chinês. Na verdade, ela parou de usar sutiã de uma vez, e criou o fetiche de usar suéteres apertados e camisetas justas que enfatizavam sua amputação, dizendo que quando era criança tinha um gato com uma orelha só, e agora ela também era assim.”

“Acho que eu não seria tão corajosa.”

“Você não tem como saber como reagiria, e é por isso que precisamos recriar a cena. Devemos nos tornar atores, como aqueles sujeitos que reencenam a Batalha de Waterloo com velhos mosquetes, usando anacrônicos fones de ouvido azuis.” Arosteguy começou a manipular seu seio esquerdo de um modo desapaixonado, utilitário, erguendo-o com três dedos, como um padeiro avaliando o pão que vai fazer, beliscando-o suavemente acima e abaixo

do mamilo, depois dobrando a pele para demonstrar onde a cicatriz ficaria. Seu rosto estava muito perto e ela podia sentir o hálito dele em sua pele, um bafo quente saindo de sua boca, um pouco mais frio vindo do nariz. Ela se entregou à sensação de que estava baixando o espírito de Célestine, que essa parte do corpo não era sua e podia facilmente se descartar dela; achou isso empolgante. “Tina estava completamente acordada e alerta, e sentada, como você está agora, quando Molnár marcou seu seio. Eu estaria falando húngaro com você agora se pudesse, como Molnár falava com os membros de sua equipe, por cima do ombro, de modo a produzir a autenticidade e a estranha magia clínica daquele momento. Ele lhes disse para me dar um Ativan, porque comecei a perder a coragem, a desfalecer como uma garotinha; não consegui mitigar a ansiedade que tomou conta de mim. O Ativan foi muito sutil e eficaz; pude sentir tudo, exceto a ansiedade. Célestine, por outro lado, estava calma e solícita; ela sorriu, me afagou e teve pena de mim quando o grande doutor começou a desenhar um mapa do tesouro em seu peito, como numa brincadeira de criança. Assim.” A ponta da caneta parecia quente — Naomi tinha certeza de que foi o pensamento da agulha eletrocauterizadora que deu essa sensação — quando Arosteguy riscou com traços confiantes a forma de uma grande gota, com a ponta perto da axila e o corpo da caneta em ângulo na direção do esterno, circulando seu mamilo. Ele então marcou uma linha de fora a fora passando pelo mamilo. “Essa é a linha da cicatriz.”

“O mamilo vai ser perdido?”

“Houve uma discussão sobre poupar o mamilo e também sobre uma possível reconstrução do seio. Molnár se lançou numa reflexão muito pomposa sobre o significado social do seio e da amamentação, e sobre a inovação evolucionária representada pelos mamíferos. Tina apenas riu e disse estar intrigada em se tornar metade menino, e que estaria apenas interessada no mamilo de um rapaz, daquele lado, não de mulher. O médico conversou com ela sobre a dificuldade de equilíbrio. Ela disse que seria uma dualidade, não um equilíbrio, e que não via a hora.”

Arosteguy recuou, a caneta na mão, para estudar sua obra. Naomi olhou para baixo e ergueu o seio com a mão esquerda, para partilhar do momento. “Isso me lembra aquelas tatuagens em forma de lágrima que os prisioneiros têm no rosto”, disse.

“Tive um aluno com uma dessas. Era uma coisa perturbadora de olhar. Ele costumava cobrir com maquiagem.”

“Geralmente quer dizer que mataram alguém.” Arosteguy ponderou sobre isso em silêncio; ela ficou com a impressão de que ele não compreendera a importância das tatuagens e assim alguns significados e interpretações estavam consequentemente mudando em sua cabeça; ela quase podia sentir os blocos se reagrupando, e pensou em Tetris, seu jogo de computador favorito da infância. “Tenho certeza de que você poderia encontrar alguém aqui em Tóquio para fazer uma em você”, acrescentou, pensativa. “Eu posso ir junto e documentar.”

Ele inclinou a cabeça para fitá-la outra vez e riu sem abrir a boca. “Talvez eu precise de duas delas. Está pronta para me deixar cortar você?”

Se ao menos ela tivesse podido confiar em Yukie. Naomi rolava as fotos que Arosteguy tirara dela deitada no banco de concreto no jardim, seus olhos fechados e a boca aberta, fingindo estar anestesiada, o seio marcado parecendo agradavelmente cheio, o mamilo ereto (teria o de Célestine ficado ereto no momento do corte, suplicando a seu próprio modo para ser poupado, ou ele teria se retraído de medo, toda a bravata vindo abaixo no último segundo?), os braços pressionados contra a lateral do corpo de modo a não cair do banco estreito, o seio direito recatadamente coberto pelo moletom. Mas as imagens malfocadas, canhestramente enquadradas, lembraram-na de que empunhar uma câmera não era uma habilidade humana inata, e que, mesmo sob a influência do álcool e da estranheza sexual, a tecnologicamente descolada Yukie teria produzido fotos nítidas e com uma boa composição que ela teria podido usar como acompanhamento para seu longo artigo ou livro. Elas teriam sido tão eloquentes acerca da incursão de Naomi pela forma mais recente de parajornalismo, que envolvia uma colaboração artística entre tema e jornalista e, pela própria definição, se limitava a combinações muito raras das duas coisas. Ocorrera-lhe que a suprema expressão da “reportagem por saturação” de Tom Wolfe estava possivelmente à mão: o assassinato copiado da jornalista, com o assassino finalizando e enviando o artigo, juntamente com fotos e vídeos. Ela se lembrou de ter estudado o conceito de parajornalismo na Universidade Ryerson, em Toronto, jornalismo que misturava o factual com o inventado sem dizer o que era o quê; mas no trabalho com Ari, como estava começando a pensar a respeito, a ficção, a invenção criativa, era toda dele, e, uma vez que ele era seu tema, sua ficção era admissível.

As fotos de Yukie teriam sido melhores tecnicamente, sem dúvida, mas a presença dela teria alterado completamente a bioquímica do projeto. E, a um exame mais detido, ela viu que as fotos de Ari expressavam algo empolgante e aterrorizante: Naomi se fundindo, na mente de Ari, com Célestine. Claro, ela não se parecia em nada com sua Tina, mas na intensidade e no voyeurismo macrofágico que ficava evidente na sessão de fotos que fizera dela, Naomi percebeu uma tentativa desesperada de recriar a esposa perdida. Ele lhe pedira a lente macro de modo que pudesse se aproximar mais, a lente que ela pegara emprestada com Nathan e ainda tinha consigo — sem dúvida para esse momento —, e ele consumiu seu corpo com essa lente (canhestramente chamada de Micro-Nikkor 105mm f/2.8G IF-ED), e foi essa lente que se tornou a agulha eletrocauterizadora dele. Enquanto a fotografava, ele contara a Naomi que pudera sentir o cheiro da carne queimada de Tina no momento em que a cortava, que Molnár — abrindo o seio com um par de retratores denteados de aço inoxidável para obter uma visão desimpedida — lhe dissera para evitar respirar o que chamara de fumaça cirúrgica, porque era tóxica. Ele não registrara a operação clandestina de nenhum outro modo a não ser mentalmente, mas se lembrava vivamente do bisturi Bovie, batizado em homenagem a seu inventor, William Bovie, e ficou pensando o tempo todo na faca Bowie, a enorme faca de briga parecida com um cutelo, assim chamada por causa de Jim Bowie, ligado à famosa batalha do Alamo. A própria cauterização esmerada parecia inócua, a ponta metálica de lâmina cega, como uma pequena chave de fenda, presa em seu encaixe amarelo, com o cabo de plástico azul, o botão amarelo de ligar, o cabo azul. O bisturi emitira surpreendentes pequenos lampejos à medida que cortava, como um maçarico de solda em miniatura bruxuleando dentro da tenda de pele translúcida criada pelos retratores, as camadas de tecido mamário se vaporizando numa fumaça branca com um mero sussurro. “O tecido mamário dela parecia pudim amarelo. Me senti como Sagawa por pensar uma coisa dessas.”

“E quando você abriu encontrou um ninho de insetos?”

“Claro que não”, dissera Arosteguy. “Claro que não. Mas depois, na recuperação, Célestine ficou tão feliz, tão satisfeita, que a pergunta nunca foi feita e a resposta nunca foi dada.”

Depois que a cortou com a câmera, Arosteguy pareceu mergulhar numa espécie de devaneio, ou talvez num quase estupor — ele certamente a superou na bebida —, e Naomi tentou tirá-lo de seu estado abstraído oferecendo-se

para desenhar uma ou duas gotas em seu rosto, envolvendo-o numa conversa sobre se as gotas deviam ser preenchidas — indicando assassinato — ou apenas delineadas e vazias — indicando tentativa de assassinato. Era uma introdução oblíqua à conversa direta que ela tentava iniciar de como Célestine passou da apotemnofilia euforicamente alegre de um único seio à condição de cadáver mutilado, mas depois de aceitar duas gotas sólidas — sem explicação para os dois assassinatos que ambos admitiam que representavam —, que ela desenhou em sua úmida face direita com caneta marcadora roxa, ele perdeu o ânimo e os sentidos, e ela o levou para a cama como se fosse uma criança (ele insistiu que fosse a cama dela), após ajudá-lo a subir pela escada estreita, sentindo todo o peso, calor e suor de seu corpo.

Pela manhã, ela se deu conta de que devia ter pegado no sono a seu lado na cama. Seu laptop continuava aberto e no chão, onde ela sentara na noite anterior, as costas apoiadas na cama, os pés espremidos contra a parede, rolando as fotos que ele batera de Naomi fazendo as vezes de Célestine na mesa de operações. Deitada na cama, ela sonhara que era Célestine, Tina sendo cortada, mas não numa mesa de operações. Estava no famoso apartamento parisiense dos Arosteguy, sobre uma laje de mármore desconfortavelmente pequena, sendo retalhada e comida por um Ari fotorrealista, solícito e compreensivo, que comentava e saboreava cada bocado de seu corpo, com ela própria encorajando-o em seus esforços de desmontá-la e, é claro, de decepar seus seios e depois finalmente sua cabeça, que em nenhum momento deixou de ser consciente e de sorrir afetuosamente, mesmo quando ele começou a comer seus lábios. Quando rolou na direção de Arosteguy, adormecido ao seu lado, tão poderosa foi a meia-vida do sonho que ficou preocupada de que sua cabeça pudesse se soltar do pescoço e sair quicando pelo chão, como uma bola de futebol. Mas ele não estava mais na cama. Quando caminhou os poucos passos que a separavam do banheiro, sentiu como se estivesse flutuando na impetuosa maré do oblívio que seu sonho havia gerado nas profundas águas da inconsciência, e nessa flutuação, que foi uma sensação catártica e libertadora, sentiu-se mais próxima de Arosteguy, de quem a sensação devia ter emanado, tão forte o desejo por obliteração dele se irradiava, mesmo nos momentos mais mundanos. Espremida atrás da torneira de água quente da pia, ela encontrou um lenço de papel amassado e manchado de tinta roxa, e presumiu que ele limpara suas duas lágrimas. Será que as lágrimas representaram Célestine e,

figurativamente, Naomi, e ele agora absolvera a si mesmo por esses dois homicídios?

Ele não estava no andar de baixo. A casa estava vazia, a não ser por ela. Três dias depois, continuava assim.

As batidas frenéticas na porta da frente aterrorizaram Naomi, que se escondeu por alguns minutos no quarto de Arosteguy antes de ousar descer a escada na ponta dos pés, encolhendo-se a cada repetição do que sentia ser um ataque deliberado a sua solidão. Ela estava vivenciando a esquisita duplicação na memória de sua própria chegada àquelas portas, só que agora com ela desempenhando o papel do *philosophe* recluso, neurótico — ela se sentiu desarrumada e com barba por fazer, e seu cabelo sem lavar foi como o cabelo grisalho de Arosteguy —, e a pessoa desconhecida na entrada estava desempenhando, sem o saber, o papel da recém-chegada Naomi. Seus três dias mergulhada na vida de Ari tal como encarnada em sua casa e tudo que havia ali dentro sem dúvida era parcialmente responsável por essa troca de identidades, mas de sua parte havia uma intencionalidade nisso também. Ela ainda não lavara o tracejado cirúrgico em seu seio, ao contrário de Ari, que lavara as tatuagens de assassino que desenhara com tanto carinho em seu rosto. (Isso pareceu insensível a seus olhos, e até uma rejeição.) Ela não trocara de roupa desde a encenação de cirurgia no jardim; não saíra da casa para procurar comida; e, patologicamente, não navegara na internet, nem sequer abrira o laptop ou ligara o tablet. Não tivera qualquer sensação de violar a privacidade de Ari quando vasculhava cada gaveta, prateleira, guarda-roupa e armário da casa, precisamente porque ele abandonara a si próprio ao sair da casa sem dizer uma palavra e não voltar, abandonara seu Arosteguy-dentro-da-casa-em-Tóquio do modo como um bernardo-eremita larga a concha que ficou pequena demais para seu corpo. Naomi de bom grado rastejou para dentro dessa concha e se tornou sua nova ocupante, uma Arosteguy fêmea, que era próxima de Célestine, mas não era Célestine.

Ela não descera ao andar de baixo depois que escurecera. Quando acendeu as mesmas luzes pálidas, aguadas, que a saudaram quando chegou à casa pela primeira vez, aquela sensação de Naomi-na-porta foi acentuada a um ponto em que, quando deslizou as portas para abri-las, esperava ver a si mesma. Para sua confusão, de fato reconheceu a mulher na entrada, uma mulher num viçoso

terno executivo azul-marinho com a gola aberta que tinha os olhos marejados e estava sem dúvida perturbada emocionalmente, e Naomi não conseguiu entender como podia ser. A mulher olhou para Naomi, seu punho erguido prestes a bater outra vez, a boca frouxa de desapontamento, e de choque, pelo que estava vendo — a saber, Naomi. “*Qui êtes-vous?*”, ela disse, com absurdo e quase incontido ar ofendido.

“Naomi. E você, quem é?”

A mulher baixou o punho ameaçador em câmera lenta, aparentemente sem ter consciência da vida independente da mão. “Onde está Ari? Ari mora aqui? Ele mora aqui com você?” O inglês ao qual passou em resposta a Naomi era confiante, excessivamente enérgico, e modelado por um sotaque franco-germânico híbrido.

“Aqui é a residência de Aristide Arosteguy. Ele não está no momento. Qual é o seu nome, por favor?”

“Sou uma amiga. Eu estava esperando por ele e ele não veio me...” Inesperadamente, começou a soluçar, e quando seu rosto magro se contraiu e ela o desviou de Naomi, envergonhada, desse modo expondo uma orelha comicamente protuberante, Naomi se deu conta de que era a audiologista de Arosteguy — e de Romme Vertegaal —, Elke Jungebluth.

Uma vez dentro, sentada no pufe larval com um chá quente na mão, Elke lidou determinadamente com seus vários fluidos erradios — as lágrimas, o muco — usando os lenços de papel que Naomi trouxera do banheiro. “Levei algum tempo para procurar o professor Matsuda na Todai. Ele foi o contato que Ari tinha me passado. Ele não queria me passar o endereço diretamente. Para me proteger, disse. Sou uma cidadã francesa e o caso dele foi um escândalo criminal. Essas coisas. Mas ficou combinado que eu viria a Tóquio para me encontrar com uns técnicos da República Democrática Popular da Coreia. Sou audiologista. Alguns dos nossos equipamentos são de fabricação norte-coreana. Talvez Ari tenha mencionado que usa um.”

“Ele me disse que os dele eram alemães. Da Siemens, eu acho.”

Um sorriso triste de Elke. “Eram o que você normalmente chamaria de imitações chinesas, só que não eram chinesas. Eram norte-coreanas, e não simples imitações, mas um projeto norte-coreano especial. É verdade que gravadas com a marca Siemens, mas mais no espírito de uma camuflagem do que de enganação comercial. Temos um fabricante de eletrônicos francês de

prontidão, bastante ansioso em entrar para o mercado da audiológica. O nome da marca provavelmente vai ser Voz do Eterno Presidente.” Um sorriso secreto interior. “Tenho ambições além do meu trabalho imediato, como você deve ter adivinhado. E assim Ari tinha concordado em testá-los para nós antes que ousássemos expor o produto nos mercados ocidentais, e combinamos de ele aparecer no meu hotel aqui.” Um nó na garganta. “Mas ele não apareceu. Mandamos mensagens de texto, ele estava a caminho, e não cheguei a vê-lo. Trouxe minha estação audiológica portátil comigo. Íamos fazer a sintonia fina do programa antes que meus contatos, os engenheiros, voltassem para Pyongyang. É um problemão para mim agora. Não estou de fato preparada para lidar com os norte-coreanos sem o feedback dele. Eles podem ser bem severos quando decepcionados. Você é a nova namorada de Ari? Parece ser americana.”

“Eu nasci no Canadá. Tenho dupla cidadania.” Naomi não tinha certeza sobre o motivo de ter achado que isso fosse uma resposta adequada, mas havia algo na menção a França, Alemanha e Coreia do Norte que cheirava a passaportes. Na periferia de sua mente ela se perguntou se o Canadá tinha algum tipo de relação diplomática com a Coreia do Norte que a França ou os Estados Unidos não tinham. Ela talvez tivesse de abrir seu Air e voltar a entrar na internet, embora houvesse sido libertador fingir que a internet não existia pelos últimos três dias. “Sou uma jornalista. Estou cobrindo a história de Arosteguy para algumas revistas. Também fiquei surpresa quando ele não apareceu.” Esta última frase, deliberadamente ambígua. Ela sabia que sua própria aparência desleixada desmentia sua objetividade em relação a Ari; ela e Elke faziam uma dupla e tanto.

“Elke, seus colegas norte-coreanos sabiam sobre Ari? Que ele estava servindo de cobaia para você?”

“Claro. Foi seu status na comunidade internacional que tornou isso interessante para eles. Que ele recorresse à tecnologia norte-coreana para uma coisa de natureza tão pessoal. A emoção de escutar, de se comunicar, a fala e a língua. Talvez você tenha visto alguns dos livros de filosofia para crianças de Ari. Todos foram lindamente ilustrados por Célestine. Um trabalho tão encantador, tão melancólico. Dizem que deram alguns deles para Kim Jong-un ler quando tinha dez anos e que ele os absorveu imediatamente, e é por isso que os Arosteguy têm tanto status na República Democrática Popular da Coreia. Eles são vistos como ardorosamente anticapitalistas e anticonsumistas.

É possível, claro, que tenham sido de algum modo mal compreendidos.” Uma pausa irônica se seguiu, durante a qual Naomi se autoflagelou por ter lido apenas os três primeiros livros básicos dos Arosteguy que comprou no aeroporto, que provavelmente a tornavam tão avançada na filosofia política arosteguyana quanto o herdeiro de dez anos de idade da dinastia Kim. “E houve também um elemento pessoal envolvido.”

“Romme Vertegaal”, sugeriu Naomi.

Não era que seus olhos fossem de tamanhos diferentes, como Ari os descrevera, mas sim que não se alinhavam da maneira apropriada em seu rosto, o esquerdo sendo substancialmente mais alto do que o direito, dando-lhe um olhar permanentemente interrogativo, como se elevasse ceticamente uma sobrancelha; e agora que *estava* erguendo uma sobrancelha, o efeito geral era de fato cômico, mas também de algum modo perturbador, passando a sensação de insanidade e deformidade. “Vejo que Ari confia bastante em você”, disse Elke, jogando o cabelo para trás com ambas as mãos e juntando-o um pouco na nuca.

“Ele estava ansioso para que eu tivesse informação suficiente para escrever... com conhecimento de causa.”

“Bom, parte da informação não é para consumo público.”

“Como o Programa Vertegaal?”

“É, como isso. O programa tem alguns vieses perigosos — comerciais, políticos, neurológicos e, como Ari enfatizou repetidamente, filosóficos.”

“Elke, por acaso seus norte-coreanos, o próprio Romme, sabem que você ia se encontrar com Ari no seu hotel? Eles sabiam quando?”

“O que você está sugerindo?”

“Ari estava planejando ir para Pyongyang? Com você, talvez?”

Elke baixou os olhos e corou. Nesse momento, ficou óbvio que em algum ponto Elke e Ari tinham sido amantes, a despeito da descrição jocosa que ele fizera de sua falta de encantos. “Originalmente, não. Mas fiquei sabendo pelo professor Matsuda que o governo japonês estava pensando em deportá-lo, devolvê-lo à França — ao que parece existem algumas brechas legais nos tratados entre França e Japão. E é claro que Ari não é um cidadão japonês. Imagino que ele pode ter sido forçado a considerar trocar o Japão pela Coreia do Norte.”

“Ele teria lhe contado, não teria? Teria levado você junto.”

“Eu teria adorado isso, claro. Mas alguém precisa ficar em Paris para coordenar. E, para falar a verdade, já temos gente nossa suficiente na Coreia do Norte.”

“Suficiente? Quem está lá?”

“Romme, claro. E também Célestine Arosteguy.”

“Em Pyongyang? Nesse momento?”

“Isso.”

“Como é possível? Célestine está morta.”

“Não, não está. Ela está com Romme em Pyongyang. Conversei com ela pelo Skype hoje de manhã — ela tem uma conexão de internet especial que é concedida apenas para determinadas celebridades estrangeiras. Monitoradas de perto, é claro. Seu cabelo estava cortado no Penteado Aprovado Número 3, muito curto e rente.” Elke fez gestos enfáticos de uma tesoura junto ao maxilar, para ilustrar o corte, um dos dezoito aprovados pelo governo para as mulheres na RDPC. “Ela parecia bastante diferente, mas adorável. Tão adorável...” Uma pausa com um sorriso distante enquanto visualizava o novo penteado norte-coreano de Célestine, e uma pequena sacudida de cabeça de admiração com a infinita adaptabilidade daquela mulher soberba. Elke voltou a olhar para Naomi, o sorriso sumindo rapidamente. “Ela não mencionou para mim que estivesse aguardando a chegada de Ari.”

“Mas existe uma investigação criminal ocorrendo em Paris com relação ao seu assassinato, seu desmembramento. Tem fotos.”

“Isso é uma coisa orquestrada por Romme para Kim Jong-un. É um homicídio virtual. Não me pergunte como foi feito, mas é uma especialidade de Vertegaal. Ele teria tido uma ajuda particular, ou técnica, digamos, de Paris.”

“Que tipo de ajuda?”

“Tinha um aluno brilhante dos Arosteguy que ficou muito apaixonado por Romme. E ele é um mago da tecnologia.”

“Hervé Blomqvist.”

Elke deu uma risada resignada.

“Hervé, isso. Então os franceses teriam preferido ver Célestine morta a acreditar que ela se bandeou, num sentido cultural, não técnico, para a Coreia do Norte. É totalmente possível que eles saibam a verdade e tenham decidido aceitar a operação de encobrimento: ela está simplesmente morta, assassinada pelo marido, que também se revelou um traidor da França — mais uma vez,

num sentido cultural, que para os franceses é uma traição pior do que traição política. Eu não ficaria surpresa de ler que Ari foi sequestrado por agentes norte-coreanos e levado para Pyongyang a fim de ajudar o novo jovem ditador a lapidar sua política social filosófica norte-coreana especial. Seria o tipo de ficção subversiva criada pelos franceses para compensar o desejo genuíno de Ari de abrir mão de sua antiga vida profundamente francesa em favor de uma vida asiática nova, vibrante. Mas que ménage eles vão fazer por lá, se realmente é para onde ele foi. Os três.” Elke obviamente teria adorado também fazer parte desse triângulo amoroso.

“Será que foi isso que aconteceu? O sequestro de Ari? Quando ia encontrar você. E estavam esperando por ele?”

“Eles provavelmente podem tê-lo apenas convencido a fazer isso. Se Matsuda sabia sobre a possível deportação, eles também sabiam. Talvez fosse suficiente.”

“Mas se Célestine está viva, como você diz, então Ari não cometeu crime nenhum. Ele poderia voltar à França como um homem inocente.”

“Havia mais coisas envolvidas nessa investigação do que apenas o suposto assassinato de madame Arosteguy. Muitas covas foram abertas. Ele não queria voltar.”

“Sexo com alunos? É disso que você está falando?”

“Uma ferramenta de aprendizado sancionada por três mil anos, hoje considerada atrocidade.”

Naomi encontrara toda a parafernália eletrônica de Arosteguy esparramada sobre a mesa, incluindo alguns pen drives e cartões de memória que ela não tivera coragem de explorar, e isso sugeria que ele imaginara voltar para a casa. Ele deixara para trás também três celulares europeus, incluindo um velho Nokia e um Sagem pré-histórico, todos lascados, amassados, raspados, riscados e de modo geral malcuidados, acompanhando a estética pessoal de seu dono; você podia imaginá-los, só de olhar, caindo de seu bolso em diversas situações, sobre superfícies duras e molhadas, e ela sentiu uma pontada de separação com esse pensamento. Ele devia, concluiu, ter levado consigo seu celular LG japonês cor-de-rosa tipo flip da DoCoMo. Decidiu que não podia confiar em Elke para a possibilidade de acessar os eletrônicos de Ari.

“Elke, você por acaso gravou essa conversa no Skype com Célestine? Estou surpresa que ela tenha se colocado numa posição tão vulnerável. E ela não se

importou com o fato de as pessoas pensarem que estava morta? Ou será que nem tinha consciência disso? Se esse negócio aparecer no YouTube...”

Elke se levantou. “Você foi muito gentil comigo. Vou tentar entrar em contato outra vez com meus afiliados técnicos da RDPC, que parecem ter desaparecido junto com monsieur Arosteguy. Se a situação continuar assim, devo voltar a Paris e cuidar da minha vida. Creio que você compreende.” E contornou a mesinha, curvou-se e deu dois beijinhos em Naomi. Seu rosto tinha cheiro de maquiagem excessiva e de anis.

Assim que Elke se foi, Naomi andou por toda a casa outra vez, de alto a baixo, só que agora não era uma manifestação de saudade e abandono, mas uma procura deliberada por informação de algum modo armazenada e escondida. Ela juntou na mesa da sala todos os dispositivos que pudessem conter algo assim, e incluiu seu próprio arsenal de aparelhos eletrônicos, só para o caso de precisar recordar palavras cruciais que Arosteguy tivesse dito e que apenas agora fossem revelar sua verdadeira importância. O aparecimento da Elke real, que era absolutamente parecida com a descrição de Ari feita durante sua longa “confissão”, que Naomi, cômoda e até alegremente, tomara por mentiras, ou no mínimo por astuciosa ilusão, fizera as coisas entrarem em foco com uma câmera DSLR de detecção de fase.

A programação dos aparelhos auditivos, a ligação com a Coreia do Norte, todas as fantasias mais alucinógenas e paranoicas eram reais, e as consequências para seu almejado artigo, agora obviamente pedindo para ser um livro, eram de que estava a léguas da história verdadeira, mais longe do que jamais imaginara. Será que ela mesma poderia ir para Pyongyang na condição de mais do que apenas uma turista sob a jurisdição estritamente controlada da estatal Companhia de Viagem Internacional Coreana? Ela compreendia que jornalistas, em particular da variedade norte-americana, raramente obtinham concessão de visto. Será que Romme Vertegaal concederia uma entrevista pelo Skype ou, muito preferível, viajaria para se encontrar com ela em algum lugar? Isso a deixaria numa situação perigosa? E Célestine estava de fato viva e na capital do Reino Ermitão? Poderia a conversa no Skype de Elke com Célestine ter sido falsa? Seria fácil criar um monólogo para uma Célestine virtual, animando as inúmeras imagens e gravações de voz que deixara em sua esteira ao longo dos anos; ou, dadas as gagueiras e falhas de áudio esperadas numa comunicação por Skype de tais distâncias, operadores hábeis poderiam criar um símile de conversa, de respostas específicas para comentários e perguntas.

Seria uma bomba se Naomi pudesse rastrear e confirmar o destino de Célestine. Ou Elke estaria simplesmente mentindo? Talvez Naomi pudesse retomar a incipiente ligação com Elke assim que voltasse a Paris.

E então finalmente encontrou o pen drive Verbatim de 64GB, de plástico vermelho, em forma de caixão, embrulhado em filme plástico e enfiado descuidadamente num pote branco de creme hidratante rotulado, em inglês, como “KANEBO MOISTAGE W-COLD” — parecia ser um creme hidratante à base de azeite de oliva, embora a pele manchada e granulada do rosto de Ari desmentisse o uso de algo assim —, e a pilha crescente de dispositivos eletrônicos se tornou irrelevante, a não ser pelo MacBook Air, que usaria para descarregar o conteúdo arquivado. Ela deslizou a capa do pen drive e o encaixou na entrada USB do lado esquerdo de seu Air. Iriam se passar mais dois dias antes que pudesse pôr os olhos nas imagens retratando o desmembramento e a canibalização de Célestine Arosteguy.

O medo fez Naomi se sentir mais próxima de Ari, quase a ponto de desestabilizar a fusão. À medida que seu medo de ser sequestrada pelos agentes norte-coreanos aumentava (eles provavelmente se passariam por entomologistas ou audiolologistas), ela tinha certeza de que estava captando essa vibração vinda do próprio Arosteguy, e que ele por sua vez a captava dela. Essa fusão, entretanto, provou ter sua própria utilidade. Assim que encontrou o pen drive Verbatim e descobriu que estava protegido, sentiu que tinha de se *tornar* Arosteguy para descobrir a senha do dispositivo. Passou os dois dias após a visita de Elke rastejando nanoscopicamente pelos aparelhos eletrônicos de Arosteguy, nenhum dos quais com a mais simples senha como proteção. Ela verificou seu aplicativo de Contatos, seu e-mail, sua área de trabalho cheia de *thumbnails* disparatados de fotos (algumas em 3D, embora ela não tivesse encontrado óculos 3D necessários para vê-las), pastas, revistas, PDFs técnicos, manuais de usuário. Visitou os sites listados no Histórico de seu browser, o Safari, desesperada por alguma pista que ajudasse a abrir o pen drive. Investigou assuntos misteriosos no MacBook Pro dele em que nunca prestara atenção antes: proteção do Disk Utility; File Vault; chaves de recuperação; o aplicativo Keychain Access, no Mac Utilities. Mergulhou fundo em fóruns de segurança na internet e encontrou algumas senhas que Arosteguy usara para certos sites de política e filosofia que as exigiam; mas ele obviamente fora descuidado com isso, ou mais provavelmente desdenhoso, sem tomar nenhuma medida de segurança, na opinião dela, apocalipticamente convidando um enxame de vírus e trambiques a entrar e dominá-lo, a destruir suas máquinas e sua vida pregressa, deixando-o nu e pingando, como ela mesma o vira mais de uma vez.

Ela não podia sair da casa, claro. Não podia se arriscar a ser levada para a República Democrática Popular da Coreia, para um dos não documentados gulags, campos de concentração, blocos de prisões, para ser deixada apodrecendo lá enquanto a divindade menino Kim Jong-un amadurecia e se calejava rumo à idade madura, assistido por seus *philosophes* da corte, Aristide e Célestine Arosteguy, que nem saberiam que ela estava por perto. Sabia que esse

cenário era ridículo e contudo ele agitava dolorosamente suas entranhas, como se fosse uma criatura viva e inegável, e quando ela por acidente caiu na webpage oficial, redigida num inglês um tanto pomposo, da RDP da C, como a chamavam (estava no histórico do navegador de Ari, e descobrir que ele visitara a página inúmeras vezes lhe deu calafrios), ela recuou assustada da tela do laptop e imediatamente o fechou, aterrorizada com a possibilidade de que o site pudesse rastreá-la, pudesse enviar suas coordenadas em Tóquio diretamente para os mortíferos entomologistas, que arrombariam a porta e iriam enfiá-la à força num Audi, depois vendar seus olhos, drogá-la e sumir com ela. Atribuiu sua paranoia criativa à falta de proteína; sua dieta se restringira exclusivamente a lamen durante três dos quatro dias desde o desaparecimento de Ari, nenhuma outra coisa comestível restando ali a não ser alguns vidros pequenos de shoyu, que duraram só um dia.

Estava no banheiro quando lhe ocorreu que o pen drive Verbatim talvez tivesse sido protegido por outra pessoa que não Ari, e esse pensamento a deprimiu e levou-a a considerar viajar para Paris a fim de pedir ajuda a Hervé Blomqvist, que Elke chamara de gênio da informática e que teria motivos para ajudá-la a desvendar o mistério do destino de Célestine. Ou não? Tina talvez estivesse na verdade morta e Hervé podia estar implicado de algum modo no assassinato ou em algum aspecto da operação de acobertamento. Um curso perigoso a tomar, então. Mais depressão. Naomi abriu o pote de creme hidratante em que o pen drive fora (assim lhe parecera) escondido às pressas e começou a passar um pouco nas bochechas, que, como a maior parte de sua pele, haviam ficado quentes, secas e pinicando. Quando usou “kanebomoistagewcold” como senha, o Verbatim, sem a menor cerimônia, abriu com o delicioso efeito sonoro metálico de cadeado do Mac; quando o arquivo apareceu em sua área de trabalho, intitulava-se “La mort de Célestine”.

O nome era bastante provocativo. Estaria Ari sendo direto e Célestine morreria, ou Ari estava sendo irônico, considerando-se que Célestine não havia morrido e sua morte fora forjada? E fora o próprio Ari que dera o nome ao pen drive ou teria sido alguma outra pessoa? Abrindo o arquivo, Naomi encontrou duas pastas: “Vidéo” e “Photos”. Abriu a pasta de vídeos e encontrou um grande arquivo de QuickTime intitulado “PARTICULAR”. Não era protegido por senha e assim, quando clicou duas vezes com o *touch pad*, o player do

QuickTime abriu uma imagem misteriosa, que, ao clicar no triângulo do play, se revelou ser um close extremo da cicatriz de mastectomia de Célestine, nada além de uma abstração ao estilo Rothko, até que a câmera se afastava para expor uma Célestine calma e pensativa se sujeitando clinicamente à câmera, sem carnalidade, como que para uma mamografia. A revelação da cicatriz disparou uma descarga de adrenalina em Naomi: primeiro, porque a mutilação de Célestine era chocante; segundo, porque significava que ao menos parte da confissão de Ari era genuína, embora a causa ainda pudesse ter sido câncer, não uma alucinação de apotemnofilia sobre um ninho de insetos zumbindo dentro de seu seio. A câmera se moveu para o lado direito de Tina, induzindo-a a segurar o seio remanescente com as duas mãos e oferecê-lo à lente, comprimindo-o analiticamente e enfatizando o mamilo intumescido. A câmera continuava muito perto dela, tornando difícil determinar onde estava deitada, ou mesmo se estava deitada; a força da gravidade no seio, que teria ao menos dado uma ideia se estava ereta ou deitada de costas, era anulada pelas mãos que seguravam o seio, e a câmera passou algum tempo num close extremo, passeando pelo rosto e depois pelo corpo de Tina, descendo até sua barriga apenas um pouco protuberante até chegar aos pelos pubianos esparsos e grisalhos, onde permaneceu enquanto Tina girava o quadril lentamente na direção da lente. Naomi estimou, com base no detalhe dos pelos pubianos, especialmente quando a câmera se movia, que a taxa de bits do vídeo era razoável, provavelmente o alto padrão AVCHD de vinte e quatro megabits por segundo. A cor era muito boa; o ambiente era aparentemente iluminado pela luz do dia esmaecida que entrava pela janela em algum lugar à direita, o tom de pele frio e preciso, sem nenhuma contaminação amarela de lâmpadas incandescentes.

Finalmente a câmera recuou, flutuando langorosamente, de modo que Naomi pôde ver que Célestine estava deitada, não em uma cama, mas numa mesa, em um mezanino coberto por enormes vigas de madeira, no teto. As vigas — de carvalho, muito marcadas e manchadas com uma cintilação branca — eram de um tamanho e configuração atualmente inexistentes, sugerindo serem medievais, e assim o apartamento ficava provavelmente no bairro judaico do Marais, em Paris. Não era, então, o apartamento dos Arosteguy. Célestine, de algum modo à vontade expondo-se sobre o tampo rústico e grosso da mesa de açougueiro, continuava a intimidar Naomi, que tinha certeza de que se um

dia fizesse mastectomia nunca se deixaria fotografar nua, muito menos revelaria publicamente sua cicatriz.

Quando um jovem nu de ancas esguias entrou no quadro, Naomi percebeu na mesma hora que era Hervé, até mesmo antes que contornasse a lateral da mesa para pôr seu pênis torto na boca calmamente obsequiosa de Célestine. Ele levava consigo um objeto metálico que parecia uma arma de raios de um filme de ficção científica da década de 1950, azul-claro e prateado, ligado a um cabo preto. Os músculos de seu antebraço estavam tensionados por segurar o peso substancial do misterioso instrumento. Não reconheceu imediatamente, porém, a jovem nua que agora entrava no quadro pelo lado direito, mesmo depois que ela se ajoelhou junto à mesa para beijar e lambe a cicatriz da cirurgia de Célestine, seu braço esquerdo esguio esticando-se de modo que seus dedos pudessem se enterrar nos pelos pubianos de Tina. Foi somente quando a câmera se aproximou num close que Naomi pôde identificar Chase Roiphe, a atração principal da matéria de Nathan em Toronto, e algumas peças começaram a se encaixar.

Mas não todas. Após menos de um minuto de sexo casual entre os três, que parecia mais um ritual social do que uma orgia, Hervé se afastou de Célestine e ficou entretido manipulando uma série de botões no corpo da arma de raios. Chase também saiu de perto de Célestine, que pareceu compreender isso como um sinal para se preparar para o que Naomi presumiu ser algum tipo de captura de imagem em 3D. Tina puxou para trás os longos cabelos grisalhos e os deixou pendurados pela borda da mesa, como uma cortina. Com uma risada, ajeitou-se então numa pose contorcida, grotesca, que Chase ajudou a compor ajustando meticulosamente os ângulos de suas pernas assimetricamente dobradas, os dedos abertos, os braços torcidos, o pescoço arqueado. Ocorreu a Naomi que ela estava fazendo o papel de um cadáver atormentado num filme de horror da Hammer, na década de 1960.

Chase recuou para observar Hervé apertando o gatilho de sua pistola de raios e começando a percorrer o corpo de Célestine com a luz do laser; uma grade de retículas vermelhas, emanando da saída dupla do aparelho de aspecto espacial, ondulou como uma fantasmática raia marinha sobre os contornos de seu corpo. Hervé escaneou Célestine com delicadeza, varrendo meticulosamente cada centímetro com a luz, enquanto ela se esforçava para não sair de posição, a barriga contraída por uma risada quando palavras que não se ouviam na gravação foram ditas e piadas foram feitas. A câmera fluía

graciosamente pelo trio, às vezes se aproximando para seguir o movimento dos lasers e depois se inclinando para pegar a expressão no rosto de Chase, tão cheia de amor, excitação, alegria, sensualidade. A câmera também se deteve por um momento nos seios atléticos de Chase, em seus mamilos eretos e nos pelos pubianos, que eram louro-escuros e abundantes, nada a ver com o moderno idioma do pornô que Naomi tanto detestava, de visual pré-pubescente ou depilado; se você olhasse apenas para os corpos, os dois jovens poderiam ser irmãos, o de Chase uma versão feminina do físico tonificado de ciclista de Hervé. Agora Chase fechava os olhos de Célestine, como alguém fechando os olhos de um cadáver, como preparativo para Hervé passar o scanner em seu rosto, mas abruptamente o vídeo terminou. Naomi não pôde ter certeza se a pessoa operando a câmera era Arosteguy (o enquadramento e o movimento eram seguros demais!), mas sabia que ele estava ali em algum lugar, assistindo e orientando.

No fim das contas, ficou decepcionada com o vídeo, imaginando se depois do escaneamento, fosse qual fosse sua finalidade, houve sexo entre os quatro, e desejando que de algum modo pudesse ter visto. A confirmação de que Chase Roiphe era sexualmente íntima de Hervé e dos Arosteguy era sem dúvida valiosa, e determinou a apetitosa necessidade de uma visita a Toronto, a Nathan, aos Roiphe. Naomi estava agora convencida de que o bizarro trauma de Chase tinha ligação com a morte de Célestine Arosteguy; o aspecto oral, a repulsa da língua francesa, a automutilação, a ingestão da própria carne, tudo era muito perfeito. Ela saiu do QuickTime Player e clicou duas vezes na pasta de “Photos”, que abriu para revelar duas subpastas: “Célestine est morte” e “Des photos pour M. Vernier”.

Havia 147 arquivos JPEG na pasta “Célestine est morte”, que Naomi na mesma hora decidiu importar para o Lightroom, de modo que pudesse catalogá-los e organizá-los com todas as demais fotos de pesquisa. À medida que os *thumbnails* das imagens eram descarregados na tela de Import, ela viu que eram todas em preto e branco e haviam sido deliberadamente adulteradas na qualidade para ganhar um ar vintage, ao estilo Hipstamatic — a granulação digital muito contrastada, com pesada vinheta, acrescentada para imitar um filme 35mm pancromático Tri-X Kodak Professional, o antigo padrão de alta velocidade para jornais e jornalismo de documentário. Todas recebiam uma luz

austera do frio flash acoplado à câmera, na tradição das fotos de cena de crime de Weegee, na década de 1940, com câmara Speed Graphic e flash de lâmpada, e lhe ocorreu que a sutil ligação dessas imagens a fotos de crime socialmente históricas era uma tentativa de autenticá-las, porque, agora que a importação fora concluída e Naomi podia examiná-las em tela cheia com o módulo Library do Lightroom, elas lhe pareceram muito obviamente posadas, teatrais, manipulativas, qualidade que a incomodava ainda mais do que o próprio conteúdo das imagens.

O cenário não era a sala de trabalho de um sótão vista no vídeo, mas o ambiente familiar da casa dos Arosteguy, cuja configuração não estava muito diferente da que Naomi vira nas várias entrevistas. A sequência das fotos contava para Naomi uma pequena história. Célestine está morta e foi desmembrada, de acordo com as fotos policiais, com suas partes do corpo espalhadas ao acaso pelo apartamento e o torso no sofá. Hervé, Chase e o próprio Arosteguy gradualmente se revelam estar completamente nus à medida que a perspectiva das fotos se alarga e eles emergem de trás das várias peças de mobília, revezam-se mordendo pequenos pedaços de suas coxas, do quadril, dos ombros, da barriga — mas nunca os três no mesmo quadro, o que sugere que um deles está sempre incumbido de segurar a câmera. O sangue pinga de suas bocas e das feridas do tamanho de mordidas que estão criando, e há uma aparência vidrada, de zumbi, no rosto de todos, que de algum modo compreende o prazer primordial, bem como a eficiência dentária. A cabeça decepada de Célestine, com os cabelos puxados para trás como no vídeo, mas agora separados para exibir um crânio cruamente aberto e sem os miolos, repousa sobre uma mesinha junto à velha tevê Loewe, assistindo ao demoníaco trio com olhos semicerrados (seu cérebro acabaria sendo encontrado no armário da cozinha). E o mais chocante — de uma maneira que Naomi achou que só ela poderia apreciar — era que o torso de Célestine começa a sessão com os dois seios intactos, e quando todas as bocas terminaram de se ocupar de seu seio esquerdo, violentamente arrancando e rasgando a carne e aparentemente comendo-a diante da câmera, o que resta é um ferimento circular ensanguentado e irregular, não uma nítida cicatriz de mastectomia. Seu seio direito, embora também canibalizado, permanece preso ao torso.

O seio faltando. Naomi perscrutou obsessivamente o rosto e o corpo de Arosteguy em todas as fotos em que ele aparecia, procurando um indício de travessura, de ironia, de teatro e performance. Ela queria que ele estivesse

mandando uma mensagem, dizendo: “Eu fantasiei aquilo para você, sobre a mastectomia, a cirurgia húngara. Nunca aconteceu. O que você está vendo agora é a realidade. Nós três somos canibais e comemos aquele seio.” Mas não encontrou nada a não ser solenidade ritual nos rostos de todos os três. E foi estimulante para ela ver, com o estranhamento de um V-Effekt brechtiano, o corpo nu de Ari nesse contexto, dessa perspectiva, tão familiar em sua poderosa plenitude, sua monumentalidade de ombros caídos, de modo que ela pôde sentir o peso dele sobre ela, pôde sentir seus dentes na carne de seu ombro, e contudo também sentiu como estava separada dele, quão estrangeiro ele era de fato. No vídeo, o corpo de Célestine lembrara a Naomi a famosa sequência de fotos de Simone de Beauvoir nua tiradas pelo fotógrafo americano Art Shay num banheiro de apartamento em Chicago. Ambas tinham nádegas musculosas e firmes, pernas ligeiramente pesadas mostrando rugas da idade atrás dos joelhos e cintura fina, embora Célestine tivesse seios mais cheios, e Naomi nunca vira uma foto de Beauvoir com o longo cabelo solto (mesmo se arrumando no banheiro de Chicago após a ducha, ela usava salto alto e o cabelo preso em cima, num coque). Ou talvez Naomi estivesse forçando uma ligação física quando era na verdade a sedução de alunos que as ligava, um escândalo mesmo naquele tempo anterior à correção política, e pela qual Beauvoir e seu eterno companheiro, Jean-Paul Sartre, eram famosos. Ela nunca encontrou uma foto de Sartre nu, com seu corpo minúsculo e aspecto de sapo.

O título da terceira pasta, “Des photos pour M. Vernier”, era ominoso em suas implicações, mesmo antes de ser aberta: sugeria que Arosteguy, no mínimo, e possivelmente também Hervé e Chase, havia colaborado com o comissário de polícia, Auguste Vernier, enviando-lhe fotos de seu crime, e isso se revelou ser o caso. Nos nove arquivos JPEG da pasta (esses coloridos e sem o efeito de foto antiga), o trio abandonara o apartamento ao pobre corpo mutilado de Célestine. Quando Naomi voltou a checar seus arquivos criminais de vídeo e foto, viu que essas exatas fotos eram tudo que fora apresentado pela polícia e pela imprensa como evidência do assassinato de Célestine Arosteguy; não havia fotos feitas pelos próprios policiais, e isso é claro levou Naomi a se perguntar se a polícia na verdade estava de posse do corpo mutilado ou apenas de fotos dele fornecidas pelo criminoso, ou criminosos, desconhecido. Teriam sido apenas as fotos e o desaparecimento de Célestine a dar início à investigação da Préfecture ou eles contavam também com alguma evidência física do assassinato? Será que tinham algum exemplar da série de fotos

“Célestine est morte” também? O título da pasta de Vernier sugeria que não. Se tinham, isso sem dúvida os teria levado a interrogar Hervé e possivelmente a tentar extraditar Chase Roiphe. Qual era então o propósito dessa série? Estaria sendo guardada com a finalidade de chantagem? Quem seria o chantagista?

Foi quando estava considerando a melhor abordagem para uma entrevista direta com Vernier, e como isso podia ser amarrado a uma viagem para Toronto para conduzir sua própria inquirição dissimulada de Chase Roiphe, que seu laptop pulsou com aquele estranho *ringtone* de peixe no espaço sideral do Skype. Ela estremeceu inadvertidamente, em surpresa sincronia com esse pulso, tão descorporificada estava. O Skype ficara aberto apenas para o caso de Ari tentar entrar em contato, mas essa chamada era de Nathan. Ela deslizou o cursor para o botão de Atender, tocou o *trackpad* do Air e imediatamente estava olhando para o rosto muito preocupado de Nathan em seu quarto de porão, em Toronto.

“Não estou vendo você”, ele disse.

O default do Skype era sem vídeo. Naomi deslizou o cursor para o ícone de câmera com a linha vermelha atravessada sobre ele, mas não criou coragem de acioná-la. “Não quero que você me veja nesse momento”, disse, as palavras entrecortadas, como que se rasgando ao passar pelos dentes. Ela ficara sem falar por dias. Nathan parecia estressado e magro, embora pudesse ser a conexão, que não estava boa, e a voz dele chegando fora de sincronia exacerbou as pontadas de separação e solidão que ela sentiu no momento em que o viu. Estava com medo de ativar aquela pequena moldura no canto inferior direito da janela do Skype, que a revelaria não só para Nathan, como também para ela mesma. Tinha certeza de que veria um clone feminino de Arosteguy em seu estado mais desarrumado e confuso, tão misturados os dois haviam se tornado em sua cabeça. Embora não sentisse culpa pelo caso com Ari, dada a própria aventura húngara de Nathan, ainda podia farejar o sexo dos últimos dias — era algo que a confortara, vindo em seu rastro como uma nuvem de perfume — e achou que Nathan também iria farejá-lo, se pudesse vê-la. Não queria infligir isso nele, pelo menos não agora.

“Por que não? Omi? Por que não posso ver você?”

Embora a imagem estivesse se distorcendo e falhando, ela pôde discernir sua preocupação a custo contida, e isso foi doloroso. “Você me deixa ir para Toronto? Fecundação cruzada?”

Sua voz estava fraca e infantilizada, e sua inédita postura submissa deixou Nathan muito incomodado. “Como assim, ‘deixa’? Nem parece que é você que está falando. O que está acontecendo? Você está encrocada? Quer que eu vá para aí? Eu vou, você sabe. É só falar que eu vou.”

“Eu não ia querer atrapalhar você nem nada. Você tem esse negócio com os Roiphe rolando. Não precisa de mim para criar confusão.”

“Eu ia adorar ter você aqui. Não seria problema. Mas ‘fecundação cruzada’? Você quer dizer a ligação de Chase Roiphe com seus filósofos franceses?”

“É. Foi isso que eu quis dizer. Ela pode saber de alguma coisa. Estou meio que num beco sem saída. Sei lá. Talvez.”

“Você parece realmente pra baixo. Tem alguma coisa errada com você? Fisicamente? Me deixa te ver.” Nathan estava pensando que Arosteguy batera em Naomi, ou até que ela se envolvera em algum tipo doentio de relação sadomasoquista com ele que fora além do plano sexual, e sua voz de garotinha frágil seria a expressão disso. Ele fechou os olhos por alguns segundos, imaginando que quando os abrisse veria o rosto de Naomi flutuando na janela do Skype, arranhado e com hematomas, como aquelas fotos da TMZ mostrando celebridades com marcas de maus-tratos. A janela continuava escura.

“Só estou cansada e trabalhando muito. Você não precisa me ver desse jeito. Não é nada de mais.”

“Certo. Tudo bem.” Nathan sabia que não devia forçar a barra. “Então? Você vem para Toronto? Tenho certeza de que consigo amarrar alguma coisa com os Roiphe. Se for interessante, quem sabe a gente colabora num grande livro. Vai saber?” Nathan sabia que estava assumindo um risco, ao sugerir uma coisa dessas; manter a separação entre Igreja e Estado era muito importante para Naomi; combinar forças com alguém era sempre um teste severo para a insegurança básica dela, seu medo de fusão que levaria inexoravelmente à aniquilação, e ela raramente permitia que isso acontecesse. Mas ele estava desesperado para envolvê-la de algum modo, para unir os dois outra vez, e não conseguiu pensar em nenhum outro jeito de fazê-lo, a despeito do risco de um grande tiro pela culatra. Quando ela não hesitou, porém, Nathan percebeu que podia tomar isso como um bom sinal.

“Talvez eu precise passar em Paris primeiro, mas está combinado. Eu vou para Toronto.” Ela conseguiu acionar o Mudo numa fração de segundo antes

de prorromper em lágrimas pesadas, que jorraram de seus olhos e caíram no teclado e no *trackpad*. Quando limpava a umidade com a manga do moletom, desconectou Nathan.

O professor Matsuda manifestara medo, e isso fizera Yukie Oshima também ficar temerosa. Ele não queria se encontrar com ela em nenhuma lanchonete de lamen, restaurante ou qualquer coisa associada com comida, embora não tivesse sido nesses termos que se expressara. Yukie entendeu o recado de todo modo, então combinaram de se encontrar como que por acidente numa loja elegante e moderna em Shibuya que se descrevia, em inglês, numa fonte Comic Sans branca sobre fundo vermelho, como uma “COMIC SPECIALITY STORE AND CAFÉ”. Não era o tipo de estabelecimento em que entraria de livre e espontânea vontade — Shibuya aparecia descrita nos sites turísticos como “a fonte da onda jovem” —, mas isso também servia para qualquer um de seus colegas. Não era um encontro a ser notado.

Ele parecia elegante, respeitável e controlado como ela se lembrava, e ela, sem dúvida, devia lhe parecer tão amalucada e perigosa quanto ele se lembrava. Durante as manifestações estudantis na Todai, a universidade procurara Yukie por baixo dos panos para aconselhá-los sobre a melhor maneira de apresentar sua visão conservadora à juventude japonesa — não teria soado adequado que uma instituição acadêmica se envolvesse com os macacos velhos do gerenciamento de imagem pública para benefício próprio, mas era exatamente isso que estavam fazendo —, e Matsuda aceitara o papel de emissário da Todai para a empreitada, embora não sem relutância; a timidez, compostura, modéstia e obscuridade do homem, tudo isso atributos que o tornavam perfeito para a tarefa, também tornavam a situação excruciante. Agora estava lado a lado com sua improvável colaboradora (ele desejara francamente nunca mais voltar a ver Yukie, mas é claro que nunca expressaria isso) diante de uma estante fronteira por bandejas repletas de *graphic novels* e a versão japonesa das revistas em quadrinhos, que estavam mais para brochuras do que para os clássicos quadrinhos americanos. Ele não teve coragem de pegar nenhuma das coloridas publicações, como Yukie estava fazendo quando ele chegou, em particular porque ela havia parado diante de uma coleção de BBC — iniciais de Be-Boys Comics, que exibiam o símbolo masculino de Marte em preto sobre um quadrado amarelo como logo — e folheava uma edição apresentando

na capa dois homens de cabelos compridos soprados pelo vento com traços ocidentais e muito femininos que de algum modo conseguiam estar abraçados de frente enquanto andavam na motocicleta. Típico da mulher, pensou Matsuda. Ela saberia que ele iria achar isso ofensivo.

Quando se aproximou, Yukie virara para ele e fizera uma mesura, os olhos para baixo, as mãos cruzadas diante do corpo, o mangá ainda em sua mão, mas agora firmemente fechado. “Professor Matsuda-san. Agradeço o encontro.”

Matsuda também se curvara. “Você me pediu o endereço do professor francês. Tentei contatá-lo para pedir sua permissão, mas ele não respondeu. Além disso, ele faltou a várias aulas e compromissos, e isso causou certa preocupação. Concordei em encontrá-la porque receio que algo trágico tenha acontecido e achei que você pudesse talvez ter alguma informação que me trouxesse alívio.”

“Minha amiga canadense estava hospedada na casa dele. Ela me enviou um e-mail dizendo que o professor havia saído e se ausentara por vários dias, mas agora ela não responde mais a meus e-mails, minhas mensagens de texto, meus telefonemas, então estou preocupada com ela também. Estou tentando não imaginar todas as coisas que consigo imaginar. Preciso ir até aquela casa e ver o que está acontecendo na realidade.”

Matsuda pegou um mangá e nervosamente o pesou na mão, sem olhar para a revista. “Você não vai ver realidade nenhuma naquela casa”, disse. Virou para Yukie com um sorriso perturbado, tenso. “Estranhamente, o imóvel é de propriedade da Cooperativa Japonesa de Entomologia Médica. Por que precisariam de uma casa como aquela, não faço ideia, mas foi emprestada para o filósofo como cortesia, pelo que sei, pela própria cooperativa, num arranjo feito pelo Departamento de Filosofia da Todai.” Ele virou para ir embora, esquecendo-se momentaneamente do mangá em sua mão, e então voltou. Ao devolver o gibi ao lugar, murmurou: “Claro, o filósofo por algum motivo estava interessado no uso de guerra entomológica na China durante a Segunda Guerra Mundial.” Abanou a cabeça, consternado. “Aviões pulverizando pulgas e moscas infestadas de doenças na população incauta. Ele mencionou para mim que os norte-coreanos ainda alegam que durante a guerra com a Coreia do Sul os americanos e seus novos aliados, os japoneses, conspiraram para levar a guerra entomológica japonesa à península coreana. Uma estranha coincidência.”

Yukie ficou deslumbrada com as idas e vindas da história, pressentindo um artigo de relevância internacional, mas sem ter certeza se seria capaz de ligar os pontos. “Professor-san, o senhor está sugerindo que há uma ligação entre a casa alugada pela cooperativa e o súbito sumiço de nossos colegas? Qual poderia ser?”

Matsuda não sorriu. “E você vai fazer disso mais um circo midiático?”

Era atípico de Matsuda ser tão brusco, para não dizer vingativo, e Yukie tomou isso como um indício de que havia algo complexo e preocupante acerca do desaparecimento de Arosteguy que ia mais fundo até do que o escândalo do crime na França. Pensou na mesma hora que Naomi estava morta e que Arosteguy a matara, mas por motivos que nada tinham a ver com paixão ou desvio sexual. Não conseguiu imaginar quais poderiam ser.

“Eu só queria ter minha amiga Naomi de volta”, disse.

E assim Yukie viu-se diante do portão aberto da casa de Arosteguy, batendo fotos, como uma turista, pensou, na casa de Bates em *Psicose*, nos Universal Studios, em Hollywood (como ela de fato fizera naquela ocasião em que Naomi aprontara em Santa Monica) — uma associação nada bem-vinda. Embora sua nova câmera Sony RX1 fosse renomada pela capacidade sob luz fraca, e ela estivesse ansiosa para explorar esse recurso, aguardara até amanhecer após o encontro “acidental” com Matsuda antes de ir à casa de Arosteguy, preferindo o máximo de luz do dia à sua volta quando fizesse isso. De todo modo, assim que terminou de fotografar o jardim coberto de entulho e abriu a porta destrancada da entrada, a escuridão estava a sua espera, e logo ela clicava com a abertura mais ampla, $f/2.0$, com o Auto ISO chegando às vezes a 6.400 na velocidade de obturador preferida da câmera, de 1/80 de segundo. A abertura mais ampla, mais vasta, mais acolhedora de luz, e que fornecia a profundidade de campo mais estreita, mais exigente. Ela e Naomi faziam piada sobre a sexualidade das aberturas de câmera, dizendo que precisavam escrever uma monografia feminina sobre o simbolismo e a relevância cultural da mecânica por trás da produção de imagem enquanto ligada ao sexo, de modo que, por exemplo, reduzir a abertura fixa do diafragma de uma lente de 35mm — elegantemente composto de nove lâminas do obturador tipo folhas — para um apertado $f/16$ seria o equivalente a executar um exercício Kegel pélvico. Mas, mais do que isso, aprendera tanto sobre fotografia com sua amiga, e ali

estava ela, usando esse conhecimento para documentar a casa, que enchia a câmera com sua atmosfera devastadora de desespero urbano japonês, refletindo seu próprio desespero; a câmera o inalava pela abertura de sua lente e o exalaria no apartamento de Yukie, na tela de seu computador, quando voltasse para casa.

Uma lente 35mm não proporciona uma perspectiva muito ampla — não era decerto uma lente para arquitetura — e assim Yukie, querendo documentar cada metro cúbico sem mexer em nada, começou a combinar fotos no modo panorâmico a fim de captar parte da escala apertada e parcimoniosa do ambiente, e alternou isso com o giro do anel intermediário da bela lente Carl Zeiss em sua posição de foco macro, de modo que pudesse chegar bem próxima dos detalhes, que, assim esperava, ao examinar as fotos quando estivesse de volta a seu apartamento, viriam a revelar algumas pistas sobre o que despojara a casa de seus dois misteriosos gaijins. Não havia evidência imediata de que o lugar tivesse sido profissionalmente revirado, embora sem dúvida estivesse uma bagunça; gavetas aleatórias tinham sido deixadas abertas, tubos e potes, sem tampa, livros e papéis espalhados por toda parte entre embalagens vazias de ramen e batata frita. Por outro lado, não havia dispositivos eletrônicos à vista em parte alguma, exceto a modesta tevê com o controle remoto e um videocassete. Nenhum computador, iPad, celular, pen drives, laptops ou carregadores, cabos ou periféricos que os acompanhariam, e isso não se encaixava no que poderia ser descrito como normal; a pessoa pode levar um ou dois aparelhos consigo quando sai de casa, mas não seu computador de mesa, não sua máquina de fax (ainda muito usada no Japão, ao contrário do Ocidente), não sua impressora.

Quando se dirigia à escada, que mais parecia um pequeno armário de prateleiras, não conseguiu segurar totalmente sua paranoia. Seria Naomi que viria correndo pela porta do segundo andar e desceria a escada em sua direção, a faca de açougueiro na mão erguida, violinos guinchando com predatórias bicadas, ou seria o próprio Arosteguy, espremido num dos vestidos de Naomi, uma peruca de mulher velha insanamente torta na cabeça? Isso era quase preferível ao que aconteceu de fato: nada e ninguém. Assim que se viu no andar de cima e a salvo, Yukie farejou a presença de Naomi por toda parte, e havia vestígios dela — roupa de baixo, maquiagem — em cada canto, como deixara no apartamento de Yukie, sobras de sua pele que não podiam ter sido

acidentais, que eram asserções da existência de Naomi, reivindicações de posse territorial. Ela voltaria um dia, era o que diziam. Não me esqueça.

Yukie não estava familiarizada com a vizinhança onde morava Arosteguy, mas a porta destrancada talvez não indicasse nada incomum; por outro lado, haja vista a paranoia crescente de Naomi, tal como expressada em seus e-mails, parecia de fato estranho que a porta não estivesse trancada.

Quando se afastava da casa, Yukie virou uma última vez para fotografá-la de certa distância, mais adiante na rua, que, como a própria casa, exibia apenas vestígios que lembravam gente — bicicletas com cestos de malha metálica no guidão apoiadas obliquamente, tábuas de tamanhos variados amarradas e recostadas contra uma porta, vasos de plantas aleatoriamente colocados na calçada estreita —, mas nada das próprias pessoas.

Talvez a história fosse mesmo a história da casa, uma casa de propriedade de cientistas de insetos japoneses e alugada para um filósofo francês fugido. Talvez fosse apenas isso.

“Queria perguntar para você: onde está o seio esquerdo de Célestine? Omi.”

O texto flutuava numa bolha de diálogo verde-clara em meio a uma enfiada de textos em bolhas cinza cada vez mais frenética de Nathan, perguntando onde exatamente ela estava, e de quem era o número desconhecido de telefone japonês que estava sendo usado. Era um celular, algo que ele reconhecia de ligações anteriores de Naomi, que havia tomado emprestado o aparelho de Arosteguy (81 para Japão, 090 para um celular), e ele suspeitava que esse também fosse um telefone de Arosteguy, ou possivelmente um celular pertencente à amiga de Naomi, Yukie, mas, enquanto não recebesse algo específico do emissário do texto, não podia ter certeza de que o SMS era autêntico. O que aquilo queria dizer? Ele examinara as fotos de cena de crime disponíveis na net, e era verdade que o seio esquerdo de Célestine havia de algum modo sido amputado e não era visto em nenhuma delas, mas, considerando-se os grotescos elementos antropofágicos de *l'affaire Arosteguy* e a escassez de fotos, essa não era uma pergunta óbvia para ninguém fazer. Particularmente Naomi.

O comunicativo iPhone de Nathan repousava na superfície plástica, imitando nós de madeira, da mesa, ao lado do prato branco e simples com duas costeletas de porco assadas além do ponto, um punhado de milho, três

fatias de tomate e um copinho de papel plissado contendo molho de maçã. A pequena faca de carne tinha o cabo cinza carcomido e gasto de incontáveis lavagens na máquina. Uma tigela de vidro continha sua salada verde. Ele voltara ao Coach com um tácito intento simbólico, embora não estivesse sentado tão no fundo do lugar quanto sentara da primeira vez, com o dr. Roiphe. Preferiu dessa vez ficar mais perto das múltiplas janelas, na frente do restaurante, onde podia observar o escasso movimento na rua chamada Spadina Road. Do ponto em que estava, Forest Hill Village parecia de fato fazer por merecer o nome de “vilarejo”, era como se ele estivesse olhando para uma rua principal ladeada por casas de dois andares, numa pequena cidade qualquer de Indiana. Do outro lado da rua avistavam-se um Edo-ko (uma cadeia de restaurantes japoneses); um What A Bagel!; um restaurante italiano modesto chamado Primi; um One Hour MotoPhoto lutando para aceitar a dura realidade da total aniquilação da tecnologia de filme. Estava claro para Nathan que ele não se achava de fato lá, a despeito da clareza de detalhes do restaurante, da comida e da rua. Sua realidade fora substituída pela de Naomi — surpresa nenhuma, na verdade, e não era a primeira vez. Ou talvez acontecesse simplesmente de a narrativa dela ser mais atraente do que a sua, e assim Chase era agora parte da aventura de Naomi, não de Nathan. Ele sabia que precipitara isso ao inteirar Naomi sobre o passado de Chase em Paris. Mas como poderia ter sido diferente? Ela teria feito o mesmo por ele. Ele não compreendia o significado de Célestine Arosteguy não ter o seio esquerdo, mas, se a mensagem de texto se revelasse autêntica, tinha certeza de que em breve estaria delicadamente interrogando Chase em nome de Naomi. A melancolia o dominou quando atacou as costeletas. O que diabos estava fazendo ali?

A primeira garfada mal entrara em sua boca, o contato com a comida gerando mais lembranças de seu primeiro encontro com Roiphe, quando o médico em pessoa se materializou, como que invocado pela mera imagem mental. Ele caminhava com urgência, curvado, ajustando o esquisito chapéu de palha — não o Tilley, dessa vez —, que parecia necessitar de uma pequena rotação para ficar do jeito certo, o olhar fixo na calçada até chegar à porta do restaurante, momento em que endireitou o corpo com um estremecimento, deu um giro teatral e entrou. Nathan continuou comendo, seguindo o progresso de Roiphe com interesse sonhador, e logo se tornou evidente que o médico estava à sua procura. Virou para a direita assim que entrou, dando alguns passos na direção de seu reservado favorito, no fundo do restaurante,

estreitando os olhos à luz amarelada das fajutas luminárias de carruagem nas paredes, depois virou de volta e esquadrinhou metodicamente a sala com seus enormes óculos de fundo de garrafa até que avistou seu alvo. O lugar apertado de Nathan junto à janela — decorado, como todos os demais, por um grande padrão floral em rosa, verde e preto — forçou Roiphe a sentar de lado no banco sob a janela e então girar o tronco para encarar Nathan. Certo de que Roiphe se lembraria do primeiro encontro, Nathan esperou um comentário bem-humorado, cáustico, sobre o que estava comendo, e talvez uma reflexão sobre judeus e carne de porco, mas o médico foi direto ao assunto, com ar preocupado.

“Chase está muito transtornada”, disse. “Imagino que você já ficou sabendo.”

Nathan teve de terminar de mastigar antes de conseguir responder. Lembrou-se de observar Roiphe mastigando suas próprias costeletas de porco e de como pareceu ter dificuldade, possivelmente causada por uma dentadura pouco firme. Absorvendo Roiphe logo depois de Naomi, Nathan sentiu como se *ele* estivesse usando uma dentadura frouxa. Achou difícil falar. “Chase? Sabendo? Não. Sabendo o quê?”

Roiphe tirou o chapéu e começou a brincar com a aba. A luz da janela o iluminava por trás e seu cabelo ralo parecia particularmente vulnerável e fino. “Aquele professor francês dela. Arosteguy. Não ficou sabendo? Está em tudo que é lugar na internet. Ainda não deu tempo de chegar aos jornais.”

“O que... o que tem ele?” Nathan sentiu náusea na mesma hora. Não queria escutar, certo de que a resposta, fosse ela qual fosse, significava más notícias referentes à misteriosamente silenciosa Naomi, ainda que Roiphe não estivesse ciente desse aspecto. Nathan tomara o cuidado de não deixar o médico saber do que estava acontecendo em Tóquio; ele ficaria interessado demais no projeto Arosteguy de Naomi, para o seu gosto.

Roiphe sacudiu a cabeça para a estranheza incompreensível de tudo. “Encontraram, finalmente. Encontraram o corpo.”

Nathan baixou a faca e o garfo. “Corpo? Como assim?”

O ar-condicionado do restaurante não estava funcionando e Roiphe começou a abanar o rosto com o chapéu, a luz das janelas criando um efeito estroboscópico através da palha e deixando Nathan prestes a ter uma enxaqueca. “Bom, ele está morto. É isso que eu quero dizer. Acharam o corpo.

Pelo jeito foi um derrame ou algo assim, no meio de um grande cruzamento em Tóquio. Algumas testemunhas disseram que o sangue pingava pelos dois ouvidos. Tem pinta de hemorragia cerebral, para mim, se bem que é difícil dizer.”

“Mas você disse uma coisa. *Acharam* o corpo dele? Precisaram procurar?”

“Pelo jeito, depois que a ambulância o recolheu, levaram o corpo para o lugar errado. Ou a polícia pegou para fazer a autópsia e não deixou a mídia saber por três ou quatro dias. Sei lá. Algum mistério envolvido. O negócio das testemunhas foi abafado até mais tarde. Ele era um fugitivo. Os policiais franceses o queriam de volta a Paris. Talvez tenha sido isso. Uma situação delicada.”

“Meu Deus. Merda.”

“O quê? Então você o conhecia?”

“Não. *Você* conhecia.”

“Bom, a gente se viu uma ou duas vezes. O homem era importante. Tinha presença. Não confiei nele por causa de Chase, mas isso é coisa de velho pai paranoico. E, falando nisso, Chase quer ver você. Disse que precisa de um pouco de consolo, seja lá o que isso signifique. Obviamente tem alguma coisa a ver com o professor. Não quero nem pensar. Não quero. Nunca vi minha filha tão deprimida. Um troço chato, para um pai.” Roiphe gesticulou com seu chapéu para as costeletas de porco de Nathan. “Mas você devia ficar sentado aqui e terminar isso aí primeiro. Tenho certeza de que ela aguenta mais um pouco.”

Nathan empurrou o prato sobre a mesa. “Acho que já vou indo agora. Onde ela está?”

“No estúdio dela. Ei, se está falando sério sobre não terminar isso aí. Estou banido de casa, virei persona non grata, então quem sabe seja melhor ficar por aqui.”

Nathan saiu do reservado e ficou de pé. “É toda sua.”

Roiphe pegou o prato e foi com ele tremulamente para a mesa da frente, junto às janelas. “Quero um relatório completo, naturalmente. Para o livro. Depois. E pode pedir para eles me trazerem um garfo e uma faca, quando estiver de saída?”

No momento em que Nathan chegava à calçada, Roiphe cortava animadamente as beiradas da costeleta de porco, onde Nathan as tocara com

seus talheres e evidentemente as contaminara, e meticulosamente jogava os pedaços com seus novos garfo e faca no prato da manteiga, onde ficaria a salvo deles. Nathan esperou até ter andado meio quarteirão, onde não poderia ser visto pelo médico, e parou diante do pomposamente intitulado Village Market — “Variedades/Cartões de votos e felicitações” —, na intenção de abrir o browser Safari de seu celular. Ele precisava saber em que terreno exatamente estava pisando. Quando algumas colegiais saíram rindo pela porta verde antiga do Village Market e passaram por ele segurando quadrinhos do *Archie* e Kit Kat Minis, ele se viu olhando para fotos desfocadas, postadas no Twitter, de Arosteguy caído sobre os paralelepípedos do pavimento numa rua estreita e apinhada de pedestres em Akihabara, a meca dos jogos e produtos eletrônicos perto da Tokyo Station. A bela cabeça quadrada, os olhos grandes arregalados, o cabelo grisalho longo e despenteado com crostas de sangue, que saía por seus ouvidos e escorria pelas frestas do granito. Tirada à noite sob as muitas variedades de luz artificial iluminando a rua, as fotos exibiam cores surreais e foco vago, mas Nathan acreditou ver pedaços de matéria orgânica — cérebro? ouvido interno? — respingados no ombro do paletó de Arosteguy e em meio ao sangue empossado. A ausência de boa luz e o acotovelamento da multidão tornaram o único vídeo relevante que ele foi capaz de encontrar no YouTube um borrão ainda mais surrealista. Fora feito com a câmera na mão e andando atrás de Arosteguy, com dois ou três curiosos entre Arosteguy e a câmera, que estava enquadrada para enfatizar o redemoinho de neon acima da multidão. No fundo do enquadramento, fora de foco, podia-se ver algo parecido com fumaça ou vapor de spray, como um espirro muito forte iluminado por trás, jorrando dos ouvidos de Arosteguy, momento em que sua cabeça era jogada para trás e saía do enquadramento, e o dono da câmera parecia tropeçar antes que a imagem virasse para o céu e depois fosse cortada. Teria parecido a Nathan uma farsa, se ele não tivesse visto as fotos do Twitter primeiro, aquelas em que Arosteguy parecia vitimado por uma morte horrível.

As inevitáveis variações mutantes estavam por toda parte na internet, mas consistindo basicamente no seguinte: filósofo francês canibal e fugitivo encontrado morto numa rua de Tóquio. Houvera, como Roiphe sugerira, algum mistério cercando o intervalo entre o transporte do corpo numa pequena ambulância especial que foi capaz de abrir caminho pelas ruas estreitas e a liberação, por parte do Departamento de Polícia Metropolitana de Tóquio,

do boletim de ocorrência relatando o colapso do famoso *gaijin*, aparentemente envolvendo um evento cerebral catastrófico. O presidente da França comentou apenas que a morte de monsieur Arosteguy, depois de tudo que acontecera, era mais uma tragédia nacional e que seu corpo devia sem dúvida ser devolvido à França para ser enterrado no Cimetière du Montparnasse, onde era seu lugar, na companhia de Sartre e Baudrillard. O desejo da polícia de Tóquio de conduzir uma autópsia sob sua supervisão foi considerado inadequado pelas autoridades francesas.

Chase segurava na mão o pênis em L de Hervé e mergulhou sua base num pote de vidro com cola branca. Ele fora pintado para parecer uma larva — amarelo carnosos translúcido, com estrias cor de tabaco delineando os segmentos e dois ovais pontilhados de preto na parte superior da glândula, representando os órgãos quimiossensoriais encontrados na cabeça das larvas.

“Inventei minha própria infestação parasitária para ela, para Célestine. Achei que merecesse sua própria espécie, algo que depositasse carinhosamente os ovos nela — nunca vimos com que se parece a forma adulta — e então as larvas saem e começam a comê-la de dentro para fora. Elas passam a maior parte de suas vidas enterradas no corpo do hospedeiro, mordiscando delicadamente, de modo que não precisam de olhos, na verdade. E é realmente mágico e assustador quando finalmente emergem, cutucando, ondulando juntas por toda parte, sincronizadas como aquelas esquisitas equipes olímpicas de nado feminino.

Deu as costas para a mesa de pintura e andou meio passo em direção à mesa com as partes corporais, onde cerca de vinte pênis idênticos de Hervé se projetavam das partes impressas em 3D do corpo de Célestine, como imensas larvas de mosca parasitando a carne. Após um momento de reflexão, com a mão em concha sob o atual pênis/larva para aparar eventuais gotas de cola, Chase delicadamente plantou a criatura num buraco irregular e ensanguentado pouco acima do joelho da perna esquerda, torcendo-o para ajustá-lo, como uma lâmpada no soquete. Algumas unidades de pênis/larvas haviam sido cortadas em diferentes comprimentos, de modo que ofereciam um diorama de parasitas emergindo, embora no entender de Nathan sua curvatura uniforme de noventa graus, devido à matriz Hervé, operasse contra a ilusão de vermes se contorcendo aleatoriamente à procura de luz. Ele pensou também que o efeito

todo da peça seria realçado se as partes corporais fossem arranjadas como um corpo completo, não como postas de carne no balcão de um açougue — o simbolismo da cabeça entre as pernas, por exemplo, parecendo-lhe óbvio demais, desesperadamente provocativo demais —, mas ficou relutante de criticar a obra por uma série de motivos, entre eles seu medo nada desprezível de que Chase lhe pedisse para doar o escaneamento de um pênis ereto seu a fim de fornecer alguma variedade larval para a instalação. A colaboração com Nathan estava no ar, entre a família Roiphe, mas o próprio Nathan permanecia cauteloso.

A luz descia sobre Chase como uma chuva de claridade vinda das claraboias inclinadas. Ela estava vestindo um uniforme de colegial — blusa marinheiro branca de manga curta e gola larga, com uma faixa na beirada, desabotoada; gravata listrada de cinza e bordô, com o nó frouxo; e saia curta plissada cinza — que ele reconheceu como pertencendo à Bishop Cornwall School, na mesma rua. Mas ela não estava usando a jaqueta bordô, as meias três-quartos cinza ou os sapatos oxford pretos, também do uniforme; seus pés estavam descalços e as pernas e os braços, descobertos, e banhadas pela luz do alto as centenas de cicatrizes da hora do chá se destacavam em relevo, de modo que ela parecia coberta por formigas cor de sangue coagulado. Isso criava uma estranha aliança entre ela e a Célestine carcomida pelos vermes, o que, sem dúvida, era o efeito desejado. Ela sabia que ele a estava examinando.

“Sou tímida demais para fazer isso ao vivo num palco, montar minha Célestine, mas talvez você possa gravar um vídeo para a gente projetar. Eu podia desmontá-la e voltar a montar. Acho que sua supercâmera também faz vídeo, não faz?”

“Claro que faz”, mentiu Nathan. “Todas fazem, hoje em dia.” Nathan já podia ver o vídeo com seu nome ligado a ele sendo apresentado em um tribunal francês; mal conseguia imaginar a confusão que causaria. Bem, seria uma perspectiva única para o autor do artigo definitivo sobre o que afunilava estranhamente no caso Arosteguy/Roiphe/Blomqvist. “O uniforme é um detalhe encantador. Você foi aluna da Bishop Cornwall?”

“Fui, por pouco tempo. Minha mãe guardou o uniforme. Fiquei chocada quando vi que ainda conseguia entrar nele. Encontrei no porão, por acidente — só que não foi por acidente, eu acho. Ele estava numa caixa de papelão embolorada, com a logo da escola. Uma espécie de mitra de bispo. Ainda dá pra sentir o cheiro de bolor.” Pausa. “Tive um professor maravilhoso lá.”

A enunciação lasciva da palavra *maravilhoso*, precedida de uma denunciadora passada de língua no lábio inferior, sugeria fortemente um sexo delicioso, proibido, professor-aluna, provavelmente envolvendo esse mesmíssimo uniforme. “A ser explorado”, foi sua nota mental. “Então o uniforme é parte da performance?”

“Asiáticos adoram colegiais de uniforme. Dizem que os japoneses podem comprar calcinhas usadas em máquinas automáticas. E em lojas clandestinas em prédios de apartamento. Lojas de *burusera*, é como chamam. O cheiro é muito importante; agrega valor ao produto. Fico imaginando como Marx lidaria com isso. Não estou falando sobre o cheiro de mofo. *Sailor Moon*. Você alguma vez já assistiu? É uma série em mangá que virou anime.” Ela cantarolou os primeiros versos da canção tema de *Sailor Moon* com uma voz rouca, doce, só um pouco fora de tom:

*Lutando contra o mal ao luar
Sendo amada durante o dia
Nunca fugindo de uma boa briga
É aquela que chamam de Sailor Moon!*

Nathan já escutara antes. Uma jovem prima de Newark chamada Leslie fora fissurada no desenho da garota destinada a se tornar uma guerreira mágica que lutava para salvar a galáxia, o tempo todo usando seu — admitidamente estilizado — traje escolar em estilo marinheiro. “O elemento asiático me surpreende. Para a performance, quero dizer. Isso vem de Tóquio?”

“Há muitas razões para o professor Arosteguy ter ido a Tóquio. Não teve nada a ver com tratados de extradição. Ele sempre foi fascinado pela versão asiática do consumismo, particularmente japonês, tão complexo. A gente vive trocando mensagem de texto. Meio que compulsivo.”

Mensagem de texto? Do necrotério em Tóquio? Nathan acrescentou. “Talvez você precise vestir o cadáver de Célestine Arosteguy como Sailor Moon. Só para amarrar as coisas.”

Chase lançou-lhe um rápido olhar de esguelha por cima do ombro, depois voltou à sua mesa de pintura, onde havia mais duas larvas, já pintadas e à espera de serem instaladas. “Sabe, essa é mesmo uma ótima ideia, o negócio de Sailor Moon. Ela é uma guerreira mágica, Tina.”

“E suas inúmeras mordidas de inseto? Também são boas para a performance?” Agora que suas minimutilações haviam sido incriminadamente reveladas, ele sentia que era convidado a notá-las, também sem cerimônia. Podia facilmente visualizá-la no palco, arrancando pedaços da carne e comendo-os enquanto o cadáver de olhos arregalados de Célestine observava com afetuosa aprovação.

“Uau. Eu não tinha pensado nisso dessa forma. Você provavelmente não percebe como esse conceito é perfeito.”

“Eu gostaria de perceber.”

“Eu teria que roubar você do meu pai para meu próprio projeto. Você continua positivo para o mal de Roiphe?” Essa última frase foi dita de maneira tão casual que, por um instante, Nathan achou que devia ter mencionado sua doença para Chase, mas então ele se deu conta de que só podia mesmo ter vindo do pai dela. Fora uma traição? Será que isso indicava uma relação mais aberta entre pai e filha do que o médico insinuara? Qual poderia ter sido o contexto em que surgira essa discussão? Ocorreu a Nathan que não compreendia os Roiphe nem remotamente.

“Não tenho certeza. Os sintomas sumiram. Ainda faltam três semanas de remédio para tomar. Por quê?”

Um sorriso malicioso. “Lembro de ter lido sobre a filha de Calvin Klein. Toda vez que ela puxava a calça de um namorado, dava de cara com o nome do pai escrito na cueca. A coisa mais brochante. Não consigo deixar de pensar como eu me sentiria se fosse infectada pela doença com o nome do meu pai.”

“Pegar é mais agradável do que conviver com ela. Mas... pode ser parte da performance.”

“Pode ser.”

“E podemos dizer, então, qual é de verdade o significado da performance?”

“Não podemos nos preocupar com o significado. Ari propôs para nós que significado é um artigo de consumo. Algumas pessoas o fabricam por meio de religião, filosofia, nacionalismo, política, e outras pessoas o compram. Mas um artista não é um fabricante.”

“E algum dia você vai ter o resto do seu amigo francês Hervé para fazer a performance com você?”

Chase deu uma risada surpreendentemente entusiasmada. Ergueu uma das duas réplicas restantes do pênis de Hervé no ar e o girou algumas vezes, como

uma bandeira de futebol, depois voltou a se virar para sua obra, procurando o lugar certo para encaixá-la.

“Talvez não. Essa é a melhor parte dele.”

“E falando em partes.”

“Sei. Você me fez uma pergunta estranha quando a gente estava subindo a escada: onde está o seio esquerdo de Célestine?” Chase se decidiu por uma ferida na bochecha de Célestine, mas, depois de segurar o pênis/larva no lugar, pareceu achar que era comprido demais, excessivo. Na mesa de pintura, começou a desbastá-lo na base com um estilete X-Acto.

“Essa foi a pergunta.” Pelo que Roiphe dissera, Nathan havia esperado encontrar uma Chase devastada e às lágrimas aguardando por ele num quarto escuro. Em vez disso, ela parecia tão luminosa quanto o próprio quarto, e patentemente brincalhona. “Você tem a resposta?”

Chase baixou o estilete, virou-se e cruzou os braços, batendo a glândula do pênis bioplástico contra os lábios. A pintura de larva, já bem seca, não deixou marca. “Não é *sua* pergunta de verdade, é?”

“É a pergunta feita por uma jornalista em Tóquio que estava trabalhando numa matéria sobre os Arosteguy. Sobre o assassinato de Célestine.” Uma jornalista. Nathan se distanciara de Naomi sem pensar a respeito, mas na mesma hora sentiu culpa por nunca ter contado para Chase sobre sua relação com ela. Mas também, seria uma longa história. Deixou por isso mesmo.

“Uma jornalista com quem você mantém contato constante? Trocando informações?”

“Jornalistas são paranoicos demais para trocar informações. Às vezes a gente se ajuda com detalhes.”

Com um espasmo que pareceu quase doloroso, Chase se afastou da mesa e foi na direção de Nathan, os braços ainda cruzados, o pênis encurtado agora enganchado em seu bíceps esquerdo; os sensores ovais pareciam olhar para Nathan. “E assim, se você conseguisse uma resposta para a pergunta, se descobrisse a resposta, ia mandar um e-mail para sua amiga jornalista? Vai dizer que fui eu que contei? E daí o que eu disser vai se tornar evidência num caso de homicídio? Algo por aí?”

“Eu protegeria você. Você seria uma fonte anônima.”

Chase agora parou diante de Nathan, combativamente próxima. Ele não tinha a menor certeza de que poderia protegê-la. O assunto ficaria sob a lei

francesa? Internacional? A lei canadense? Ele não fazia ideia. Mas queria ainda mais a resposta para a pergunta, agora que via o que passava flutuando pelos olhos dela.

“Isso seria muito gentil de sua parte. Fazer isso. Me proteger”, disse ela. “O que você pensaria se eu lhe dissesse que na verdade não existe um caso de homicídio?”

“Você quer dizer que a polícia francesa não dispõe das evidências para montar um caso contra o velho professor?”

“Não, quero dizer, e se não houvesse homicídio nenhum para ser um caso?”

“Madame Arosteguy... A senhora Arosteguy morreu por acidente?”

Chase efetivamente se encolhera à palavra *madame*! Essa era exatamente a reação que *le schizo*, Louis Wolfson, teria tido ao ouvir uma simples palavra dirigida a ele em inglês por sua mãe caolha ou seu padrasto, e isso deixou Nathan inexplicavelmente empolgado e distraído. Apenas enfatizava quanto a matéria sobre Chase estava entrelaçada a Paris, à Sorbonne, à língua, aos Arosteguy — em outras palavras, à matéria francesa. Talvez não houvesse outra maneira de fazer jus ao artigo a não ser colaborando com Naomi exatamente como ela propusera. Mas onde estava Naomi? A preocupação se cravou em suas entranhas como o estilete X-Acto. Talvez fosse melhor encontrá-la em Paris, e não esperar que viesse a Toronto.

“A sra. Arosteguy não morreu. Ela continua viva. É isso que estou sugerindo.”

“Então o que aconteceu com o seio esquerdo de Célestine?”

“Você está mais perto dele do que consegue imaginar.”

Nathan desviou do olhar de Chase e se aproximou da mesa com as partes corporais. De perto, parecia uma mesa de autópsia improvisada, cheia dos restos apodrecendo de um homicídio particularmente confuso. Ele voltou a virar para Chase.

“Estou esquentando?”

“Não. Está frio. Gelado. Você estava mais quente quando estava perto de mim.” Nathan voltou até ela.

“Ok. Não entendi.”

Chase pegou a mão dele e a pôs sobre seu seio esquerdo. Ela não estava usando sutiã; o algodão da blusa de marinheiro era inesperadamente áspero.

“Está sentindo?” Nathan pôde apenas encolher os ombros. Estava boiando completamente. “Eu comi, Nathan. Eu comi o seio dela, pelo menos a maior parte. O que consegui aguentar comer. Não é algo que eu acho que algum outro animal comeria, pelo menos não as glândulas mamárias. Eram horríveis. Deixamos o resto no apartamento, assim a polícia teria um pouco de carne para o exame de DNA. É por isso que eles acham que foi um assassinato.” Ele deixou que sua mão deslizesse do seio para o braço dela. As pequenas cicatrizes pareciam um terrível caso de alergia ao calor. Ela se livrou de seu toque, foi até a mesa e se curvou sobre as partes do corpo. Usando o pênis como uma câmera cômica, começou a fazer barulhos de obturador com a boca, chupando o ar entre os dentes. Clique, uma perna, clique, uma mão, clique, um pé. Girou de volta para Nathan. “Isso e as habilidosas fotos de efeitos especiais.”

“Era de verdade dela? O seio? Ela estava... viva quando você comeu?”

“Ela sempre quis amputar. Era muito veemente sobre isso. Sofria de algum distúrbio dismórfico corporal intenso. Acho que Ari a levou para algum lugar onde o ajudaram a fazer a coisa ele mesmo. Uma colaboração. Eles congelaram e voltaram com o seio para o apartamento. Deixaram na geladeira para os policiais encontrarem. Ainda havia uma parte do mamilo, um bocado de pele, tecido gorduroso, não muitas glândulas.”

“Se continua viva, onde ela está?”

“Não sabemos. Ela é um enigma.”

Nathan passou nervosamente o dorso da mão sobre os lábios. Sabia que era um gesto revelador, mas foi obrigado a preparar sua boca para as próximas palavras. “Você sabe que Aristide Arosteguy não está vivo, não sabe?”

O rosto de Chase se iluminou com o sorriso mais radiante. “Eu olhei tudo que consegui encontrar na internet. Bom, não as reportagens francesas, claro. E no início fiquei incrivelmente sentida, chocada e triste. Quis gritar até meu coração explodir. Porque ele significa muito para mim. O professor. Meu filósofo. Mas daí eu percebi.” Nathan achou que o rosto dela iria sair de seu crânio e flutuar pelo quarto, de tanta alegria.

“E daí você percebeu.”

“Ele está não vivo do modo como Célestine está não viva. Juntos em algum lugar, e vou voltar a vê-los. Não me refiro a nenhuma porcaria de vida no além, nada disso. Eles vão me chamar quando estiverem prontos, quando suas novas vidas estiverem prontas para serem vividas. E eu vou até eles, onde quer que estejam.” Como que para começar essa viagem, Chase virou de novo

para a mesa de pintura, onde mergulhou a base da larva no pote de cola, depois levou a coisa ao fermento no rosto de Célestine, logo abaixo do osso malar. Após um momento de reflexão, delicadamente ajeitou-a na cavidade, aplicou-lhe uma pequena torção cerimonial e recuou um passo para obter a perspectiva apropriada. A nova e encurtada larva agora competia diretamente por atenção com a língua protuberante inchada e esfolada. Chase emitiu um pequeno “há” de satisfação.

Samuel Beckett, aparentemente, tinha contratura de Dupuytren na mão direita, o que levava seus dedos externos a se curvarem para dentro e tornava o ato de cumprimentar difícil e constrangedor. Isso fez a alegria de Hervé Blomqvist, que, quando pesquisava pessoas famosas que sofriam de Peyronie, procurando particularmente aqueles que andavam de bicicleta, descobrira que muitas vítimas da doença também sofriam da doença do barão Dupuytren, o que sugeria uma patogênese do sistema imune, mais do que um problema de ciclistas. Hervé agora podia se considerar membro desse clube exclusivo, notando um feio inchaço em forma de asna na bainha do tendão em sua palma esquerda (ele pensou em guelras de tubarão), que levaria sem dúvida a uma eventual contração dos dedos mínimo e médio — uma enfermidade chamada “dedo de gatilho” —, até chegar a um ponto em que não mais conseguiria esticar esses dedos. Estava disposto a apostar que Beckett também tinha Peyronie — a vida sexual do dramaturgo parecera devidamente restrita —, mas duvidava que esse fato um dia viesse a ser confirmado. Ergueu o scanner Creaform 3D portátil, que acabara de usar para escanear seu pênis, ainda parcialmente ereto, e fantasiou que escaneava o pênis de Samuel Beckett, bem como dos demais famosos vitimados pela Peyronie. O atual escaneamento era mais detalhado do que o outro, que enviara a Chase Roiphe mais cedo nesse dia, mas ela provavelmente não precisava. Não, esse de agora ele estava enviando a Romme Vertegaal, em algum lugar da Coreia do Norte, mas não Pyongyang.

A FabrikantBot 2 funcionava a todo vapor no andar de baixo, imprimindo as partes mais recentes da Bicicleta Dobrável Universal da Ideia Juche Popular, destinada a substituir os componentes internos defeituosos do movimento central, que havia sido para Hervé motivo de tanto sofrimento quando pedalava no protótipo montado, dentro do espaço exíguo de seu apartamento

na rue Beaubourg, no terceiro *arrondissement*. As curvas apertadas, acrobáticas, que foram exigidas fizeram os pedais travar, e só se soltaram depois que eles e suas pedivelas foram inteiramente desmontados e remontados. Uma detalhada transmissão por Skype das fotos e dos vídeos documentando o problema obteve rápida resposta de Romme, que de algum modo se tornara o gerente de projeto da Bicicleta Universal. Muito positiva e prestativa, na verdade, e definitivamente merecendo como retribuição a dádiva de um escaneamento para que o imprimisse.

Romme estava intimamente familiarizado com o órgão sexual de Hervé, é claro, tendo ajudado a guiá-lo por vários orifícios nos tempos loucos dos *séminaires* de Arosteguy, que inevitavelmente levavam a trocadilhos óbvios envolvendo as palavras *séminale* e *semence*, e qualquer coisa relacionada a esperma e sêmen. Hervé imaginava que deviam ser muito puritanos na Coreia do Norte, como esses regimes repressivos pareciam sempre ser, e torcia para que Romme estivesse sozinho em qualquer oficina decrépita que lhe tivesse sido fornecida assim que seu presente de um pênis começasse a ser impresso, embora sentindo uma perversa cócega de prazer com o pensamento de que Romme pudesse ser pego segurando uma réplica em ABS de seu membro torcido de Peyronie pelo supervisor do *cadre* e, como resultado, fosse jogado nas trevas de um campo de reeducação como Jongori, Campo nº 12, o mais longe da capital e da humanidade que se podia ir.

Mas talvez Romme aplicasse ao escaneamento do Peyronie os efeitos de maquiagem especiais necessários para transformar a réplica de pênis — fosco e inofensivo, em sua cor cinza ou azul-clara uniforme —, feita em ABS ou possivelmente bioplástico, numa coisa viva e vibrante cheia de cores, poros e textura. Ele duvidava que o próprio Romme tivesse tais habilidades artísticas, do tipo que Chase revelara sob a tutela da equipe de SFX que lhes havia sido designada: Arthropoda Souterrain Effets Spéciaux, uma firma franco-coreana especializada em artrópodes de proporções monumentais, para escolas e exposições científicas. Era uma escolha estranha, para dizer o mínimo, dado que artrópodes não têm sangue vermelho, tampouco pele, mas Romme fora inabalável em usá-los porque podia contar com eles para serem razoavelmente discretos; e, a bem da verdade, tiveram grande gosto em criar coisas carnis que nenhuma lagosta ou grilo jamais exibiu — tendões torcidos, vasos sanguíneos rompidos, glândulas hormonais expostas, músculos do avesso —, trazendo à

vida as torturadas partes corporais de Célestine, cujas fotos convenceram o *préfet* de que um homicídio de fato fora cometido.

No fim, fora Chase quem fizera o trabalho sujo, os rapazes do Souterrain precisando ser mantidos na ignorância de modo que não ficassem tentados a dar com a língua nos dentes sobre Hervé quando as fotos da cena do crime chegassem à internet. Somente Chase pôde ficar encarregada de construir o comestível seio esquerdo prostético e a aplicação de ferimento feito de efeitos especiais usada por Célestine, que cobrira a cicatriz de mastectomia na série de fotos canibais. E fora o original desse seio a prova definitiva, a única parte do corpo realmente encontrada no apartamento dos Arosteguy: um patético domo de carne mutilada exibindo marcas de dentes e meio mamilo, encontrado na geladeira, que foi facilmente identificado pelo exame de DNA como pertencendo a Célestine Arosteguy (sua transtornada irmã Sophie, gerente de um grupo de chalés em Chamonix, fornecera amostras prontamente). Ele se perguntou se o comissário de polícia tivera a presença de espírito de mandar examinar o seio, por sinais de câncer, mas o embalo público parecia exigir um homicídio antropofágico. Era mais emocionante um seio mutilado e comido do que cirurgicamente removido. As complicações ainda não eram bem-vindas; seriam, um dia.

A evidência do seio deixado numa tigela de sopa não fora formalmente liberada para a imprensa (a tigela de cerâmica delicada, feita à mão, da Astier de Villatte, havia sido especificamente escolhida por Célestine para essa finalidade, e não era um luxo costumeiro), mas quando Hervé fora interrogado por um sujeito bacana usando um terno Costume National extremamente estreito, trespassado, de seis botões, listrado em preto e cinza, com um suéter preto de zíper por baixo e sem gravata (Hervé não conseguiu deixar de pensar se o terno fora alugado de maneira calculista para fazê-lo se sentir à vontade com o policial), e então mais tarde pelo *préfet de police* em pessoa, que usava um terno azul-marinho, simples e conservador, que Hervé desconfiava ser Gucci, ficou óbvio que o que Aristide chamara de queijo na ratoeira fora mordido, e a polícia tinha plena confiança de que estava com um terrível homicídio nas mãos, a despeito da falta de um corpo completo.

As fotos canibalescas seriam liberadas para o mundo no que Romme chamou de “momento politicamente eficaz”. (Romme prometera alterar digitalmente os rostos de Hervé e Chase, mas Hervé estava pensando agora que

gostaria de estar no centro da tempestade que sobreviria, fossem quais fossem as consequências.) O que isso significava, Hervé só podia imaginar. Ele podia perceber que a coroação de Aristide como refugiado em Pyongyang seria um tapa na cara do governo francês, que estava no presente momento importunando a RDPC devido a seus testes nucleares; isso teria sido melhor até do que o ator Gérard Depardieu abrindo mão de seu passaporte francês, desgostoso com o imposto de renda que estava pagando, e recebendo um passaporte russo fajuto e feito às pressas das mãos do presidente Putin. Mas as fotos canibais? A própria encenação da morte de Célestine? Seriam elas ilustrações de histórias em quadrinhos sobre os horrores do capitalismo, do insaciável e devorador ethos consumista ocidental? O esperado pronunciamento de Aristide por ocasião de sua chegada a salvo à capital iria sem dúvida esclarecer tudo.

Hervé tocou o *trackpad* de seu MacBook Pro e arrastou o arquivo STL com seu pênis criptografado para uma versão coreana especial de Dropbox. O envio de um arquivo desses, independentemente de seu real conteúdo, era o sinal combinado por ele e Romme para indicar que uma sessão de Skype estava sendo solicitada. A despeito da aparente afeição do regime por Vertegaal, ele era constantemente monitorado por uma equipe afável de cinco ou seis jovens *cadres* de ambos os sexos, e estava oficialmente restrito a viver num raio de trinta e cinco quilômetros desde o centro de Pyongyang, embora Romme dissesse que fora capaz de andar sozinho de bicicleta além do primeiro perímetro militar, onde os soldados adolescentes pareceram chocados e nervosos com a visão de um ocidental, mas mostraram-se não obstante muito educados. Mais tarde, porém, Romme fora escoltado num carro “2.16” de elite (Kim Jong-il nascera em 16 de fevereiro e os carros de luxo cuja placa branca especial começava com esses números não tinham de parar nos bloqueios e postos militares) para uma instalação de pesquisas de algum tipo longe da capital, tão secreta que não deveria falar a respeito nem com Hervé, que estava acostumado a funcionar como válvula de escape para Romme; nesse caso, a válvula fora firmemente desligada. Hervé podia às vezes sentir a presença da bem-apesoada equipe de monitoração de Romme e até vê-los pairando ansiosamente ao fundo da janela do Skype, momentos em que Hervé e Romme conversariam de forma críptica, muitas vezes em inglês, sabendo que a equipe era mais fluente em francês. A desculpa dos dois, acatada apenas a

contragosto, era de que para tecnologia o inglês era a língua apropriada. Às vezes, Hervé temia que Romme tivesse na verdade sido exilado da capital, uma forma de punição que não chegava aos pés de uma pena cumprida num campo de reeducação, mas que era bem assustadora.

Hervé havia esperado uma mensagem de e-mail criptografada, designando um horário para uma sessão de Skype, como retorno de seu arquivo STL, mas quase imediatamente escutou o tom de peixe do Skype vir à tona como uma bolha, e em seguida estava olhando para o rosto de Romme Vertegaal em toda a sua taciturna glória, Romme parecendo em esplêndida forma em seus muitos distintivos retratando membros da dinastia Kim. Hervé clicou no ícone da câmera de vídeo, e uma pequena janela mostrando seu rosto apareceu no canto inferior direito da barra de ferramentas. Ele gostou de sua aparência e pensou que os dois pareciam muito sexy de uma maneira internacionalmente subversiva e perigosa, definitivamente material para um grande filme, algum dia.

“*Salut*, Romme. Você está em Pyongyang?”

“Hervé. Obrigado pelo arquivo divertido. Lembranças agradáveis. Preciso depois falar com você sobre o negócio do FabrikantBot. Meus colegas estão preocupados com as sanções americanas contra a RDPC, como sempre, e aflitos para esconder a origem norte-coreana das máquinas FabrikantBot. Será que faria sentido montar uma fábrica francesa em algum lugar, em vez de alemã? Seria similar ao atual impasse dos equipamentos auditivos entre a Eternal President’s Voice e a corporação FrancoPhonics. Isso entre outras considerações.

“Mas agora precisamos discutir as geocoordenadas de Aristide Arosteguy. Nós o perdemos. Não sabemos onde está. Você leu as notícias sobre a morte dele; viu as fotos tuitadas. Não estamos convencidos. O detalhe dos equipamentos auditivos explodindo nos deixou com um pé atrás. Acreditamos ser um recado dirigido a nós. Madame A está extremamente aflita e não deixa a Associação de Amizade Coreana em paz. Ela tem trabalhado no roteiro do meu próximo filme com a Unidade Cinematográfica do Grupo de Estudos da Ideia Juche, e estavam aguardando ansiosamente pela colaboração de monsieur Arosteguy. Como você sabe, os dois ainda são muito reverenciados pelo seu apoio do *Uso judicioso dos insetos* no Festival de Cinema de Cannes.”

“Estou chocado em ouvir isso”, disse Hervé. “Recebi alguns e-mails desesperados da garota canadense dizendo que o *philosophe* tinha desaparecido depois de deixar a casa de Tóquio por motivos ignorados. Sabemos que ele estava a caminho de encontrar nossos agentes da RDPC sob o disfarce de uma consulta sobre aparelho auditivo marcada por Elke Jungebluth. Claro que teria sido apropriado para ele desaparecer *depois* dessa consulta. Achei que estaria com vocês, que eu até poderia vê-lo nessa janela com você e ter uma palavrinha com ele.”

“Nós o perdemos. Ele não chegou ao hotel da audiologista em Tóquio. Nossos agentes estavam com ela, como combinado com o próprio Arosteguy.”

“Poderia de fato ter ocorrido uma intervenção eletrônica? Poderiam os equipamentos de audição ter sido adulterados, ou quem sabe substituídos em algum momento, com intenção letal? Sabemos que Seul não quer que Arosteguy termine em Pyongyang.”

“Não podemos descartar isso. É fato notório que os soviéticos usaram fones de ouvido explosivos na década de 1960 na Bulgária para matar o maestro desertor, Solovyov.”

“E a garota canadense? Naomi Seberg?”

“Estamos com ela, graças a você. Ela está em trânsito. Um inconveniente significou uma leve mudança de planos envolvendo uma longa viagem de trem. Esperamos tê-la em uma semana. Madame A está curiosa para encontrá-la.”

“Como está o estado mental dela? Da garota?” Hervé precisava de detalhes concretos; ele os merecia. Sentia de fato uma vertiginosa pontada de culpa por ter envolvido Naomi na questão de Romme e dos norte-coreanos, mas tinha certeza de que ela ficaria excitada com o drama, iria agradecer a ele mais tarde, como dizem. E, perversamente, ele mesmo estava excitado com o drama, pelo fato de que na verdade influenciara eventos internacionais de um modo quase criminoso. Havia sido ele que apontara para Romme o perigo que Naomi representava para a empreitada deles, a despeito de seu papel central em colocá-la em ligação com Arosteguy. Seus motivos eram, como sempre, na maior parte obscuros, até para ele mesmo, mas definitivamente envolviam o prazer de misturar elementos voláteis e explosivos e depois recuar para assistir ao cataclismo.

“Submissa. Nossa equipe pegou leve com ela, mas é claro que os acontecimentos têm sido estressantes. Disseram-lhe que seria levada aos

Arosteguy, e isso pareceu acalmá-la, mas está claro agora que não é inteiramente verdade. Será interessante ver como ela reage. Eu a porei no Skype com você, quando puder.”

Hervé observou Romme com alguma tristeza, sentindo que não vira o Romme real, malvadamente engraçado, encantador e intelectualmente sedutor, em nenhuma das sessões de Skype feitas da RDPC. Sentia saudade desse Romme, e se perguntava se de fato alguma coisa restara; ele passara tanto tempo ali sob vigilância, moldando-se para atender às exigências e fantasias do regime, que talvez a nova forma fosse irreversível. A certa altura, pensou Hervé, sem dúvida ele próprio devia viajar também para Pyongyang, mesmo como um humilde turista, para ver se o seu beijo de príncipe podia reviver a Princesa Romme.

“Mas onde a pegaram? No aeroporto?”

“Por estranho que pareça, encontraram-na na casa alugada por nossos agentes para Arosteguy em Tóquio. Ela estava morando com ele. Estava sentada na entrada, com toda a sua bagagem arrumada, pronta para ir a algum lugar, mas sem ter certeza sobre onde seria. Estou lendo a reportagem bem agora.” De fato, os olhos de Romme não estavam exatamente onde os olhos da pessoa normalmente estariam ao falar no Skype. Poucas pessoas olhavam realmente para a câmera, ou sequer sabiam onde ela ficava, num Mac, tão minúscula e oculta era, disfarçada no canto superior da moldura da tela. Romme olhava para um ponto distante à esquerda da janela do Skype, entrecerrando os olhos no esforço de ler e traduzir o dialeto muito particular do Norte. “Nossos homens acharam que foi importante que ela tivesse guardado não só suas próprias coisas pessoais, mas também as de Arosteguy, incluindo dispositivos eletrônicos. A equipe mal precisou limpar o local.”

“Outra vitória do Kimunismo”, disse Hervé, sabendo que pisava num terreno perigoso; ironia e sátira não eram modos corretos de discurso na RDPC, embora isso as tornasse muito úteis para conversas monitoradas, pois, devido à falta de exercício, também não eram compreendidas. Foi Ari quem propusera o termo *Kimunismo* para a estranha forma de nacionalismo xenófobo praticada sob a dinastia da família Kim; não era de fato socialismo, tampouco era comunismo sequer na forma maoísta, a despeito do pesado culto da personalidade. Ari sentira que era a severidade e a plasticidade quimérica do

sistema, tão provocativas, que o tornavam atraente para os intelectuais franceses, ele incluído.

“Tem mais um fio solto”, disse Romme. “Espero que você esteja se correspondendo com a sua amiguinha Chase Roiphe.”

“Ah, sim. Mande para ela o mesmo arquivo STL que mandei para você. Faz só algumas horas.”

Houve uma mudança súbita, perigosa, nas feições de Romme, um sutil amortecimento da expressão, acompanhado por uma intensidade em torno dos olhos, que subvertia o olhar habitual de Romme no Skype, que era de vivacidade alegre, entusiástica, incondicional, do tipo demonstrada por leitores de notícias norte-coreanas. Hervé esperava que os supervisores de Romme não a desvendassem; era uma advertência a Hervé. “Aprecio o espírito brincalhão, mas talvez essa não tenha sido a coisa mais sábia a fazer.”

Hervé não estava acostumado a receber reprimendas de Romme; pelas regras do jogo, eles eram iguais, jovens tecnocratas franceses com um futuro no palco tecnopolítico internacional, em que *cyberkampf* era o nome do drama encenado. Mas quando se tratava da estranha ligação deles com a Coreia do Norte e o jovem presidente, Kim Jong-un, não eram iguais. Havia sido Romme quem viajara pela primeira vez para o Reino Ermitão com um visto tecnológico e quem se envolvera nos nascentes mercados de tecnologia clandestinos, ainda não exatamente legalizados, quase um subversivo estrangeiro no início, e depois como o líder reconhecido do revolucionário e ativo setor tecnológico Juche. Romme fora um antigo aluno dos Arosteguy, e recrutou facilmente Hervé em seu esquema de construir um pequeno império dentro de um império na Coreia do Norte. Com a conivência de Hervé, o casal filósofo também foi recrutado, tão lindamente suas reflexões sobre consumismo e política se entrosavam com o retrorradicalismo do Reino Ermitão.

E agora Hervé percebia que de fato cometera um erro, na verdade mais de um. Causou-lhe angústia saber que estava com medo de contar a Romme sobre seu projeto de arte com Chase, que ele lhe enviara os arquivos STL que permitiram a impressão 3D das partes corporais alegadamente mutiladas de Célestine. Chase, em seu estúdio numa água-furtada em Toronto, tinha evidência capaz de provar que Célestine Arosteguy não estava morta, que as fotos incriminadoras daquelas partes de corpo eram apenas fotos de réplicas

bioplásticas, pintadas pela equipe de SFX para sugerir os resultados de um horrível assassinato e da subsequente carnificina.

“Eu queria mantê-la próxima e lembrá-la da leveza de nosso jogo sexual com os Arosteguy”, disse. “Achei que ela precisava de alguma coisa radical para tirá-la do estado de espírito depressivo em que tinha mergulhado. Ela me falou que eu não devia tê-la forçado a dar bocadas no seio amputado de Madame A e que ela tinha certeza de que parte de seu próprio DNA acabaria sendo descoberto por causa disso. Tinha razão, infelizmente. Quando conversamos sobre pôr os restos do seio de maneira a convencer a Préfecture de que um homicídio canibalesco fora cometido, esquecemos de pensar na saliva como fonte de DNA.”

“Quão instável você acha que ela está?”

“É uma situação muito volátil na casa de Roiphe, em Toronto. O namorado da jornalista canadense está lá, morando na casa, atrás de uma matéria. Acho que logo vai encontrar uma que nem sabia que existia. Por exemplo, em seu estado de fuga, como ela o chama, ela mutila o próprio corpo e come pedacinhos da própria carne. Diz que tem consciência de estar deliberadamente criando um drama kitsch, mas ao mesmo tempo se sente compelida a encená-lo. O pai dela permitiu que o tal namorado, um americano, testemunhasse esse comportamento. O nome é Nathan Math. Geralmente escreve artigos médicos.”

Pausa. “Creio que você precisa ir a Toronto fazer uma visita a Chase Roiphe. Vai ter que avaliar a situação por lá. E depois, se precisar de ajuda, temos agentes à disposição para fazer o que for necessário.”

“Ah”, disse Hervé. “Isso seria adequadamente catártico. Bom, o financiamento para a viagem vem do lugar de sempre?” Os fundos para a empreitada de Vertegaal envolviam uma série complexa de interações, começando com a emissão de cheques administrativos em *tugrik*, a moeda da Mongólia, pelo Golomt Bank, em Ulan Bator, que então passava por uma série de conversões e transferências, resultando no depósito de euros ou dólares, conforme as circunstâncias exigissem, numa conta comercial no nome da empresa de Hervé, a Trois Médecins Français, na filial Quai du Président Paul Doumer do banco Crédit Agricole (antigos patrocinadores de uma equipe de ciclismo vencedora do Tour de France), tudo isso para apagar o rastro norte-coreano.

A imagem de Romme na janela do Skype abriu a boca para falar, mas depois ficou inexplicavelmente paralisada, então gaguejou de maneira perturbadora, como uma criação de computação gráfica, e se desintegrou em um sem-número de flocos de pixels cintilantes. Após uma pausa preñhe de significado, a própria janela do Skype se desmanchou, deixando um momentâneo buraco negro quadrado no meio da imagem cósmica espiralada da galáxia de Andrômeda, o papel de parede default no desktop do Mac OS X (versão Lion). (Ultimamente, ele evitava usar papel de parede personalizado por motivos de segurança; no passado, sua área de trabalho teria exibido fotos de beldades da Colnago.) Olhando inexpressivamente para o sinistro novo buraco no universo, seu cordão umbilical brutalmente cortado, Hervé por um momento imaginou que talvez não estivera se comunicando com o verdadeiro Romme Vertegaal.